"Sanderson continua provando que é um dos melhores autores de fantasia da atualidade."
— *Library Journal*

LeYa
omelete

autor best-seller do *New York Times*

BRANDON SANDERSON

MISTBORN

SEGUNDA ERA

A LIGA DA LEI

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***lelivros.love*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Scadrial não é mais um planeta coberto de cinzas. Agora o lugar está repleto de modernidade, e o norte, onde hoje fica a Bacia de Elendel, tornou-se uma região fértil e abastada. Embora o mundo ainda possua as mesmas regras e seja regido pelo deus Harmonia, muito da sua história ficou para trás à medida que ciência e tecnologia se modernizaram. Mas uma coisa não mudou: a importância e relevância da Alomancia e da Feruquemia.

Depois de viver mais de vinte anos nas Terras Brutas, um lugar onde não existe lei, Wax se vê obrigado a guardar as armas e assumir seu dever como lorde da Casa Ladrian. Entediado ao trocar seu papel como vigilante para o de Lorde Ladrian, Wax usa magia para se distrair, voando pelas brumas sobre os arranha-céus da cidade.

No entanto, sua tranquilidade é abalada quando uma misteriosa série de assaltos a trens deixa a população em choque, pois, além de roubar parte da carga, os bandidos também levam mulheres nobres como reféns. Wax recebe a visita inesperada de um velho amigo, Wayne, e juntos eles vão perceber que as mansões e as elegantes ruas da cidade podem ser ainda mais perigosas que as Terras Brutas.

Mistborn: Segunda era

A liga da lei

Títulos passados na Cosmere

Elantris

Mistborn – Nascidos da Bruma
O Império Final
O Poço da Ascensão
O Herói das Eras

Mistborn – Segunda Era
A liga da lei
As sombras de si mesmo
Os Braceletes da Perdição

BRANDON SANDERSON

MISTBORN: SEGUNDA ERA

A LIGA DA LEI

Tradução
Petê Rissatti

LeYa
OUTRO LADO

Copyright © Dragonsteel Entertainment, LCC, 2011, conforme edição original.
Todos os direitos reservados.
© Brandon Sanderson.
Os direitos morais do autor foram afirmados.
Tradução para a Língua Portuguesa © 2017 Casa da Palavra/LeYa, Petê Rissatti
Título original: *The Alloy of Law: A Mistborn Novel*

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Preparação: Elisa Nogueira
Revisão: Pedro Staite
Diagramação: Filigrana
Capa: Leandro Dittz
Ilustração de capa: Marc Simonetti
Curadoria: Affonso Solano

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

S198L

Sanderson, Brandon, 1975-
A liga da lei / Brandon Sanderson; tradução Petê Rissatti. - Rio de Janeiro: Leya, 2017.
(Mistborn: segunda era)

Tradução de: The alloy of law
Continua com: As sombras de si mesmo
ISBN 978-85-441-0645-7

1. Ficção fantástica americana. I. Rissatti, Petê. II. Título. III. Série.

17-45367

CDD 813
CDU 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados à
EDITORA CASA DA PALAVRA
Avenida Calógeras, 6 – sala 701
20030-070 – Rio de Janeiro – RJ

www.leya.com.br

Para Joshua Bilmes,
que nunca tem medo de me dizer o que há de
errado com um livro e depois luta pelo mesmo
livro sem se importar com quem desiste dele.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS
PRÓLOGO

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20

EPÍLOGO

AGRADECIMENTOS

Lancei ao meu editor a ideia de romances da série “Mistborn” numa era futura em 2006, eu acho. Por muito tempo esse fora meu plano para Scadrial, o planeta onde esses livros se passam. Queria me afastar do conceito de mundos de fantasia como lugares estáticos, onde os milênios passam e a tecnologia nunca muda. Na época, o plano incluía uma segunda trilogia épica passada numa era urbana e uma terceira trilogia numa era futurista — Alomancia, Feruquemia e Hemalurgia seriam os fios que uniriam as três.

Este livro não faz parte daquela segunda trilogia. É um desvio, algo empolgante que cresceu de forma inesperada a partir do meu planejamento de para onde o mundo seguiria. No entanto, estou lhe contando tudo isso para explicar que seria impossível fazer uma lista de todas as pessoas que me ajudaram durante esses anos. Em vez disso, o melhor que posso fazer é mencionar algumas das pessoas maravilhosas que me ajudaram com este livro específico.

Como sempre, os leitores alfa incluíram meu agente, Joshua Bilmes, e meu editor, Moshe Feder. Este livro, na verdade, é dedicado a Joshua. Ele vem acreditando no meu trabalho por mais tempo do que qualquer um fora do meu grupo de escrita. Tem sido uma ajuda maravilhosa e um bom amigo.

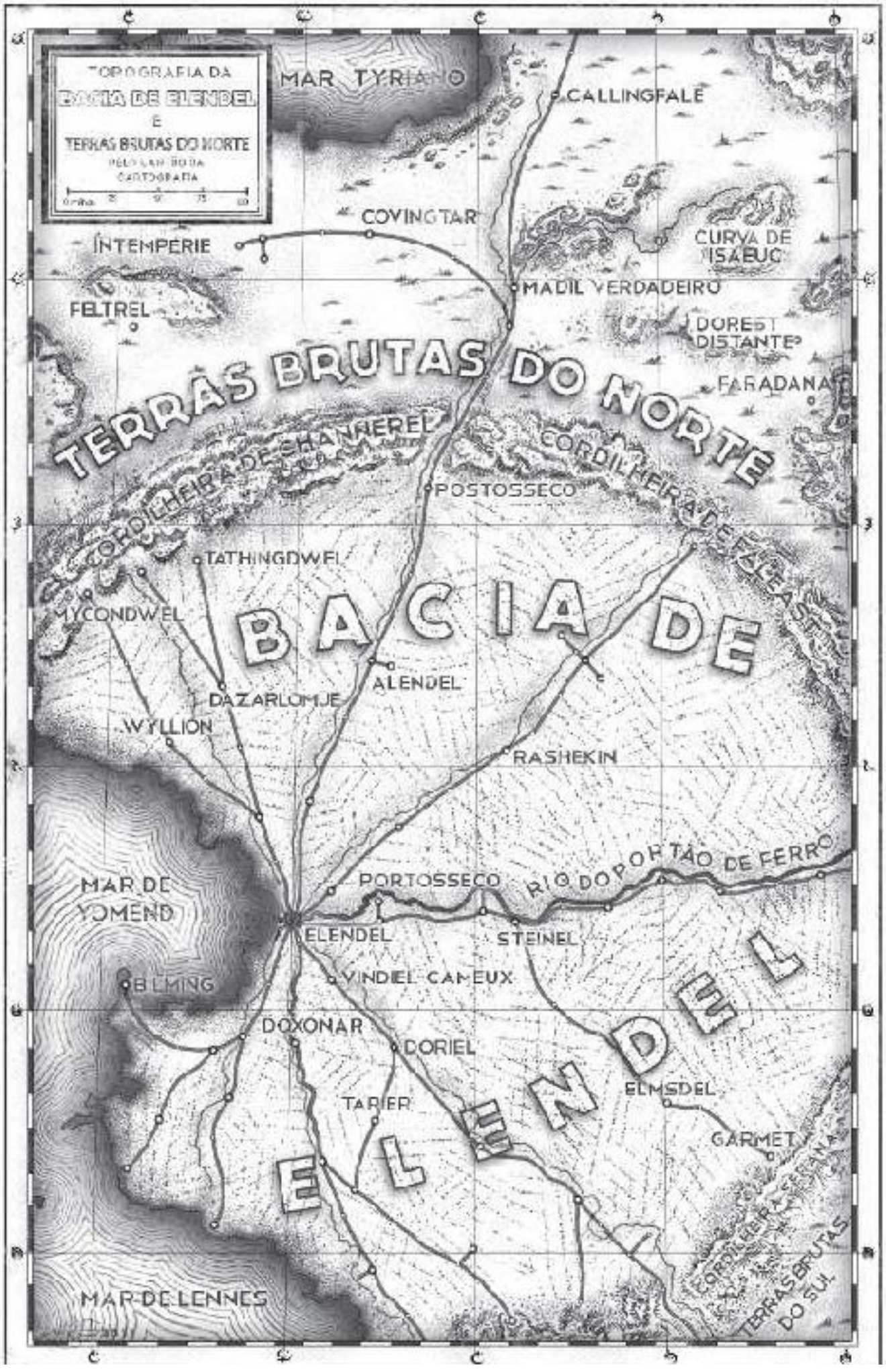
Outros alfas foram meu grupo de escrita: Ethan Skarstedt, Dan Wells, Alan e Jeanette Layton, Kaylynn ZoBell, Karen Ahlstrom, Ben e Danielle Olsen, Jordan Sanderson (mais ou menos) e Kathleen Dorsey. Por fim, claro, há o inseparável Peter Ahlstrom, meu assistente e amigo, que faz todo tipo de coisa importante para minha escrita e para quem qualquer agradecimento meu é pouco.

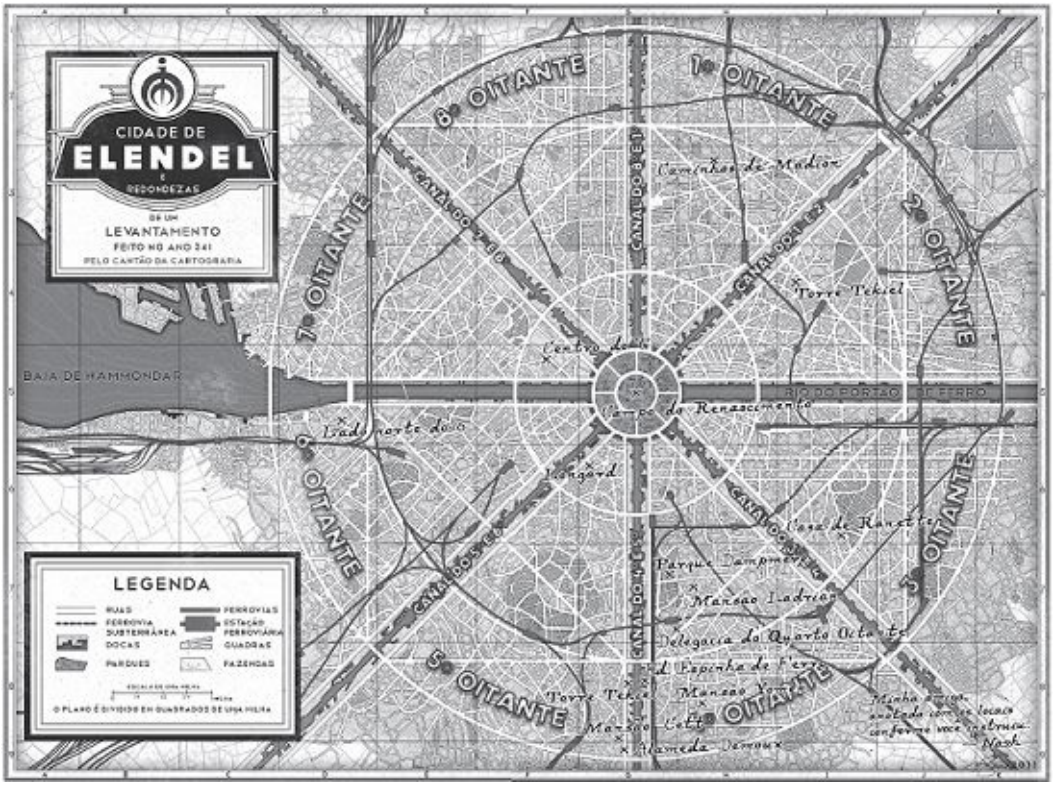
Na Tor Books, a editora americana que publicou o meu livro, meus agradecimentos vão para Irene Gallo, Justin Golenbock, Terry McGarry e muitos outros que eu não conseguiria citar aqui — todo mundo da Tom Doherty, até o pessoal de vendas. Obrigado por todo o seu excelente trabalho. De novo, preciso fazer um agradecimento especial a Paul Stevens, que vai muito além do que eu posso esperar ao me dar ajuda e explicações.

Os leitores beta foram Jeff Creer e Dominique Nolan. Um obrigado especial a Dom pelo auxílio em relação a armamentos e revólveres. Se precisar que algo atire corretamente, pode ligar para ele.

Ben McSweeney e Isaac Stewart trabalharam na arte interna deste livro, pois seu trabalho em *The Way of Kings* foi simplesmente incrível. Eles não deixaram de ser incríveis. Ben também forneceu ilustrações igualmente impressionantes para o jogo de RPG de Mistborn, lançado pela Crafty Games. Dê uma olhada em crafty-games.com, principalmente se tiver interesse nas origens de Kelsier.

Por fim, gostaria de mais uma vez agradecer a Emily, minha maravilhosa esposa, pelo apoio, pelos comentários e pelo amor.


TOPOGRAFIA DA
BACIA DE ELENDEL
E
TERRAS BRUTAS DO NORTE
MAR TYRIANO
CALLINGFALE
COVINGTAR
INTEMPERIE
CURVA DE ISABUC
MADIL VERDADEIRO
FELTREL
DOREST DISTANTE?
FARADANA
TERRAS BRUTAS DO NORTE
CORDILHEIRA DE CHANHEREL
CORDILHEIRA DE FALHAS
POSTOSSECO
TATHINGDWEL
MYCONDWEL
BACIA DE
ALENDEL
DAZARLOMJE
WYLLION
RASHEKIN
RIO DO PORTÃO DE FERRO
MAR DE YOMEND
PORTOSSECO
ELENDEL
STEINEL
BLMING
VINDIEL CAMEUX
DOXONAR
DORIEL
ELENDEL
ELMSDEL
TARIER
GARMET
CORDILHEIRA SERRANA
TERRAS BRUTAS DO SUL
MAR DE LENNES


CIDADE DE
ELENDEL
E
REDONDEZAS
DE UM
LEVANTAMENTO
FEITO NO ANO 241
PELO CARTÓGRAFO CARTOGRAFIA
1º OITANTE
2º OITANTE
3º OITANTE
4º OITANTE
5º OITANTE
6º OITANTE
7º OITANTE
8º OITANTE
CANAL DO 1º E 2º
CANAL DO 3º E 4º
CANAL DO 5º E 6º
CANAL DO 7º E 8º
BAÍA DE HAMMONDAR
RIO DO PORTÃO DE FERRO
Caminhos de Madion
Torre Tekiel
Centro do
Campo do Renascimento
Lado norte do
Longord
Casa de Ranzetes
Parque Lamponeiro
Mansão Ladrion
Delegacia do Quarto Oito
Estrada de Ferro
Mansão Yorn
Torre Tekiel
Mansão Cett
Alameda Jerrous
Nash
LEGENDA
RUAS
FERROVIA SUBTERRÂNEA
DOCAS
PARQUES
FERROVIAS
ESTAÇÃO FERROVIÁRIA
QUADRAS
FAZENDAS
O PLANO É DIVIDIDO EM QUADRADOS DE UMA MILHA

PRÓLOGO

Wax esgueirou-se agachado pela cerca estropiada, com as botas raspando no solo seco. Segurava sua Sterrion 36 acima da cabeça, o cano longo, prateado, coberto de barro vermelho. O revólver não era bonito, embora o cilindro de seis projéteis fosse montado com tanto cuidado na estrutura de liga de aço que sua rotação era imperceptível. Não havia brilho no metal nem material exótico no cabo, mas a arma se encaixava em sua mão como se tivesse sido feita sob medida.

A cerca, que chegava à altura da cintura, era frágil, com a madeira acinzentada pelo tempo, presa com pedaços esfarrapados de corda. Tinha cheiro de velhice. Até mesmo os cupins tinham desistido daquela madeira.

Wax espreitou sobre as tábuas nodosas, examinando a cidade vazia. Linhas azuis pairavam à sua frente, estendendo-se de seu peito para apontar as fontes de metal próximas, resultado de sua Alomancia. A queima do aço permitia que enxergasse a localização de fontes de metal para se *empurrar* contra elas, se quisesse. Seu peso contra o peso do objeto. Se o objeto fosse mais pesado, Wax seria *empurrado* para trás. Se ele fosse mais pesado, o objeto seria *empurrado* para a frente.

No entanto, ele não *empurrou*. Apenas observou as linhas para ver se algum metal estava se movendo. Nenhum se movia. Pregos que mantinham construções em pé, cartuchos disparados que se espalhavam na terra ou ferraduras empilhadas na ferraria silenciosa — tudo estava tão imóvel quanto a velha bomba manual plantada no chão à sua direita.

Desconfiado, também permaneceu em silêncio. O aço continuava queimando agradavelmente, em seu estômago, e assim, como precaução, *empurrou* suavemente para fora de si em todas as direções. Era um truque que dominara poucos anos antes. Não *empurrava* nenhum objeto de metal específico, mas criava uma espécie de bolha defensiva. Qualquer metal que viesse em sua direção seria desviado levemente de seu trajeto.

O truque estava longe de ser à prova de erros; ele ainda podia ser atingido, mas os tiros se desviariam sem atingir o alvo. Aquilo havia salvado sua vida em algumas ocasiões. Não sabia ao certo como fazia isso; na maioria das vezes, a Alomancia era algo instintivo para ele. De algum jeito, ele conseguia até isolar os metais que carregava e não *empurrar* a própria arma das mãos.

Feito isso, seguiu junto à cerca, ainda observando as linhas de metal para garantir que ninguém o espionava. Feltrel já foi uma cidade próspera. Vinte anos antes. Então, um clã de koloss fixou residência nas redondezas. As coisas não terminaram muito bem.

Naquele dia, a cidade morta parecia totalmente vazia, embora ele soubesse que não estava. Wax chegara ali caçando um psicopata. E ele não era o único.

Pôs as mãos no alto da cerca e saltou sobre ela, esmagando o barro vermelho com os pés. Abaixou-se e correu agachado até a lateral da antiga ferraria. Suas roupas estavam terrivelmente empoeiradas, mas o

corte era ótimo: um terno elegante, uma gravata Ascot prateada no pescoço, abotoaduras brilhantes nas mangas da camisa branca. Cultivava uma aparência que parecia inapropriada, como se estivesse planejando ir a um baile em Elendel, e não se esgueirando por uma cidade fantasma nas Terras Brutas, caçando um assassino. Para completar o figurino, usava um chapéu-coco para se proteger do sol.

Um som: alguém pisou numa tábua do outro lado da rua, fazendo-a estalar. Foi tão leve que ele quase não ouviu. Wax reagiu imediatamente, avivando o aço que queimava no estômago. *Empurrou* um grupo de pregos na parede ao lado dele no instante em que o disparo de uma arma de fogo rasgou o ar.

O *empurrão* repentino fez a parede sacudir e os velhos pregos enferrujados se repuxarem em seus lugares. Seu *empurrão* jogou-o de lado, e ele rolou pelo chão. Uma linha azul apareceu por um instante — era a bala, que bateu onde ele estivera um momento antes, atingindo o chão. Quando se ergueu da cambalhota, houve um segundo tiro. Esse foi por pouco, mas a bala se desviou um pouco da trajetória quando se aproximou dele.

Desviada pela bolha de aço, a bala zuniu perto da orelha de Wax. Poucos centímetros à direita, e ele teria tomado um tiro na testa, com ou sem bolha de aço. Respirando com calma, ele ergueu a Sterrion e avistou a sacada do velho hotel do outro lado da rua, de onde o tiro viera. A placa do hotel, na sacada, podia estar escondendo o atirador.

Wax disparou e, em seguida, *empurrou* a bala, dando a ela um impulso extra para aumentar sua velocidade e força de penetração. Não estava usando balas de chumbo comuns ou revestidas com cobre; precisava de algo mais forte.

A bala revestida de aço, de grande calibre, atingiu a sacada, e sua força adicional fez com que ela perfurasse a madeira e atingisse o homem atrás dela. A linha azul que levava à arma do homem tremeu quando ele caiu. Wax levantou-se devagar, limpando a poeira das roupas. Nesse momento, outro tiro estalou no ar.

Ele xingou, *empurrando* por reflexo os pregos novamente, embora seus instintos lhe dissessem que era tarde demais. No momento em que ouviu o tiro, um *empurrão* não poderia mais ajudá-lo.

Dessa vez, foi lançado ao chão. Aquela força tinha de ir para algum lugar, e, se os pregos não podiam se mover, ele seria deslocado. Grunhiu quando atingiu o chão e ergueu o revólver, a poeira grudando no suor da mão. Procurou freneticamente quem havia disparado nele. Tinham errado. Talvez a bolha de aço…

Um corpo rolou sobre o telhado da ferraria e bateu no chão com um baque surdo, levantando uma nuvem de poeira vermelha. Wax piscou, ergueu a arma na altura do peito e foi para trás da cerca de novo, agachando-se para se proteger. Manteve-se atento às linhas azuis alomânticas. Podiam alertá-lo se alguém se aproximasse, mas apenas se a pessoa estivesse carregando ou vestindo algo com metal.

Nenhuma linha partia do corpo que caíra ao lado do prédio. No entanto, outro conjunto de linhas trêmulas apontava para algo que se movia por trás da ferraria. Wax ergueu a arma, mirando, quando uma figura se esgueirou pela lateral da construção e correu em sua direção.

A mulher trajava um sobretudo branco, avermelhado na barra. Tinha cabelos escuros presos num rabo de cavalo e usava calças compridas e um cinto largo, com botas pesadas nos pés. Seu rosto era quadrado e forte, com lábios que muitas vezes se inclinavam levemente à direita num sorriso discreto.

Wax soltou um suspiro de alívio e baixou a arma.

— Lessie.

— Você se jogou no chão de novo? — perguntou ela enquanto se agachava ao lado dele atrás da

cerca. — Você está num estado pior do que o humor do Miles. Talvez esteja na hora de se aposentar, velhinho.

— Lessie, sou *três meses* mais velho que você.

— São três longos meses. — Ela espreitou sobre a cerca. — Viu mais alguém?

— Derrubei um homem da sacada — respondeu Wax. — Não consegui ver se era o Bronze Sangrento ou não.

— Não era — comentou ela. — Ele não teria tentado atirar em você de tão longe.

Wax assentiu. Bronze gostava de estar cara a cara. Bem de perto. O psicopata lamentava quando tinha de usar uma arma e raramente atirava em alguém sem poder ver o medo nos olhos do outro.

Lessie examinou a cidadezinha quieta e, em seguida, olhou para Wax, pronta para agir. Seus olhos baixaram por um instante. Em direção ao bolso da camisa dele.

Wax seguiu seu olhar. Uma carta estava saindo do bolso, entregue mais cedo naquele dia. Vinha da grande cidade de Elendel e estava endereçada ao Lorde Waxillium Ladrian. Um nome que Wax não usava havia anos. Um nome que não achava certo naquele momento.

Ele enfiou a carta mais fundo no bolso. Lessie pensou que isso dizia mais do que deveria. A cidade não tinha nada que o mantivesse lá no momento, e a Casa Ladrian ficaria bem sem ele. Realmente deveria ter queimado aquela carta.

Wax meneou a cabeça na direção do homem caído ao lado da parede da ferraria para distraí-la da carta.

— Foi você?

— Ele tinha um arco — disse ela. — Pontas de pedra. Quase pegou você lá de cima.

— Obrigado.

Ela deu de ombros, com os olhos brilhando de satisfação. Aqueles olhos agora tinham linhas de expressão nas laterais, criadas pela luz inclemente do sol das Terras Brutas. Houve um tempo em que ela e Wax mantinham uma contagem de quem havia salvado o outro mais vezes. Já tinham perdido a conta anos antes.

— Me cubra — disse Wax, baixinho.

— De quê? — perguntou ela. — De tinta? De beijos? Você já está coberto de poeira.

Wax ergueu uma sobrancelha para ela.

— Desculpe — disse ela, com uma careta. — Tenho jogado baralho demais com Wayne.

Ele bufou e correu agachado até o corpo caído e rolou-o de costas. O homem era um camarada de expressão cruel e barba por fazer de vários dias; o ferimento à bala sangrava no lado direito do corpo. *Acho que sei quem ele é*, pensou Wax enquanto vasculhava os bolsos e encontrava uma pastilha de vidro vermelho como sangue.

Correu de volta à cerca.

— E aí? — perguntou Lessie.

— O bando de Donal — respondeu Wax, erguendo a pastilha de vidro.

— Desgraçados — disse Lessie. — Não podiam nos deixar em paz?

— Você *atirou* no filho dele, Lessie.

— E você, no irmão.

— Meu tiro foi em legítima defesa.

— O meu também — argumentou ela. — Aquele garoto era um *chato*. Além do mais, ele sobreviveu.

— Sem um dedo do pé.

— Ninguém precisa de dez. Tenho uma prima que só tem quatro. Vive muito bem. — Ela ergueu o revólver, vasculhando a cidade vazia. — Claro que ela parece meio ridícula. Me cubra.

— De quê?

Ela apenas sorriu e saiu detrás da cerca, correndo na direção da ferraria.

Por Harmonia, pensou Wax, com um sorriso, *eu amo essa mulher*.

Ele estava alerta, para o caso de aparecerem mais atiradores, mas Lessie chegou ao prédio sem mais tiros disparados. Wax meneou a cabeça para ela e, em seguida, correu pela rua na direção do hotel. Esgueirou-se para dentro do edifício, verificando os cantos à procura de inimigos. O *saloon* estava vazio, então ele se protegeu ao lado da porta, acenando na direção de Lessie. Ela correu para o prédio seguinte, do seu lado da rua, e o vasculhou.

O bando de Donal. Sim, Wax dera um tiro em seu irmão quando o homem estava roubando um vagão de trem. No entanto, pelo que ele sabia, Donal nunca havia ligado para o irmão. Não, a única coisa que tirava Donal do sério era perder dinheiro, e provavelmente ele estava ali por isso. Tinha posto um preço na cabeça de Bronze Sangrento por roubar um carregamento de curvaliga. Donal provavelmente não esperava que Wax aparecesse para caçar Bronze no mesmo dia que ele, mas seus homens tinham ordens expressas para atirar em Wax ou Lessie se os vissem.

Wax ficou tentado a deixar a cidade fantasma e permitir que Donal e Bronze a atacassem, mas a ideia fez seu olho tremer. Havia prometido prender Bronze. E prenderia.

Lessie acenou de dentro do prédio e apontou para trás. Sairia naquela direção e se esgueiraria por trás do próximo conjunto de prédios. Wax concordou com a cabeça e fez um gesto rápido. Tentaria se juntar a Wayne e Barl, que foram verificar o outro lado da cidade.

Lessie desapareceu, e Wax atravessou o velho hotel até uma porta lateral. Passou por ninhos velhos e imundos feitos por ratos e homens. A cidade atraía vagabundos como um cão atraía pulgas. Ele chegou a passar num lugar onde provavelmente algum viajante havia feito uma pequena fogueira usando uma placa de metal e um círculo de pedras. Era um milagre o idiota não ter queimado o prédio inteiro.

Wax abriu a porta lateral com facilidade e entrou no beco entre o hotel e a loja vizinha. Os tiros trocados antes talvez tivessem sido ouvidos e alguém podia aparecer para dar uma olhada. Melhor ficar escondido.

Wax caminhou até os fundos da loja, andando silenciosamente pelo chão de barro vermelho. Ali, a encosta era cheia de mato, exceto pela entrada de uma velha e fria adega subterrânea. Wax contornou-a e parou, olhando para o batente de madeira daquele fosso.

Talvez…

Ele se ajoelhou ao lado da abertura, espreitando lá embaixo. No passado, havia uma escada ali, mas apodrecera — os restos eram visíveis numa pilha de velhos fragmentos. O ar cheirava a bolor e umidade… com um traço de fumaça. Alguém havia queimado uma tocha ali.

Wax jogou uma bala no buraco e pulou para dentro com a arma em punho. Enquanto caía, preencheu sua mente de metal de ferro, diminuindo seu peso. Era um Duplonato — feruquemista e alomântico ao

mesmo tempo. Seu poder alomântico era o empurrão de aço, e seu poder feruquêmico, chamado depuração, era a capacidade de aumentar ou diminuir seu peso. Era uma combinação poderosa de talentos.

Ele se *empurrou* contra a bala abaixo dele, reduzindo a velocidade da queda para aterrissar suavemente. Voltou ao peso normal, quer dizer, normal para ele. Com frequência, ficava com três quartos de seu peso, o que o tornava mais ágil, mais rápido para reagir.

Esgueirou-se pela escuridão. Fora um trajeto longo, difícil até encontrar o esconderijo de Bronze Sangrento. No fim, o fato de outros bandidos, andarilhos e infelizes terem desaparecido de Feltrel fora um grande indício. Wax pisou com suavidade, avançando pelo porão. O cheiro de fumaça estava mais forte ali, e, embora a luz estivesse desvanecendo, ele avistou uma fogueira ao lado da parede de terra e uma escada que podia ser levada até a entrada.

Aquilo fez com que parasse. Indicava que quem quer que estivesse fazendo daquele porão seu esconderijo, Bronze ou outra pessoa, ainda estava ali embaixo. A menos que houvesse outra saída. Wax avançou um pouco mais, estreitando os olhos na escuridão.

Havia luz adiante.

Ele inclinou um pouco a arma, puxou um pequeno frasco do casaco de bruma e tirou a rolha com os dentes. Tomou o uísque e o aço em um trago, restaurando suas reservas. Avivou o aço. Sim… havia metal lá adiante. Qual era o comprimento daquela adega? Achou que seria pequena, mas as tábuas de madeira reforçando o chão indicavam algo mais fundo, mais longo. Mais como a galeria de uma mina.

Caminhou mais, concentrado naquelas linhas de metal. Alguém teria de mirar nele se o visse, e a linha tremeria, dando-lhe a chance de *empurrar* o metal das mãos da pessoa.

Nada se moveu. Ele deslizou adiante, sentindo o cheiro bolorento do solo úmido, de fungos e batatas deixadas ali para brotar. Aproximou-se de uma luz trêmula, mas não conseguiu ouvir nada. As linhas de metal não se moviam.

Finalmente, chegou perto o bastante para avistar um lampião pendurado num gancho numa viga de madeira próxima à parede. Havia outra coisa pendurada no centro do túnel. Um cadáver? Enforcado? Wax xingou baixinho e se apressou, desconfiado de uma armadilha. *Era* um cadáver, mas a cena o deixou perplexo. No início, parecia muito velho. Os olhos já não estavam no crânio, a pele estava colada nos ossos. Não fedia nem estava inchado.

Pensou reconhecê-lo. Geormin, o cocheiro que trazia correspondência para Intempérie dos vilarejos mais distantes. Era seu uniforme, ao menos, e parecia seu cabelo também. Foi uma das primeiras vítimas de Bronze, o desaparecimento que tinha lançado Wax naquela caçada. Fazia apenas dois meses.

Ele foi mumificado, pensou Wax. *Preparado e curtido, como couro.* Ficou revoltado. Ele saíra para beber com Geormin certa vez, e, embora o homem tenha trapaceado no baralho, era um cara bem agradável.

O enforcamento não fora comum também. Fios haviam sido usados para esticar os braços de Geormin e deixá-los longe do corpo, a cabeça inclinada, a boca entreaberta. Wax afastou-se da visão horripilante, com os olhos trêmulos.

Cuidado, disse a si mesmo. *Não deixe que ele o enfureça. Mantenha-se concentrado.* Depois voltaria para soltar Geormin. Naquele momento, não podia fazer barulho. Ao menos sabia que estava no caminho certo. Certamente era o covil de Bronze Sangrento.

Havia outro trecho iluminado mais à frente. Qual *era* o comprimento daquele túnel? Ele se aproximou

do foco de luz, e ali encontrou outro cadáver, esse pendurado na parede. Annarel, uma geóloga visitante que havia desaparecido logo depois de Geormin. Pobre mulher. Havia sido ressecada da mesma maneira, e o corpo fora cravado na parede numa pose muito específica, como se estivesse de joelhos inspecionando uma pilha de pedras.

Outro foco de luz o levou adiante. Estava claro que aquilo não era uma adega; provavelmente era algum tipo de túnel de contrabando abandonado, dos dias em que Feltrel era uma cidade próspera. Bronze não o construíra, não com aquelas vigas de madeira envelhecidas.

Wax passou por outros seis cadáveres, cada qual iluminado por um lampião, cada qual numa pose diferente. Um estava sentado numa cadeira, outro, amarrado como se estivesse voando, alguns, presos à parede. Os últimos eram mais recentes; o último fora morto havia pouco. Wax não reconheceu o homem magro que pendia com a mão na cabeça, como se saudasse alguém.

Ferrugem e Ruína!, pensou Wax. *Este não é o covil de Bronze Sangrento… É sua galeria.*

Enojado, Wax foi até o foco de luz seguinte. Esse era diferente. Mais brilhante. Quando se aproximou, percebeu que estava vendo a luz do sol, que passava por um quadrado aberto no teto. O túnel levava até lá, provavelmente até um antigo alçapão que havia apodrecido ou quebrado. O chão elevava-se numa inclinação gradual até o buraco.

Wax rastejou pela subida, erguendo cuidadosamente a cabeça pelo buraco. Chegou a um prédio, embora o telhado não existisse mais. As paredes de tijolos estavam quase intactas, e havia quatro altares adiante, à esquerda de Wax. Uma antiga capela do Sobrevivente. Parecia vazia.

Saiu pelo buraco, rastejando, com a Sterrion ao lado da cabeça e o casaco imundo pela terra. Sentiu-se bem ao inalar o ar limpo e seco.

— Cada vida é uma performance — disse uma voz, ecoando na igreja em ruínas.

Wax imediatamente se esquivou para o lado, rolando até um altar.

— Mas nós não somos os artistas — continuou a voz. — Somos os fantoches.

— Bronze — disse Wax. — Saia.

— Eu vi Deus, vigilante — sussurrou Bronze. Onde estava? — Eu vi a própria Morte, com os pregos nos olhos. Eu vi o Sobrevivente, que é a vida.

Wax vasculhou a pequena capela com os olhos. Estava apinhada de bancos quebrados e estátuas caídas. Circulou o altar, julgando que o som vinha do fundo da sala.

— Outros homens se perguntam — disse a voz de Bronze —, mas eu sei. Sei que sou um fantoche. Todos somos. Gostou do meu show? Trabalhei muito para montá-lo.

Wax continuou pela parede direita do prédio, deixando um rastro na terra. Respirava levemente; uma linha de suor corria pela têmpora direita. Seu olho estava tremendo. Via cadáveres nas paredes em sua imaginação.

— Muitos homens nunca terão uma chance de criar arte de verdade — disse Bronze. — E as melhores performances são aquelas que nunca poderão ser reproduzidas. Meses, anos gastos na preparação. Tudo encaixado no lugar. Mas, no fim das contas, o apodrecimento começará. Não consegui mumificá-los de verdade; não tinha tempo nem recursos. Consegui apenas preservá-los por tempo suficiente para preparar esta exibição exclusiva. Amanhã tudo estará arruinado. Você foi o único a vê-la. Apenas você. Imagino… Somos fantoches apenas… Sabe…

A voz *vinha* do fundo da sala, perto de uns escombros que bloqueavam a visão de Wax.

— Alguém nos move — disse Bronze.

Wax inclinou-se ao redor dos escombros, erguendo a Sterrion.

Bronze estava lá, segurando Lessie diante dele, que tinha a boca amarrada, os olhos arregalados. Wax ficou paralisado, com a arma erguida. Lessie estava sangrando na perna e no braço. Havia sido alvejada, e seu rosto estava ficando pálido. Perdera sangue. Foi assim que Bronze conseguiu dominá-la.

Wax ficou cada vez mais estático. Não ficou ansioso. Não podia ficar, pois tremeria, e tremer o faria errar. Podia ver o rosto de Bronze atrás de Lessie; o homem segurava um garrote ao redor do pescoço da mulher.

Bronze era um homem magro, de dedos finos. Tinha sido agente funerário. Cabelo preto, ralo e oleoso penteado para trás. Um belo terno que brilhava com sangue.

— Alguém nos move, homem da lei — sussurrou Bronze.

Lessie fitou os olhos de Wax. Os dois sabiam o que fazer numa situação dessas. Da última vez, tinha sido ele o capturado. As pessoas sempre tentavam usar um contra o outro. Na opinião de Lessie, isso não era uma desvantagem. Ela diria que, se Bronze *não* soubesse que os dois eram um casal, ele a teria matado no ato. Em vez disso, ele a sequestrou. Aquilo lhes dava uma chance de sair dali.

Wax olhou o cano de sua Sterrion. Puxou o gatilho até equilibrar o peso da mola bem no ponto de disparo, e Lessie piscou. Um. Dois. Três.

Wax disparou.

No mesmo instante, Bronze puxou Lessie para a direita.

O tiro rompeu o ar, ecoando contra os tijolos de argila. A cabeça de Lessie foi jogada para trás quando a bala de Wax acertou-a bem acima do olho direito. O sangue espirrou contra a parede de argila ao lado dela. Ela despencou.

Wax ficou paralisado, horrorizado. *Não… não era assim… não podia ser…*

— As melhores performances — disse Bronze, sorrindo e olhando para o corpo de Lessie — são aquelas que só podem ser feitas uma única vez.

Wax deu um tiro na cabeça do homem.

1

Cinco meses depois, Wax caminhava pelas salas decoradas de uma grande e animada festa, passando por homens em fraques escuros e mulheres em vestidos coloridos acinturados e muitas dobras nas longas saias plissadas. Eles o chamavam de “Lorde Waxillium” ou “Lorde Ladrian” quando falavam com ele.

Wax meneava a cabeça para todos, mas evitava ser arrastado para dentro das conversas. Foi até uma das salas ao fundo da festa, onde luzes elétricas ofuscantes — não se falava de outra coisa na cidade — produziam uma luz contínua e uniforme demais que repelia a escuridão da noite. Por fora das janelas, ele conseguia ver a bruma resvalando no vidro.

Desafiando o decoro, Wax passou pelas enormes portas duplas de vidro e saiu para a grande sacada da mansão. Lá, finalmente sentiu como se pudesse respirar de novo.

Fechou os olhos, inspirando e expirando, sentindo a umidade suave das brumas no rosto. *Os prédios são tão… sufocantes aqui na cidade*, pensou ele. *Eu simplesmente tinha me esquecido disso ou não percebia quando era mais jovem?*

Abriu os olhos e colocou as mãos no parapeito da sacada para olhar Elendel. Era a cidade mais grandiosa em todo o mundo, uma metrópole projetada pelo próprio Harmonia. O lugar da juventude de Wax. Um lugar que não era mais seu lar havia vinte anos.

Embora tivessem se passado cinco meses desde a morte de Lessie, ainda conseguia ouvir o tiro e ver o sangue espirrado nos tijolos. Havia deixado as Terras Brutas e voltado para a cidade, respondendo a convocações desesperadas para cumprir as obrigações por sua casa depois da morte do tio.

Cinco meses e um mundo de distância, e ainda conseguia ouvir aquele tiro. Nítido, límpido, como o céu se estilhaçando.

Atrás dele, ouvia gargalhadas musicais vindas do calor da sala. A Mansão Cett era um lugar imenso, cheio de madeiras caras, tapetes macios e candelabros cintilantes. Ninguém se juntou a ele na sacada.

Dali, tinha uma visão perfeita das luzes da Alameda Demoux. Uma fileira dupla de lâmpadas elétricas brilhantes emitindo uma brancura contínua, chamejante. Reluziam como bolhas ao longo da alameda ampla, que era flanqueada por um canal ainda mais largo, as águas calmas e silenciosas refletindo a luz. Uma locomotiva noturna mandava um cumprimento enquanto passava pelo distante centro da cidade, circundando as brumas com fumaça mais escura.

No fim da Alameda Demoux, Wax via o Edifício Espinha de Ferro e a Torre Tekiel, uma de cada lado do canal. As duas não estavam terminadas, mas suas estruturas de aço já se erguiam em direção ao céu. Eram enlouquecedoras de tão altas.

Os arquitetos continuavam a emitir relatórios atualizados sobre a altura que pretendiam alcançar, cada um tentando superar o outro. Rumores que tinha ouvido naquela mesma festa, confiáveis, alegavam

que as duas construções acabariam passando dos cinquenta andares. Ninguém sabia qual terminaria por se provar a maior, embora apostas amigáveis fossem comuns.

Wax respirou em meio às brumas. Nas Terras Brutas, a Mansão Cett, de três andares, teria sido o prédio mais alto possível. Ali, parecia diminuída. O mundo havia mudado durante seus anos fora da cidade. Havia crescido, ganhado luzes que não precisavam de fogo para brilhar e prédios que ameaçavam se erguer mais alto que as próprias brumas. Olhando para a rua larga às margens do Quinto Oitante, Wax de repente se sentiu muito, muito velho.

— Lorde Waxillium? — chamou uma voz atrás dele.

Ele se virou e encontrou uma mulher mais velha, Lady Aving Cett, observando-o pela porta. O cabelo grisalho estava preso num coque, e ela usava rubis no pescoço.

— Por Harmonia, meu bom homem, vai pegar um resfriado aí fora! Venha, quero apresentá-lo a algumas pessoas.

— Em um instante, milady — disse Wax. — Estou apenas tomando um pouco de ar.

Lady Cett franziu a testa, mas se retirou. Não sabia o que pensar dele; ninguém sabia. Alguns o viam como um rebento misterioso da família Ladrian, associado a estranhas histórias envolvendo os reinos além das montanhas. O restante supunha que era um bufão rural e sem cultura. Ele achava que provavelmente era os dois.

Esteve exposto a noite toda. Ele *deveria* estar procurando uma esposa, e quase todo mundo sabia disso. A Casa Ladrian estava falida depois da administração imprudente do tio, e o caminho mais fácil para resolver isso era um casamento. Infelizmente, o tio *também* conseguira ofender três quartos da nata da cidade.

Wax inclinou-se na sacada; os revólveres Sterrion sob seus braços cutucaram os flancos. Com os longos canos, não eram feitos para serem carregados em coldres de ombro. Ficaram desajeitados ali a noite toda.

Deveria voltar à festa para conversar e tentar recuperar a reputação da Casa Ladrian, mas só de pensar naquela sala lotada, tão quente, tão fechada, tão abafada que tornava a respiração difícil…

Sem dar a si mesmo tempo para reconsiderar, saltou sobre a lateral da sacada e começou a cair os três andares até o chão. Queimou aço e, em seguida, soltou um cartucho vazio um pouco atrás de si e *empurrou* contra ele; seu peso enviou o cartucho rapidamente para a terra, mais veloz que sua própria queda. Como sempre, graças à sua Feruquemia, Wax ficou mais leve do que normalmente seria. Mal se lembrava de como era andar por aí com seu peso total.

Quando o cartucho atingiu o chão, ele *empurrou* contra ele e se jogou horizontalmente por sobre o muro do jardim. Apoiando uma das mãos em seu ápice de pedra, ele descreveu um arco e reduziu o peso a uma fração do normal enquanto caía do outro lado. Aterrissou com suavidade.

Ah, que bom, pensou ele, agachando-se e espreitando através das brumas. *O pátio dos cocheiros.* Os veículos que todos usaram para chegar ali estavam arranjados em fileiras organizadas e os cocheiros conversavam em recintos acolhedores, que derramavam luzes alaranjadas nas brumas. Não havia luz elétrica ali; apenas as boas e calorosas lareiras.

Caminhou entre as carruagens até encontrar a sua e, então, abriu o baú que ficava preso na parte de trás. Tirou seu fino paletó de cavalheiro e vestiu o casaco de bruma, uma veste longa e envolvente, como um jaleco de lapela grossa e mangas com punho. Enfiou uma escopeta no bolso interno, afivelou o cinto e passou as Sterrions para os coldres nos quadris.

Ah, pensou ele. *Muito melhor.* Na verdade, precisava parar de carregar as Sterrions e conseguir armas mais fáceis de esconder. Infelizmente, não havia encontrado nada tão bom quanto o trabalho de Ranette. Mas ela não havia se mudado para a cidade? Talvez pudesse procurá-la e convencê-la a lhe fazer alguma coisa. Desde que ela não desse um tiro nele assim que o visse.

Algum tempo depois, estava correndo pela cidade, com o casaco de bruma leve nas costas. Deixou-o aberto na frente, revelando a camisa preta e as calças elegantes. O casaco de bruma, que descia até os pés, dividia-se em faixas desde a cintura, e as tiras tremulavam atrás dele com um sibilar suave.

Ele soltou um cartucho de bala e se lançou para o alto, aterrissando no topo do prédio que ficava diante da mansão, do outro lado da rua. Olhou de volta para a mansão e suas janelas iluminadas na noite escura. Que tipo de rumores ele iniciaria desaparecendo da sacada daquela forma?

Bem, as pessoas já sabiam que ele era um Duplonato — era uma informação de domínio público. Seu desaparecimento não ajudaria muito a melhorar a reputação da família. Por ora, ele não se importava. Havia passado quase todas as noites desde seu retorno à cidade em sucessivas reuniões sociais e fazia semanas que não tinham uma noite brumosa.

Precisava das brumas. Ele era assim.

Wax correu pelo telhado e saltou, movendo-se na direção da Alameda Demoux. Pouco antes de chegar ao chão, jogou um cartucho vazio e *empurrou*, reduzindo a velocidade da queda. Aterrissou num terreno com arbustos decorativos que prenderam as faixas da capa e farfalharam.

Que desgraça. Ninguém plantava arbustos decorativos nas Terras Brutas. Ele se soltou, incomodado com o farfalhar das folhas. Poucas semanas na cidade e ele já estava ficando enferrujado?

Sacudiu a cabeça e se *empurrou* no ar novamente, afastando-se da ampla alameda e do canal paralelo. O ângulo de seu voo era tão elevado que aterrissou sobre uma das novas lâmpadas elétricas. Havia uma coisa boa numa cidade moderna como aquela: tinha *muito* metal.

Ele sorriu, avivou seu aço e se *empurrou* do topo do poste de luz, alçando-se num arco largo pelo ar. A bruma passava por ele, rodopiando enquanto o vento resvalava em seu rosto. Era empolgante. Um homem nunca se sentia realmente livre até se libertar das correntes da gravidade e buscar o céu.

Enquanto subia, *empurrou-se* de novo contra outro poste de luz, lançando-se mais adiante. A longa fileira de postes de metal era como sua ferrovia particular. Ele ricocheteou, e sua travessura chamou a atenção das pessoas que passavam nas carruagens, com ou sem tração a cavalo.

Ele sorriu. Lançamoedas como ele eram relativamente raros, mas Elendel era uma cidade enorme com uma população enorme. Ele não era o primeiro homem que essas pessoas viam ricochetear pelos metais da cidade. Lançamoedas com frequência trabalhavam como mensageiros de alta velocidade em Elendel.

O tamanho da cidade ainda o surpreendia. Milhões viviam ali, talvez uns *cinco* milhões. Ninguém tinha uma contagem certa de todas as regiões — eram chamadas de oitantes e, como se poderia esperar, havia oito delas.

Milhões; ele não conseguia imaginar isso, mesmo tendo crescido ali. Antes de sair de Intempérie, ele tinha começado a achar que a cidade estava ficando grande demais, mas não havia nem dez mil habitantes.

Ele aterrissou no alto de um poste bem diante do gigantesco Edifício Espinha de Ferro. Ergueu a cabeça, olhando através das brumas para a estrutura gigantesca. O topo não terminado perdia-se na escuridão. Conseguiria escalar algo tão alto? Não podia *puxar* metais, apenas *empurrar* — não era um

mitológico Nascido da Bruma das histórias antigas, como o Sobrevivente ou a Guerreira Ascendente. Um poder alomântico, um poder feruquêmico, era tudo que um homem podia ter. Na verdade, ter apenas um já era um privilégio raro, e ser Duplonato como Wax era realmente excepcional.

Wayne alegava ter memorizado o nome de todas as diferentes combinações possíveis de Duplonatos. Claro que Wayne também alegava ter roubado um cavalo que arrotava notas musicais com perfeição, então era preciso aprender a ouvir o que dizia com uma pitada de cobre. Sinceramente, Wax não prestava atenção a todas as definições e nomes de Duplonato: ele era chamado de Estilhaçador, a mistura de um Lançamoedas e um Depurador. Raramente se preocupava em pensar em si dessa forma.

Começou a encher suas mentes de metal, os braceletes de ferro que usava nos braços, drenando mais peso de si, ficando ainda mais leve. Aquele peso seria armazenado para uso futuro. Então, ignorando a parte mais cautelosa de sua mente, queimou aço e *empurrou*.

Ele subiu a toda velocidade. O vento se tornou um rugido, e o poste era uma boa âncora — tinha muito metal preso com firmeza no chão —, capaz de empurrá-lo bem alto. Ele se inclinou um pouco, e os andares do prédio se transformaram num borrão à sua frente. Aterrissou cerca de vinte andares acima quando seu *empurrão* no poste já estava chegando ao limite.

Aquela parte do edifício já havia sido terminada, e o exterior era feito de um material moldado que imitava pedra esculpida. Cerâmica, ele ouviu dizer. Era uma coisa comum nos edifícios altos, nos quais os andares inferiores eram mesmo de pedra, mas os mais altos usavam materiais mais leves.

Agarrou uma saliência. Não estava tão leve a ponto de o vento conseguir empurrá-lo para longe, não com suas mentes de metal nos braços e as armas que carregava. O corpo mais leve facilitava manter-se no lugar.

As brumas rodopiavam embaixo dele. Parecia quase divertido. Olhou para cima, tentando decidir qual seria seu próximo passo. O aço revelava linhas azuis até as fontes de metal próximas, muitas na estrutura do prédio. *Empurrar* qualquer uma delas o mandaria para longe do edifício.

Ali, pensou ele, notando um peitoril de bom tamanho mais ou menos um metro e meio acima. Ele escalou a lateral do prédio, mantendo os dedos enluvados seguros na superfície esculpida de um jeito complexo. Um Lançamoedas rapidamente aprendia a não temer alturas. Ele se ergueu até o peitoril e jogou no chão um cartucho, parando-o com o pé calçado.

Olhou para cima, avaliando a trajetória. Puxou um frasco do cinto, tirou a rolha e engoliu o líquido e as raspas de aço dentro dele. Sibilou entre os dentes quando o uísque queimou a garganta. Era coisa boa, da destilaria de Stagin. *Que desgraça, isso vai fazer falta quando meu estoque acabar*, pensou ele, guardando o frasco.

A maioria dos alomânticos não usava uísque em seus frascos de metal. A maioria dos alomânticos estava perdendo uma oportunidade perfeita. Ele sorriu quando suas reservas internas de aço foram restauradas; então, avivou o metal e se arremessou.

Voou pelo céu noturno. Infelizmente, o Espinha de Ferro era construído em níveis recuados, os andares superiores ficavam progressivamente mais estreitos com a subida. Isso significava que, mesmo *empurrando* a si mesmo para cima, viu-se na escuridão aberta, com as brumas ao redor dele e a lateral do prédio a uns bons três metros de distância.

Wax enfiou a mão no casaco e tirou sua escopeta de cano curto do longo bolso interno. Ele se virou, apontou-a para fora, escorou-a no corpo e disparou.

Estava leve o bastante para que o coice da arma o arremessasse contra o prédio. O estouro do

disparo ecoou lá embaixo, mas havia apenas chumbinhos nos cartuchos, pequenos e leves demais para ferir alguém quando caíssem dispersos daquela altura.

Ele bateu na parede da torre, cinco andares acima de onde estivera, e agarrou uma protuberância em forma de estaca. A decoração do edifício era realmente maravilhosa. Quem eles pensavam que veria aquilo? Balançou a cabeça. Arquitetos eram tipos curiosos. Nada práticos, como seria um bom armeiro. Wax escalou outro parapeito e saltou de novo para cima.

O salto seguinte foi suficiente para levá-lo à treliça de aço dos andares ainda não acabados. Caminhou por uma viga e, em seguida, trepou num mastro vertical, o que foi facilitado pelo peso reduzido, e escalou a mais alta das vigas que saía do topo do edifício.

A altura era estonteante. Mesmo com as brumas obscurecendo a paisagem, ele conseguia ver a fileira dupla de luzes iluminando a rua abaixo. Outras luzes brilhavam mais suavemente pela cidade, como velas flutuantes no enterro de um marinheiro no mar. Apenas a ausência de luzes permitia que ele identificasse os vários parques e a baía bem à esquerda.

No passado, a cidade fora como seu lar. Isso foi antes de passar vinte anos vivendo na poeira, onde a lei às vezes era uma lembrança distante e as pessoas consideravam carruagens uma frivolidade. O que Lessie pensaria de uma dessas engenhocas sem cavalos, com rodas delgadas feitas para as ruas finamente pavimentadas de uma cidade? Veículos que andavam com óleo e graxa, não à base de feno e ferraduras?

Ele se virou, mantendo-se empoleirado na viga. Era difícil avaliar as localizações no escuro e em meio às brumas, mas tinha a vantagem de ter vivido toda a juventude naquela parte da cidade. As coisas haviam mudado, mas não *tanto* assim. Ele avaliou a direção, verificou as reservas de aço e se lançou para dentro da escuridão.

Saltou num grande arco sobre a cidade, voando por meio minuto com um empurrão naquelas vigas enormes. O arranha-céu transformou-se numa silhueta sombria atrás dele e desapareceu. Por fim, seu impulso se esgotou, e ele caiu em meio às brumas. Deixou-se cair em silêncio. Quando as luzes se aproximaram — e ele viu que não havia ninguém embaixo dele —, apontou a arma para o chão e puxou o gatilho.

O coice o lançou para cima por um instante, reduzindo sua queda. Ele *empurrou* o projétil no chão para reduzir ainda mais a velocidade e aterrissou com facilidade, agachando-se suavemente. Percebeu, insatisfeito, que quase havia arruinado algumas pedras de boa qualidade do pavimento com o tiro.

Por Harmonia!, pensou ele. Levaria tempo para se acostumar com aquele lugar. *Sou como um cavalo esbarrando em tudo no espaço estreito de uma feira*, pensou, encaixando a arma embaixo do casaco. *Preciso aprender a ter mais refinamento.* Nas Terras Brutas, ele tinha sido considerado um cavalheiro sofisticado. Ali, se não tomasse cuidado, logo demonstraria o bruto sem cultura que a maioria da nobreza já achava que ele era. Isso…

Tiro.

Wax reagiu imediatamente. *Empurrou-se* de lado usando um portão de ferro, agachou-se e rolou. Levantou-se e levou a mão direita à Sterrion enquanto a esquerda equilibrava a escopeta na manga da capa.

Espreitou noite adentro. Os disparos impensados de escopeta tinham chamado a atenção dos policiais locais? As armas dispararam de novo, e ele franziu a testa. *Não. Estão muito distantes. Alguma coisa está acontecendo.*

Isso o empolgou de verdade. Saltou no ar pela rua, *empurrando* o mesmo portão para ganhar altura.

Aterrissou em cima de um prédio; aquela área da cidade estava cheia de edifícios de apartamentos de três ou quatro andares com vielas estreitas entre eles. Como as pessoas conseguiam viver sem nenhum espaço ao redor? Ele teria enlouquecido.

Passou por alguns prédios, o que foi facilitado pelos telhados serem retos, e depois parou para ouvir. Seu coração batia acelerado com o entusiasmo, e ele percebeu que ansiava por algo assim. Por isso tinha sido levado a deixar a festa, procurar o arranha-céu, subir nele, correr pelas brumas. Lá em Intempérie, ao passo que a cidade crescia, ele com frequência fazia rondas à noite, procurando problemas.

Ele tocou a Sterrion quando outro tiro foi disparado, mais perto dessa vez. Avaliou a distância e, em seguida, jogou um cartucho no chão, *empurrando-se* no ar. Restaurou seu peso a três quartos do total e o deixou assim. Para lutar direito, era necessário algum peso.

As brumas giravam e rodopiavam, provocando-o. Não se podia prever quais noites trariam consigo as brumas; elas não se enquadravam nos padrões climáticos normais. Uma noite podia ser úmida e fria e, ainda assim, não ter nenhum filete de bruma. Outra noite podia ser árida como folhas secas, mas terminar engolida pelas brumas.

Elas estavam escassas naquela noite, e a visibilidade ainda estava boa. Outro estalo rompeu o silêncio. *Lá*, pensou Wax. O aço queimava causando um calor confortável dentro dele. Saltou sobre outra rua numa confusão de franjas do casaco, brumas e vento.

Aterrissou com suavidade e ergueu a arma diante de si enquanto corria agachado pelo telhado. Chegou à beirada e olhou para baixo. Bem embaixo dele, alguém se refugiava atrás de uma pilha de caixas próxima à entrada do beco. Na escuridão da noite brumosa, Wax não conseguiu divisar muitos detalhes, mas viu que a pessoa estava armada com uma espingarda apoiada numa das caixas. O cano estava apontado para um grupo de pessoas na rua, que usavam os chapéus característicos dos policiais da cidade.

Wax *empurrou* levemente em todas as direções, criando sua bolha de aço. Um trinco de alçapão aos seus pés fez barulho quando sua Alomancia o afetou. Olhou para o homem atirando nos policiais. Seria bom fazer algo de valor naquela cidade em vez de ficar apenas conversando com os muito bem-vestidos e excessivamente privilegiados.

Jogou um cartucho, e sua Alomancia o esmagou no telhado embaixo dele. Ele o empurrou com mais potência, lançando-se no ar entre as brumas rodopiantes. Reduziu o peso drasticamente e *empurrou* o trinco de uma janela enquanto caía, posicionando-se de forma a aterrissar bem no meio do beco.

Queimando aço, conseguia ver as linhas apontando para quatro diferentes figuras adiante. Ao mesmo tempo que aterrissava, ouvindo os homens murmurando xingamentos e virando-se em sua direção, ergueu a Sterrion e mirou no primeiro dos valentões da rua. O homem tinha uma barba falhada e olhos mais escuros que a noite.

Wax ouviu um lamento de mulher.

Ficou paralisado; a mão estava firme, mas incapaz de se movimentar. As lembranças, tão cuidadosamente represadas na mente, estouraram e inundaram sua cabeça. Lessie presa com um garrote no pescoço. Um único tiro. Sangue nas paredes de tijolos vermelhos.

O valentão apontou a espingarda na direção de Wax e atirou. A bolha de aço mal desviou o projétil, e a bala passou pelo tecido do casaco de Wax, quase acertando suas costelas.

Ele tentou disparar, mas aquele lamento…

Ah, Harmonia, pensou ele, aterrorizado consigo mesmo. Apontou a arma para baixo e atirou no chão.

Então, *empurrou* o projétil e se lançou para trás, subindo, para fora do beco.

As balas perfuraram as brumas ao redor dele. Com ou sem bolha de aço, deveria ter sido atingido por uma delas. Foi a pura sorte que lhe salvou a vida até aterrissar em outro telhado e rolar até parar de barriga para baixo, protegido dos tiros por um parapeito.

Wax tomou fôlego, mantendo a mão no revólver. *Idiota*, pensou ele. *Tolo*. Ele nunca havia ficado paralisado num combate, mesmo quando era novato. *Nunca*. No entanto, aquela era a primeira vez que tentava atirar em alguém desde o desastre na capela em ruínas.

Quis ir embora, envergonhado, mas cerrou os dentes e rastejou para a frente até a beira do telhado. Os homens ainda estavam lá embaixo. Conseguia vê-los melhor agora, reunindo-se e preparando-se para dar no pé. Provavelmente não queriam se envolver com um alomântico.

Mirou naquele que parecia ser o líder. Porém, antes que pudesse atirar, o homem caiu com os tiros dos policiais. Em instantes, o beco estava cheio de homens uniformizados. Wax ergueu a Sterrion ao lado da cabeça, respirando fundo.

Eu podia ter atirado dessa vez, pensou. *Só fiquei paralisado por um momento. Não teria acontecido novamente*. Repetiu isso para si várias vezes enquanto os oficiais arrancavam os malfeitores do beco, um por um.

Não havia mulher. O lamento que ouvira fora de um membro da gangue que havia tomado um tiro antes da chegada de Wax. O homem ainda estava gemendo de dor quando o levaram embora.

Os policiais não viram Wax. Ele se virou e desapareceu dentro da noite.

Pouco tempo depois, Wax chegou à Mansão Ladrian. Sua residência na cidade, seu lar ancestral. Ele não sentia que pertencia àquele lugar, mas o usava mesmo assim.

Faltavam ao lar suntuoso terrenos extensos, mas a mansão tinha quatro andares elegantes, com sacadas e um belo pátio com jardim ao fundo. Wax jogou no chão uma moeda e pulou sobre a cerca diante da casa, aterrissando sobre o portão. *Minha carruagem está de volta*, percebeu ele. Não era uma surpresa. Estavam se acostumando com ele, mas Wax não sabia se ficava feliz ou envergonhado com isso.

Empurrou os portões, que rangeram sob seu peso, e aterrissou numa sacada no quarto andar. Lançamoedas precisavam aprender a ser precisos, diferentes de seus primos alomânticos que *puxavam* ferro, também conhecidos como Atraidores. Esses simplesmente escolhiam um alvo e *puxavam-se* na direção dele, mas em geral precisavam se apoiar em laterais de prédios, fazendo barulho. Lançamoedas tinham de ser delicados, cuidadosos, precisos.

A janela estava aberta; ele a tinha deixado assim. Não queria lidar com pessoas naquele momento; seu confronto inútil com os criminosos o deixara abalado. Esgueirou-se para dentro do quarto escuro, caminhou sem fazer barulho e espreitou junto à porta. Nenhum som no corredor. Abriu a porta em silêncio e saiu.

O corredor estava escuro, e ele não era um Olho de Estanho, capaz de aguçar seus sentidos. Tateava a cada passo, com cuidado para não tropeçar na ponta de um tapete nem trombar com um pedestal.

Seus quartos ficavam no fim do corredor. Ele estendeu a mão enluvada até a maçaneta de latão. Excelente. Empurrou a porta com cuidado, entrando no quarto. Agora ele só precisava…

Uma porta foi aberta do outro lado do quarto, deixando entrar uma luz amarelada. Wax ficou paralisado, embora sua mão rapidamente tenha tocado o casaco sobre uma de suas Sterrions.

Um homem idoso estava parado à porta, segurando um grande candelabro. Usava um uniforme preto

em perfeito estado e luvas brancas. Ergueu uma sobrancelha para Wax.

— Alto Lorde Ladrian — disse ele. — Vejo que o senhor voltou.

— Hum… — disse Wax, envergonhado, tirando a mão de dentro do casaco.

— Seu banho está pronto, milorde.

— Não pedi banho nenhum.

— Sim, mas, considerando os entretenimentos de sua noite, pensei que seria prudente preparar um para o senhor. — O mordomo fungou. — Pólvora?

— Hum, sim.

— Espero que milorde não tenha atirado em ninguém importante demais.

Não, pensou Wax. *Não, não consegui*.

Tillaume ficou ali, parado, rígido, reprovador. Não disse o que sem dúvida estava pensando: que o desaparecimento de Wax da festa causara um pequeno escândalo e que assim seria ainda *mais* difícil arranjar uma noiva adequada. Não disse que estava decepcionado. Não disse essas coisas porque era, no fim das contas, um serviçal digno de um lorde.

Além disso, de qualquer forma, podia dizer tudo com um olhar.

— Devo redigir uma carta de desculpas a Lady Cett, milorde? Acredito que ela esperará por uma, considerando que o senhor enviou uma a Lorde Stanton.

— Sim, seria bom — disse Wax.

Levou os dedos ao cinto, sentindo os frascos de metal ali, um revólver em cada lado do quadril, o peso da escopeta presa por dentro do casaco. *O que estou fazendo? Estou agindo como um idiota*.

De repente, sentiu-se extremamente infantil. Tinha saído de uma festa para patrulhar a cidade, procurar problemas? O que havia de errado com ele?

Sentiu-se como se estivesse tentando retomar alguma coisa. Uma parte da pessoa que ele fora antes da morte de Lessie. Sabia, lá no fundo, que talvez tivesse problemas para atirar novamente e desejara provar a si mesmo o contrário.

Havia fracassado nesse teste.

— Milorde — disse Tillaume, aproximando-se. — Posso ser… ousado por um momento?

— Pode.

— A cidade tem um grande número de policiais — disse Tillaume. — E são bastante eficientes em seu trabalho. Nossa casa, no entanto, tem apenas um alto lorde. Milhares dependem do senhor. — Tillaume meneou a cabeça com respeito e começou a acender algumas velas no quarto.

As palavras do mordomo eram verdadeiras. A Casa Ladrian era uma das mais poderosas da cidade, ao menos historicamente. No governo, Wax representava os interesses de todas as pessoas que sua casa empregava. Era verdade que também tinham um representante eleito por sua guilda, mas era de Wax que mais dependiam.

Sua casa estava quase falida — era rica em potencial, em posses e em trabalhadores, mas pobre em dinheiro e em relações por conta da insensatez de seu tio. Se Wax não fizesse nada para mudar a situação, isso poderia significar empregos perdidos, pobreza e colapso quando outras casas atacassem suas posses e as tomassem pelas dívidas não pagas.

Wax correu os dedões por suas Sterrions. *Os policiais lidaram com aqueles valentões muito bem*, admitiu a si mesmo. *Não precisaram de mim. Esta cidade não precisa de mim, não como Intempérie precisava.*

Estava tentando se ater ao que fora. Não era mais aquela pessoa. Não podia ser. Mas as pessoas precisavam dele para outras coisas.

— Tillaume — disse Wax.

O mordomo, acendendo as velas, olhou para trás. A mansão ainda não tinha luz elétrica, mas viriam instalá-la logo. Algo pelo que seu tio havia pagado antes de morrer, dinheiro que Wax não poderia recuperar agora.

— Sim, milorde? — perguntou Tillaume.

Wax hesitou. Ele puxou devagar a escopeta de seu esconderijo dentro do casaco e a colocou dentro da arca ao lado da cama, ao lado de um livro que havia deixado ali mais cedo. Tirou o casaco de bruma, enrolando o material grosso sobre o braço, segurou-o de forma reverente por um momento e depois o colocou na arca. Em seguida, pôs ali os revólveres Sterrion. Não eram suas únicas armas, mas representavam sua vida nas Terras Brutas. Fechou a tampa da arca que guardava sua antiga vida.

— Leve isso, Tillaume — ordenou Wax. — Ponha em algum lugar.

— Sim, milorde — disse Tillaume. — Deixarei tudo isso pronto para o senhor, caso precise.

— Não vou precisar.

Ele já se dera uma última noite com as brumas, uma escalada empolgante da torre, uma noite passada com a escuridão. Escolheu se concentrar nisso como sua missão cumprida da noite, e não em seu fracasso com os valentões.

Uma dança final.

— Leve, Tillaume — repetiu Wax, afastando-se da arca. — Ponha em algum lugar seguro, mas a leve daqui. De uma vez por todas.

— Sim, milorde — disse o mordomo em voz baixa. Parecia aprovar a ideia.

Seria assim e pronto, pensou Wax. Então, foi até o lavatório. Wax, o vigilante, havia desaparecido.

Era hora de ser Lorde Waxillium Ladrian, décimo sexto alto lorde da Casa Ladrian, residente no Quarto Oitante da cidade de Elendel.

2

SEIS MESES DEPOIS

— Como está minha gravata? — perguntou Waxillium, examinando-se no espelho, virando-se para o lado e puxando a gravata Ascot prateada de novo.

— Impecável como sempre, milorde — disse Tillaume. O mordomo estava com as mãos para trás, e uma bandeja com chá fumegante descansava sobre o aparador ao lado dele. Waxillium não havia pedido chá, mas Tillaume o trouxe mesmo assim. O mordomo tinha uma obsessão por chá.

— Tem certeza? — perguntou Waxillium, puxando novamente a gravata.

— Sim, milorde. — Ele hesitou. — Tenho que admitir, milorde, estou curioso sobre isso há meses. O senhor é o primeiro alto lorde que já servi que consegue dar um nó de gravata decente. Fiquei acostumado a prestar essa assistência.

— Quando se vive nas Terras Brutas, aprende-se a fazer as coisas sozinho.

— Com todo o respeito, milorde — disse Tillaume, com um laivo de curiosidade na voz normalmente monótona —, eu não pensaria que alguém precisaria aprender essa habilidade nas Terras Brutas. Não sabia que os habitantes daquelas terras tinham qualquer preocupação com questões de moda e etiqueta.

— Eles não têm — disse Waxillium, com um sorriso, dando um ajuste final na gravata —, e isso é parte do motivo pelo qual *eu* sempre tive. Vestir-se como um cavalheiro da cidade causava um efeito estranho nas pessoas de lá. Algumas me respeitavam de imediato, outras me subestimavam de imediato. Para mim, deu certo nos dois casos, e, se posso acrescentar, era extremamente satisfatório ver os olhares no rosto dos criminosos quando eram derrubados por alguém que acreditavam ser um dândi da cidade.

— Posso imaginar, milorde.

— Fiz isso por mim também — continuou Waxillium, mais baixo, observando-se no espelho. Gravata prateada, colete de cetim verde. Abotoaduras de esmeralda. Casaco e calças pretos, engomados nas mangas e nas pernas. E um botão de aço no colete entre os de madeira, uma antiga tradição sua. — As vestes eram uma lembrança, Tillaume. A terra ao meu redor talvez fosse selvagem, mas eu não precisava ser.

Waxillium pegou um lenço prateado pendurado em seu mancebo, dobrou-o habilmente no estilo adequado e o enfiou no bolso do casaco. Um sino repentino soou pela mansão.

— Ferrugem e Ruína — xingou Waxillium, checando o relógio de bolso. — Estão adiantados.

— Lorde Harms é conhecido por sua pontualidade, milorde.

— Maravilha. Bem, vamos acabar logo com isso.

Waxillium avançou a passos largos pelo corredor, deslizando as botas no tapete de veludo verde. A mansão tinha mudado um pouco em suas duas décadas de ausência. Mesmo depois de seis meses vivendo ali, ainda não parecia que era *dele*. O leve cheiro da fumaça do cachimbo do tio ainda pairava ali, e a decoração era marcada por sua preferência por madeira escura e pesadas esculturas de pedra. Apesar do gosto moderno, quase não havia retratos ou pinturas. Como Waxillium sabia, muitas delas eram valiosas e haviam sido vendidas antes da morte do tio.

Tillaume caminhava ao lado dele, com as mãos cruzadas atrás das costas.

— Milorde parece considerar a obrigação de hoje um fardo.

— Está tão óbvio? — Waxillium fez uma careta. O que revelava sobre ele o fato de preferir enfrentar um covil de bandidos, com menos armas e menos homens que o inimigo, a se encontrar com Lorde Harms e sua filha?

Uma mulher gorducha como uma matrona esperava no fim do corredor, usando um vestido preto e um avental branco.

— Ah, Lorde Ladrian — disse ela, com afeição. — Sua mãe ficaria tão feliz em ver este dia!

— Nada foi decidido ainda, srta. Grimes — disse Waxillium enquanto a mulher se juntava aos dois, caminhando ao longo da balaustrada da galeria do segundo andar.

— Ela esperava *tanto* que o senhor se casasse com uma lady sofisticada — disse a srta. Grimes. — Devia ter visto como ela se preocupou todos esses anos.

Waxillium tentou ignorar o jeito como aquelas palavras se contorciam em seu coração. Não *vira* como sua mãe se preocupava. Mal tirava tempo de escrever aos pais ou à irmã e os visitou apenas uma vez, logo depois que a ferrovia chegou a Intempérie.

Bem, ele estava cumprindo suas obrigações agora. Seis meses de trabalho, e finalmente estava colocando as coisas no lugar e tirando a Casa Ladrian, junto com seus muitos ferreiros e costureiras, da beira do colapso financeiro. O último passo seria dado naquele dia.

Waxillium chegou ao topo da escadaria e, então, hesitou.

— Não — disse ele. — Não posso me apressar. Preciso lhes dar tempo para que se acomodem.

— Isso é… — Tillaume começou a falar, mas Waxillium interrompeu, virando para o outro lado e marchando de volta pela balaustrada.

— Srta. Grimes — disse Waxillium —, há outros assuntos a tratar hoje?

— Quer ouvi-los agora? — perguntou ela, franzindo a testa enquanto se esforçava para acompanhá-lo.

— Qualquer coisa que mantenha minha mente ocupada, minha querida — disse Waxillium.

Ferrugem e Ruína… Ele estava tão nervoso que se flagrou levando a mão para dentro do casaco e tateando o cabo de sua Immerling 44-S.

Era uma boa arma; não tão boa quanto as de Ranette, mas pequena e adequada para um cavalheiro. Tinha decidido que seria um lorde, e não um homem da lei, mas isso não significava que sairia por aí desarmado. Isso… bem, isso seria simplesmente insano.

— Há um assunto — disse a srta. Grimes, com uma expressão de desgosto. Ela era a governanta da Casa Ladrian havia vinte anos. — Perdemos outro carregamento de aço ontem à noite.

Waxillium estacou no corredor.

— O quê? De novo?

— Infelizmente, milorde.

— Que desgraça. Estou começando a pensar que os ladrões escolheram apenas a nós como alvos.

— É apenas nosso segundo carregamento — disse ela. — A Casa Tekiel já perdeu cinco carregamentos.

— Quais são os detalhes? — perguntou ele. — O desaparecimento. Onde aconteceu?

— Bem…

— Não, não me diga — pediu ele, erguendo a mão. — Não posso me dar ao luxo de me distrair.

A srta. Grimes lhe lançou um olhar inexpressivo, pois provavelmente esse era o motivo pelo qual evitara lhe dizer isso antes do encontro com Lorde Harms. Waxillium tocou o corrimão e sentiu o olho esquerdo tremer. Alguém estava executando uma operação organizada e altamente eficiente para roubar o conteúdo de vagões inteiros. Estavam sendo chamados de Desaparecidos. Talvez ele pudesse dar uma sondada e…

Não, disse a si mesmo com seriedade. *Não é minha obrigação. Não mais*. Ele iria às autoridades e talvez contratasse alguns guardas ou investigadores. Não sairia para perseguir bandoleiros.

— Tenho certeza de que os policiais encontrarão os responsáveis e os levarão à justiça — disse Waxillium, com alguma dificuldade. — Acha que Lorde Harms já esperou o bastante? Acho que sim. Não foi tempo demais, foi? — Waxillium virou-se e voltou pelo caminho que tinha vindo. Tillaume revirou os olhos quando ele passou.

Waxillium chegou às escadas. Um jovem, usando um colete verde dos Ladrian e uma camisa branca, estava subindo.

— Lorde Ladrian! — disse Kip. — O correio chegou.

— Algum pacote?

— Não, milorde — respondeu o garoto, entregando-lhe uma carta selada a sinete. — Apenas isto. Parece importante.

— Um convite para o jantar de casamento de Yomen e Ostlin — arriscou a srta. Grimes. — Talvez seja uma boa oportunidade para sua primeira aparição em público com a srta. Harms.

— Isso não foi decidido! — protestou Waxillium quando pararam no último degrau da escadaria. — Eu mal toquei no assunto com Lorde Harms, e, mesmo assim, você praticamente já nos casou. É inteiramente possível que eles prefiram encerrar esse assunto, como aconteceu com Lady Entrone.

— Vai dar certo, jovem mestre — disse a srta. Grimes. Ela estendeu a mão, ajustando o lenço no bolso dele. — Tenho um faro de Abrandador para essas questões.

— Percebe que tenho 42 anos? “Jovem mestre” não cabe mais.

Ela deu um tapinha na bochecha dele. A srta. Grimes considerava qualquer homem solteiro uma criança, o que era terrivelmente injusto, considerando que *ela* nunca havia se casado. Ele evitou lhe falar sobre Lessie; a maior parte de sua família na cidade não sabia sobre ela.

— Muito bem — disse Waxillium, virando-se e andando a passos largos na direção da sala de estar. — Lá vou eu para a boca da fera.

Limmi, chefe dos empregados do térreo, aguardava ao lado da entrada. Ela ergueu a mão quando Waxillium se aproximou, como se fosse falar algo, mas ele deslizou o convite para o jantar entre dois

dedos dela.

— Prepare uma resposta afirmativa para isso, por favor, Limmi — ordenou ele. — Informe que vou jantar com a srta. Harms e seu pai, mas segure a carta até eu terminar minha reunião aqui. Eu aviso se vamos enviá-la ou não.

— Sim, milorde, mas…

— Está tudo bem — disse ele, abrindo a porta. — Não posso manter o…

Lorde Harms e sua filha *não* estavam na sala de jantar. Em vez deles, Waxillium encontrou um homem esbelto, de rosto redondo e queixo pontudo, com mais ou menos 30 anos e barba por fazer de alguns dias. Usava um chapéu de aba larga, no estilo das Terras Brutas, com as laterais curvadas levemente para cima, e um sobretudo de couro. Estava mexendo num dos pequenos relógios que ficavam na prateleira acima da lareira.

— Ei, Wax — disse o homem, com um sorriso no rosto. Ele ergueu o relógio. — Posso trocar isso com você?

Waxillium rapidamente fechou a porta.

— Wayne? O que está *fazendo* aqui?

— Olhando suas coisas, meu chapa — respondeu Wayne. Ele ergueu o relógio, avaliando-o. — Quanto vale, três ou quatro barras? Tenho uma garrafa de um bom uísque que talvez valha o mesmo.

— Você precisa dar o fora daqui! — disse Waxillium. — Você deveria estar em Intempérie. Quem está cuidando do lugar?

— Barl.

— Barl! Ele é um canalha.

— Também sou.

— Tudo bem, mas você é o canalha que *eu* escolhi para esse trabalho. Poderia ao menos ter chamado Miles.

— *Miles?* — perguntou Wayne. — Cara, Miles é um ser humano *horrível*. Ele prefere atirar em um homem a perder tempo descobrindo se o camarada era culpado ou não.

— Miles mantém a cidade limpa — comentou Waxillium. — E salvou minha vida algumas vezes. Mas isso não importa. Eu disse para *você* cuidar de Intempérie.

Wayne inclinou o chapéu para Waxillium.

— É verdade, Wax, mas você não é mais vigilante. E, quanto a mim, tive coisas importantes para resolver. — Ele olhou para o relógio, embolsou-o e pôs uma garrafinha de uísque em seu lugar na prateleira. — Agora, senhor, precisarei fazer algumas perguntas. — Ele puxou uma caderneta e um lápis de dentro do sobretudo. — Onde o senhor esteve ontem, por volta da meia-noite?

— O que isso… — Waxillium foi interrompido pela campainha. — Ferrugem e Ruína! São gente de alta classe, Wayne. Gastei meses para persuadi-los de que não sou um rufião. Preciso que você vá *embora* daqui. — Waxillium avançou, tentando fazer com que o amigo fosse na direção da saída.

— Ora, mas esse é um comportamento suspeito, né, não? — disse Wayne, rabiscando algo na caderneta. — Fugindo de perguntas, parecendo ansioso. O que está escondendo, senhor?

— Wayne — disse Waxillium, agarrando o braço do homem. — Parte de mim agradece muito que você tenha vindo até aqui me irritar, e fico feliz em vê-lo, mas *não é um bom momento*.

Wayne deu uma risadinha.

— Está achando que vim até aqui por sua causa. Não acha que isso é um pouco arrogante?

— Para que mais teria vindo?

— Carregamento de comida — disse Wayne. — Um trem saiu de Elendel há quatro dias e chegou a Intempérie com um vagão inteiro vazio. E agora ouvi dizer que você perdeu recentemente dois carregamentos para esses “Desaparecidos”. Vim para interrogá-lo. É bem suspeito, como eu disse.

— Suspeito… Wayne, eu *perdi* dois carregamentos. Eu que fui roubado! Por que isso faz de mim um suspeito?

— Como eu vou saber como sua mente de gênio deturpada e criminosa funciona, meu chapa?

Passos soaram do lado de fora da sala. Waxillium olhou de relance para a porta e de volta para Wayne.

— Neste momento, minha mente de gênio criminosa está se perguntando se eu poderia enfiar seu cadáver em algum lugar que não seja muito óbvio.

Wayne deu uma risadinha, recuando.

A porta foi aberta.

Waxillium girou, vendo Limmi segurar a porta aberta com certo acanhamento. Um homem corpulento num terno muito elegante apareceu do outro lado, segurando uma bengala de madeira escura. Tinha um bigode que descia até o pescoço grosso e seu colete envolvia uma gravata de um vermelho profundo.

— … dizendo que não importa quem ele está recebendo! — disse Lorde Harms. — Ele vai querer falar comigo! Tínhamos um *compromisso* e… — Lorde Harms parou, percebendo que a porta estava aberta. — Ah! — Entrou a passos largos na sala.

Atrás dele, vieram uma mulher de aparência séria e cabelo dourado preso num coque firme — sua filha, Steris — e uma mulher mais jovem, que Waxillium não reconheceu.

— Lorde Ladrian — disse Harms —, acho *muito* inadequado ficar esperando. E quem é esse aí que o senhor está recebendo no meu lugar?

Waxillium suspirou.

— É meu velho…

— Tio! — interrompeu Wayne, avançando, com a voz alterada para um som rouco sem nenhum sotaque do interior. — Sou o tio Maksil. Apareci de repente hoje de manhã, meu bom homem.

Waxillium levantou uma sobrancelha quando Wayne avançou. Tinha retirado o chapéu e o sobretudo e colado no rosto um bigode falso muito realista com alguns fios grisalhos. Fazia uma careta bem leve para produzir mais algumas rugas ao redor dos olhos. Era um ótimo disfarce, que fazia com que parecesse alguns anos mais velho que Waxillium, em vez de dez anos mais novo.

Waxillium olhou para trás. O sobretudo estava dobrado no chão, ao lado de um dos sofás, com o chapéu sobre ele e um par de bastões de duelo cruzados ao lado da pilha. Waxillium nem sequer notara a troca — claro que Wayne a tinha feito enquanto estava numa bolha de velocidade. Wayne era um Deslizante, um alomântico de curvaliga, capaz de criar uma bolha de tempo comprimido ao seu redor. Ele frequentemente usava esse poder para mudar de vestimentas.

Também era um Duplonato, como Waxillium, embora sua capacidade feruquêmica de se curar rapidamente de ferimentos não fosse tão útil fora de combate. Ainda assim, os dois formavam uma

combinação muito potente.

— Tio, o senhor disse? — perguntou Lorde Harms, cumprimentando Wayne com um aperto de mão.

— Do lado materno! — completou Wayne. — Não do lado Ladrian, claro. Do contrário, eu estaria cuidando deste lugar, hein? — Não parecia em nada consigo mesmo, mas essa era a especialidade de Wayne. Ele dizia que três quartos de um disfarce eram sotaque e voz. — Fazia tempo que eu queria vir dar uma olhada no rapaz. Ele tem um passado meio violento, sabe? Precisa de uma mão firme para garantir que não volte para esse caminho desagradável.

— Sempre pensei a mesma coisa! — concordou Lorde Harms. — Acho que temos permissão para sentar, não é, Lorde Ladrian?

— Sim, claro — disse Waxillium, olhando feio para Wayne. *Sério?*, era o que dizia aquele olhar. *Vamos mesmo fazer isso?*

Wayne apenas deu de ombros. Então se virou para tomar a mão de Steris e curvou a cabeça educadamente.

— E quem é essa criatura adorável?

— Minha filha, Steris. — Harms sentou-se. — Lorde Ladrian? O senhor não contou ao seu tio sobre nossa chegada?

— Fiquei tão surpreso com a chegada dele que não tive a oportunidade — disse Waxillium. Ele tomou a mão de Steris e curvou a cabeça também.

Ela o olhou de cima a baixo com uma expressão crítica, e então seus olhos se voltaram para o sobretudo e o chapéu dobrados no canto. Seus lábios se curvaram para baixo. Sem dúvida, supôs que eram dele.

— Esta é minha prima, Marasi — disse Steris, meneando a cabeça para a mulher atrás dela. Marasi tinha cabelo escuro, olhos grandes e lábios vermelhos brilhantes. Olhou para baixo, discreta, assim que Waxillium se virou para ela. — Passou a maior parte da vida nos Campos Externos e é bem tímida, então, por favor, não a incomode.

— Eu não sonharia em fazer isso — comentou Waxillium. Esperou até as mulheres estarem sentadas ao lado de Lorde Harms e depois se sentou num sofá menor de frente para eles e para a porta. Havia outra saída da sala, mas ele havia descoberto que havia uma tábua rangente no caminho que levava até lá, o que era ideal. Dessa forma, ninguém poderia chegar de mansinho. Homem da lei ou lorde, ele não gostava da ideia de tomar um tiro pelas costas.

Wayne acomodou-se com recato numa cadeira à direita de Waxillium. Todos trocaram olhares por um momento bem longo. Wayne bocejou.

— Bem — disse Waxillium —, talvez eu deva começar perguntando sobre sua saúde.

— Talvez deva — respondeu Steris.

— Hum, sim. Como está de saúde?

— Bem.

— Waxillium também — acrescentou Wayne.

Todos se viraram para ele.

— Ele está de terno e tudo o mais. Está bem. Bem-vestido. Hum... É de mogno?

— Isto? — perguntou Lorde Harms, erguendo a bengala. — Sim. Herança de família.

— Milorde Waxillium — interrompeu Steris, séria. Parecia não gostar de jogar conversa fora. — Talvez possamos dispensar a tagarelice vazia. Todos sabemos qual é a natureza desta reunião.

— Sabemos? — perguntou Wayne.

— Sim — respondeu Steris, com a voz fria. — Lorde Waxillium, o senhor goza de uma reputação infeliz. Seu tio, que esteja com o Herói, manchou o nome Ladrian com sua reclusão social, suas ocasionais investidas imprudentes na política e seu aventureirismo flagrante. O senhor vem das Terras Brutas, o que agrega uma boa dose de má reputação à casa, especialmente considerando suas ofensas a várias casas durante suas primeiras semanas na cidade. Além de tudo isso, sua casa está quase falida. Contudo, nós também estamos numa situação desesperada. Nossas condições financeiras são excelentes, mas nosso nome é desconhecido entre a nata da sociedade. Meu pai não tem um herdeiro homem a quem dar o nome de sua família, e assim uma união entre nossas casas faz todo o sentido.

— Como a senhorita é lógica, minha cara — disse Wayne, com um sotaque da alta classe rolando de sua língua como se tivesse nascido com ele.

— Realmente — disse ela, ainda observando Waxillium. Ela pegou sua bolsa. — Suas cartas e conversas com meu pai foram suficientes para nos persuadir de sua intenção, e seu comportamento público durante esses últimos meses na cidade provou-se animadoramente mais sóbrio que sua grosseria inicial. Então, tomei a liberdade de redigir um contrato que creio se adequar às nossas necessidades.

— Um… contrato? — perguntou Waxillium.

— Ah, estou tão ansioso para vê-lo — acrescentou Wayne. Ele enfiou a mão no bolso distraidamente e tirou algo que Waxillium não pôde identificar.

O “contrato” era um documento longo com, no mínimo, vinte páginas. Steris entregou uma cópia para Waxillium e uma para seu pai, e ficou com uma terceira.

Lorde Harms tossiu.

— Sugeri que ela escrevesse suas ideias — disse ele. — E… bem, minha filha é uma mulher muito eficiente.

— Percebi — disse Waxillium.

— Sugiro que você nunca peça a ela para passar o leite — acrescentou Wayne, num sussurro, para que apenas Waxillium pudesse ouvir. — Ela é capaz de jogar a vaca em você apenas para ter certeza de que o trabalho foi eficiente.

— O documento é dividido em várias partes — disse Steris. — A primeira descreve nossa fase de cortejo, na qual faremos avanços óbvios, mas não muito apressados, para o noivado. Durará tempo suficiente para a sociedade começar a nos ver como um casal. O noivado não deve ser tão rápido que pareça um escândalo, mas também não pode ser muito lento. Pelas minhas estimativas, oito meses devem bastar aos nossos objetivos.

— Entendo — disse Waxillium, folheando as páginas.

Tillaume entrou, trazendo uma bandeja com chá e bolos e a deixando num aparador ao lado de Wayne.

Waxillium balançou a cabeça, fechando o contrato.

— Não parece um pouco… frio para você?

— Frio?

— Não deveria haver espaço para um romance?

— Mas há — disse Steris. — Página treze. Quanto ao casamento, não haverá mais que três encontros conjugais por semana e não menos que um até haver um herdeiro adequado. Depois disso, o mesmo número se aplicará a um período de duas semanas.

— Ah, claro — disse Waxillium. — Página treze. — Ele olhou para Wayne. Ele havia tirado uma *bala* do bolso? Wayne a estava rolando entre os dedos.

— Se não for o bastante para satisfazer suas necessidades — acrescentou Steris —, a próxima página detalha os protocolos adequados em relação a uma amante.

— Espere aí! — disse Waxillium, sem mais olhar Wayne. — Seu documento permite *amantes*?

— Claro — confirmou Steris. — Elas são um simples fato da vida, e por isso é melhor contar com elas do que ignorá-las. No documento, você encontrará os pré-requisitos para suas amantes junto com regras de discrição.

— Entendi — disse Waxillium.

— Claro que vou seguir as mesmas diretrizes — continuou Steris.

— Você tem planos de ter um amante, milady? — perguntou Wayne, interessado.

— Eu teria permissão para meus namoricos — comentou ela. — Em geral, o cocheiro é o escolhido. Mas, claro, vou me abster até serem produzidos herdeiros. Não pode haver nenhuma confusão sobre a linhagem.

— Claro — disse Waxillium.

— Isso está no contrato. Página quinze.

— Não duvido que esteja.

Lorde Harms tossiu novamente. Marasi, a prima de Steris, manteve uma expressão indiferente e tinha ficado com a cabeça baixa durante a conversa. Por que a trouxeram?

— Filha — disse Lorde Harms —, talvez devêssemos conversar sobre tópicos menos pessoais por um momento.

— Muito bem — concordou Steris. — *Há* algumas coisas que eu gostaria de saber. O senhor é religioso, Lorde Ladrian?

— Eu sigo o Caminho — respondeu Waxillium.

— Hum — disse ela, tamborilando com os dedos sobre o contrato. — Bem, é uma escolha segura, mesmo que um tanto tola. Eu, por exemplo, nunca entendi por que as pessoas seguem uma religião cujo deus proíbe *especificamente* a adoração a ele.

— É complicado.

— É o que os caminhantes gostam de dizer, ao mesmo tempo que tentam explicar como sua religião é simples.

— Isso é complicado também — insistiu Waxillium. — Mas um tipo simples de complicado. A senhorita é sobrevivencialista, suponho.

— Sou.

Ótimo, pensou Waxillium. Bem, os sobrevivencialistas não eram *muito* ruins. Alguns deles, ao menos. Ele se levantou. Wayne ainda estava brincando com aquele projétil.

— Alguém gostaria de um pouco de chá?

— Não — respondeu Steris, com um aceno, analisando seu documento.

— Sim, por favor — disse Marasi, em voz baixa.

Waxillium atravessou a sala até o aparador com chá.

— Que estantes bonitas — comentou Wayne. — Queria ter estantes assim. Olhe só... Olhe só. E… estamos dentro.

Waxillium virou-se. Os três convidados tinham olhado para as estantes, e, assim que se viraram, Wayne começara a queimar curvaliga e criara uma bolha de velocidade.

A bolha cobriu cerca de um metro e meio ao seu redor, incluindo apenas Wayne e Waxillium, e, uma vez que Wayne a formava, não conseguia movê-la. Anos de familiaridade permitiam que Waxillium discernisse a fronteira da bolha, que era marcada por uma leve tremulação no ar. Para aqueles dentro da bolha, o tempo fluía muito mais rapidamente do que para quem estava fora.

— E aí? — perguntou Waxillium.

— Ah, acho que a quietinha é bem bonita — comentou Wayne, voltando ao seu sotaque. — Mas a alta é insana. Ferrugem!, ela é, sim.

Waxillium serviu um pouco de chá para si. Harms e as duas mulheres pareciam congelados no sofá, quase como estátuas. Wayne estava avivando seu metal, usando o máximo de força para criar alguns momentos privados.

Essas bolhas podiam ser muito úteis, embora não da maneira que as pessoas esperavam. Não era possível atirar de dentro delas… bem, era possível, mas algo na barreira criava interferência. Se um tiro fosse disparado dentro de uma bolha de velocidade, a bala diminuiria sua velocidade assim que atingisse o tempo normal e se moveria erraticamente para fora do trajeto. Isso tornava quase impossível mirar quando se estava dentro de uma.

— Ela é um partido muito bom — disse Waxillium. — É uma solução ideal para nós dois.

— Olha só, meu chapa, só porque Lessie…

— Não tem *nada* a ver com Lessie.

— Opa, calma. — Wayne ergueu a mão. — Não precisa ficar nervoso.

— Não estou. — Waxillium respirou fundo e, em seguida, continuou com mais suavidade. — Não estou nervoso. Mas não tem nada a ver com Lessie. Tem a ver com as minhas obrigações.

Que desgraça, Wayne. Eu estava quase conseguindo não pensar nela. O que Lessie diria se visse o que ele estava fazendo? Gargalharia, provavelmente. Gargalharia do ridículo daquilo, gargalharia pelo desconforto dele. Não era ciumenta, talvez porque nunca tivesse tido motivos para sê-lo. Com uma mulher como ela, por que Waxillium iria querer olhar para outra?

Ninguém jamais chegaria aos pés dela, mas felizmente isso não importava. O contrato de Steris de fato parecia bom, e o ajudaria a seguir em frente. Talvez até diminuísse um pouco a dor.

— Esta é minha obrigação agora — repetiu Waxillium.

— Suas obrigações costumavam envolver salvar pessoas — disse Wayne —, não se casar com elas.

Waxillium agachou-se ao lado da cadeira.

— Wayne, não posso voltar a ser o que eu era. Você vir até aqui e se intrometer na minha vida não vai mudar nada. Sou uma pessoa diferente agora.

— Se você queria se transformar numa pessoa diferente, não poderia ter escolhido uma menos feia?

— Wayne, isso é *sério*.

Wayne ergueu a mão, girando o cartucho entre os dedos e apontando com ele.

— Isso também é.

— O que *é* isso?

— Bala. Você usa para atirar nas pessoas. Com sorte, nas malvadas… ou, ao menos, naquelas que te devem uma barra ou duas.

— Wayne…

— Eles estão virando novamente para cá. — Wayne deixou o cartucho sobre a bandeja de chá.

— Mas…

— Hora de tossir. Três. Dois. Um.

Waxillium xingou baixinho, mas embolsou a bala e se manteve firme. Começou a tossir alto enquanto a bolha de velocidade estourava, restaurando o tempo normal. Para os três visitantes, apenas segundos tinham transcorrido, e, aos seus ouvidos, a conversa de Waxillium e Wayne fora acelerada a ponto de a maioria ficar inaudível. A tosse cobriria o restante.

Nenhum dos três visitantes pareceu notar nada de incomum. Waxillium serviu o chá (naquele dia, era de um vermelho-escuro profundo, como um chá de fruta doce) e o levou a Marasi. Ela o pegou, e ele voltou a se sentar, segurando sua xícara numa das mãos e apertando o cartucho com a outra. Tanto o projétil como o estojo da bala de calibre médio pareciam de aço, mas o cartucho inteiro era leve demais. Ele franziu a testa, erguendo-o.

Sangue no rosto dela. Sangue nas paredes de tijolos.

Ele estremeceu, lutando contra aquelas lembranças. *Que desgraça, Wayne*, pensou.

— O chá está delicioso — disse Marasi, em voz baixa. — Obrigada.

— De nada — disse Waxillium, forçando a mente a voltar à conversa. — Lady Steris, vou considerar o contrato. Obrigado por redigi-lo. Mas, na verdade, eu esperava que a senhorita permitisse que eu soubesse mais sobre sua pessoa nesta reunião.

— Estou trabalhando numa autobiografia. Talvez eu envie ao senhor um capítulo ou dois pelo correio.

— Isso é… bem pouco convencional de sua parte — disse Waxillium. — No entanto, eu apreciaria lê-los. Mas, por favor, me conte sobre a senhorita. Quais são seus interesses?

— Normalmente, eu gosto de ver peças. — Ela fez uma careta. — No Coolerim, na verdade.

— Estou perdendo alguma coisa? — perguntou Waxillium.

— O teatro Coolerim — comentou Wayne, inclinando-se para a frente. — Foi roubado no meio de uma apresentação duas noites atrás.

— Não soube? — perguntou Lorde Harms. — Estava em todos os jornais importantes.

— Alguém se feriu?

— Não no roubo, mas eles levaram um refém quando escaparam — respondeu Lorde Harms.

— Uma coisa *horrenda* — disse Steris. — Ninguém teve notícia de Armal ainda. — Ela parecia enjoada.

— A senhorita a conhecia? — perguntou Wayne, esquecendo um pouco o sotaque falso quando seu interesse aumentou.

— Prima — respondeu Steris.

— Assim como… — perguntou Waxillium, meneando a cabeça para Marasi.

Os três olharam-no com expressões confusas por um momento, até que Lorde Harms interveio.

— Ah, não. Do outro lado da família.

— Interessante — comentou Waxillium, recostando-se na cadeira, o chá ignorado em sua mão. — E ambicioso. Roubar um teatro inteiro? Quantos ladrões eram?

— Dúzias — disse Marasi. — Talvez uns trinta, segundo os relatos.

— Um belo bando. Significa que havia outros oito apenas para levá-los embora. E veículos para escapar. Impressionante.

— Foram os Desaparecidos — disse Marasi. — Aqueles que também roubam em ferrovias.

— Isso não está provado — retrucou Wayne, apontando para ela.

— Não, mas uma das testemunhas de um assalto à ferrovia descreveu vários homens que estavam no roubo do teatro.

— Espere aí — disse Waxillium. — Houve testemunhas de um dos roubos ferroviários? Pensei que tivessem acontecido em segredo. Algo sobre um trem fantasma aparecendo nos trilhos?

— Sim — confirmou Wayne. — Os maquinistas param para investigar e, provavelmente, entram em pânico, mas o trem fantasma desaparece antes que eles consigam entender o que aconteceu. Eles continuam, mas, quando chegam ao fim da linha, um dos vagões do trem está vazio. Ainda trancado, sem sinais de arrombamento, mas sem nenhuma carga.

— Então, ninguém vê os criminosos — concluiu Waxillium.

— Os recentes foram diferentes — disse Marasi, cada vez mais animada. — Começaram a roubar vagões de passageiros também. Quando o trem para, os homens entram nos vagões e começam a vasculhar, recolhendo joias e carteiras dos passageiros. Levam uma mulher como refém, ameaçando matá-la se alguém os seguir, e fogem. O vagão de carga também é roubado.

— Curioso — disse Waxillium.

— Sim — concordou Marasi. — Acho que…

— Minha querida — interrompeu Lorde Harms —, você está incomodando o Lorde Ladrian.

Marasi enrubesceu e abaixou os olhos.

— Não foi incômodo nenhum — disse Waxillium, tamborilando na xícara de chá.

— Isso é uma *bala* em seus dedos? — perguntou Steris, apontando.

Waxillium olhou para baixo, percebendo que estava rolando o cartucho entre o indicador e o dedão. Fechou a bala no punho antes que as lembranças pudessem retornar.

— Não é nada.

Ele lançou um olhar feio para Wayne, que lhe falou algo sem emitir som. *Empurre*.

— Tem *certeza* de que seu passado nada convencional ficou para trás, Lorde Ladrian? — perguntou Steris.

— Ah, ele tem sim — comentou Wayne, fazendo careta. — Não precisa se preocupar com *ele* não ser convencional. Ora, ele é chato pra dedéu! Incrivelmente, comicamente, bizarramente *chato*. Você encontraria mais empolgação num mendigo esperando na fila do sopão em dia de carne de rato. Isso…

— Obrigado, *tio* — disse Waxillium secamente. — Sim, Steris, meu passado é apenas isso: passado. Estou comprometido com minhas obrigações como chefe da Casa Ladrian.

— Muito bem. Precisaremos de uma entrada formal na alta sociedade como casal, algum tipo de evento público — disse ela.

— Que tal o jantar de casamento de Yomen e Ostlin? — sugeriu Waxillium, distraído. *Empurre*. — Acabei de receber um convite.

— Uma ideia excelente. — disse Lorde Harms. — Também fomos convidados.

Empurre. Waxillium enfiou a mão na manga esquerda e pegou às escondidas um punhado de raspas de aço que mantinha numa bolsinha ali, jogando-as no chá e tomando. Aquilo não lhe deu muita reserva, mas era suficiente.

Queimou aço, e as familiares linhas azuis saltaram ao redor dele apontando para todas as fontes próximas de metal.

Exceto a que estava em seus dedos.

Alumínio, entendeu ele. *Não me surpreende que seja leve.*

O alumínio e algumas de suas ligas eram alomanticamente inertes, o que significava que não era possível *empurrá-los* ou *puxá-los*. Também era *muito* caro. Mais do que ouro ou platina.

A bala tinha sido projetada para matar Lançamoedas e Atraidores, homens como o próprio Waxillium. Aquilo lhe causou um arrepio, e ele apertou ainda mais a bala. Houve dias em que daria sua melhor arma por algumas balas de alumínio, embora nunca tivesse ouvido falar de uma liga que produzisse uma bala com boa balística.

Onde?, perguntou, movendo a boca para Wayne. *Onde conseguiu isso?*

Wayne apenas meneou a cabeça para os convidados, que estavam olhando diretamente para Waxillium.

— Você está bem, Lorde Ladrian? — perguntou Steris. — Conheço um ótimo consultor de zinco, se tiver necessidade de alguma ajuda emocional.

— Hum… não. Obrigado. Estou muito bem. E acho que esta reunião foi muito produtiva. Não concorda?

— Depende — disse ela, levantando-se e aparentemente tomando aquela frase como um convite para encerrar a conversa. — A festa de casamento é amanhã, acredito eu. O senhor já terá revisado o contrato até lá?

— Já, sim — disse Waxillium, levantando-se também.

— *Eu* acho que esta reunião foi maravilhosa — disse Wayne enquanto se levantava. — A senhorita é exatamente do que meu sobrinho precisa, Lady Steris! Mão firme. Nada daqueles bagunceiros com quem ele estava acostumado.

— Concordo! — disse Lorde Harms. — Lorde Ladrian, talvez seu tio possa comparecer ao jantar…

— Não — disse Waxillium antes que Wayne pudesse dizer qualquer coisa. — Não, infelizmente ele precisa voltar às suas terras. Ele me disse isso mais cedo. Tem que acompanhar um parto importante de uma égua.

— Ah, se é assim — disse Lorde Harms, ajudando Marasi a se levantar. — Enviaremos ao senhor a confirmação assim que tivermos aceitado o convite de Yomen.

— E eu farei o mesmo — disse Waxillium, acompanhando-os até a porta da sala. — Até logo.

Tillaume fez uma reverência para eles e os acompanhou até lá fora. Sua partida pareceu apressada para Waxillium, mas ele ficou aliviado. Considerando a intrusão repentina de Wayne, tudo tinha corrido realmente bem. Ninguém tentara atirar nele.

— Pessoal legal — comentou Wayne. — Agora entendo o que você está fazendo. Com uma mulher e parentes como esses, vai se sentir em casa aqui… exatamente como os bandidos se sentem nas cadeias de Intempérie!

— Muito bem — disse Waxillium entre os dentes, acenando uma última vez enquanto a família Harms saía pela porta da mansão. — Onde conseguiu a bala?

— Foi deixada no roubo ao teatro. Troquei com os policiais hoje de manhã.

Waxillium fechou os olhos. Wayne tinha uma interpretação muito liberal do que significava “trocar”.

— Ah, não fique assim — disse Wayne. — Deixei um belo paralelepípedo para eles. Aliás, acho que Steris e o papai dela estão convencidos de que você é maluco. — Ele abriu um sorrisinho.

— Isso não é novidade nenhuma. Há anos minha associação com você convence as pessoas de que sou insano.

— Rá! E eu aqui pensando que você tinha perdido seu senso de humor. — Wayne voltou para a sala. Tirou um lápis do bolso enquanto passava por uma mesa, trocando-o por uma das canetas de Waxillium.

— Meu senso de humor não está perdido, Wayne — respondeu Waxillium —, apenas reduzido. O que eu disse é verdade, e essa bala não muda nada.

— Talvez não — comentou Wayne, pegando chapéu, sobretudo e bastões de duelo. — Mas ainda vou ver o que posso descobrir.

— Não é seu trabalho.

— E não era seu trabalho caçar criminosos fora das Terras Brutas. Isso não muda o que precisa ser feito, meu chapa. — Wayne aproximou-se de Waxillium e lhe entregou o chapéu. Quando Waxillium o pegou, Wayne vestiu seu casaco.

— Wayne…

— Estão levando as pessoas, Wax — disse ele, pegando o chapéu de volta e encaixando-o na cabeça. — Quatro reféns até agora. Nenhum retornou. Roubar joias é uma coisa. Levar a comida das Terras Brutas é outra. Sequestrar pessoas… bem, alguma coisa está acontecendo. Vou descobrir o que é. Com ou sem você.

— Sem mim.

— Ótimo. — Ele hesitou. — Mas preciso de um favor, Wax. Um ponto de partida. Você sempre foi o cara das ideias.

— Sim, ter um cérebro ajuda, surpreendentemente.

Wayne estreitou os olhos para ele. Em seguida, ergueu as sobrancelhas, suplicante.

— Tudo bem — disse Waxillium, suspirando e pegando sua xícara de chá. — Quantos assaltos até agora?

— Oito. Sete vagões e o mais recente no teatro.

— Quatro reféns?

— Isso. Nos últimos três roubos. Duas foram levadas de um dos trens e outra no roubo ao teatro. Todas são mulheres.

— Mais fáceis de dominar — comentou Waxillium distraidamente, tamborilando na xícara. — E é mais provável que os homens fiquem preocupados com a possibilidade de serem mortas caso tentem uma perseguição.

— Precisa saber o que foi roubado? — perguntou Wayne, levando a mão ao bolso do sobretudo. — Troquei uma lista com um dos policiais…

— Não importa. — Waxillium bebeu um gole da xícara. — Ou, ao menos, a maior parte não importa. O que está acontecendo não tem a ver com os roubos.

— Não…?

— Não. Bando grande. Bem financiado… muito bem financiado. — Ele pegou a bala e olhou para ela. — Se realmente quisessem dinheiro, estariam roubando transportes de ouro ou bancos. Os assaltos provavelmente são uma distração. Se você quiser os cavalos de um homem, a melhor coisa a fazer pode ser soltar os porcos dele. Enquanto ele persegue os bichos, você rouba os cavalos. — Ele fez uma pausa e continuou: — Eu aposto que esses Desaparecidos estão atrás de outra coisa, algo improvável. Talvez um item ignorado entre tudo o que foi levado. Ou talvez seja um caso de extorsão, e eles planejem começar a pedir dinheiro para proteger o povo da cidade. Veja se alguém foi contatado sobre isso. Aliás, eu não fui. — Depois, completou: — Se isso não der em nada, estude as reféns. Uma delas talvez estivesse carregando alguma coisa que fosse o objetivo *real* do roubo. Eu não ficaria surpreso se descobríssemos que é uma chantagem clandestina.

— Mas roubaram alguns trens antes de levar reféns.

— Sim — disse Waxillium. — E se deram bem. Não haveria motivo para se exporem roubando passageiros se lhes bastasse a carga roubada sem serem vistos ou impedidos. Estão atrás de outra coisa, Wayne. Confie em mim.

— Tudo bem. — O homem magro esfregou o rosto e finalmente tirou o bigode falso, enfiando-o no bolso. — Mas me diga uma coisa… Você não quer nem saber? Não te dá uma comichão?

— Não. — Isso não era bem verdade.

Wayne bufou.

— Eu acreditaria em você se pudesse dizer isso sem seu olho tremer, meu chapa. — Ele meneou a cabeça para a bala. — Percebi que você não se ofereceu para devolvê-la.

— Não. — Waxillium a enfiou no bolso.

— E você ainda está usando suas mentes de metal — comentou Wayne, meneando a cabeça para os braceletes escondidos pelos punhos das mangas de Waxillium. — Sem mencionar que ainda guarda aço debaixo da manga. E notei um catálogo de armas sobre a mesa também.

— Todo homem precisa de passatempos.

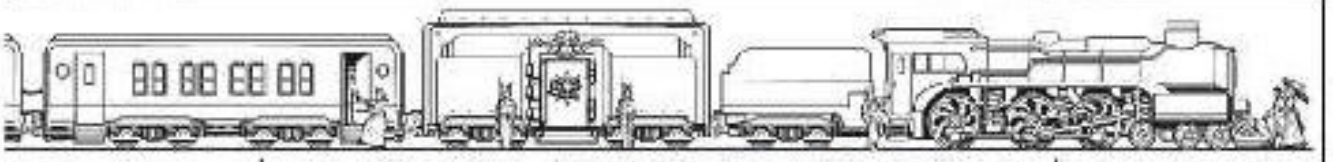
— Se você diz… — retrucou Wayne. Depois, deu um passo adiante, batendo um dedo no peito de Waxillium. — Mas sabe o que eu acho? Acho que está procurando desculpas para não desistir. Essa coisa é o que você é. E nenhuma mansão, nenhum casamento, nenhum *título* vai mudar isso. — Wayne inclinou o chapéu. — Você foi feito para ajudar as pessoas, meu chapa. É isso que você faz.

Com isso, Wayne saiu, raspando o batente da porta com seu sobretudo.

Diário de E

Conteúdo interessante para cada ostante!

4 de Dezil de 341 — Edição 326-704



Uma nova história das Terras Brutas!

"EXPLORANDO OS POÇOS DE ELTÂNIA"

Em nossa série exclusiva, o aventureiro já conhecido explorando as distantes Terras Brutas.

Neste episódio, ele escreve sobre os dias que passou nos sítios minerais Poços de Eltânia, onde minas de ferro e prata provam a terra e metais preciosos e desconhecidos poderem ser descobertos. A história completa abaixo. Com por certo verdade, escrito pelo próprio explorador!

A CASA TEKIEL EXIBE O "NADA-QUEBRA"

Anunciando que revolucionará a segurança e o transporte, Reshelle Tekiel apresentou hoje o novo vagão em estilo cofre de sua casa, feito para o transporte e a proteção de bens valiosos. O vagão está em exposição ao público na estação Ewerzall até o dia 19.

Projetado especificamente em reação aos terríveis e cada vez mais frequentes ataques de grupos como os abomináveis Desaparecidos, o novo vagão Nada-Quebra foi fabricado com o melhor aço, projetado conforme os métodos mais modernos e selado por uma porta trancada com trancas idênticas às encontradas nos cofres dos bancos de Tekiel.

Um incontentável pontaria de um franco atiradorismo avançada garante que, uma vez fechado, o vagão só possa ser reaberto muito depois de ter chegado ao destino. Portanto, o Nada-Quebra permite que até os cavalheiros mais preocupados se tranquilizem, na certeza de que sua carga valiosa jamais será ser molestada ao longo das linhas da Ilaca de Elendel e além dessas terras.

De fato, essa é uma preocupação cada vez maior à luz dos recentes ataques àqueles que viajam pela ferrovia perto de nossa bela Elendel. Ninguém está seguro contra as ações ávidas dos Desaparecidos, despojando ladrões a todos de seus valores preciosos sob o caro de armas. Embora não tenha havido derramamento de sangue em seus ataques, recentemente começaram a adicionar sequestros à sua lista de pecados, e parece apenas uma questão de tempo até que comecem os ferimentos.

Em vez de esperar pelas manifestações dolorosamente lentas de outros lordes para defesa de vidas e bens contra esses ladrões por meio de procedimentos do Senado, a Casa Tekiel bate uma vez se adiantou, com uma solução engenhosa que é uma ajuda ativa na batalha contra esses vilões.

O TREM FANTASMA!!

Descreto por testemunhas!

Neste relato angustiante, três testemunhas falam sobre a noite em que seu trem foi tomado pelos Desaparecidos. Livro delas é a própria maquinista, que explica em detalhes a aparição fantasmagórica. Descubra as luzes por si e entenda por que este fantasma é silencioso demais, brilhante demais e de outro mundo demais para não ser uma torça do além. Especialistas da Universidade compararam dessistes de trem para determinar a origem da aparição, e as listas de mortes dão um estremecer do que os arrancas podem desejar. Reportagem exclusiva encontrada apenas aqui! No verso.

Existe vida do outro lado do oceano?

Dois meses atrás, o navio de exploração oceânica *Vista do Novo* foi arrebatado por uma tempestade terrível e levado a profundezas do oceano. Longe da terra, não havia maneira de navegar adequadamente, e os bravos navegantes se viram rezando por uma vida inteira, sem esperança de encontrar terra firme.

Harmonia os avistou, e, no fim das contas, encontraram terra — uma ilha estranha cheia de árvores incríveis. Lá também encontraram um refugiado, um único sobrevivente com uma história terrível sobre seu barco ter sido capturado por um serpente gigante.

Agora, muito depois de seus entes queridos terem desistido deles, tomando-os por mortos, os navegadores retornaram à civilização, trazendo com eles seu refugiado. Sua história é aparentemente, preocupante e maravilhosa. Confirme tudo para saber como descobrimos e recuperamos o navio e seu motim. Mares Desconhecidos. Leia a história inteira no verso.

Líder de sindicato abandona solidariedade aos membros do Partido do Sindicato do Comércio

Em uma surpreendente mudança de linha partidária, o líder do Sindicato do Comércio, Elors Durnsed, anunciou sua intenção de deixar de lado qualquer objeção ao encaminhamento de negociações entre representantes do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e a Cooperativa das Casas Nobres em suas constantes disputas para chegar a um acordo. Rumores de uma série de reuniões secretas entre o líder do sindicato e dirigentes da cooperativa cujos interesses estão alinhados com as casas permanecem sendo fontes de especulação e todos as questões parte dos membros do Partido do Sindicato do Comércio entrevistados por este jornal. Um rebatedor ao canteiro de obras do Edifício Espelho de Prata, que disse se chamar Bell, comentou com este repórter que o sr. Durnsed deveria "cuidar a cabeça fora desses assuntos se soubesse o que é o que". Antes que pudesse explicar sua declaração, seu representante do sindicato local interveio e deu garantias de que o homem estava falando metaforicamente. No entanto, a disposição dos Relatadores de Linhas Escavadores e a decididamente outra coisa. Durnsed

A decisão do líder do sindicato significa que o contrato, conforme escrito, manteve-se agora pelo restante do trimestre fiscal. Depois disso, revelação, as ações de seus estivaram sendo negociadas em alta, e mesmo as ações da Casa Tekiel, que

ALIVIE-SE DE SUAS DORES!

A sra. Halex, dominica, tem um novo lado de Alvardacaro. Dentre de seus aparentes relaxantes, é possível encontrar alívio para a exaustão, a ansiedade e as preocupações, sendo de fácil com o coração leve e a cabeça nas alturas. Nesse repórter visitou o site para uma reportagem centrada sobre o que nomeou tale. Uma mangueira luminosa, cromas idealizados e um Alvardacaro de pantão para aplicar uma "massagem emocional", deixando-o tão bem por dentro quanto por fora. Leia a reportagem no verso, sinta-se aliviado.

Feltri é um Tumultuador!

Correm rumores de que Alfonso Feltri, já muito favorito para conquistar a 2ª assente dos

Explorando os Poços de Eltania

Meu querido editor e, por seu intermédio, meus amados leitores, espero que esta missiva os encontre bem e de posse de um ouvido disposto, pois os eventos incríveis que transpiraram em minha recente aventura podem de xi-los incrédulos e chocados. Juro-lhe senhores, em declaração do mais sérias, que cada uma das palavras que escrevo aqui são verdadeiras e factuais. Vivi essas histórias para que os sonhores possam saber sobre as terras brutas e as pessoas selvagens que vivem lá, além das montanhas, além da lei e além do mundo cultivado.

Quando escrevi minha missi-

incapazes de um trabalho artesanal tão belo.

Mas estou me poderando

3

Oito horas depois, Waxillium estava em pé numa janela alta de sua mansão. Observava os últimos fragmentos de um dia moribundo. Eles se apagavam e ficavam pretos. Aguardou, com esperança, mas as brumas não vieram.

Que diferença faz?, pensou ele. *Você não vai sair de qualquer forma.* Ainda assim, desejava que as brumas aparecessem; sentia-se mais em paz quando elas estavam ali, observando. O mundo transformava-se num lugar diferente, um que sentia entender melhor.

Suspirou e atravessou seu gabinete. Acionou o interruptor, e as luzes elétricas se acenderam. Ainda causavam um deslumbramento nele. Embora ele soubesse que as "Palavras de Fundação" tinham dado pistas com relação à eletricidade, o que o homem havia criado ainda parecia incrível.

Ele atravessou a sala até a mesa do tio. Sua mesa. Em Intempérie, Waxillium usava uma mesa rústica, bamba. Agora tinha uma mesa forte e perfeitamente polida de carvalho. Sentou-se e começou a folhear os livros contábeis da casa. No entanto, não demorou muito até que seus olhos começassem a se voltar para uma pilha de jornais em sua poltrona. Havia pedido a Limmi que buscasse alguns para ele.

Em geral, ele ignorava os jornais. Reportagens sobre crimes faziam sua mente girar e impediam que se concentrasse nos negócios. Claro que, agora que pensamentos sobre os Desaparecidos tinham sido plantados em sua mente, ele teria problemas em deixá-los para lá e fazer qualquer coisa produtiva, ao menos até matar um pouco da curiosidade sobre o que estavam fazendo.

Talvez só um pouco de leitura, disse a si mesmo. *Para me atualizar sobre os últimos acontecimentos.* Não faria mal se informar; na verdade, talvez fosse importante para manter conversas com as pessoas.

Waxillium buscou a pilha e voltou à mesa. Foi fácil encontrar um relato sobre os assaltos no jornal daquele dia. Outros periódicos tinham ainda mais informações. Ele havia comentado sobre os Desaparecidos com Limmi, e assim ela reunira alguns jornais destinados às pessoas que queriam uma coleção de todas as histórias recentes sobre eles. Eles reimprimiam matérias de semanas ou meses antes, com as datas originais da publicação das histórias. Pelo visto, esse tipo de jornal era popular, pois havia três diferentes de três empresas distintas. Parecia que todo mundo queria ficar atualizado sobre o que perdeu.

Pelas datas nas matérias reimpressas, os primeiros assaltos haviam acontecido muito antes do que Wax imaginara. Sete meses atrás, pouco antes de ele voltar a Elendel. Houve um lapso de quatro meses entre o primeiro desaparecimento de carga ferroviária e o segundo. O nome "Desaparecidos" só começou a ser usado depois do segundo ataque.

Os roubos eram semelhantes, exceto por aquele no teatro. Um trem era parado por uma distração nos trilhos — no início, uma árvore caída. Mais tarde, um trem fantasmagórico que surgia das brumas,

viajando diretamente na direção do trem. Os maquinistas paravam, em pânico, mas o trem fantasma já havia desaparecido; então, retomavam a marcha.

Quando chegavam ao destino, descobriam que um dos vagões do trem havia sido esvaziado de toda a carga. As pessoas estavam atribuindo todos os tipos de poderes místicos aos ladrões, que pareciam ser capazes de passar pelas paredes e pelos vagões trancados. *Mas que cargas foram roubadas?*, pensou Waxillium, franzindo a testa. Os relatos do primeiro roubo não diziam qual era a carga, embora mencionassem que pertencia a Augustin Tekiel.

Tekiel era uma das casas mais ricas na cidade, localizada no Segundo Oitante, embora a família estivesse construindo seu novo arranha-céu no distrito comercial do Quarto Oitante. Waxillium releu os artigos e passou os olhos pelos jornais em busca de qualquer menção ao primeiro roubo antes de o segundo ocorrer.

O que é isso?, pensou ele, erguendo um jornal que incluía a reimpressão de uma carta que Augustin Tekiel havia escrito para publicação alguns meses antes. A carta denunciava policiais de Elendel, acusando-os de não proteger nem recuperar as cargas de Tekiel. O jornal imprimiu-a com alegria, dando-lhe até uma manchete: “Policiais incompetentes, critica Tekiel.”

Três meses. Tinha levado três meses para Tekiel dizer alguma coisa. Waxillium deixou de lado os jornais compilados, procurando outras menções em edições mais recentes. Não havia poucas; os roubos eram dramáticos e misteriosos, duas coisas que vendiam muito jornal.

O segundo e o terceiro roubos foram de carregamentos de aço. Estranho. Um produto impraticável de carregar devido ao peso e não tão lucrativo quanto um simples assalto aos vagões de passageiros. O quarto roubo foi o que chamou a atenção de Wayne: alimentos embalados num trem a caminho das Terras Brutas do Norte. O quinto roubo foi o primeiro a envolver passageiros. O sexto e o sétimo também foram assim, sendo o sétimo o único em que os Desaparecidos levaram duas reféns em vez de uma.

Os últimos três assaltos tinham envolvido o roubo de um vagão de carga e também de passageiros. Metais em dois casos, alimentos em outro — ao menos era tudo que os jornais relatavam. A cada caso, os detalhes ficavam mais interessantes, pois os vagões de carga tinham sido mais bem protegidos, com travas mais sofisticadas e guardas no trem. Os assaltos aconteciam com uma rapidez incrível, considerando o peso dos bens levados.

Será que usam uma bolha de velocidade, como faz Wayne?, pensou Waxillium. Mas não. Era impossível se mover dentro ou fora de uma bolha de velocidade e seria impossível fazer uma grande o suficiente para facilitar esse tipo de assalto. Ao menos pelo que ele sabia até então.

Waxillium continuou a leitura. Houve um grande número de matérias com teorias, citações e relatos de testemunhas oculares. Muitos sugeriam a bolha de velocidade, mas os editoriais estraçalhavam essa possibilidade. Seria necessária muita mão de obra, mais do que poderia caber numa bolha de velocidade. Pensavam que era mais provável que um feruquemista capaz de aumentar sua força estivesse erguendo os materiais pesados dos carros e levando-os embora.

Mas para onde? E por quê? E como estavam burlando as trancas e os guardas? Waxillium recortou as matérias que achou interessantes. Poucas tinham alguma informação sólida.

Uma batida suave na porta o interrompeu quando estendia as matérias na mesa. Ergueu os olhos e viu Tillaume, segurando uma bandeja de chá e um cesto pendurado no braço.

— Chá, milorde?

— Seria maravilhoso.

Tillaume entrou e arrumou o chá num pequeno aparador ao lado da mesa, pegando uma xícara e um guardanapo branquíssimo.

— O senhor tem preferência?

Tillaume sabia fazer dezenas de variedades de chá a partir dos ingredientes iniciais mais simples, misturando-os e criando o que considerava ideal.

— Qualquer um.

— Milorde, o chá tem uma *grande* importância. Nunca deve ser simplesmente “qualquer um”. Diga-me. O senhor pretende dormir logo?

Waxillium olhou para o arranjo de reportagens cortadas.

— Definitivamente, não.

— Muito bem. O senhor prefere algo que ajude a clarear as ideias?

— Seria bom.

— Doce?

— Não.

— Mentolado ou picante?

— Mentolado.

— Forte ou fraco?

— Hum… forte.

— Excelente — disse Tillaume, tirando vários potes e algumas colheres de prata de seu cesto e começando a misturar pós e pedacinhos de ervas numa xícara. — Milorde parece muito concentrado.

Waxillium tamborilou na mesa.

— Milorde está incomodado — disse Wax. — Jornais são *terríveis* fontes de pesquisa. Preciso saber o que estava no primeiro carregamento.

— O primeiro carregamento, milorde?

— Do primeiro vagão que os ladrões roubaram.

— A srta. Grimes observaria que o senhor parece estar voltando aos velhos hábitos, milorde.

— Felizmente, a srta. Grimes não está aqui. Além disso, o Lorde Harms e sua filha pareceram *perplexos* por eu não saber sobre os roubos. Preciso ficar a par dos eventos da cidade.

— É uma desculpa excelente, milorde.

— Obrigado — disse Waxillium, pegando a xícara de chá. — Eu mesmo quase me convenci disso. — Ele bebeu um gole. — Meu caro, pelas Asas de Preservação! Isso é *bom*.

— Obrigado, milorde. — Tillaume pegou o guardanapo, abriu-o e, em seguida, dobrou-o ao meio, deixando-o no braço da poltrona de Waxillium. — E *acredito* que a primeira coisa roubada foi um carregamento de lã. No início da semana, ouvi algumas pessoas conversando sobre isso no açougue.

— Lã. Isso não faz o menor sentido.

— Nenhum desses crimes faz muito sentido, milorde.

— Sim — disse Waxillium. — Infelizmente, esse é o tipo de crime mais interessante. — Ele bebeu mais um gole do chá. O aroma forte, mentolado, pareceu limpar seu nariz e sua mente. — Preciso de

papel.

— O quê...

— Uma folha grande — continuou Waxillium. — A maior que puder encontrar.

— Verei o que temos, milorde — disse Tillaume.

Waxillium percebeu um leve suspiro de exasperação do homem, embora ele tenha saído do quarto para buscar o que foi pedido.

Quanto tempo havia passado desde que começara aquela pesquisa? Wax olhou para o relógio e ficou surpreso com a hora. Já era noite alta. Bem, agora já estava envolvido. Não dormiria até chegar a alguma conclusão. Levantou-se e começou a andar de um lado para outro, segurando a xícara de chá e o pires. Ficou longe das janelas. Com a iluminação do quarto, seria um alvo excelente para um atirador lá fora. Não que ele realmente achasse que *haveria* um, mas… bem, ele se sentia mais confortável assim.

Lã, pensou ele. Foi até a mesa e abriu um livro contábil, observando alguns números. Ficou tão absorto que não percebeu o tempo que passou até Tillaume retornar.

— Serve isto, milorde? — perguntou ele, trazendo um cavalete de pintor com um grande bloco de papel preso. — O velho Lorde Ladrian mantinha isso para sua irmã. Ela amava desenhar.

Waxillium olhou para o cavalete e sentiu um aperto no coração. Fazia séculos que não pensava em Telsin. Tinham sido muito distantes na maior parte da vida. Não era proposital, como a distância que manteve do tio; Waxillium e o antigo Lorde Ladrian tiveram suas diferenças. Não, sua distância em relação a Telsin havia nascido mais da preguiça. Vinte anos de separação, vendo a irmã poucas vezes, fizeram com que levasse a vida sem muito contato com ela.

Então, Telsin morreu no mesmo acidente que matou o tio. Wax desejou que essa notícia tivesse sido difícil para ele. *Deveria* ter sido mais difícil para ele. Mas, na época, ela já era uma estranha.

— Milorde? — perguntou o mordomo.

— O papel está perfeito. — disse Waxillium, erguendo-se e pegando um lápis. — Obrigado. Achei que teríamos que pendurar o papel na parede.

— Pendurá-lo?

— Isso. Eu costumava usar pedacinhos de alcatrão.

Essa ideia pareceu deixar Tillaume *muito* desconfortável. Waxillium ignorou-o, aproximando-se e começando a escrever no bloco.

— É um papel ótimo.

— Fico feliz, milorde — disse Tillaume, inseguro.

Waxillium desenhou um trenzinho no canto superior esquerdo, com um trilho diante dele. Escreveu uma data embaixo dele.

— Primeiro roubo. Catorze de Vinuarch. Alvo: lã. Supostamente.

Da mesma forma, acrescentou mais trens, trilhos, datas e detalhes ao papel.

Wayne sempre zombara dele quando desenhava os elementos dos crimes para ajudá-lo a pensar, mas o método funcionava, embora com frequência tivesse que aguentar os acréscimos engraçadinhos de Wayne, pequenos bandidos na forma de bonecos de palito ou espectros das brumas criando tumulto em seus esboços e notas limpos e organizados.

— O segundo roubo aconteceu muito depois — continuou Waxillium. — Metais. Depois do primeiro

roubo, Lorde Tekiel não fez nenhum alvoroço. Meses se passaram. — Ele bateu os dedos no papel e riscou a palavra “lã”. — Ele não perdeu um carregamento de lã. O roubo aconteceu no início do verão, e os preços da lã estariam baixos demais para justificar o frete. Se me lembro, os fretes ficaram estranhamente altos em Vinuarch, porque a 18ª ferrovia estava fora de operação. Só mesmo um homem com uma migalha de pão no lugar do cérebro pagaria um acréscimo para transportar produtos fora de estação a pessoas que não os queriam.

— Então… — disse Tillaume.

— Só um momento — pediu Waxillium. Caminhou até a estante ao lado da mesa e pegou alguns livros contábeis. O tio tinha alguns manifestos de embarque ali…

Isso. O velho Lorde Ladrian acompanhava com *muita* atenção o que as casas concorrentes estavam transportando. Waxillium analisou as listas em busca de coisas estranhas. Levou um pouco de tempo, mas, por fim, conseguiu criar uma teoria.

— Alumínio — disse Waxillium. — Tekiel provavelmente transportava alumínio, mas, para evitar impostos, disse que era outra coisa. Aqui, ele declarou que os carregamentos de alumínio nos últimos dois anos foram menores que nos anos anteriores. No entanto, suas fundições ainda estavam produzindo. Aposto minha melhor arma que Augustin Tekiel, com a ajuda de alguns funcionários da ferrovia, mantinha uma operaçãozinha de contrabando eficiente e rentável. Por isso não fez grande alarde sobre o roubo no início; não quis chamar atenção.

Waxillium voltou e escreveu algumas anotações no papel. Levou a xícara de chá aos lábios e assentiu para si mesmo.

— Isso também explica a longa espera entre o primeiro e o segundo roubos. Os bandidos estavam usando aquele alumínio. Provavelmente venderam um tanto no mercado negro para financiar sua operação e usaram o restante para fazer balas. Mas por que eles *precisariam* de balas de alumínio?

— Para matar alomânticos? — perguntou Tillaume. Ele estava arrumando o cômodo enquanto Waxillium lia os livros contábeis.

— Exato. — Waxillium desenhou imagens de rostos acima de três dos roubos, aqueles nos quais haviam levado reféns.

— Milorde? — perguntou Tillaume, aproximando-se. — Acha que as reféns são alomânticas?

— Todos os nomes foram divulgados — comentou Waxillium. — Todas as quatro mulheres são de famílias ricas, mas nenhuma delas era conhecida por ter poderes alomânticos.

Tillaume permaneceu em silêncio, pois isso não queria dizer muita coisa. Muitos alomânticos entre a nata da sociedade eram discretos quanto aos seus poderes. Havia muitas situações em que eles podiam ser úteis; por exemplo, se a pessoa fosse um Tumultuador ou um Abrandador, capaz de influenciar as emoções de outras, ela não desejaria que as pessoas suspeitassem.

Em outros casos, a Alomancia era ostentada. Um candidato recente à cadeira dedicada aos criadores de orquídeas no Senado havia concorrido exclusivamente com a plataforma de que era um Nuvem de Cobre e, portanto, era impossível manipulá-lo com zinco ou latão. O candidato venceu de lavada. As pessoas odiavam pensar que alguém poderia controlar secretamente seus líderes.

Waxillium começou a anotar suas especulações nas margens do papel: motivos, maneiras de esvaziar os vagões de carga tão rapidamente, similaridades e diferenças entre os assaltos. Enquanto escrevia, hesitou, mas depois acrescentou alguns bandidos feitos com bonecos de palito no alto, desenhando com o estilo relaxado de Wayne. Embora fosse maluquice, sentiu-se melhor com eles ali.

— Aposto que todas as reféns são alomânticas — comentou Waxillium. — Os bandidos tinham balas de alumínio para lidar com Lançamoedas, Atraidores e Brutamontes. E eu apostaria um bom dinheiro na possibilidade de usarem forro de alumínio no chapéu para evitar que suas emoções sejam *puxadas* ou *empurradas*. — Isso não era raro entre a elite da cidade, embora homens comuns não pudessem se dar a esse luxo.

Os roubos *não* tinham sido feitos pelo dinheiro, mas pelas reféns. Por isso não foi exigido nenhum resgate e por isso os corpos das reféns não foram descobertos jogados em algum lugar. Os roubos serviam apenas para obscurecer os verdadeiros motivos dos sequestros. As vítimas não foram reféns escolhidas no "calor do momento", mas alvos premeditados. Os Desaparecidos estavam reunindo alomânticas. E metais alomânticos: até agora, aço puro, peltre, ferro, zinco, latão, estanho e inclusive um tanto de curvaliga.

— Isso é perigoso — sussurrou Waxillium. — Muito perigoso.

— Milorde… — disse Tillaume. — O senhor não ia repassar os livros contábeis da casa?

— Sim — disse Waxillium distraidamente.

— E o aluguel para os novos escritórios no Espinha de Ferro?

— Consigo ver isso hoje à noite também.

— Milorde, quando?

Waxillium fez uma pausa e verificou seu relógio de bolso. Novamente, ficou surpreso com o tempo que havia passado.

— Milorde — disse Tillaume. — Já contei ao senhor sobre os dias de corridas de cavalo de seu tio?

— Tio Edwarn era um apostador?

— Sim, era. Esse foi um grande problema para a casa logo depois da ascensão de seu tio a alto lorde. Ele passava a maior parte de seus dias na pista de corrida.

— Não me surpreende que tenhamos falido.

— Na verdade, ele era muito *bom* nas apostas, milorde. Em geral, ele ganhava mais do que perdia. Muito mais.

— Ah.

— De qualquer forma, ele parou — comentou Tillaume, recolhendo a bandeja e a xícara de chá vazia de Waxillium. — Infelizmente, milorde, enquanto ele ganhava pequenas fortunas nas corridas, a casa perdia uma *grande* fortuna em negócios e acordos financeiros ruins. — Ele caminhou até a porta, mas se virou. Seu semblante, em geral sombrio, aliviou-se. — Não é minha função dar reprimendas, milorde. Um homem pode e deve tomar suas decisões. Mas deixo um aviso: mesmo uma coisa boa pode se tornar destrutiva se tomada em excesso. Sua casa *precisa* do senhor. Milhares de famílias dependem do senhor. Precisam de sua liderança e de sua orientação. Entendo que o senhor não pediu por isso, mas a marca de um grande homem é saber quando deixar de lado coisas importantes para realizar as coisas vitais.

O mordomo saiu, fechando a porta.

Waxillium ficou sozinho sob o brilho assustadoramente contínuo das luzes elétricas, olhando para seu diagrama. Deixou o lápis de lado, de repente sentindo-se exaurido, e tirou o relógio do bolso. Eram duas e quinze. Devia dormir um pouco. Pessoas normais estariam dormindo.

Ele reduziu a luz para não destacar sua silhueta e foi até a janela. Ainda estava chateado por não ver

brumas, embora não as esperasse. *Nem fiz as orações diárias*, percebeu ele. *As coisas foram muito caóticas hoje.*

Bem, antes tarde do que nunca. Enfiou a mão no bolso e tirou seu brinco. Era simples, estampado na ponta com os dez anéis interligados do Caminho. Encaixou-o em uma orelha, que era furada para esse fim, e se recostou à janela para encarar a cidade escurecida.

Não havia postura prescrita para orar como um caminhante. Apenas quinze minutos de meditação e ponderação. Alguns gostavam de se sentar com as pernas cruzadas e os olhos fechados, mas Waxillium sempre achara *mais difícil* pensar nessa postura. Fazia as costas doerem e a espinha fisgar. E se alguém se esgueirasse por trás dele e o acertasse com um tiro pelas costas?

Então, ficava em pé. E ponderava. *Como estão as coisas aí em cima nas brumas?*, pensou ele. Nunca sabia ao certo como falar com Harmonia. *A vida vai bem, imagino? Sendo Deus e tudo o mais?*

Em resposta, teve uma sensação de… divertimento. Nunca conseguia dizer se ele criava aquelas sensações sozinho ou não.

Bem, como não sou Deus, pensou Waxillium, *talvez você pudesse usar sua onisciência para me conseguir algumas respostas. Parece que estou em uma enrascada.*

Um pensamento discordante. Aquela não era como a maioria das enrascadas em que ele estivera. Não estava amarrado, prestes a ser assassinado. Não estava perdido nas Terras Brutas, sem água ou comida, tentando encontrar um caminho de volta à civilização. Estava numa mansão opulenta, e, embora sua família estivesse passando por problemas financeiros, não era nada a que não pudessem sobreviver. Tinha uma vida de luxo e uma cadeira no Senado da cidade.

Por que, então, aqueles últimos seis meses pareciam ter estado entre os mais difíceis que já vivera? Uma série infinita de relatórios, livros contábeis, jantares e acordos de negócios.

O mordomo tinha razão. Muitos *dependiam* dele. A Casa Ladrian começara com milhares de indivíduos que seguiam a Origem e cresceu muito em trezentos anos, recebendo sob sua proteção qualquer um que viesse trabalhar em suas propriedades e fundições. Os acordos que Waxillium negociava determinavam seus salários, seus privilégios, seu estilo de vida. Se sua casa entrasse em colapso, eles encontrariam emprego em outro lugar, mas seriam considerados membros menores daquelas casas por uma geração ou duas até obterem direitos plenos.

Já fiz coisas difíceis antes, pensou ele. *Posso fazer essa também. Se for correta. É correta?*

Steris tinha chamado o Caminho de uma religião simples. Talvez fosse. Havia apenas um mandamento básico: fazer mais o bem que o mal. Havia outros aspectos: a crença de que toda verdade é importante e a exigência de dar mais do que tomar. Havia trezentos exemplos relacionados nas “Palavras de Fundação”, religiões que poderiam ter existido. Talvez tivessem existido. Em outros tempos, em outro mundo.

O Caminho devia estudá-los, aprender com seus códigos morais. Algumas regras eram essenciais: não buscar a luxúria sem compromisso, ver as forças em todas as falhas, rezar e meditar durante quinze minutos por dia e não perder tempo adorando Harmonia. Fazer o bem *era* a adoração.

Waxillium havia se convertido ao Caminho logo depois de sair de Elendel. Estava convencido de que a mulher que encontrara naquela viagem de trem era uma dos Imortais sem Rosto, as mãos de Harmonia. Ela lhe dera seu brinco; todo caminhante usava um enquanto rezava.

O problema era que Waxillium tinha dificuldade em sentir que estava fazendo algo útil. Almoços e livros contábeis, contratos e negociações. Sabia, é claro, que tudo aquilo era importante, mas não

deixava de ser, mesmo seus votos no Senado, abstrato. Não se comparava a ver um assassino preso ou a resgatar uma criança sequestrada. Na juventude, ele vivera na cidade, o centro mundial de cultura, ciência e progresso, mas só se encontrou quando a deixou e perambulou pelas terras poeirentas e inférteis além das montanhas.

Use seus talentos, algo parecia sussurrar dentro dele. *Você vai descobrir o que fazer.*

Isso fez com que ele sorrisse, melancólico. Não conseguia evitar perguntar-se, se Harmonia estava *mesmo* ouvindo, por que não lhe dava respostas mais específicas. Com frequência, tudo que Waxillium conseguia era uma sensação de incentivo. *Continue. Não é tão difícil quanto parece. Não desista.*

Ele suspirou, apenas fechando os olhos e perdendo-se em pensamentos. Outras religiões tinham cerimônias e encontros. Não os caminhantes. Em certo sentido, a simplicidade tornava o Caminho muito mais difícil, pois deixava a interpretação a cargo da consciência de cada pessoa.

Depois de meditar por um tempo, não pôde evitar o sentimento de que Harmonia queria que ele estudasse os Desaparecidos *e* fosse um bom lorde de sua casa. As duas funções não se excluíam mutuamente? Tillaume achava que sim.

Waxillium olhou para a pilha de jornais atrás dele e o cavalete com o bloco de desenho. Enfiou a mão no bolso e pegou a bala que Wayne havia deixado.

E, contra sua vontade, viu Lessie, a cabeça sendo jogada para trás, o sangue espirrando no ar. Sangue cobrindo seu lindo cabelo castanho. Sangue no chão, nas paredes, no assassino que estava em pé atrás dela. Mas não fora o assassino quem a alvejara.

Ah, Harmonia, pensou ele, levando a mão à cabeça e sentando-se devagar, com as costas apoiadas na parede. *Tudo isso é mesmo por causa dela, não é? Não posso fazer isso de novo. De novo, não.*

Ele soltou a bala e tirou o brinco. Ergueu-se, arrumou os jornais e fechou o bloco. Ninguém havia sido ferido pelos Desaparecidos ainda. Estavam roubando as pessoas, mas não as machucavam. Não havia nem prova de que as reféns estavam em perigo. Provavelmente seriam devolvidas depois que as exigências de resgate fossem cumpridas.

Waxillium sentou-se para trabalhar nos livros contábeis de sua casa e deixou que eles absorvessem sua atenção até tarde da noite.

4

— Pelos antebraços de Harmonia — murmurou Waxillium, entrando no grandioso salão de baile. — É isso que estão chamando de um jantar de casamento modesto? Tem mais gente aqui do que em *cidades* inteiras das Terras Brutas.

Waxillium visitara a mansão de Yomen uma vez na juventude, mas o grande salão de baile estava vazio naquela ocasião. Agora, estava cheio, com fileiras e fileiras de mesas, mais de uma centena, alinhadas no assoalho de madeira maciça da câmara cavernosa. Ladies, lordes, oficiais eleitos e a elite rica se movimentavam e conversavam num zumbido baixo, todos em suas melhores roupas. Joias reluzentes. Ternos pretos impecáveis com gravatas coloridas. Mulheres em vestidos da moda: cores profundas, saias que iam até o chão com muitas camadas e rendas. A maioria das mulheres usava casacos justos, parecidos com coletes, com decotes muito mais baixos agora do que na sua infância. Talvez ele apenas estivesse mais propenso a percebê-los.

— O que foi, Waxillium? — perguntou Steris, virando-se para o lado e deixando que ele a ajudasse a tirar seu sobretudo. Usava um vestido vermelho elegante, que parecia calculadamente desenhado para estar completamente na moda sem ser muito ousado.

— Eu só estava observando as proporções dessa reunião, minha cara — respondeu Waxillium, dobrando o casaco e entregando-o, junto com seu chapéu-coco, a um atendente que aguardava. — Já estive em vários eventos desde o meu retorno à cidade e nenhum foi tão imenso. Praticamente metade da cidade parece ter sido convidada.

— Bem, é um evento especial — disse ela. — Um casamento entre duas casas bem relacionadas. Não quiseram deixar ninguém de fora. Exceto, claro, aqueles que deixaram de fora de propósito.

Steris estendeu o braço para que Wax o tomasse. Ele tinha recebido uma aula sobre isso durante o trajeto de carruagem. Seu braço acima do dela, tomando a mão levemente, os dedos enrolados por baixo da palma da mão de Steris. Parecia um gesto terrivelmente afetado, mas ela insistiu que isso transmitiria o significado exato do que pretendiam. De fato, assim que entraram no salão, atraíram diversos olhares interessados.

— Está insinuando que um dos objetivos desse jantar de casamento não foi escolher os convidados, mas quem *não* seria chamado? — comentou Waxillium.

— Precisamente — disse ela. — E para alcançar esse objetivo, *todo o restante* precisou ser convidado. Os Yomen são poderosos, embora acreditem no Centelhismo. Uma religião horrenda. Imagine, reverenciar o próprio Olhos de Ferro. De qualquer forma, ninguém vai ignorar um convite para esta celebração. E assim, aqueles que foram desprezados não apenas se verão sem uma festa para ir, mas incapazes de arranjar uma diversão própria, pois todos que poderiam convidar estarão aqui. Isso fará com que se associem a outros não convidados, reforçando sua situação de excluídos, ou que fiquem

sozinhos em casa, pensando em como foram insultados.

— Na minha experiência, cultivar esse tipo de ressentimento infeliz leva a uma alta probabilidade de ser alvejado — disse Waxillium.

Ela sorriu, acenando com afeição calculada para alguém por quem passaram.

— Não estamos nas Terras Brutas, Waxillium. Aqui é a cidade. Não fazemos esse tipo de coisa.

— Não, vocês não. Atirar nas pessoas seria caridoso demais para o povo da cidade.

— Você nem viu o pior — observou ela, acenando para outra pessoa. — Está vendo aquela pessoa de costas para nós? O homem troncudo de cabelo mais longo?

— Sim.

— Lorde Shewrman. Um conviva famoso por ser terrivelmente desagradável. É completamente entediante quando não bebe e um bufão quando bebe, o que acontece na maior parte do tempo, devo acrescentar. Provavelmente é a pessoa menos apreciada de toda a alta sociedade. A maioria das pessoas aqui preferiria passar uma hora amputando um *dedo do pé* a passar alguns momentos conversando com ele.

— Então, por que ele está aqui?

— Pelo insulto, Waxillium. Aqueles que foram esnobados ficarão ainda mais perplexos ao saber que Shewrman esteve aqui. Ao convidar algumas ligas ruins como ele, homens e mulheres que são extremamente indesejáveis e não percebem, a Casa Yomen está dizendo que prefere passar seu tempo com *essas* pessoas a passá-lo com quem não foi convidado. Muito eficaz. Muito maléfico.

Waxillium bufou.

— Se alguém tentasse fazer algo grosseiro assim em Intempérie, terminaria amarrado pelos tornozelos nas vigas do teto. Se tivesse sorte.

— Hum. Sim. — Uma serviçal aproximou-se, gesticulando para que eles a seguissem até uma mesa. — Você entende — continuou Steris com mais suavidade — que não vou reagir à sua atitude de “ignorante fronteiriço”, não entende, Waxillium?

— Atitude?

— Sim — disse ela, distraída. — Você é homem. A perspectiva do casamento deixa os homens desconfortáveis, e eles tentam se agarrar à liberdade. Portanto, você começou a regredir, fazendo comentários selvagens para provocar uma reação em mim. É seu instinto de independência masculina, um exagero intencional, embora inconsciente, para impedir o casamento.

— Você acha que é exagero, Steris — disse Waxillium enquanto se aproximavam da mesa —, mas pode ser que eu seja assim.

— Você é o que escolhe ser, Waxillium — comentou ela. — Quanto a essas pessoas aqui e às escolhas feitas pela Casa Yomen, não fui eu quem fiz as regras. Nem as aprovo, pois muitas são inconvenientes. Mas é a sociedade em que vivemos. Portanto, aprendi a sobreviver a este ambiente.

Waxillium franziu a testa enquanto ela soltava seu braço e cumprimentava afetuosamente algumas mulheres na mesa ao lado com beijos na bochecha; ao que parecia, eram parentes distantes. Ele se viu levando as mãos às costas e assentindo com um sorriso civilizado àqueles que vinham cumprimentar o casal.

Havia se comportado bem nos últimos meses, perambulando entre a alta sociedade, e as pessoas o

tratavam com mais amabilidade do que antes. Tinha até se afeiçoado a algumas que se aproximaram. Contudo, a natureza do que estava fazendo ali com Steris ainda o deixava desconfortável, e ele achava difícil aproveitar a conversa.

Além disso, aquela quantidade de gente no mesmo lugar ainda o deixava inquieto. Confusão demais, difícil demais observar as saídas. Preferia festas menores, ou ao menos aquelas que se espalhavam por um grande número de salas.

A noiva e o noivo chegaram, e as pessoas se levantaram para aplaudir. Lorde Joshin e Lady Mi'chelle; Waxillium não os conhecia, mas se perguntava por que estavam falando com um homem imundo todo vestido de preto, que mais parecia um mendigo. Felizmente, não parecia que Steris pretendia arrastá-los até a fila daqueles que queriam congratular os recém-casados o mais rápido possível.

Logo serviram a refeição para as primeiras mesas. A prataria começou ser usada. Steris mandou um serviçal preparar sua mesa, e Waxillium passou esse tempo inspecionando a sala. Havia duas sacadas, uma em cada lado mais estreito do salão de bailes retangular. Parecia haver espaço para jantar lá, embora não houvesse mesas preparadas. Estavam sendo usadas por músicos naquele dia, um grupo de harpistas.

Lustres majestosos pendiam do teto — seis enormes no centro, equipados com milhares de peças brilhantes de cristal. Doze menores nas laterais. *Luzes elétricas,* observou. *Devia ser um horror acender aqueles lustres antes da conversão.*

O simples custo de uma festa como aquela o deixava atordoado. Podia alimentar Intempérie por um ano com o que tinha sido gasto naquela única noite. Seu tio vendera o salão de festas dos Ladrian alguns anos antes — era um prédio separado, num bairro diferente do da mansão. Isso deixava Waxillium feliz; pelo que se lembrava, era grande como aquele onde estava. Se ainda o tivesse, as pessoas talvez esperassem que oferecesse festas opulentas como aquela.

— Então? — perguntou Steris, estendendo o braço para ele de novo enquanto a serviçal se aproximava para conduzi-los mais uma vez até a mesa. Waxillium conseguiu ver Lorde Harms e a prima de Steris, Marasi, já sentados.

— Estou lembrando por que saí da cidade — disse Waxillium, com sinceridade. — A vida é tão *difícil* aqui.

— Muitos diriam isso das Terras Brutas.

— E poucos viveram nos dois lugares — comentou Waxillium. — Viver aqui envolve uma dificuldade diferente, mas ainda assim é difícil. Marasi vai se juntar a nós?

— Claro.

— O que *há* com ela, Steris?

— Ela é dos Campos Externos e queria muito frequentar a universidade aqui na cidade. Meu pai teve pena dela, pois seus pais não têm meios de sustentá-la. Então, permitiu que morasse conosco durante os estudos.

Uma explicação válida, ainda que parecesse ter saído da boca de Steris muito rápido. Era uma desculpa ensaiada ou Waxillium estava conjecturando demais? De qualquer forma, a discussão foi interrompida quando Lorde Harms se levantou para cumprimentar a filha.

Waxillium cumprimentou Lorde Harms com um aperto de mão, tomou a mão de Marasi, curvando-se, e depois se sentou. Steris começou a falar com o pai sobre pessoas que observou estarem presentes ou

ausentes, e Waxillium descansou os cotovelos na mesa, ouvindo-a sem prestar muita atenção.

Seria difícil defender este salão, pensou, distraído. *Atiradores naquelas sacadas funcionariam, mas seria preciso posicionar alguns em cada uma delas, com o cuidado de garantir que ninguém ficasse embaixo das sacadas.* Qualquer um com uma arma forte o bastante — ou os poderes alomânticos certos — poderia derrubar os atiradores dali. Os pilares abaixo das sacadas também serviriam como um ótimo abrigo.

Quanto mais cobertura houvesse, melhor seria para aqueles que estivessem em menor número. Não que alguém quisesse estar em menor número, mas ele raramente se vira numa briga em que não estivesse. Então, procurou por cobertura. Em campo aberto, um tiroteio seria vencido por quem tivesse o maior número de homens com armas. Mas, assim que se conseguia um esconderijo, habilidade e experiência começavam a pesar. Talvez aquele salão não fosse um lugar tão ruim para um combate, no fim das contas. Ele…

Ele hesitou. O que estava fazendo? Ele *tomara* uma decisão. Precisava confirmá-la a cada poucos dias?

— Marasi — disse ele, forçando-se a participar da conversa —, sua prima me contou que a senhorita estuda na universidade.

— Estou no meu último ano — respondeu ela.

Ele esperou uma continuação, mas ela não veio.

— E como vão seus estudos?

— Bem — disse ela, e abaixou os olhos, segurando o guardanapo.

Que produtivo, pensou, soltando um suspiro. Felizmente, parecia que um serviçal se aproximava. O homem esguio serviu vinho para eles.

— A sopa virá em breve — explicou, com um leve sotaque terrisano, marcado pelas vogais altas e um leve tom anasalado.

A voz fez Waxillium ficar paralisado.

— A sopa de hoje é um delicioso bisque de camarão com um leve toque de pimenta — continuou o serviçal. — Acho que os senhores vão gostar bastante. — Ele olhou para Waxillium, com os olhos brilhando de divertimento. Embora usasse um nariz e uma peruca falsa, aqueles eram os olhos de Wayne.

Waxillium soltou um grunhido baixo.

— Milorde não gosta de camarão? — perguntou Wayne, horrorizado.

— O bisque é muito bom — comentou Lorde Harms. — Já tomei em outra festa dos Yomen.

— Não é a sopa — retrucou Waxillium. — Eu só me lembrei de uma coisa que me esqueci de fazer.

Envolve estrangular uma pessoa.

— Voltarei em breve com a sopa, milordes e miladies — prometeu Wayne. Ele inclusive usava uma fileira falsa de brincos terrisanos nas orelhas. Claro que Wayne *era* parte terrisano, como o próprio Waxillium. Uma prova eram suas capacidades feruquêmicas, o que era raro na população; embora quase um quinto dos Originadores fosse terrisano, eles não tendiam a se casar com outras etnias.

— Aquele serviçal não parece familiar? — perguntou Marasi, virando-se e observando enquanto ele se afastava.

— Deve ter nos atendido na última vez que estivemos aqui — respondeu Lorde Harms.

— Mas eu não estava com vocês na última…

— Lorde Harms — interveio Waxillium —, o senhor teve notícias sobre sua parente? Aquela que foi sequestrada pelos Desaparecidos?

— Não — respondeu ele, tomando um gole de vinho. — Ruína para aqueles bandidos! Esse tipo de coisa é *absolutamente* inaceitável. Deveriam restringir esse comportamento às Terras Brutas!

— Concordo — disse Steris. — De alguma forma, o respeito pela polícia diminui quando coisas assim ocorrem. E um assalto *dentro* da cidade! É terrível.

— Como era? — perguntou Marasi de repente. — Lorde Ladrian? Como era viver onde não havia lei? — Ela parecia genuinamente curiosa, embora seu comentário tenha suscitado um olhar duro de Lorde Harms, provavelmente por trazer à tona o passado de Waxillium.

— Às vezes, era difícil — admitiu Waxillium. — Lá, algumas pessoas simplesmente acreditam que podem pegar o que quiserem. Ficavam realmente *surpresas* quando alguém as enfrentava. Olhavam-me como se eu fosse algum sabotador, o único que não compreendia o jogo que todos jogavam.

— Jogo? — perguntou Lorde Harms, franzindo a testa.

— Uma figura de linguagem, Lorde Harms — respondeu Waxillium. — Todos pareciam pensar que, se fossem habilidosos ou estivessem bem armados, poderiam pegar o que quisessem. Eu era os dois, mas, ainda assim, em vez de pegar o que quisesse, eu os *impedia* de pegar. Achavam isso chocante.

— Era muito corajoso de sua parte — disse Marasi.

Ele deu de ombros.

— Sinceramente, não era coragem. Eu meio que caía por acaso nessas situações.

— Mesmo quando enfrentou os Infalíveis?

— Esse foi um caso especial. Eu… — Ele hesitou. — Como você soube *disso?*

— Os relatos vazam — comentou Marasi, corando. — Das Terras Brutas. A maioria deles acaba sendo escrito por alguém. É possível encontrá-los na universidade ou na livraria certa.

— Ah. — Desconfortável, ele pegou a taça e bebeu um pouco de vinho.

Enquanto fazia isso, algo deslizou para dentro de sua boca, e, com o susto, quase cuspiu todo o vinho. Ele se conteve. Mais ou menos.

Wayne, vou mesmo *estrangular você!*, pensou. Ele soltou o objeto na mão, disfarçando o gesto com uma tosse.

— Bem — disse Steris —, com sorte, os policiais logo vão cuidar desses rufiões e poderemos voltar à paz e à lei.

— Na verdade — disse Marasi —, acho que isso não é provável.

— Menina — disse Lorde Harms, com firmeza. — Já chega.

— Gostaria de ouvir o que ela tem a dizer, milorde — disse Waxillium. — Em prol da conversa.

— Ora… tudo bem… Eu acho.

— É apenas uma teoria que tenho — disse Marasi, já enrubescendo. — Lorde Ladrian, quando o senhor era vigilante em Intempérie, qual era a população da cidade?

Ele tateou o objeto em sua mão. Um estojo de bala usado, que havia sido lacrado com um pouco de cera.

— Bem, a população começou a crescer rapidamente nos últimos anos, mas, na maior parte do tempo, eu diria que ficou em aproximadamente 1.500 pessoas.

— E a área ao redor? — perguntou ela. — Todos os lugares que o senhor patrulhava e que não tinham seus próprios vigilantes?

— Talvez três mil no total — respondeu Waxillium. — Depende. Há muita gente que transita nas Terras Brutas. Pessoas procurando minerais ou um lugar para iniciar uma plantação. Trabalhadores que se mudam de um lugar para outro.

— Digamos que havia três mil — disse Marasi. — E quantos de vocês havia lá? Aqueles que ajudavam o senhor a manter a lei?

— Cinco ou seis, depende — respondeu ele. — Wayne e eu. Barl, na maior parte do tempo. Alguns outros, indo e vindo.

E Lessie, pensou ele.

— Digamos que eram seis para cada três mil — disse ela. — Isso nos deixa com uma conta fácil. Um homem da lei para cada quinhentas pessoas.

— Qual é o objetivo disso? — perguntou Lorde Harms, aflito.

— A população de nosso oitante é de mais ou menos seiscentas mil pessoas — explicou ela. — Respeitando a mesma média que Lorde Ladrian descreveu, deveríamos ter cerca de 1.200 policiais. Mas não temos. Temos aproximadamente seiscentos, desde a última vez que verifiquei os números. Então, Lorde Ladrian, suas terras "selvagens" tinham, na verdade, *o dobro* do número de homens da lei em serviço que temos aqui na cidade.

— Hum — disse ele. *Eram informações estranhas para uma jovem abastada.*

— Não estou tentando diminuir seus feitos — disse ela depressa. — O senhor muito provavelmente enfrentava um percentual mais alto de infratores também, já que a reputação das Terras Brutas atrai esse tipo de gente. Mas acho que é uma questão de percepção. Como o senhor disse, fora da cidade, as pessoas esperam sair impunes de seus crimes. Aqui, os criminosos são mais circunspectos… e muitos dos crimes têm menos alcance. Em vez de o banco ser roubado, uma dúzia de pessoas são roubadas no caminho para casa à noite. A natureza do ambiente urbano facilita a impunidade, se a pessoa mantiver seus crimes abaixo de certo nível de visibilidade. Mas eu não diria que a vida é realmente *mais segura* na cidade, apesar do que as pessoas pensam. Aposto que mais pessoas são assassinadas aqui, proporcionalmente, do que nas Terras Brutas. No entanto, há tantas coisas acontecendo na cidade que as pessoas prestam menos atenção aos crimes. Em contraste, quando um homem é assassinado numa cidade pequena, isso é muito perturbador... mesmo se for o único assassinato que aconteceu em anos. E tudo isso sem contar o fato de que muito da riqueza do mundo está concentrada em poucos lugares dentro da cidade. A riqueza atrai homens em busca de oportunidades. Há uma *horda* de motivos pelos quais a cidade é mais perigosa que as Terras Brutas. Só que fingimos que não é.

Waxillium cruzou os braços sobre a mesa. *Curioso.* Assim que começou a falar, Marasi não pareceu nem um pouco tímida.

— Está vendo, milorde? — disse Harms. — Foi por isso que tentei calá-la.

— Teria sido uma pena se o senhor tivesse conseguido — disse Waxillium —, pois acredito que seja a coisa mais interessante que alguém já me disse desde que voltei a Elendel.

Marasi sorriu, embora Steris tenha apenas revirado os olhos. Wayne voltou com a sopa. Infelizmente,

a área à volta deles estava cheia, e Wayne não seria capaz de criar uma bolha de velocidade somente ao redor de si e de Waxillium. Pegaria mais alguém, e alguém dentro dela ficaria veloz também. Wayne não podia dar forma à bolha ou escolher quem seria afetado.

Com os outros distraídos pela sopa, Waxillium rompeu o lacre de cera do cartucho e encontrou um pequeno papel enrolado lá dentro. Olhou para Wayne e depois o desenrolou. Estava escrito: *Você tinha razão*.

— Em geral, eu tenho — murmurou ele enquanto Wayne colocava uma tigela de sopa diante dele. — O que você está aprontando, Wayne?

— Sua mesa, milorde — disse Wayne, baixinho. — Está do seu agrado ou prefere de outro jeito?

Waxillium lançou um olhar fixo para ele, mas foi ignorado quando Wayne continuou, explicando, com seu leve sotaque terrisano, que logo voltaria com um cesto de pães e mais vinho para o grupo.

— Lorde Ladrian — disse Steris quando começaram a comer —, sugiro que comecemos a compilar uma lista de assuntos sobre os quais poderemos conversar na companhia de outros. Os tópicos não devem incluir política ou religião, mas devem ser memoráveis e nos dar a oportunidade de parecer cativantes. O senhor conhece dizeres ou histórias particularmente espirituosas que possam servir como nosso ponto de partida?

— Uma vez, arranquei o rabo de um cachorro com um tiro por engano — disse Waxillium, distraído. — É uma história engraçada.

— Atirar em cães não é um assunto adequado para uma conversa durante o jantar — comentou Steris.

— Eu sei. Ainda mais porque eu estava mirando nas bolas dele.

Marasi quase cuspiu a sopa em cima da mesa.

— Lorde Ladrian! — exclamou Steris, embora o pai parecesse se divertir com a história.

— Pensei que a senhorita tivesse dito que eu não poderia chocá-la mais — disse ele a Steris. — Eu estava apenas testando sua hipótese, minha cara.

— Francamente. O senhor *vai* superar essa falta de decoro rural, não vai?

Ele mexeu a sopa para ter certeza de que Wayne não havia escondido nada nela. *Espero que ao menos tenha lavado aquele cartucho.*

— Suspeito de que vou, sim, superá-la no fim das contas — disse ele, levando a colher aos lábios. A sopa estava ótima, mas muito fria. — O divertido é que, nas Terras Brutas, eu era considerado altamente refinado… tanto que, na verdade, me achavam arrogante.

— Considerar um homem refinado pelos padrões das Terras Brutas — comentou Lorde Harms, erguendo um dedo — é como dizer que um tijolo é macio para os padrões dos materiais de construção… pouco antes de esmagá-lo no rosto de alguém.

— Papai! — exclamou Steris. Olhou feio para Waxillium, como se o comentário tivesse sido culpa dele.

— Uma comparação perfeitamente legítima — comentou Lorde Harms.

— Não vamos mais falar em atingir pessoas com tijolos ou tiros, *independentemente* do alvo!

— Muito bem, prima — concordou Marasi. — Lorde Ladrian, ouvi dizer que o senhor jogou a faca de um homem nele mesmo e o atingiu bem no olho. É verdade?

— Na verdade, a faca era de Wayne — respondeu Waxillium. Ele hesitou. — E acertar o olho foi um

acidente. Eu estava mirando nas bolas dessa vez também.

— Lorde Ladrian! — disse Steris, quase lívida.

— Eu sei. Muito longe do alvo. Eu sou *realmente* ruim com facas.

Steris olhou para eles, ficando mais vermelha quando viu o pai dando uma risadinha e tentando escondê-la com o guardanapo. Marasi a fitou com um olhar de tranquilidade inocente.

— Sem tijolos — disse ela. — E sem armas de fogo. Eu estava apenas conversando, como você pediu.

Steris se levantou.

— Vou ao toalete enquanto vocês três se recompõem.

Ela se afastou, e Waxillium sentiu uma pontada de culpa. Steris era tensa, mas parecia séria e honesta. Não merecia aquela zombaria. Mas era muito difícil não tentar provocá-la.

Lorde Harms pigarreou.

— Não havia necessidade daquilo, menina — comentou com Marasi. — Não me faça ter arrependimentos quanto à minha promessa de começar a trazê-la para esses eventos.

— Não a culpe, milorde — interveio Waxillium. — Fui eu quem começou. Vou apresentar desculpas adequadas a Steris quando ela retornar e guardar minha língua na boca pelo restante da noite. Não deveria ter me permitido ir tão longe.

Harms meneou a cabeça, suspirando.

— Admito que me sinto tentado a ir longe assim vez por outra. Ela é muito parecida com a mãe. — Ele lançou um olhar pesaroso a Waxillium.

— Entendo.

— É seu destino, filho — disse Lorde Harms, levantando-se. — Ser lorde de uma casa exige certos sacrifícios. Agora, se me dão licença, estou vendo Lorde Alernath no bar e acho que vou tomar algo mais forte com ele antes do prato principal. Se eu não for agora, Steris vai me coagir a ficar. Não me demoro. — Ele meneou a cabeça para os dois e caminhou até um grupo de mesas mais altas na lateral, perto do bar.

Waxillium observou o homem se afastar, divagando e rolando o bilhete de Wayne entre os dedos. Antes, achava que Lorde Harms havia criado Steris daquela maneira, mas parecia que ele era mais controlado por *ela* do que o contrário. *Outra curiosidade,* pensou ele.

— Obrigado por ir em minha defesa, Lorde Ladrian — disse Marasi. — Parece que o senhor é tão rápido em ajudar uma donzela com palavras quanto com revólveres.

— Eu estava simplesmente reiterando a verdade, milady.

— Me diga uma coisa. O senhor realmente arrancou o rabo de um cachorro a tiros quando estava mirando suas… hum…

— Arranquei — disse Waxillium, fazendo uma careta. — Em minha defesa, o desgraçado estava me atacando. Era de um homem que eu havia capturado. A agressividade não era culpa do cachorro; parecia que o pobrezinho não comia havia dias. Estava tentando atirar em algum ponto não letal, apenas para assustá-lo. Mas aquela história do homem que acertei no olho foi inventada. Eu não estava mirando em nenhuma parte do corpo em especial… apenas esperava acertar.

Ela sorriu.

— Posso perguntar uma coisa?

— Por favor.

— O senhor pareceu decepcionado quando mencionei as estatísticas relacionadas à proporção de homens da lei. Não quis ofender nem diminuir seus atos heroicos.

— Tudo bem — disse ele.

— Mas?

Ele balançou a cabeça.

— Não sei se consigo explicar. Quando cheguei às Terras Brutas, quando comecei a capturar os procurados… bem, pensei ter encontrado um lugar onde precisavam de mim. Pensei ter encontrado uma maneira de fazer algo que ninguém mais faria.

— Mas o senhor encontrou.

— E, ainda assim — disse ele, mexendo a sopa —, parece que, durante todo esse tempo, o lugar que deixei para trás precisava ainda mais de mim. Eu nunca tinha notado.

— O senhor fez um trabalho importante, Lorde Ladrian. Um trabalho *vital*. Além disso, pelo que sei, ninguém estava mantendo a lei naquela região antes de sua chegada.

— Havia Arbitan — comentou ele, sorrindo e lembrando-se do velhote. — E, claro, os vigilantes na Dorest Distante.

— Uma cidade distante de pouco alcance — disse ela —, que tinha um único homem da lei para servir a uma população imensa. Jon Dedomorto tinha seus próprios problemas. Depois que o senhor organizou as coisas, Intempérie se tornou mais protegida do que a cidade, mas não era assim antes.

Ele assentiu com a cabeça, mas, de novo, ficou curioso sobre o quanto ela sabia. As pessoas *realmente* estavam espalhando histórias sobre ele e Wayne para todo o lado na cidade? Por que não as ouviu antes?

As estatísticas *dela* o incomodaram. Ele não achava que a cidade era perigosa. Eram as Terras Brutas, selvagens e indômitas, que precisavam de resgate. A cidade era a terra da fartura que Harmonia havia criado para proteger a humanidade. Ali, as árvores davam frutas em abundância e as terras cultivadas tinham água sem precisar de irrigação. O solo era sempre fértil e, de alguma forma, nunca se exauria.

Aquela terra devia ser diferente. Protegida. Em parte, ele tinha deixado as armas de lado porque se convencera de que os policiais podiam fazer seu trabalho sem ajuda. *Mas os Desaparecidos não provam que talvez não seja o caso?*

Wayne voltou com o pão e uma garrafa de vinho e parou ao ver dois assentos vazios.

— Minha nossa — disse ele. — Vocês ficaram tão cansados de esperar que *devoraram* seus dois convivas?

Marasi olhou para ele e sorriu.

Ela sabe, percebeu Waxillium. *Ela o reconheceu.*

— Se eu puder fazer uma observação, milady — disse Waxillium, atraindo sua atenção de volta para ele —, a senhora está muito menos modesta do que em nosso primeiro encontro.

Ela estremeceu.

— Não sou muito boa em ser tímida, não é?

— Não sabia que era algo que exigia prática.

— Eu tento o tempo todo — comentou Wayne, sentando-se na mesa e tirando uma baguete do cesto. Deu uma boa mordida. — Ninguém me dá crédito por isso. É porque sou mal interpretado, é o que digo. — O sotaque terrisano tinha desaparecido.

Marasi parecia confusa.

— Devo fingir que estou perplexa com o que ele está fazendo? — perguntou a Waxillium num sussurro.

— Ele notou que a senhorita o reconheceu — respondeu Waxillium. — Agora ele vai ficar de mau humor.

— De mau humor? — Wayne começou a tomar a sopa de Steris. — Isso é muito indelicado, Wax. *Eca*. Essa coisa é muito pior do que eu disse a vocês, gente. Me desculpem por isso.

— Isso vai pesar na sua gorjeta — disse Waxillium, seco. — Lady Marasi, eu estava falando sério em minha pergunta. Para ser franco, parece que a senhorita está tentando fingir uma timidez exagerada.

— Sempre olhando para baixo depois que fala — concordou Wayne. — Erguendo o tom um pouco demais nas perguntas.

— Esse não é o tipo que estaria estudando na universidade por vontade própria — observou Waxillium. — Por que o fingimento?

— Prefiro não dizer.

— Prefere ou Lorde Harms e sua filha preferem que a senhorita não diga? — perguntou Waxillium.

Ela enrubesceu.

— A última alternativa. Mas, por favor, eu realmente preferiria não tocar nesse assunto.

— Sempre charmoso, Wax — comentou Wayne, tirando outro naco do pão. — Viu só? Quase levou a senhorita às lágrimas.

— Não estou… — começou Marasi.

— Ignore-o — disse Waxillium. — Confie em mim. Ele é como uma comichão. Quanto mais coçar, mais irritante fica.

— Ai! — disse Wayne, embora estivesse sorrindo.

— Não está preocupado? — perguntou Marasi suavemente para Wayne. — Está usando um uniforme de garçom. Se virem você sentado à mesa e comendo…

— Ah, você tem razão — disse Wayne, inclinando a cadeira para trás. A pessoa que estava atrás dele havia saído e, com Lorde Harms longe, Wayne tinha espaço suficiente para… pronto. Ele inclinou a cadeira de novo para a frente e já usava um sobretudo com uma camisa de botões larga e grossas calças das Terras Brutas. Estava girando o chapéu no dedo. Os brincos haviam desaparecido.

Marasi teve um sobressalto.

— Bolha de velocidade — sussurrou ela, parecendo admirada. — Pensei que eu seria capaz de ver alguma coisa no lado de fora!

— Poderia, se estivesse olhando com atenção — comentou Waxillium. — Um borrão. Se olhar para a mesa ao lado, verá que a manga do casaco que ele estava usando ficou para fora do lugar onde ele o escondeu. O chapéu é dobrável… Embora os lados sejam rígidos, é possível comprimi-lo entre as mãos. Ainda estou tentando entender de onde ele tirou o sobretudo.

— Debaixo da sua mesa — esclareceu Wayne, soando muito satisfeito consigo mesmo.

— Ah, claro — disse Waxillium. — Ele precisava saber qual seria a nossa mesa para que pudesse ser designado nosso garçom. — *Eu realmente deveria ter olhado embaixo da mesa*, pensou Waxillium. *Teria parecido paranoico demais?* Ele não se sentia paranoico. Não se deitava à noite temendo levar um tiro nem pensava que havia conspirações para destruí-lo. Apenas gostava de ser cauteloso.

Marasi ainda estava olhando para Wayne. Parecia confusa.

— Não somos o que esperava — disse Waxillium. — Dos relatos que a senhorita leu?

— Não — admitiu ela. — Os relatos, em geral, omitem aspectos de personalidade.

— Existem histórias sobre a gente? — perguntou Wayne.

— Existem. Muitas.

— Que desgraça… — Ele parecia impressionado. — A gente recebe direitos autorais por elas ou algo assim? Se recebermos, quero a parte de Wax, considerando que fiz todas as coisas que dizem que foi ele quem fez. Além disso, ele já é rico e tudo o mais.

— São como reportagens — disse Marasi. — Não pagam direitos autorais aos personagens.

— Que trapaceiros imundos. — Wayne fez uma pausa. — Imagino se alguma das outras senhoritas finas deste salão ouviu minhas aventuras escandalosamente heroicas e másculas…

— Lady Marasi estuda na universidade — comentou Waxillium. — Suponho que leu relatos arquivados lá. A maioria do público não deve estar familiarizada com eles.

— Isso é verdade — disse ela.

— Ah — disse Wayne, com um tom decepcionado. — Bem, talvez a própria Lady Marasi esteja interessada em ouvir mais das minhas aventuras escandalosamente…

— Wayne?

— Sim.

— Chega.

— Está bem.

— Peço desculpas por ele — disse Waxillium, virando-se para Marasi. Ela ainda tinha uma expressão confusa no rosto.

— Ele faz muito isso — comentou Wayne. — Pedir desculpas. Acho que é um de seus defeitos. Tento ajudá-lo sendo praticamente perfeito, mas até agora não foi suficiente.

— Não tem problema — disse ela. — Ainda não sei se devo escrever algo aos meus professores descrevendo como… foi atípico conhecer os senhores.

— O que exatamente a senhorita está estudando na universidade? — perguntou Waxillium.

Ela hesitou e, em seguida, corou profundamente.

— Ah, veja só! — disse Wayne. — É *assim* que se finge timidez. Você está ficando muito melhor! Bravo.

— É que… — Ela ergueu a mão para cobrir os olhos e abaixou a cabeça, genuinamente envergonhada. — É… Ah, está bem. Estou estudando direito penal e behaviorismo criminal.

— Isso é motivo para se envergonhar? — perguntou Waxillium, partilhando um olhar confuso com Wayne.

— Bem, já me disseram que não é muito feminino. E, além disso… bem… estou aqui, sentada com os senhores… e… bem, sabem… os senhores são os dois vigilantes mais famosos do mundo e tudo o mais…

— Confie em mim — disse Waxillium. — Não sabemos tanto quanto a senhorita pensa.

— Agora, se a senhorita estivesse estudando zombaria e behaviorismo idiota — acrescentou Wayne —, nesse assunto, *sim*, somos especialistas.

— São dois assuntos — corrigiu Waxillium.

— Não importa. — Wayne continuou comendo o pão. — Então, onde *estão* os outros dois? Suponho que vocês não os tenham devorado de verdade. Wax só come pessoas nos fins de semana.

— É provável que os dois voltem logo, Wayne — disse Waxillium. — Então, se tiver um objetivo com sua visita, é melhor que vá direto ao ponto. A menos que tenha vindo só para me atormentar, como sempre faz.

— Já falei do que se trata — disse Wayne. — Você não comeu meu bilhete por acidente, não é?

— Não. Ele não diz muito.

— Diz o suficiente — retrucou Wayne, inclinando-se para a frente. — Wax, você me disse para estudar as reféns. Você tinha razão.

— São todas alomânticas — adivinhou Waxillium.

— Mais que isso — disse Wayne. — São todas parentes.

— Passaram apenas trezentos anos desde os Originadores, Wayne. Somos *todos* parentes.

— Isso significa que você sempre vai cuidar de mim?

— Não.

Wayne deu uma risadinha, tirando um pedaço de papel dobrado do bolso do sobretudo.

— É mais que isso, Wax. Olha só. Cada uma das mulheres sequestradas pertence a uma linhagem específica. Eu revisei essas coisas. São coisas sérias, importantes. — Ele fez uma pausa. — Por que chamam de revisar, se eu só parei uma vez para ver isso?

— Porque aposto que vai precisar olhar duas vezes para entender — disse Waxillium, pegando o papel. Estava escrito de qualquer jeito, mas era decifrável. Mostrava as linhas básicas de ascendência de cada uma das mulheres sequestradas.

Várias coisas saltavam aos olhos. Todas as linhagens remontavam ao próprio Lorde Nascido da Bruma. Por isso, a maioria das mulheres *também* tinha uma forte herança alomântica. Todas eram parentes bem próximas, primas de terceiro ou quarto grau, algumas de primeiro.

Waxillium levantou a cabeça e percebeu que Marasi observava os dois com um sorriso escancarado.

— O que foi? — perguntou Waxillium.

— Eu *sabia*! — exclamou ela. — Eu sabia que os senhores estavam na cidade para investigar os Desaparecidos. O senhor só apareceu para se tornar lorde de sua casa um mês depois do primeiro roubo. Os senhores vão pegá-los, não vão?

— *Por isso* a senhorita insistiu para que Lorde Harms a trouxesse aos encontros comigo?

— Talvez.

— Marasi — disse Waxillium, suspirando. — A senhorita está tirando conclusões precipitadas. Acha

mesmo que as mortes em minha família, que me tornaram o lorde da casa, foram inventadas?

— Ora, não — respondeu ela. — Mas fiquei surpresa quando o senhor aceitou o título, até perceber que provavelmente viu essa escolha como uma chance de descobrir o que estava acontecendo nesses roubos. O senhor precisa admitir que *são* esquisitos.

— Wayne também é — confirmou Waxillium. — Mas eu não ia sair de onde estava, mudar todo o meu estilo de vida e aceitar a responsabilidade por uma casa inteira apenas para estudá-lo.

— Olha, Wax — interveio Wayne, ignorando a alfinetada, o que era incomum para ele. — Por favor, me diga que trouxe uma arma com você.

— O quê? Não, não trouxe. — Waxillium dobrou o papel e o devolveu. — Por que a pergunta?

— Porque sim — disse Wayne, arrancando o papel da mão de Wax e se inclinando para a frente. — Não está vendo? Os ladrões estão atrás da classe alta e rica de Elendel… porque é em meio à alta classe que encontram seus alvos. Pessoas com a linhagem certa. Esses tipos, os tipos ricos, pararam de viajar de trem.

Wax assentiu com a cabeça.

— Se as mulheres realmente *são* os alvos, os roubos em trens tornarão esses alvos muito menos propensos a viajar. É uma conclusão válida. Deve ser por isso que os ladrões atacaram o teatro.

— E onde mais encontrarão indivíduos ricos com a linhagem certa? — perguntou Wayne. — Onde as pessoas usam suas joias mais caras, o que permitirá que um roubo sirva como distração? Onde é possível encontrar a refém certa?

A boca de Waxillium ficou cada vez mais seca.

— Numa grande festa de casamento.

De repente, as portas do salão de baile, nas duas extremidades, se abriram com violência.

5

Os bandidos não pareciam ser do tipo com o qual Waxillium estava acostumado.

Não cobriam o rosto com lenços nem usavam sobretudos e chapéus de aba larga típicos das Terras Brutas. A maioria usava coletes e chapéus-coco, calças comuns e camisas de botão largas, com as mangas enroladas até os cotovelos. Não eram mais *bem-vestidos*, na verdade, apenas diferentes.

Estavam bem armados. Havia espingardas apoiadas nos ombros de muitos, pistolas nas mãos de outros. As pessoas em todo o salão os notaram imediatamente e houve ruído de prataria e palavrões ressoando. Havia ao menos duas dúzias de bandidos, talvez três. Waxillium percebeu, insatisfeito, que mais alguns chegavam pela direita, passando pelas portas da cozinha. Certamente tinham deixado para trás homens para cuidar dos empregados e impedir que corressem para buscar ajuda.

— Maldita hora em que você foi abandonar suas armas — comentou Wayne. Ele saiu do assento e se agachou ao lado da mesa, pegando seus bastões de duelo escondidos ali.

— Deixe-os aí — disse Waxillium, baixinho. Tinha contado 35 homens. A maioria estava reunida nas duas pontas do salão de baile retangular, diretamente na frente e atrás de Waxillium. Ele estava quase no centro do salão.

— O que foi? — perguntou Wayne, ríspido.

— Abaixe esses bastões, Wayne.

— Você não pode estar querendo dizer que…

— Olhe para este salão! — cochichou Waxillium. — Quantos convivas há aqui? Trezentos, quatrocentos? O que vai acontecer se provocarmos um tiroteio?

— Você poderia protegê-los — insistiu Wayne. — Tirá-los do caminho.

— Talvez — disse Waxillium. — Mas seria muito arriscado. Até agora, nenhum desses roubos terminou em violência. Não vou permitir que você transforme este num banho de sangue.

— Não preciso lhe dar ouvidos — disse Wayne, irritado. — Você não manda mais em mim, Wax.

Waxillium fitou os olhos do outro homem e se manteve firme enquanto a sala se enchia de gritos de alerta e preocupação. Relutante, Wayne voltou à sua cadeira. Não soltou os bastões de duelo, mas manteve as mãos embaixo da toalha de mesa, escondendo-os.

Marasi virou-se, observando os bandidos começarem a se mover pela sala. Seus olhos estavam arregalados e os lábios róseos, entreabertos.

— Minha nossa. — Ela fuçou sua bolsa com dedos trêmulos e puxou uma caderneta e um lápis.

— O que você está fazendo? — perguntou Waxillium.

— Anotando o que vejo — respondeu ela, com a mão trêmula. — Sabia que, estatisticamente, apenas

uma a cada duas testemunhas consegue descrever com precisão um criminoso que a tenha assaltado? Pior, sete em dez escolhem o homem errado numa fila se outro, semelhante, só que mais ameaçador, for apresentado. No momento do crime, a pessoa está muito mais propensa a superestimar a altura do agressor e com frequência o descreverá como sendo semelhante a um vilão de uma história que ouviu recentemente. É essencial, se estiver testemunhando um crime, prestar atenção especial aos detalhes dos envolvidos. Ai, estou tagarelando, não estou?

Ela parecia aterrorizada, mas começou a escrever assim mesmo, anotando aos garranchos as descrições de cada bandido.

— Nunca fizemos esse tipo de coisa — disse Wayne, encarando os ladrões enquanto erguiam as armas para os convidados, silenciando-os. — Considerando que, sempre que testemunhávamos um crime, os caras que o praticavam acabavam mortos. — Ele lançou um olhar raivoso para Waxillium.

Vários ladrões começaram a forçar cozinheiros e serviçais a saírem da cozinha para se juntar aos convidados.

— Por favor! — berrou um dos bandidos, encaixando uma escopeta no ombro. — Sentem-se. Mantenham a calma! E *fiquem quietos*. — Tinha um leve sotaque das Terras Brutas e uma compleição sólida, mas não alta, com braços grossos e a pele sarapintada e cinzenta, quase como se o rosto fosse feito de granito.

Sangue koloss, pensou Waxillium. *Perigoso*.

As pessoas aquietaram-se, exceto por alguns choramingos. A mãe da noiva parecia ter desmaiado, os convidados estavam agachados e o noivo parecia nervoso, protegendo a esposa com um dos braços.

Um segundo Desaparecido avançou. Este, em contraste com os outros, usava uma máscara: um pano tricotado cobria seu rosto, além de um chapéu das Terras Brutas.

— Assim está melhor — disse ele, com a voz firme e controlada. Algo naquela voz surpreendeu Waxillium.

— Se os senhores forem sensatos, tudo terminará numa questão de instantes — disse o Desaparecido mascarado, com calma, caminhando entre as mesas, enquanto cerca de dez bandidos começavam a vasculhar o salão, abrindo grandes sacos. — Tudo que queremos são suas joias. Ninguém precisa ser machucado. Seria uma pena estragar uma festa tão boa e transformá-la num banho de sangue. Suas joias não valem sua vida.

Waxillium olhou na direção de Lorde Harms, que ainda estava sentado no balcão. Ele começou a enxugar o rosto com um lenço. Os homens rapidamente varreram o salão, parando em cada mesa e recolhendo colares, anéis, brincos, bolsas e relógios. Às vezes, os itens eram entregues prontamente, às vezes com relutância.

— Wax… — disse Wayne, com a voz forçada.

Marasi continuava a escrever, lápis e papel sobre o colo.

— Precisamos sair daqui vivos — comentou Waxillium, baixinho. — Sem ninguém se machucar. Então, poderemos fazer nossos relatos aos policiais.

— Mas…

— Eu *não* serei a causa da morte dessas pessoas, Wayne — ralhou Waxillium, falando muito mais alto do que pretendia.

Sangue nas paredes de tijolos. Um cadáver vestido com um casaco de couro caindo no chão. Um

rosto sorrindo, acertado por uma bala na testa. Vencedor, mesmo depois de morto.

De novo, não. Nunca mais.

Waxillium apertou os olhos com força.

Nunca mais.

— Como *ousa*? — gritou uma voz de repente. Waxillium olhou para o lado. Um homem numa mesa próxima tinha se levantado, afastando a mão da mulher gorda ao lado dele. Tinha barba grossa e grisalha e usava um terno de corte antiquado, com uma cauda que ia até o tornozelo. — *Não* vou ficar quieto, Marthin! Sou um policial da Oitava Guarda!

Isso chamou atenção do líder dos bandidos. O homem mascarado caminhou até o homem que havia gritado; sua escopeta descansava tranquilamente no ombro.

— Ah — disse ele. — Lorde Peterus, acredito que seja. — Ele acenou para um par de bandidos, que correram adiante, com as armas apontadas para Peterus. — Chefe aposentado da Oitava Delegacia. Precisamos que o senhor nos entregue sua arma.

— Como ousam realizar um roubo aqui, numa celebração de casamento? — disse Peterus. — Isso é um *escândalo*! Vocês deveriam se envergonhar.

— Envergonhar? — questionou o líder dos bandidos enquanto seus lacaios revistavam Peterus e tiravam sua pistola, uma Granger modelo 28, de cabo grosso opcional, do coldre em seu ombro. — *Envergonhar?* De roubar essas coisas? Depois do que vocês fizeram com as Terras Brutas durante todos esses anos? Isso não é vergonha. Isso aqui é *retribuição.*

Há alguma coisa *nessa voz*, pensou Waxillium, tamborilando na mesa. *Algo familiar. Quieto, Peterus. Não os provoque!*

— Em nome da lei, ainda verei sua captura e seu enforcamento por isso! — respondeu Peterus.

O líder fora da lei desferiu um soco no rosto de Peterus, jogando-o no chão.

— O que seu tipo sabe sobre leis? — rosnou o bandido. — E tenha cuidado ao alertar as pessoas que as executará. Isso lhes dá menos motivo para se refrear. Ferrugem e Ruína, vocês me deixam enojado.

Ele acenou para seus lacaios retomarem a coleta de riquezas. A mãe da noiva havia se recuperado e soluçava enquanto a família era despojada de suas posses, inclusive o colar da noiva.

— Os bandidos estão *realmente* interessados no dinheiro — comentou Waxillium em voz baixa. — Está vendo? Estão fazendo cada pessoa falar para encontrar joias escondidas na boca. Percebe como obrigam cada uma a se levantar e depois fazem uma revista rápida nos bolsos e ao redor dos assentos?

— Claro que estão interessados no dinheiro — sussurrou Marasi. — Afinal, é o que se espera de um roubo.

— Mas também querem as reféns — disse Waxillium. — Tenho certeza. — Originalmente, ele acreditara que os roubos eram apenas um disfarce para o real objetivo dos bandidos. No entanto, se esse fosse o caso, eles não perderiam tanto tempo recolhendo joias e dinheiro. — Me dê sua caderneta.

Ela olhou para ele.

— Agora — disse ele, salpicando pó de aço no vinho e pondo as mãos embaixo da mesa. Ela entregou a carteira com hesitação enquanto um bandido se aproximava de sua mesa. Era o de pele cinzenta com pescoço grosso.

— Wayne — disse Waxillium —, largue os bastões.

Wayne assentiu rápido, deslizando os dois bastões de duelo. Waxillium bebeu o vinho e posicionou a caderneta espiralada e os bastões de duelo contra uma lateral da mesa quadrada. Ele deixou uma pequena vareta de metal escorregar de sua manga e a colocou contra os bastões. Em seguida, queimou aço.

As linhas saltaram ao redor dele. Uma apontava para a vareta e outra para a espiral de metal da caderneta. *Empurrou* levemente contra elas e soltou. Os bastões e a caderneta permaneceram presos contra a lateral da mesa, escondidos pela toalha, que caía sobre eles. Precisou ter cuidado para não *empurrar* com muita força e não mover a mesa.

O bandido chegou à mesa, estendendo o saco. Marasi foi forçada a tirar seu pequeno colar de pérolas, a única joia que usava. Com as mãos trêmulas, vasculhou a bolsa em busca de alguma nota, mas o bandido agarrou a bolsa inteira e a jogou no saco.

— Por favor — disse Waxillium, com a voz trêmula. — Por favor, não nos machuque! — Puxou o relógio de bolso e o deixou sobre a mesa como se estivesse com pressa. Arrancou a corrente do colete e a jogou no saco. Em seguida, tirou sua carteira e a jogou lá dentro, puxando ostensivamente os dois bolsos para fora, com as mãos trêmulas, para mostrar que não havia mais nada. Ele começou a bater nos bolsos do casaco.

— Isso basta, camarada — disse o homem de sangue koloss, sorrindo.

— Não me machuque!

— Sente-se, seu monte de ferrugem — disse o bandido, olhando de novo para Marasi. Olhou-a com malícia e depois a revistou, fazendo-a falar para que ele pudesse checar a boca. Ela aguentou aquilo com um enrubescimento intenso, especialmente quando a revista se transformou em apalpadas fortes.

Waxillium sentiu os olhos começarem a tremer.

— Mais nada — disse o bandido, com um grunhido. — Por que fiquei com as mesas mais pobres? E você? — Ele olhou para Wayne. Atrás deles, outro bandido descobriu o casaco de garçom de Wayne escondido embaixo da mesa, erguendo-o com uma expressão confusa.

— *Parece* que eu tenho alguma coisa de valor, meu chapa? — perguntou Wayne, vestido com seu sobretudo e suas calças das Terras Brutas, aumentando o sotaque daquela localidade. — Estou aqui por engano. Estava mendigando na cozinha quando ouvi seus camaradas entrarem.

O bandido grunhiu, mas, de qualquer forma, revistou os bolsos de Wayne. Não encontrou nada. Em seguida, olhou embaixo da mesa e fez todos se levantarem. Por fim, xingou todos eles por serem “pobres demais” e arrancou o chapéu da cabeça de Wayne. Jogou fora o próprio chapéu — estava usando uma boina de tricô por baixo, e o alumínio ficou à mostra pelos buraquinhos — e se afastou, enfiando o chapéu de Wayne na cabeça.

Eles voltaram a se sentar.

— Ele pegou meu chapéu da sorte, Wax — grunhiu Wayne.

— Aguente firme — pediu Waxillium, devolvendo o caderno a Marasi para que ela pudesse voltar a fazer suas anotações.

— Por que você não escondeu sua carteira, como fez com minha caderneta? — sussurrou ela.

— Algumas das notas nela estão marcadas — comentou Waxillium, distraidamente, observando o líder mascarado. Ele estava consultando alguma coisa na mão, algumas folhas de papel amarrotadas. — Os policiais vão poder rastreá-las quando forem usadas, se forem usadas.

— Marcadas! — disse Marasi. — Então, você *sabia* que seríamos roubados!

— O quê? Claro que não.

— Mas…

— Wax sempre leva algumas notas marcadas — disse Wayne, estreitando os olhos quando percebeu o que o líder dos bandidos estava fazendo. — Só para garantir.

— Ah. Isso é… muito estranho.

— Wax é um paranoico muito especial, senhorita — disse Wayne. — Aquele cara está fazendo o que eu acho que está fazendo?

— Está — disse Waxillium.

— O quê? — perguntou Marasi.

— Comparando rostos a desenhos nos papéis em sua mão — respondeu Waxillium. — Está procurando a pessoa certa para levar como refém. Olhe como está caminhando pelas mesas, verificando o rosto de cada mulher. Mandou alguns dos outros fazerem o mesmo.

Ficaram em silêncio quando o líder passou por eles. Estava acompanhado por um homem de feições finas com a cara fechada.

— Estou dizendo — falou o segundo homem. — Os rapazes estão ficando agitados. Não pode dar tudo isso a eles e não deixar que atirem.

O líder mascarado permaneceu em silêncio, estudando todos sentados à mesa de Wax por um momento. Hesitou por um instante e, em seguida, continuou.

— Vai ter que liberar mais cedo ou mais tarde, chefe — disse o segundo homem, distanciando-se. — Acho que… — As vozes já estavam longe demais para Waxillium entender o que diziam.

Ali perto, Peterus, o ex-policial, já havia voltado para seu assento. Sua mulher estava segurando um guardanapo na cabeça do homem, que sangrava.

Essa é a melhor maneira, disse Waxillium a si mesmo com firmeza. *Eu vi o rosto de cada um. Serei capaz de rastreá-los quando gastarem meu dinheiro. Vou encontrá-los e combatê-los nos meus termos. Vou…*

Mas ele não iria. Deixaria os policiais fazerem essa parte, certo? Não era o que ficava dizendo a si mesmo?

Uma barulheira repentina do outro lado do salão atraiu seus olhos. Alguns bandidos tinham levado duas mulheres assustadas para o corredor, e uma delas era Steris. Parecia que finalmente tinham pensado em vasculhar o toalete feminino. Os outros bandidos se demoravam para coletar os objetos de valor. Havia o bastante deles para que não levasse muito tempo, mesmo com aquela multidão de convidados.

— Tudo bem — gritou o chefe. — Peguem uma refém.

Alto demais, pensou Waxillium.

— Quem deveríamos levar? — gritou um dos bandidos.

Estão atuando.

— Tanto faz — disse o chefe.

Ele quer nos fazer pensar que escolherá uma mulher ao acaso.

— Qualquer uma delas serve — continuou o chefe. — Digamos… aquela ali. Ele acenou para Steris.

Steris. Uma das sequestradas era sua prima. Claro. Ela era da mesma linhagem.

Os tremores nos olhos de Waxillium pioraram.

— Na verdade — disse o chefe —, desta vez vamos levar duas. — Ele mandou o lacaio de sangue koloss voltar às mesas. — Não tentem nos seguir, ou elas serão feridas. Lembrem-se de que algumas joias não valem sua vida. Vamos liberar as reféns assim que tivermos certeza de que não estamos sendo seguidos.

Mentiroso, pensou Waxillium. *O que você quer com elas? Por que você…*

O homem de sangue koloss que havia roubado o chapéu de Wayne voltou até a mesa de Wax e agarrou Marasi pelo ombro.

— Você serve — disse. — Você vai dar uma volta conosco, linda.

Ela teve um sobressalto quando ele a tocou, deixando cair a caderneta.

— Olha só — disse outro bandido. — O que é isso? — Ele levantou e folheou o caderninho. — Só tem palavras aqui, Tarson.

— Idiota — disse Tarson, o homem de sangue koloss. — Não sabe ler, não é? — Ele esticou o pescoço para ler. — Olha só... Essa é *minha* descrição, não é?

— Eu… — disse Marasi. — Eu só queria me lembrar, para o meu diário, sabe?

— Tenho certeza que sim — falou Tarson, enfiando a caderneta no bolso e tirando uma pistola, que abaixou até a cabeça da moça.

Marasi empalideceu.

Waxillium levantou-se, queimando aço em seu estômago. A pistola do outro bandido estava apontada para sua cabeça um segundo depois.

— Sua lady ficará bem conosco, velhote — disse Tarson, com um sorriso nos lábios cinzentos. — Agora, vamos. — Ele ergueu Marasi e a empurrou diante dele na direção da saída a norte.

Waxillium encarou o cano da pistola do outro bandido. Com um *empurrão* mental, ele poderia enviar aquela arma com um tranco até o rosto do dono, talvez até quebrar seu nariz.

O bandido parecia querer puxar o gatilho. Parecia ansioso, empolgado pela emoção do roubo. Waxillium já tinha visto homens assim. Eram perigosos.

O homem hesitou, olhou para os amigos e finalmente se afastou, correndo para a saída. Outro estava empurrando Steris na direção da porta.

— Wax! — sibilou Wayne.

Como um homem honrado podia assistir a uma cena daquelas? Cada instinto de justiça de Waxillium *exigia* que ele fizesse alguma coisa. Lutasse.

— Wax — disse Wayne, baixinho. — Erros acontecem. Lessie não foi sua culpa.

— Eu…

Wayne agarrou seus bastões de duelo.

— Bem, *eu* vou fazer alguma coisa.

— Isso não vale a vida dessas pessoas, Wayne — comentou Waxillium, saindo de seu estupor. — Não se trata apenas de mim. É verdade, Wayne. Nós…

— Como *ousam*? — berrou uma voz familiar. Lorde Peterus, o ex-policial. O velho removeu o guardanapo da cabeça, cambaleando até se levantar. — Covardes! *Eu* vou como refém, se exigem um.

Os bandidos o ignoraram, a maior parte deles correndo na direção das saídas do salão, apontando as armas e achando graça dos convivas encolhidos.

— Covardes! — gritou Peterus. — Vocês são *cachorros*, cada um de vocês. Vão ser enforcados! Levem-me em vez dessas garotas ou serão enforcados. Juro pelo Sobrevivente! — Ele cambaleou até o chefe dos bandidos, que já se retirava, passando por lordes, ladies e ricaços, a maioria deles encolhida embaixo das mesas.

Lá se vai o único homem com alguma coragem neste salão, pensou Waxillium, sentindo uma vergonha poderosa. *Ele e Wayne*.

Steris estava quase na porta. Marasi e seu captor estavam alcançando o chefe.

Não posso deixar que isso aconteça. Eu…

— COVARDE!

O líder mascarado de repente se virou, girando o braço, e um tiro estalou no ar, ecoando através do grande salão de festa. Tudo terminou num instante.

O velho Peterus despencou no chão. A fumaça rodopiou pelo ar sobre a pistola do chefe dos bandidos.

— Ah… — disse Wayne, baixinho. — Você acabou de cometer um erro grave, meu chapa. Um erro *muito* grave.

O chefe se afastou do corpo, guardando a arma.

— Muito bem — gritou ele, caminhando na direção da porta. — Podem se divertir um pouco, rapazes. Descarreguem o que quiserem rapidamente e me encontrem lá fora. Vamos…

Tudo ficou paralisado. As pessoas ficaram congeladas em seu lugar. A fumaça rodopiante da arma pairou imóvel. As vozes sumiram. Os choramingos foram interrompidos. Em um círculo ao redor da mesa de Waxillium, o ar tremia levemente.

Wayne levantou-se, pousando os bastões de duelo nos ombros e inspecionando o salão. Waxillium sabia que ele estava localizando cada um dos bandidos, avaliando as distâncias, preparando-se.

— Assim que eu estourar a bolha — disse Wayne —, este local vai explodir como uma loja de munição dentro de um vulcão.

Waxillium enfiou a mão no casaco e calmamente deslizou uma pistola escondida embaixo do braço. Ele a pôs na mesa. O tremor no olho havia desaparecido.

— E então? — perguntou Wayne.

— É uma metáfora terrível. Como uma loja de munição chegaria a um vulcão?

— Sei lá. Olha, você vai lutar ou não?

— Tentei esperar — disse Waxillium. — Dei a eles uma chance de saírem. *Tentei* abrir mão de lutar.

— Foi uma boa demonstração, Wax. — Ele fez uma careta. — Uma demonstração boa demais.

Waxillium colocou a mão na pistola. Em seguida a ergueu.

— Que seja.

Com a outra mão, ele despejou a bolsa inteira de pó de aço na taça de vinho e a tomou numa golada só.

Wayne abriu um sorrisinho.

— Você me deve um caneco de cerveja por ter mentido.

— Mentido?

— Disse que não havia trazido arma.

— Eu não trouxe *uma* arma — retrucou Waxillium, puxando uma segunda pistola colocada atrás da calça. — Pensei que me conhecesse melhor, Wayne. Nunca vou a lugar nenhum com apenas uma arma. Quanta curvaliga você tem?

— Menos do que eu gostaria. Essa porcaria é muito cara aqui na cidade. Talvez o bastante para mais uns cinco minutos, mas minhas mentes de metal estão bem cheias. Passei umas duas semanas de cama depois que você foi embora. — Isso daria a Wayne poder de cura, se ele fosse atingido.

Waxillium respirou fundo. A frieza dentro dele derreteu-se e transformou-se em chamas enquanto ele queimava aço, vendo linhas que apontavam para cada fonte de metal na sala.

Se ele ficasse paralisado de novo...

Não vou ficar, disse a si mesmo. *Não posso*.

— Eu pego as garotas. Você mantém os bandidos na parte de trás. Nossa prioridade é manter os convidados vivos.

— Com prazer.

— Trinta e sete malvados armados, Wayne. Num salão cheio de inocentes. Vai ser *difícil*. Mantenha-se concentrado. Vou tentar abrir algum espaço quando começarmos. Você pode pegar uma carona, se quiser.

— Perfeito como Preservação — disse Wayne, virando-se e ficando de costas para Waxillium. — Quer saber por que eu *realmente* vim procurá-lo?

— Por quê?

— Pensei em você feliz, numa cama confortável, descansando e relaxando, passando o resto da vida bebericando chá e lendo jornais enquanto as pessoas trariam comida e criadas massageariam seus dedos e coisas assim.

— E?

— E eu não poderia simplesmente deixar você à mercê de um destino assim. — Wayne estremeceu. — Sou um amigo bom demais para deixá-lo numa situação terrível dessa.

— Você quer dizer confortável?

— Não — respondeu Wayne. — *Entediante*. — Ele estremeceu de novo.

Waxillium sorriu, ergueu os dedões até os cães das pistolas e as inclinou. Quando era jovem e foi para as Terras Brutas, acabou chegando a um lugar onde precisavam dele. Bem, talvez isso tivesse acontecido de novo.

— Vai! — gritou ele, erguendo as armas.

6

Wayne estourou a bolha de velocidade.

Primeiro passo, pensou Waxillium enquanto mirava. *Atrair a atenção dos bandidos*. Começou *empurrando* delicadamente para fora, criando uma bolha de aço para desviar as balas. Não o protegeria por completo, mas ajudaria. A menos que disparassem balas de alumínio.

É melhor ser cauteloso. E é melhor atirar primeiro.

Os bandidos estavam erguendo as armas, ansiosos. Ele conseguiu ver o desejo de destruição naqueles olhos. Estavam armados até os dentes, mas até agora não haviam disparado um único tiro.

Em vez de matar um monte de gente, a maioria deles talvez só quisesse dar uns tiros no salão, mas essas situações podiam facilmente se tornar mais violentas do que o esperado. Se não fossem impedidos, os Desaparecidos deixariam para trás mais do que janelas estilhaçadas e mesas quebradas.

Waxillium rapidamente escolheu um bandido que portava uma escopeta e o derrubou com uma bala na cabeça. Um segundo caiu logo em seguida. Aquelas escopetas não eram tão perigosas para Waxillium, mas seriam fatais para os convidados acuados.

Seus tiros ecoaram no salão cavernoso, e os convivas gritaram. Alguns aproveitaram a oportunidade para correr para os cantos do salão. A maioria agachou-se atrás das mesas. Na confusão, os bandidos não identificaram Waxillium.

Ele derrubou outro homem com uma bala no ombro. A coisa mais inteligente a fazer agora seria se agachar ao lado de uma mesa e continuar disparando, pois os bandidos precisariam de momentos preciosos para descobrir quem os estava atacando num salão tão grande e cheio.

Infelizmente, os homens atrás dele abriram fogo, deliciados. Eles não haviam notado o que ele fizera, embora os homens à sua frente tivessem visto os amigos caindo e estivessem buscando cobertura. Em instantes, a sala viraria uma tempestade de chumbo e fumaça.

Respirando fundo, Waxillium avivou seu aço e drenou sua mente de metal de ferro. Enchê-la deixava-o mais leve, mas drená-la o deixava mais pesado, muito mais pesado. Ele aumentou o peso cem vezes. Houve um aumento proporcional em sua força corporal, ou assim ele pensava, já que não tinha sido esmagado pelo próprio peso.

Ergueu as armas sobre a cabeça para mantê-las afastadas do campo de força e *empurrou* para fora de si num círculo. Começou com cuidado, aumentando gradualmente sua força. Quando *empurrava*, era seu peso contra o do objeto — neste caso, os parafusos e as porcas de metal das mesas e cadeiras. Eles foram varridos para longe dele.

Ele se transformou no epicentro de um anel de força em expansão. As mesas tombaram, as cadeiras arrastaram-se no chão, afastando-se dele, e as pessoas gritaram, surpresas. Algumas levaram sustos,

jogadas para longe, mas não com tanta força a ponto de se ferirem, ele esperava. De qualquer modo, era melhor sofrer algumas escoriações do que permanecer no centro do salão em meio ao que estava por vir.

Bem ao lado, ele viu Wayne, que vinha se movendo cuidadosamente para o fundo da sala, saltar sobre uma mesa virada, segurando-se a ela e sorrindo enquanto o objeto deslizava na direção dos bandidos lá atrás.

Waxillium aliviou o *empurrão*. Ele estava sozinho num amplo espaço vazio no centro do salão, cercado por poças de vinho derramado e por comida e pratos caídos.

Em seguida, o tiroteio começou de verdade; os bandidos na frente dele dispararam para valer, formando uma barreira de fogo. Ele enfrentou o ataque de balas com outro *empurrão* forte. As balas pararam no ar, repelidas numa onda. Considerando a velocidade, ele só conseguia parar balas se as tivesse esperando.

Ele deixou as balas voarem de volta para seus donos, mas não *empurrou* com muita força para que não atingissem nenhum conviva inocente. No entanto, foi o bastante para fazer os bandidos caírem e gritarem que havia um Lançamoedas no salão.

Agora, ele estava em perigo de verdade. Num piscar de olhos, Waxillium parou de drenar sua mente de metal e começou a enchê-la, ficando muito mais leve. Apontou seu revólver para baixo e atirou no chão bem atrás de si, *empurrando* a bala e lançando-se no ar. O vento zuniu em seus ouvidos enquanto ele se jogava atrás da barricada de mobília que ele havia feito, onde alguns dos convidados ainda estavam encolhidos. Por sorte, muitos percebiam que os perímetros do salão eram muito mais seguros e cambaleavam para lá.

Waxillium caiu bem no meio dos bandidos, que tinham começado a procurar cobertura atrás da pilha de mesas e cadeiras. Os homens xingaram quando ele estendeu os braços, com armas apontadas em direções opostas, e começou a disparar. Ele girou, derrubando quatro homens com uma rápida saraivada de balas.

Alguns bandidos atiraram nele, mas as balas não estavam na mira e foram desviadas de sua bolha de aço.

— Balas de alumínio! — gritou um dos bandidos. — Peguem as malditas balas de alumínio!

Wax girou e deu dois tiros no peito do homem. Em seguida, saltou para um lado, rolando para perto de uma mesa que estivera além de seu *empurrão* inicial. Um *empurrão* rápido contra os pregos no tampo a virou, dando-lhe cobertura quando os bandidos abriram fogo. Ele percebeu as linhas azuis de algumas balas movendo-se rápido demais para ele *empurrá-las* para longe.

Outros bandidos estavam recarregando suas armas. Ele teve sorte. Tinha parecido, pelos berros dos líderes dos bandidos, que os homens já deveriam ter balas de alumínio carregadas, ao menos em algumas câmaras. No entanto, atirar alumínio era como atirar ouro, e muitos dos bandidos pareciam ter guardado essas balas nos bolsos em vez de deixá-las nas armas, onde poderiam ser disparadas por acidente.

Um bandido esgueirou-se pela lateral de uma mesa, apontando a arma. Waxillium reagiu por reflexo e *empurrou* a arma, que bateu no rosto do homem. Waxillium derrubou-o com uma bala no peito.

Vazio, pensou ele, contando as balas que havia disparado.

Tinha apenas mais duas balas na outra arma. Olhou para a beirada de seu abrigo, notando a localização de dois bandidos que estavam recarregando suas armas escondidos atrás de mesas viradas. Mirou rapidamente, aumentou seu peso, disparou e *empurrou* a bala com toda a força.

O projétil estalou no ar, avançando com enorme rapidez em direção à mesa e perfurando-a, atingindo o bandido do outro lado. Waxillium repetiu a mesma estratégia, derrubando o outro bandido, que ficou estupefato ao ver a grossa mesa de carvalho perfurada por uma simples bala de revólver. Então, Waxillium lançou-se por cima da mesa, chegando ao outro lado enquanto os homens atrás dele se desviavam dos feridos e começavam a atirar nele.

As balas estouraram contra seu abrigo, mas a mesa resistiu. Dessa vez, nenhuma das balas emitia linhas azuis. Alumínio. Ele respirou fundo, soltando os revólveres e pegando a Terringul 27, que tinha prendido com uma tira à parte interna da panturrilha. Não tinha o maior calibre, mas seu cano longo lhe conferia precisão.

Ele deu uma olhada para Wayne e contou quatro Desaparecidos caídos. Seu amigo estava saltando alegremente sobre uma mesa na direção de um homem com uma escopeta. Os dois viraram um borrão quando Wayne os envolveu numa bolha de velocidade. Em um instante, ele estava em outro local, e as balas zuniam pela área que ele havia deixado para trás. Ele se escondeu atrás de uma mesa virada, deixando o bandido com a escopeta caído no chão.

A tática favorita de Wayne era se aproximar, prender a pessoa numa bolha de velocidade e lutar com ela sozinho. Não conseguia mover a bolha de velocidade depois de erguê-la, mas conseguia se deslocar dentro dela. Então, quando desfazia a bolha depois de lutar com seu inimigo mano a mano, estava num lugar diferente do esperado. Os inimigos tinham uma dificuldade incrível de rastreá-lo e mirá-lo.

Porém, em uma luta longa, eles acabavam entendendo a tática e não atiravam até Wayne desfazer a bolha. Era preciso alguns segundos entre derrubar uma bolha e erguer outra, tempo em que Wayne ficava mais vulnerável. Claro que, mesmo dentro da bolha, Wayne não estava totalmente seguro. Às vezes era enervante para Waxillium saber que seu amigo estava lutando sozinho, dentro de uma bolha de tempo acelerado. Se Wayne se metesse em problemas, Waxillium não conseguiria ajudar. Wayne tomaria um tiro e perderia sangue antes de a bolha se desfazer.

Bem, Waxillium já tinha seus problemas. Com aquelas balas de alumínio, sua bolha protetora era inútil. Ele a desfez. Mais balas lascaram a mesa e o chão ao redor dele, e os estalos dos disparos ecoavam no grande salão. Felizmente, ele ainda conseguia ver as linhas azuis apontando para o aço das armas dos bandidos, inclusive aquelas de um grupo de homens que tentava flanqueá-lo.

Não dá para lidar com eles agora, pensou ele. O chefe dos bandidos havia mandado Steris para fora do salão com um de seus homens e parado à porta. Não parecia surpreso com a resistência. Algo no jeito como ele estava ali, imperioso e controlado, algo no jeito como seus olhos, a única parte visível no rosto mascarado, encontraram Wax e se fixaram nele, algo naquela voz…

Miles? O pensamento foi um choque.

Gritos. Gritos de Marasi. Wax parou de encarar o líder dos bandidos, com uma sensação nada familiar de pânico. Steris precisava dele, mas Marasi também, e ela estava mais próxima. O homem de sangue koloss chamado Tarson a segurava com um braço ao redor do pescoço, arrastando-a na direção da porta e xingando. Seus dois acompanhantes olharam ao redor ansiosamente, como se esperassem que policiais surgissem a qualquer momento.

Marasi parecia ter perdido as forças. Tarson, gritando, pressionou o revólver contra a orelha da moça, mas ela mantinha os olhos fechados e se recusava a reagir. Sabia que não era uma simples refém, que eles a queriam por um motivo específico e, portanto, não atirariam nela.

Boa menina, pensou Waxillium. Não devia ser fácil, ouvindo o Desaparecido gritar, sentindo o cano

da arma na têmpora. Alguns convidados estavam escondidos ali perto, entre eles uma mulher bem-vestida e o marido, com as mãos nos ouvidos e choramingando. O tiroteio era alto e caótico, embora ele mal percebesse essas coisas. De qualquer forma, devia ter colocado seus tampões de ouvido. Era tarde demais agora.

Waxillium esgueirou-se para um lado e deu dois tiros no chão de madeira para fazer com que aqueles que o flanqueavam buscassem proteção. A Terringul estava carregada com balas de ponta oca, especificamente projetadas para se alojar na madeira, dando a ele uma boa âncora quando precisasse. Também se alojariam na carne, reduzindo as chances de um tiro atravessar um bandido e ferir os convivas, o que era ótimo para ele.

Correu agachado e se jogou sobre uma grande baixela, pondo um pé contra a borda e *empurrando* as balas atrás de si. A manobra o lançou para a frente, fazendo-o deslizar sobre a baixela pelo chão de madeira polida. Ele saiu de trás das mesas para o espaço aberto pouco antes de chegar aos degraus de uma das saídas. Então, livrou-se da baixela e aumentou seu peso, batendo no chão e parando.

A baixela girou na frente dele, e os bandidos, assustados, começaram a atirar. Metal chocou-se contra metal quando algumas das balas atingiram a baixela; Waxillium reagiu, derrubando os homens de cada lado de Tarson com dois tiros rápidos. Em seguida, avivou seu aço e *empurrou* na direção da arma de Tarson, tentando afastá-la de Marasi.

Apenas então Waxillium percebeu que não havia nenhuma linha azul apontando para a arma do homem. Tarson sorriu; seu rosto cinzento coberto pelo chapéu de Wayne. Em seguida, virou-se, colocando-se atrás de Marasi, segurando seu pescoço com uma das mãos e apontando a arma com firmeza contra sua cabeça.

Sem linhas azuis. *Ferrugem e Ruína... uma* arma *inteira de alumínio?*

Waxillium e Tarson ficaram parados. Os bandidos atrás não tinham notado a fuga de Waxillium sobre a baixela e ainda se aproximavam da área onde ele estivera escondido. O chefe ainda estava na porta, olhando na direção de Waxillium. Wax *tinha* que estar errado sobre quem ele era. As pessoas podiam se parecer, ter a voz parecida, mas isso não significava…

Marasi soltou um lamento. E Waxillium viu-se incapaz de se mexer, incapaz de erguer a mão e disparar. O tiro que dera para salvar Lessie passou e repassou no fundo da mente.

Posso acertar esse tiro, pensou ele, raivoso. *Já fiz isso dezenas de vezes.*

Tinha errado apenas uma vez.

Não conseguia se mexer, não conseguia pensar. Ele a via morrendo repetidas vezes. Sangue no ar, um rosto sorridente.

Parecia que Tarson havia percebido que Waxillium não atiraria. Ele afastou a arma da cabeça de Marasi e a apontou para Waxillium.

Marasi ficou rígida. Firmou as pernas no chão e lançou a cabeça para cima, acertando o queixo do Desaparecido com força. O tiro de Tarson se desviou, e ele cambaleou para trás, segurando a boca.

Com Marasi quase fora do caminho, a mente de Waxillium clareou, e ele se viu capaz de se mexer novamente. Atirou em Tarson, embora não tivesse conseguido forçar-se a mirar o peito, não com Marasi cambaleando por perto. Decidiu dar um tiro no braço de Tarson. Marasi levou a mão à boca, horrorizada, vendo-o despencar.

— Ele está lá! — gritaram vozes vindas detrás. Eram os três bandidos com quem havia lutado entre

as mesas. Uma bala de alumínio cortou o ar bem ao lado dele.

— Segure firme — disse Waxillium a Marasi, saltando para a frente e agarrando-a pela cintura. Ele ergueu a arma e deu o último tiro de sua arma na direção da porta, atingindo o líder mascarado dos Desaparecidos na cabeça.

O homem despencou.

Bem, lá se vai minha teoria, pensou Waxillium. Miles não teria caído com uma simples bala. Era um Duplonato de uma variedade especialmente perigosa.

Tarson estava rolando no chão, segurando o braço e gemendo. Não havia tempo. As armas estavam vazias. Waxillium soltou a arma e *empurrou-a* enquanto segurava Marasi com firmeza. O *empurrão* lançou os dois no ar enquanto uma saraivada de balas se espalhava pelo espaço onde estavam. Infelizmente, erraram Tarson.

Marasi gritou, agarrando-se a ele enquanto voavam na direção dos candelabros brilhantes. Waxillium *empurrou* um deles, fazendo com que balançasse para a frente e para trás. Aquele *empurrão* jogou os dois na direção de uma das sacadas, que estava ocupada por um grupo de músicos acuados.

Waxillium aterrissou com tudo ali, desequilibrando-se por estar carregando Marasi e não ter tido tempo para avaliar o *empurrão* com precisão. Rolaram num monte de tecido vermelho e branco. Quando pararam, Marasi se agarrou a ele, tremendo e buscando fôlego.

Ele se sentou e a abraçou por um instante.

— Obrigada — sussurrou ela. — Obrigada.

— Não há de quê — disse ele. — Foi muito corajosa parando o bandido como fez.

— Sete em cada dez sequestros podem ser frustrados com a resistência adequada por parte do alvo — disse ela, soltando palavras aos borbotões. Ela fechou os olhos com força de novo. — Desculpe. Aquilo foi simplesmente muito, *muito* perturbador.

— Eu… — Ele ficou paralisado.

— O quê? — perguntou ela, abrindo os olhos.

Waxillium não respondeu. Rolou para o lado, soltando-se do abraço quando percebeu linhas azuis movendo-se para a esquerda. Alguém estava subindo os degraus da sacada.

Ele se levantou, posicionando-se ao lado de uma grande harpa enquanto a porta da sacada era aberta com violência e revelava dois Desaparecidos — um com uma espingarda, o outro com um par de pistolas. Waxillium aumentou seu peso drenando sua mente de metal e avivou desesperadamente seu aço, *empurrando* contra as peças de metal da harpa. O instrumento bateu contra o batente de madeira e esmagou os homens, que despencaram pelas escadas sob a harpa quebrada.

Waxillium correu para checar seus sinais vitais. Ao constatar que não representavam perigo imediato, pegou suas armas e avançou de volta para a sacada, vendo o salão lá embaixo. A mobília que ele havia *empurrado* formava um espaço estranhamente circular no salão. Os convidados escapavam para a cozinha em números cada vez maiores. Ele procurou Wayne, mas viu apenas corpos de bandidos caídos onde ele estava.

— E Steris? — perguntou Marasi, engatinhando até ficar ao lado dele.

— Vou atrás dela agora — disse Waxillium. — Alguns homens a arrastaram para fora, mas não devem ter tido tempo para… — Sua voz silenciou quando percebeu um borrão perto da porta mais ao longe. O borrão sumiu, e, de repente, ele viu Wayne caído no chão e seu sangue empoçando ao redor

dele. Um bandido estava sobre ele, parecendo muito satisfeito consigo, segurando uma pistola fumegante.

Desgraça!, pensou Waxillium, sentindo uma pontada de medo. Se Wayne tiver sido atingido na cabeça…

Steris ou Wayne?

Ela vai ficar bem, ele pensou. *Levaram-na por um motivo. Precisam dela.*

— Ai, não! — disse Marasi, apontando para Wayne. — Lorde Ladrian, aquele não é…

— Vai ficar tudo bem se eu puder chegar até ele — disse Waxillium, pondo depressa um revólver nas mãos de Marasi. — Consegue usar um desses?

— Eu…

— Só comece a atirar se alguém ameaçá-la, assim eu saberei que está em perigo e voltarei. — Ele saltou para o parapeito da sacada. Seu caminho estava em grande parte bloqueado pelos candelabros e não poderia saltar diretamente até Wayne. Teria que saltar lá embaixo, depois para cima de novo e ricochetear…

Não havia tempo. Wayne estava morrendo.

Vá!

Waxillium se jogou da sacada. Assim que os pés estavam no ar, drenou a mente de metal e puxou o máximo de peso que pôde. Isso não o fez despencar no chão; um objeto cai à mesma velocidade, não importa o seu peso, apenas a resistência do ar.

Contudo, o peso importava muito ao *empurrar*, o que Waxillium fez, jogando toda a sua força contra os lustres. Eles quebraram numa sequência, os metais dentro deles se retorcendo enquanto o cristal explodia para fora numa chuva, o que abriu bastante espaço na parte superior do salão para possibilitar um salto em arco na direção de Wayne.

Em um segundo, Waxillium parou de drenar sua mente de metal e começou a enchê-la, diminuindo seu peso até quase nada. *Empurrou* a harpa quebrada caída no chão, e um *empurrão* rápido e simultâneo contra os pregos do assoalho o manteve no alto.

O resultado foi que ele pairou pelo salão num arco gracioso, passando pelo espaço que os grandes lustres ocupavam. Os lustres menores continuaram a brilhar em cada lado dele enquanto o cristal dos outros caía, cada pequena peça refratando a luz num jorro de cores. Seu casaco revoava, e ele abaixou o único revólver que carregava enquanto caía, apontando-o para o bandido que estava em pé sobre Wayne.

Waxillium descarregou as seis balas no ladrão, pois não podia se dar ao luxo de arriscar. A pistola estava escorregadia nas mãos de Waxillium quando ele atingiu o chão, *empurrando* os pregos do assoalho para não quebrar as pernas. O ladrão despencou contra a parede, morto.

Assim que Waxillium chegou a Wayne, uma bolha de velocidade o englobou. Waxillium suspirou aliviado ao ver Wayne se mexendo e se ajoelhou para virar o amigo de barriga para cima. A camisa de Wayne estava ensopada de sangue, com um buraco de bala visível na barriga. Enquanto Waxillium observava, a ferida se fechou lentamente, curando-se.

— Desgraça — disse Wayne, gemendo. — Ferimentos na barriga *doem*.

Wayne não poderia manter a bolha enquanto o bandido estivesse por perto, pois isso teria mostrado que ainda estava vivo. Os fora da lei e os homens da lei estavam acostumados a enfrentar Nascidos do Metal, e, se a bolha estivesse erguida, o bandido teria atirado na cabeça de Wayne.

Então, Wayne tinha sido forçado a desfazer a bolha e se fingir de morto. Por sorte, o bandido não o virara para verificar seus sinais vitais nem percebera que o ferimento estava se curando. Wayne era um Criassangue, um tipo de feruquemista que conseguia armazenar saúde do mesmo jeito que Waxillium armazenava peso. Se passasse algum tempo adoentado e fraco, curando-se com muito menos velocidade que o normal, Wayne conseguia armazenar saúde e capacidade de cura numa mente de metal. Então, quando ele a drenava, curava-se a uma velocidade muito maior.

— Quanto você ainda tem em sua mente de metal? — perguntou Waxillium.

— Esse foi meu segundo ferimento por bala da noite — comentou Wayne. — Talvez eu possa curar mais um. — Waxillium o ajudou a ficar de pé. — Foram duas semanas na cama para armazenar essa quantidade. Espero que sua garota valha o esforço.

— *Minha* garota?

— Corta essa, meu chapa. Não pense que eu não estava vendo como você olhava para ela durante o jantar. Você sempre gostou das inteligentes. — Ele abriu um sorrisinho.

— Wayne — disse Waxillium —, não faz nem um ano desde que Lessie se foi.

— Uma hora você vai precisar seguir em frente.

— Essa conversa já deu para mim — disse Waxillium, olhando por sobre as mesas próximas. Corpos de Desaparecidos espalhavam-se ao redor, com ossos quebrados pelos bastões de duelo de Wayne. Waxillium avistou alguns bandidos vivos escondidos atrás de mesas, como se ainda não tivessem percebido que Wayne estava desarmado.

— Cinco à esquerda? — perguntou Waxillium.

— Seis — respondeu Wayne, pegando e girando seus bastões de duelo. — Há outro nas sombras bem ali. Derrubei sete. E você?

— Dezesseis, eu acho — disse Wax, distraído. — Não contei com cuidado.

— Dezesseis? Caramba, Wax. Eu esperava que você estivesse um pouco enferrujado. Pensei que talvez eu fosse capaz de alcançá-lo desta vez.

Waxillium abriu um sorriso.

— Isso não é uma competição. — Ele hesitou. — Mesmo que eu esteja vencendo. Alguns homens saíram pela porta com Steris. Atirei no cara que pegou seu chapéu, mas ele ficou vivo. Provavelmente já foram embora.

— Não pegou o chapéu para mim? — perguntou Wayne, parecendo ofendido.

— Eu estava *um pouco* ocupado tomando uns tiros.

— Ocupado? Ora, meu chapa. Não é preciso esforço nenhum para tomar um tiro. Acho que você só está dando desculpas por ter inveja do meu chapéu da sorte.

— Com certeza é isso — retrucou Waxillium, enfiando a mão no bolso. — Quanto tempo ainda resta para você?

— Não muito — respondeu Wayne. — Curvaliga quase no fim. Talvez vinte segundos.

Waxillium respirou fundo.

— Vou nos três à esquerda. Você vai à direita. Prepare-se para pular.

— Certo.

— Vamos!

Wayne correu e saltou sobre uma mesa na frente deles. Desfez a bolha de velocidade assim que pulou, e Waxillium se preparou, aumentando seu peso, e, em seguida, *empurrou* as mentes de metal de Wayne, fazendo o homem subir pelos ares num arco na direção dos bandidos. Assim que Wayne estava no ar, Waxillium parou de drenar sua mente de metal e começou a enchê-la. *Empurrou* alguns pregos, lançando-se no ar numa trajetória um pouco diferente.

Wayne caiu primeiro, aterrissando com tanta força que provavelmente precisou se curar enquanto rolava entre um par de bandidos escondidos. Ele se levantou e acertou o braço de um deles com os bastões de duelo. Em seguida, girou e desferiu um golpe de bastão no pescoço do segundo homem.

Waxillium jogou a arma enquanto caía, *empurrando-a* com toda a força contra o rosto de um bandido surpreso. Ele aterrissou e jogou o cartucho vazio que Wayne havia lhe dado mais cedo — aquele que continha a mensagem — no segundo homem. *Empurrando-o*, transformou o cartucho numa bala improvisada, que acertou a testa do homem e perfurou seu crânio.

Waxillium empurrou o cartucho com tanta força que ele o jogou para o lado. Atingiu com um ombro o peito do homem no qual havia jogado a arma. O homem cambaleou para trás, e Waxillium bateu com o antebraço, onde ficava seu bracelete de mente de metal, na cabeça do homem, derrubando-o.

Mais um, pensou ele. *Atrás de mim à direita.* Esse seria difícil. Waxillium chutou a arma que havia usado, pretendendo *empurrá-la* na direção do último bandido.

Um tiro ressoou.

Waxillium ficou paralisado, esperando a dor de uma bala atingi-lo. Nada aconteceu. Ele girou e encontrou o último bandido caído sobre uma mesa, sangrando, e uma arma caindo de seus dedos.

Pelas cicatrizes do Sobrevivente…?

Ele olhou para cima. Marasi estava ajoelhada na sacada onde ele a havia deixado. Ela tinha pegado a espingarda do bandido que ele derrubara e obviamente sabia como usá-la. Enquanto ele observava, ela atirou de novo, derrubando o bandido escondido nas sombras que Wayne havia mencionado.

Wayne levantou-se depois de acabar com os dois agressores. Parecia confuso até Waxillium apontar para Marasi.

— Uau! — disse Wayne, aproximando-se dele. — Gosto cada vez mais dela. Entre as duas, *eu* certamente escolheria ela.

Entre as duas.

Steris!

Waxillium soltou um palavrão e saltou para a frente, lançando-se num empurrão de aço pela sala na direção da outra saída. Bateu no chão e correu, observando, com preocupação, que o corpo do chefão não estava onde havia caído. Havia sangue na entrada. Tinham-no arrastado para longe?

A menos que… Talvez sua teoria não estivesse errada, no fim das contas. Mas, *que desgraça*, ele não podia estar enfrentando Miles! Miles era um homem da lei. Um dos melhores.

Waxillium irrompeu noite adentro, pois aquela saída levava diretamente à rua. Alguns cavalos estavam presos a uma cerca, e o que pareciam ser vários cavalariços estavam amordaçados e presos no chão.

Steris e os bandidos que a levaram para fora haviam sumido. No entanto, ele encontrou um grupo grande de policiais entrando no pátio.

— Bem na hora, camaradas — disse Waxillium, sentando-se nos degraus, exausto.

— Não me importa *quem* é o senhor ou quanto dinheiro tem — disse o policial Brettin. — O senhor criou uma verdadeira bagunça.

Waxillium sentou-se num banquinho, ouvindo distraidamente enquanto descansava as costas na parede. Sentiria dor pela manhã. Não forçava o corpo assim fazia meses. Tinha sorte de não ter torcido nada nem estirado um músculo.

— *Não* estamos nas Terras Brutas — continuou Brettin. — Acha que pode fazer o que quiser? Acha que pode simplesmente pegar uma arma e fazer justiça com as próprias mãos?

Estavam sentados na cozinha da Mansão Yomen, numa área lateral que os policiais haviam isolado para interrogatórios. Não havia passado muito tempo desde o fim da luta. Apenas o bastante para o problema começar.

Embora seus ouvidos ainda zumbissem por causa do barulho do tiroteio, Waxillium também conseguia ouvir gemidos e lamentos do salão de festa enquanto os policiais checavam a situação dos convidados. Mais além, ouvia o estalar de cascos de cavalos e o roncar de um ou outro automóvel no pátio da mansão, ocupados por membros da elite da cidade fugindo em grupos assim que eram liberados. Os policiais falaram com todos, garantindo que estavam bem e verificando os nomes na lista de convidados.

— E então? — questionou Brettin. Ele era chefe de polícia, responsável pela delegacia em seu oitante. Provavelmente estava se sentindo *muito* ameaçado pelos roubos que aconteciam durante sua vigilância. Waxillium podia imaginar o que era estar em sua posição, pressionado todos os dias por poderes acima do dele que não estavam satisfeitos.

— Me desculpe, policial — disse Waxillium, com calma. — Velhos hábitos são feitos de aço forte. Deveria ter me refreado, mas o senhor teria feito diferente? Teria assistido a mulheres sendo sequestradas sem fazer nada?

— Tenho direitos e responsabilidades legais que o senhor não tem.

— Tenho direitos e responsabilidades morais, policial.

Brettin pigarreou, mas as palavras calmas de Waxillium o amoleceram de alguma forma. Olhou para o lado quando um policial usando terno marrom e um daqueles chapéus-coco entrou e o cumprimentou.

— E aí? — perguntou Brettin. — Quais as novidades, Reddi?

— Vinte e cinco mortos, capitão — disse o homem.

Brettin grunhiu.

— Viu o que o senhor causou, Ladrian? Se tivesse mantido a cabeça baixa, como todo mundo, esses pobres coitados ainda estariam vivos. Que Ruína! Isso é uma bagunça. Eu posso *ser enforcado* por isso…

— Capitão — interrompeu Reddi. Ele se aproximou e lhe falou baixinho. — Me desculpe, senhor, mas essas são as baixas dos *bandidos*. Vinte e cinco mortos, senhor. Seis capturados vivos.

— Ah. E quantos civis mortos?

— Apenas um, senhor. Lorde Peterus. Foi alvejado antes de Lorde Ladrian começar a lutar, senhor. — Reddi estava observando Waxillium com uma mistura de admiração e respeito.

Brettin olhou para Waxillium. Em seguida, pegou seu tenente pelo braço e o arrastou para longe.

Waxillium fechou os olhos, respirou com suavidade e ouviu um tanto da conversa.

— Você está me dizendo… dois homens… trinta e um… *sozinhos?*

— Sim, senhor.

— … mais feridos…?

— … ossos quebrados… nada muito sério… escoriações e arranhões… em fogo aberto…

Houve um silêncio, e Waxillium abriu os olhos. Encontrou o chefe de polícia encarando-o. Brettin acenou para Reddi se afastar e se aproximou dele.

— E então? — perguntou Waxillium.

— Você parece ser um homem de sorte.

— Meu amigo e eu chamamos a atenção dos bandidos — comentou Waxillium. — E a maioria dos convidados já estava de cabeça baixa quando o tiroteio começou.

— O senhor ainda quebrou ossos com seu espetáculo alomântico — disse o chefe de polícia. — Haverá egos feridos e lordes furiosos. E quando reclamarem, será a *mim* que virão.

Waxillium não disse nada.

Brettin agachou-se diante de Waxillium, ficando bem próximo.

— Eu conheço o senhor — disse ele, em voz baixa. — Sabia que, em algum momento, precisaríamos ter essa conversa. Então, vou ser claro. Esta é a minha cidade, e eu tenho a autoridade aqui.

— É mesmo? — perguntou Waxillium, sentindo-se muito cansado.

— É.

— Então, onde o senhor estava quando os bandidos começaram a atirar na cabeça das pessoas?

O rosto de Brettin enrubesceu, mas Waxillium manteve os olhos erguidos.

— Não me sinto ameaçado por você — respondeu Brettin.

— Ótimo. Eu não disse nada ameaçador ainda.

Brettin chiou baixo e apontou para Waxillium, colocando um dedo contra o peito do lorde.

— Mantenha-se civilizado. Metade do meu cérebro já está querendo fazer você passar a noite na cadeia.

— Faça isso, então. Talvez, pela manhã, o senhor tenha encontrado a *outra* metade do cérebro, e aí poderemos ter uma conversa razoável.

O rosto de Brettin ficou ainda mais vermelho, mas ele sabia — e Waxillium também — que ele não ousaria colocar um lorde de uma casa na cadeia sem uma boa justificativa. Brettin por fim se afastou, fazendo um aceno de desprezo para Waxillium e saindo da cozinha.

Waxillium suspirou, ficando em pé e pegando seu chapéu de feltro no balcão onde o havia deixado. *Que Harmonia nos projeta de homens tacanhos com muito poder*. Ele pôs o chapéu e entrou no salão de baile.

Já não havia quase nenhum conviva; os noivos e familiares tinham sido levados pela carruagem de Lorde Yomen a um lugar onde pudessem se recuperar do martírio. Ainda assim, o salão fervilhava com quase o mesmo número de policiais e médicos. Os feridos estavam sentados no piso elevado perto da saída; parecia haver cerca de vinte ou trinta pessoas ali. Waxillium percebeu que Lorde Harms estava sentado a uma mesa na lateral, de cabeça baixa e com uma expressão melancólica. Marasi tentava

confortá-lo. Wayne também estava à mesa, parecendo entediado.

Waxillium foi até eles. Retirando o chapéu, sentou-se. Descobriu que não sabia exatamente o que dizer a Lorde Harms.

— Ei! — sussurrou Wayne. — Aqui.

Ele entregou algo debaixo da mesa para Waxillium. Um revólver. Waxillium olhou para a arma, confuso. Aquela não era dele.

— Imaginei que você ia querer um desses.

— Alumínio?

Wayne sorriu, com os olhos brilhando.

— Peguei da coleção que os policiais fizeram. Pelo visto havia *dez* desses. Imaginei que você poderia vendê-lo. Gastei muita curvaliga combatendo esses bandidos e preciso de algum dinheiro para repor. Mas não se preocupe... Deixei um desenho muito bonito no lugar da arma. Aqui.

Ele lhe entregou outra coisa. Um punhado de balas.

— Peguei essas também.

— Wayne — disse Waxillium, mexendo os cartuchos estreitos e longos —, você não percebeu que são balas de espingarda?

— E daí?

— Daí que não servem num revólver.

— Não? Por que não?

— Porque não.

— Um jeito meio idiota de fazer balas, né não? — Ele parecia perplexo. Claro que a maioria das coisas sobre armas deixava Wayne perplexo, já que, em geral, ele se dava melhor jogando uma arma em alguém do que tentando atirar com ela.

Waxillium balançou a cabeça, divertindo-se, mas não recusou a arma. Ele *queria* uma daquelas. Encaixou o revólver num coldre de ombro e se virou para Lorde Harms.

— Milorde — disse Waxillium. — Eu falhei com o senhor.

Harms enxugou o rosto com o lenço, parecendo pálido.

— Por que eles a levaram? Eles vão soltá-la, não vão? Disseram que soltariam.

Waxillium ficou em silêncio.

— Não vão — continuou Lorde Harms, erguendo os olhos. — Eles não soltaram nenhuma outra, certo?

— Não — respondeu Waxillium.

— O senhor *precisa* trazê-la de volta! — Harms tomou a mão de Waxillium. — Não me importa o dinheiro ou as joias que pegaram de mim. Isso pode ser substituído, e a maioria tinha seguro. Mas eu pago *qualquer* preço por Steris. Por favor. Ela vai ser sua noiva! O senhor precisa encontrá-la!

Waxillium fitou os olhos do homem e viu o medo dentro deles. As bravatas que Harms havia mostrado nos encontros anteriores tinham sido uma encenação.

Engraçado como alguém rapidamente para de chamá-lo de canalha e patife quando quer sua ajuda, pensou Waxillium. Mas uma coisa que não conseguia ignorar era um pedido sincero de ajuda.

— Vou encontrá-la — garantiu Waxillium. — Prometo, Lorde Harms.

Harms meneou a cabeça. Em seguida, lentamente, se pôs em pé.

— Deixe-me ajudá-lo até a carruagem, milorde — disse Marasi.

— Não — disse Harms, afastando-a. — Não. Deixe-me… Deixe-me ir e ficar sozinho. Não vou embora sem você, mas, por favor, me dê um tempo sozinho. — Ele se afastou, deixando Marasi para trás com as mãos crispadas.

Ela se sentou de novo, parecendo fatigada.

— Ele queria que você tivesse resgatado Steris, e não a mim — comentou, em voz baixa.

— Então, Wax — interveio Wayne —, onde você disse que o cara com o meu chapéu estava?

— Eu disse a você que ele escapou depois de eu atirar nele.

— Eu tinha a esperança de que tivesse derrubado meu chapéu, sabe? Tomar um tiro faz as pessoas derrubarem as coisas.

Waxillium suspirou.

— Acho que ele ainda estava usando seu chapéu quando saiu.

Wayne começou a xingar.

— Wayne — disse Marasi. — É só um chapéu.

— Só um chapéu? — rebateu ele, horrorizado.

— Wayne é um pouco apegado àquele chapéu — disse Waxillium. — Acha que dá sorte.

— Ele *dá* sorte. Nunca morri usando aquele chapéu.

Marasi fechou a cara.

— Eu… não sei bem como responder.

— É uma reação comum quando se conversa com Wayne — disse Waxillium. — Aliás, eu queria agradecê-la por sua intervenção oportuna. Se importa se eu perguntar onde aprendeu a atirar daquele jeito?

Marasi enrubesceu.

— No clube de tiro para mulheres na universidade. Estamos muito bem posicionadas em comparação aos outros clubes da cidade. — Ela fez uma careta. — Não acho que… algum daqueles homens que acertei vão se recuperar, certo?

— Que nada — disse Wayne. — Você acertou neles direitinho, ah, se acertou! O que estava do meu lado espalhou miolos na porta inteira!

— Ai, minha nossa. — Marasi ficou pálida. — Nunca esperei…

— Isso acontece quando se atira em alguém — enfatizou Wayne. — Ao menos, as pessoas em geral têm o bom senso de morrer quando você tem todo o trabalho de atirar nelas. A não ser que você não atinja qualquer coisa vital. E aquele cara que pegou meu chapéu?

— Eu o acertei no braço — disse Waxillium. — Mas o tiro deveria derrubá-lo. Certamente tem sangue koloss. Talvez seja um Braço de Peltre também.

Isso silenciou Wayne. Provavelmente estava pensando a mesma coisa que Waxillium: um bando como aquele, com aquela quantidade de membros e armas tão boas, provavelmente teria ao menos uns dois alomânticos ou feruquemistas.

— Marasi — disse Waxillium quando uma coisa lhe ocorreu —, Steris é alomântica?

— O quê? Não. Ela não é.

— Tem certeza? — perguntou Waxillium. — Talvez ela estivesse escondendo.

— Ela não é alomântica — insistiu Marasi. — Nem feruquemista. Tenho certeza.

— Bem, lá se vai uma teoria enferrujada — disse Wayne.

— Preciso pensar — disse Waxillium, batendo na mesa com a unha. — Muitas coisas sobre esses Desaparecidos não fazem sentido. — Ele balançou a cabeça. — Mas, por ora, devo dar boa-noite a vocês. Estou exausto, e, se eu puder ousar dizê-lo, você também.

— Sim, claro — disse Marasi.

Eles se levantaram e andaram na direção da saída. Os policiais não o pararam, embora alguns tenham lançado olhares hostis a Waxillium. Outros pareciam descrentes. Alguns o olharam admirados.

Naquela noite, como nas quatro anteriores, não havia brumas. Waxillium e Wayne levaram Marasi até a carruagem de seu tio. Lorde Harms já estava lá dentro, sentado, encarando o vazio à sua frente.

Quando eles chegaram, Marasi tomou o braço de Waxillium.

— O senhor deveria realmente ter ido atrás de Steris primeiro — comentou em voz baixa.

— A senhorita estava mais perto. A lógica ditava que eu a salvasse primeiro.

— Bem, qualquer que tenha sido o motivo — disse ela, com a voz ainda mais baixa —, obrigada pelo que o senhor fez. — Eu só… Obrigada. — Ela parecia querer dizer mais coisas, encarando seus olhos, e então ficou na ponta dos pés e lhe deu um beijo na bochecha. Antes que ele pudesse reagir, ela se virou e subiu na carruagem.

Wayne se aproximou dele quando a carruagem seguiu pela rua escura, as ferraduras do cavalo estalando nas pedras do calçamento.

— E aí? — perguntou Wayne. — Vai se casar com a prima dela?

— Esse é o plano.

— Bizarro.

— Ela é uma jovem impulsiva e tem metade da minha idade — explicou Waxillium. *Uma jovem aparentemente brilhante, linda, intrigante que, por acaso, também tem uma mira excelente.* No passado, aquela combinação o teria impressionado sobremaneira. Naquele momento, ele mal prestou atenção a isso.

Ele se afastou da carruagem.

— Onde você vai ficar?

— Não sei ainda — disse Wayne. — Encontrei uma casa vazia, pois o pessoal que mora lá está fora, mas acho que devem voltar hoje à noite. Deixei um pouco de pão como agradecimento.

Waxillium suspirou. *Eu devia ter imaginado.*

— Vou lhe dar um quarto, desde que você prometa não me roubar demais.

— O quê? Eu *nunca* roubo, meu chapa. Roubar é ruim. — Ele correu a mão pelo cabelo e sorriu. — Mas talvez eu precise trocar alguma coisa por um chapéu até recuperar o meu. Precisa de pão?

Waxillium apenas balançou a cabeça, acenando para sua carruagem levá-lo de volta à Mansão Ladrian.

7

Na manhã seguinte ao ataque no jantar de casamento, Marasi estava na frente da imponente mansão da Praça Ladrian, 16, segurando sua bolsa com as duas mãos. Gostava de segurar algo diante de si quando estava nervosa, um mau hábito seu. Como dizia o professor Modicarm, “indícios visuais óbvios devem ser evitados com firmeza por um praticante da lei, sob o risco de dar inadvertidamente a criminosos um vislumbre de seu estado emocional”.

Pensar nas frases de seus professores era outro de seus hábitos quando estava nervosa. Continuava em pé na calçada de pedra, indecisa. Lorde Waxillium acharia estranho ou invasivo da parte dela ir até lá? Acharia que ela era uma garota tola com um passatempo tolo que presumia enganosamente que poderia ser útil a um homem da lei experiente?

Deveria simplesmente bater na porta, mas não tinha o direito de ficar nervosa ao confrontar um homem como Waxillium Ladrian? Uma lenda viva, um de seus heróis pessoais?

Um jovem cavalheiro passou atrás dela na calçada, passeando com um cachorro ansioso. Ele inclinou o chapéu para ela, embora tivesse lançado um breve olhar desconfiado para a Mansão Ladrian.

O prédio não parecia merecer tal escrutínio; a estrutura venerável era feita de pedras suntuosas cobertas de trepadeiras, com grandes janelas e um antigo portão de ferro. Três macieiras maduras estendiam seus galhos no jardim frontal, e um serviçal estava serrando preguiçosamente alguns galhos mortos. A lei da cidade estabelecida pelo próprio Lorde Nascido da Bruma exigia que mesmo as árvores ornamentais fornecessem alimento.

Como seria visitar as Terras Brutas, onde as árvores são secas e baixas?, divagou. As Terras Brutas deviam ser um lugar fascinante. As plantas na Bacia de Elendel cresciam com fartura, sem muita necessidade de cuidados ou cultivo. Um presente final do Sobrevivente, seu toque generoso sobre a terra.

Pare de nervosismo, disse a si mesma. *Seja firme. Controle a situação.* Era o que o professor Aramine tinha dito na semana anterior e…

Desgraça! Ela avançou a passos largos, passou pelo portão aberto, subiu os degraus da entrada e chegou à porta. Bateu a aldraba na porta três vezes.

Um mordomo de rosto longo atendeu. Olhou-a de cima a baixo com olhos imparciais.

— Lady Colms.

— Eu poderia falar com Lorde Ladrian?

O mordomo ergueu uma sobrancelha e abriu a porta toda. Ele não disse nada, mas uma vida inteira ao redor de serviçais como ele — treinados segundo o antigo ideal terrisano — a ensinara a ler suas ações. Ele não achava que ela deveria estar visitando Waxillium, especialmente sozinha.

— A sala de estar não está ocupada, milady — disse o mordomo, apontando a mão rígida com a

palma para cima na direção de uma câmara lateral. Ele se pôs a caminhar para a escada, movendo-se com uma sensação de… inevitabilidade. Como uma árvore ancestral balançando ao vento.

Ela perambulou pela saleta, forçando-se a segurar a bolsa ao lado do corpo. A Mansão Ladrian era decorada do modo clássico; os tapetes tinham padrões intrincados em tons escuros e as molduras dos quadros eram esculpidas com floreios e pintadas de dourado. Era estranho que tantos preferissem molduras que pareciam estar tentando sobrepujar a arte que continham.

Havia menos arte pendurada na mansão do que deveria? Vários pontos nas paredes estavam claramente vazios. Ela olhou para uma grande pintura de um campo de grãos, unindo as mãos atrás das costas.

Ótimo. Estava contendo o nervosismo agora. Não havia nenhum motivo para estar nervosa. Sim, ela lera relato após relato sobre Waxillium Ladrian. Sim, as histórias de sua bravura eram parte do que a inspirou a estudar direito.

Contudo, ele era mais afável do que ela pensava. Sempre o imaginara como alguém bronco e estoico. Tinha sido uma surpresa descobrir que ele falava como um cavalheiro e, claro, havia o jeito relaxado e até ácido com que interagia com Wayne. Em cinco minutos, os dois destruíram anos de ilusões juvenis sobre um homem da lei calmo e quieto e seu companheiro intenso e devotado.

Então, veio o ataque. O tiroteio, a gritaria. E Waxillium Ladrian, como um raio de luz intensa e brilhante no meio de uma tempestade escura e caótica. Ele a salvou. Em quantos dias de sua juventude ela sonhara com algo assim?

— Lady Colms? — disse o mordomo, parando na entrada da saleta. — Desculpe-me, mas o mestre disse que não terá tempo de descer para conversar com a senhorita.

— Ah — disse ela, sentindo um peso imediato no estômago. Ela havia mesmo feito papel de trouxa.

— Na verdade, milady — disse o mordomo, com os cantos da boca apontando ainda mais para baixo —, a senhorita deve me acompanhar até seu escritório para que possam conversar lá.

Ah. Bem, por isso ela não esperava.

— Por aqui, por favor — disse o mordomo. Ele se virou e deu uma guinada escada acima, e ela o seguiu. No último andar, eles viraram por alguns corredores, passando por serviçais e criados responsáveis pela limpeza, que meneavam a cabeça em respeito a ela, até chegarem a um cômodo que dominava a parte esquerda ao fundo da mansão.

O mordomo gesticulou para que ela entrasse. A sala era muito mais apinhada de coisas do que ela imaginara. As janelas estavam fechadas e as venezianas, abaixadas. A grande mesa que dominava a parede ao fundo estava ocupada por tubos, queimadores e outros aparatos de aparência científica.

Waxillium estava ao lado da mesa, segurando algo com um par de pinças e estudando-o com atenção. Usava óculos de proteção pretos e enrolara as mangas da camisa branca até os cotovelos. Seu casaco estava pendurado numa cadeira na lateral da sala, o chapéu-coco sobre ele, e Waxillium usava um colete de tecido xadrez diagonal preto e cinza. A sala cheirava a fumaça e, estranhamente, a enxofre.

— Milorde? — disse o mordomo.

Waxillium virou-se, ainda usando os óculos.

— Ah! Milady Marasi. Entre, entre. Tillaume, pode ir.

— Sim, milorde — disse o mordomo, com um tom sofrido.

Marasi entrou na sala, olhando para a lateral, onde uma grande folha de papel se espalhava no chão,

dobrada e coberta com garranchos. Waxillium girou um botão, e um pequeno tubo de metal na mesa lançou uma língua fina de chama intensa. Ele segurou o tubo por um instante sobre o fogo, usando a pinça, e então derramou seu conteúdo num pequeno copo de cerâmica. Ele observou. Em seguida, pegou um tubo de vidro em um suporte na mesa e o balançou.

— Veja — disse ele, estendendo o tubo para ela. Havia um líquido claro dentro dele. — Parece azul para a senhorita?

— Hum… não. Deveria?

— Aparentemente, não — respondeu ele. Sacudiu o tubo de novo. — Hum. — Deixou o tubo de lado.

Ela ficou parada e quieta. Era tão difícil não se lembrar da imagem dele avançando pela fileira de mesas, arma na mão, derrubando com destreza dois dos homens que tentavam arrastá-la para dentro da noite. Ou da visão dele alçando-se pelo ar — tiros explodindo embaixo, os lustres se estilhaçando e o cristal espalhando luz ao redor dele —, atirando num homem quando ainda estava no ar e aterrissando para resgatar o amigo.

Estava falando com uma lenda. E ele estava usando um par de óculos de proteção muito bobo.

Waxillium ergueu-os até a testa.

— Estou tentando descobrir que liga usaram naquelas armas.

— As de alumínio? — perguntou ela, curiosa.

— Sim, mas não são de alumínio puro. São feitas de algo mais forte, e a granulação está errada. Nunca *vi* esta liga antes. E as balas devem ser de outra liga; precisarei testá-las em seguida. Digo-lhe de passagem que não sei bem se a senhorita aprecia as vantagens que tem vivendo na cidade.

— Ah, eu diria que tenho ciência de muitas delas.

Ele abriu um sorrisinho. Estranhamente, parecia *mais jovem* naquele dia do que nos encontros anteriores.

— Acredito que sim. Eu estava me referindo especificamente à facilidade de fazer compras que vocês têm aqui.

— Compras?

— É, compras! Uma conveniência maravilhosa. Lá em Intempérie, se eu quisesse um queimador a gás que pudesse alcançar as temperaturas altas exigidas para testar ligas, seria preciso fazer um pedido especial e esperar os vagões certos da ferrovia chegarem. E *também* teria que torcer para que os equipamentos chegassem sem danos ou quebrados. No entanto, aqui, eu só preciso dar uma lista a uns rapazes e mandá-los às compras. Em questão de horas, posso montar um laboratório inteiro. — Ele balançou a cabeça. — Eu me sinto tão mimado. E a *senhorita* me parece hesitante com alguma coisa. É o enxofre? Precisei testar a pólvora nas balas, sabe… e, bem, acho que deveria abrir uma janela.

Não *ficarei nervosa perto dele.*

— Não é isso, milorde Ladrian.

— Por favor, fique à vontade para me chamar de Wax ou Waxillium — disse ele, caminhando até a janela. Ela percebeu que ele ficou de lado, protegido pelo batente, enquanto a abria, nunca diretamente na linha de visão de alguém do lado de fora. Esse comportamento cauteloso era natural para ele, que nem parecia perceber o que estava fazendo. — Não precisa ser formal comigo. Tenho uma regra: salvar minha vida lhe dá o direito de usar meu primeiro nome.

— O senhor salvou a minha vida primeiro, creio eu.

— Sim, mas eu já estava em dívida com a senhorita.

— Por quê?

— Porque a senhorita me deu uma desculpa excelente para atirar — respondeu ele, sentando-se à mesa e fazendo algumas anotações num bloco de papel. — Parece que eu precisava disso já havia algum tempo. — Ele ergueu os olhos e sorriu para ela. — E sua hesitação?

— Deveríamos estar sozinhos nesta sala, Lorde Waxillium?

— Por que não? — perguntou ele, parecendo verdadeiramente confuso. — Há algum homicida escondido no guarda-roupa que eu não tenha notado?

— Estou me referindo à decência, milorde.

Ele parou por um momento e, em seguida, deu um tapa na própria testa.

— Ah, me desculpe. Precisa me perdoar por ser um bufão. Faz tanto tempo desde que tive que… não importa. Se está se sentindo desconfortável, chamo Tillaume de volta. — Ele se levantou, passando por ela.

— Lorde Waxillium! — disse ela. — *Eu* não estou desconfortável. Garanto ao senhor. Simplesmente não queria colocá-lo numa posição inoportuna.

— Inoportuna?

— Sim. — Agora ela se sentia realmente uma idiota. — Por favor. Não quis fazer uma confusão.

— Muito bem, então — disse ele. — Para ser sincero, realmente me *esqueci* de coisas como esta. Basicamente são bobagens, como você sabe.

— Decência é bobagem?

— Coisas demais na alta sociedade são construídas ao redor da ideia de não confiar em ninguém — disse Waxillium. — Contratos, relatórios de operação detalhados, não ser vista sozinha com uma pessoa disponível do sexo oposto. Se removermos a confiança de um relacionamento, de que adianta tê-lo?

Isso vindo de alguém que vai se casar com Steris por causa de sua riqueza? Ela se sentiu mal com esse pensamento. Era muito difícil não se sentir amarga às vezes.

Ela superou a sensação rapidamente.

— Então… a liga?

— Sim, a liga — disse ele. — É possível que seja uma tangente pela qual eu não deveria estar saindo. Uma desculpa para voltar a um antigo hobby. Mas, como sei que o alumínio veio do primeiro roubo, perguntei-me se não estarão usando uma liga que inclua componentes que eu possa rastrear. — Ele voltou à mesa, onde pegou o revólver que Wayne lhe dera na noite anterior. Ela reparou que ele havia raspado um tanto do metal na parte de fora do cabo.

— A senhorita conhece bem a metalurgia, Lady Marasi? — perguntou ele.

— Temo que não — disse ela. — Provavelmente deveria.

— Ah, não se sinta mal. Como eu disse, esse é um vício meu. Há muitos metalúrgicos na cidade; eu poderia ter enviado essas raspas a um deles e conseguido um relatório mais rápido e preciso. — Ele suspirou, recostando-se na cadeira. — Estou apenas acostumado a fazer as coisas sozinho, sabe?

— Lá nas Terras Brutas, com frequência não teve outra escolha.

— É verdade. — Ele bateu a arma contra a mesa. — Ligas são coisas notáveis, Lady Marasi. Já percebeu que podemos fazer uma liga com um metal que reage ao magnetismo e terminar com um que não reage? Misture-o com uma parte igual de outra coisa e não terá algo com metade da reação magnética… terá algo que não é reativo de jeito nenhum. Quando fazemos uma liga, não apenas misturamos dois metais. Criamos um *novo*. Isso é fundamental na Alomancia, sabe? O aço é apenas ferro com uma pitada de carbono, mas isso faz toda a diferença. Este alumínio tem algo a mais também, menos de um por cento. Acho que talvez seja eca-boro, mas é só um palpite. Uma pitada mínima. Estranhamente, isso funciona nos homens também. Uma mudançazinha pode resultar na criação de uma pessoa totalmente nova. Como somos parecidos com os metais… — Ele balançou a cabeça e apontou para que ela se sentasse numa cadeira recostada à parede. — Mas a senhorita não veio aqui para me ouvir tagarelar. Vamos, conte-me, o que posso fazer pela senhorita?

— Na verdade, é o que eu posso fazer pelo senhor — disse ela, sentando-se. — Falei com Lorde Harms. Pensei que por conta de sua… bem, por a Casa Ladrian estar sofrendo certa falta de liquidez, entende, pensei que talvez o senhor não tivesse as ferramentas necessárias para procurar Steris. Lorde Harms concordou em oferecer recursos para o que o senhor precisar em sua busca para resgatá-la.

Waxillium pareceu surpreso.

— Isso é maravilhoso. Obrigado. — Ele fez uma pausa e, então, olhou para a mesa. — Acha que ele se importaria em pagar por isso?

— De jeito nenhum — disse ela, rapidamente.

— Bem, isso é um alívio. Tillaume quase desmaiou quando viu o quanto gastei. Acho que o velhote tem medo de ficarmos sem chá se eu continuar assim. É tão incrível que eu possa dar emprego para vinte mil pessoas, ser dono de dois a três por cento dos terrenos da cidade e ainda assim ter tão pouco dinheiro à mão. Que estranho é o mundo dos negócios. — Waxillium inclinou-se para a frente, cruzando as mãos e parecendo pensativo. À luz da janela aberta, Marasi conseguiu ver que ele tinha bolsas embaixo dos olhos.

— Milorde? — perguntou ela. — O senhor chegou a dormir desde o sequestro?

Ele não respondeu.

— Lorde Waxillium — disse ela, séria. — O senhor não pode negligenciar seu bem-estar. Deixar-se cair na ruína não fará bem a ninguém.

— Lady Steris foi levada bem debaixo do meu nariz, Marasi — disse ele, baixinho. — Não levantei um dedo. Precisei ser *coagido* a fazê-lo. — Ele balançou a cabeça, como se para afastar maus pensamentos. — Mas você não precisa se preocupar comigo. Eu não teria conseguido dormir de qualquer forma, então era melhor fazer algo produtivo.

— Chegou a alguma conclusão? — perguntou ela, com curiosidade verdadeira.

— Muitas — disse ele. — Com frequência, o problema não é chegar a soluções, mas decidir qual delas efetivamente aconteceu e quais são pura imaginação. Aqueles homens, por exemplo. Não eram profissionais. — Ele fez uma pausa. — Desculpe, isso provavelmente não faz sentido nenhum.

— Não, faz sim — disse ela. — O jeito como ficaram loucos para atirar, o jeito como o líder se permitiu ser levado a atirar em Peterus…

— Exatamente — disse ele. — Eles tinham experiência como ladrões, certamente, mas não eram *refinados*.

— Uma maneira simples de determinar o tipo de criminoso é analisando quem eles matam e quando — disse Marasi, citando uma frase de um de seus livros de estudo. — Assassinatos são punidos com enforcamento, roubos, não. Aqueles homens, se realmente soubessem o que estavam fazendo, teriam saído de lá rapidamente, felizes por não precisarem dar nenhum tiro.

— Então, são só valentões de rua — disse Waxillium. — Criminosos comuns.

— Com armas *muito* caras — disse Marasi, franzindo a testa. — O que implica um apoiador externo, certo?

— Sim — disse Waxillium, ficando mais ávido e inclinando-se para a frente. — No início, fiquei muito confuso. Estava *convencido* de que os sequestros eram o centro de tudo e que os roubos eram apenas uma fachada. Mas os homens que vimos estavam realmente interessados no que estavam levando. Isso me deixou perplexo. A julgar pelo preço do alumínio e por quanto gastaram forjando essas armas, despenderam uma fortuna para conseguir um valor menor com o roubo. Não faz sentido.

— A menos que estejamos lidando com dois grupos — disse Marasi. — Alguém deu recursos aos bandidos, permitindo que eles praticassem esses roubos. O grupo de apoio, no entanto, exige que eles sequestrem algumas pessoas, fazendo parecer que são reféns aleatórias.

— Sim! O apoiador, seja lá quem for, quer as mulheres sequestradas. E os Desaparecidos ficam com o que roubam ou talvez apenas com um percentual. Isso tudo é *mesmo* feito para usar os roubos como cobertura, mas é possível que os próprios bandidos não compreendam como estão sendo usados.

Marasi franziu a testa, mordendo o lábio.

— Mas isso significa…

— O quê?

— Bem, eu tinha a esperança de que isso já estivesse terminando — explicou ela. — Sua contagem inicial dos ladrões estimou menos de quarenta homens, e o senhor e Wayne mataram ou incapacitaram mais ou menos trinta deles.

— Trinta e um — disse ele, indiferente.

— Imaginei que os que restaram dividiriam os lucros e fugiriam. É de se pensar que a morte de três quartos do grupo seria suficiente para desfazê-lo.

— Na minha experiência, seria.

— Mas esses bandidos são diferentes — disse ela. — O líder tem um apoiador externo oferecendo riquezas e artilharia. — Ela fez uma careta. — Pelo que lembro, ele falou de “retribuição”. Ele poderia ser o chefe e o apoiador?

— Talvez — respondeu Waxillium. — Mas duvido. Parte do objetivo de tudo isso seria que outra pessoa fizesse o trabalho perigoso por ele.

— Concordo — disse ela. — Mas o líder *parece* ter uma ideologia própria. Talvez tenha sido escolhido para ser o líder por isso. Criminosos costumam criar uma racionalização básica para justificar o que estão fazendo, e um homem que pudesse ganhar com isso… além de prometer riquezas e muita diversão atirando por aí… seria ideal como um gerente intermediário, por assim dizer.

Waxillium abriu um largo sorriso.

— O que foi? — perguntou ela.

— Percebe que passei a noite toda pensando para chegar a essas conclusões? Você chegou a elas

em… o quê? Dez minutos?

Ela bufou.

— Tive uma modesta ajuda sua.

— Pode-se dizer que tive uma modesta ajuda de mim mesmo, tecnicamente.

— Vozes sussurrando para você como resultado da privação de sono *não* contam, milorde.

O sorriso de Waxillium cresceu, e ele se levantou.

— Vamos. Quero saber o que você acha.

Curiosa, ela o seguiu até a frente da sala, onde estava o monte de papéis. Ele o arrumou, revelando uma folha de papel com talvez um metro e meio de comprimento e quase dois metros de largura. Waxillium ajoelhou-se no chão, mas ela teve mais dificuldade por causa do vestido. Então, ela apenas se curvou, olhando sobre os ombros dele.

— Genealogias? — perguntou ela, surpresa.

Parecia que ele havia traçado a linhagem de cada uma das mulheres sequestradas até a Origem, começando com seus nomes à esquerda da longa folha e trabalhando de frente para trás. Não listara todos os parentes, mas incluía os ancestrais diretos e alguns nomes importantes em cada geração de cada refém.

— Bem? — perguntou ele.

— Estou começando a suspeitar de que o senhor é um homem estranho, milorde — respondeu ela. — O senhor passou a noite toda fazendo isto?

— Não levou muito tempo, embora o papel de Wayne tenha me dado uma boa ajuda no início. Felizmente, a biblioteca do meu tio guarda muitos livros sobre o assunto. Era um hobby dele. Mas o que a senhorita *acha*?

— Acho que é bom que o senhor esteja prestes a casar, pois uma boa esposa teria cuidado para que o senhor descansasse em vez de ficar escrevendo a noite toda à luz de vela. É ruim para os olhos, sabia?

— Temos eletricidade — disse ele, apontando para cima. — Além disso, duvido que Steris vá se importar com meus hábitos de sono. Não está no contrato, sabia? — Havia um toque de amargura em seu tom, leve mas reconhecível.

A maioria das coisas que ela dissera tinha sido para enrolá-lo por alguns momentos para que pudesse ler mais nomes.

— Alomânticas — disse ela. — O senhor analisou as linhagens por poderes alomânticos em sua herança. Todos convergem ao Lorde Nascido da Bruma. Wayne não falou sobre isso?

— Sim — disse ele. — Acredito que a pessoa por trás disso está em busca de alomânticos. Está formando um exército. Escolhe exatamente essas pessoas porque suspeita que secretamente são alomânticas. O fato de não serem claras quanto a isso dificulta ainda mais reconhecer o que ele está fazendo.

— Mas Steris *não* é alomântica. Eu juro.

— Isso me preocupou por um tempo — disse ele. — Mas não é um problemão. Veja, ele está levando pessoas que acredita serem alomânticas, mas sabe que vai errar algumas vezes. — Waxillium tamborilou no papel. — Isso me preocupa quanto a ela. Assim que o apoiador descobrir que ela não é o que ele pensou que fosse, Steris estará em um perigo maior.

Por isso você ficou acordado a noite toda, percebeu ela. *Acha que não há muito tempo.*

Tudo isso por uma mulher que ele obviamente não ama. Era difícil não sentir inveja.

O que foi?, pensou ela. *Você queria ter sido levada? Garota estúpida.*

Ela observou que seu nome estava naquela lista.

— O senhor tem minha genealogia? — perguntou ela, surpresa.

— Precisei mandar buscar — disse ele. — Deixei alguns funcionários bem irritados no meio da noite. A senhorita é bem estranha.

— Perdão?

— Ah, hum, quis dizer que sua presença nessa lista é bem estranha. Vê aqui? A senhorita é prima de segundo grau de Steris.

— E?

— E isso significa que a senhorita… bem, é difícil explicar. Resumindo, a senhorita é prima de sexto grau da principal linhagem. Todas as outras, inclusive Steris, eram muito mais ligadas… A senhorita tem linhagens do lado paterno que diluem suas ligações. Isso a torna um alvo estranho, se comparada aos outros. Pergunto-me se a escolheram porque queriam levar alguém aleatoriamente somente para romper o padrão e nos manter em dúvida.

— É possível — disse ela, com cuidado. — Afinal, não sabiam que Steris estava sentada conosco.

— Verdade. Mas é aqui que caímos em especulações. Posso notar muitos motivos que tornariam Steris um alvo. O histórico de alomânticos não é a única relação entre as reféns… Há o parentesco da alta sociedade e *muitas* outras conexões. Na verdade, quando olho para isso, o fator Alomancia parece tênue. Se vão treinar combatentes, por que levariam apenas mulheres? Em primeiro lugar, por que perder tempo com alomânticas, quando têm recursos e meios para roubar todo esse alumínio? Podiam ter parado por aí e ficado ricos. E não consigo encontrar nada que indique, com certeza, que as outras mulheres sequestradas eram mesmo alomânticas.

Estão levando apenas mulheres, pensou Marasi, olhando para as longas listas que remontavam ao Lorde Nascido da Bruma. O alomântico mais poderoso que já viveu. Uma figura quase mitológica, alguém que tinha *todos os dezesseis* poderes alomânticos em um corpo. Quão poderoso deve ter sido?

E, de repente, fez sentido.

— Ferrugem e Ruína — sussurrou ela.

Waxillium ergueu os olhos para ela. Provavelmente teria percebido aquilo se não tivesse exigido tanto de si durante a noite toda.

— A Alomancia é genética — disse ela.

— Sim. É por isso que ela aparece tanto nessas linhagens.

— Genética. Estão levando as mulheres. Waxillium, você não vê? Não querem reunir um exército de alomânticos. Estão tentando *gerar* um. Estão levando as mulheres com as linhagens alomânticas mais próximas do Nascido da Bruma.

Waxillium encarou seu grande papel e piscou.

— Pela lança do Sobrevivente… — sussurrou ele. — Bem, ao menos isso significa que Steris não está em perigo imediato. Ela é valiosa para eles mesmo sem ser alomântica.

— Sim — disse Marasi, sentindo-se enjoada. — Mas, se eu estiver certa, ela estará num tipo diferente de perigo.

— Claro — concordou Waxillium, desanimado. — Eu deveria ter visto isso. Wayne nunca vai me deixar em paz depois que descobrir.

— Wayne — disse ela, percebendo que não havia perguntado por ele. — Onde ele está?

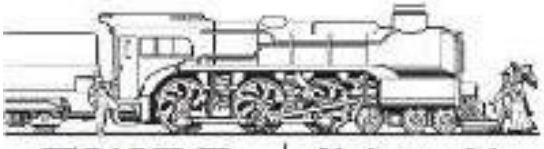
Waxillium checou o relógio de bolso.

— Deve voltar logo. Mandei-o fazer uma pequena maldade.

...io de Flendel

...santo para cada oitante!

Edição [illegible] — Preço 5¢



... EXIBE ...EBRA"

...transporte, Reshells Tekel ...na casa, feito para a trans- ...com exposição ao público

O TREM FANTASMA!!

Descrito por testemunhas!

Neste relato impressionante, três testemunhas falam sobre a noite em que seu trem foi roubado pelos Desaparecidos. Uma delas é a própria maquinista, que confirma os detalhes da aparição fantasmagórica. Descubra os fatos por si e entenda por que este fantasma é silencioso demais, brilhante demais e do outro mundo demais para não ser uma força do além. Especialistas da universidade comparam desastres de trem para determinar a origem da aparição, e as listas de mortes dão um vislumbre do que os fantasmas podem desejar. Reportagem exclusiva encontrada apenas aqui! No verso.

Existe vida do outro lado do oceano?

Dois anos atrás, o navio de sua planação ancorou *Tulio de Ferro* foi arrebatado por uma tempestade terrível e levado à profundeza do oceano. Longe de ser não [illegible] morte do navegar idiopacamente, e os bravos navegantes se viram reunidos por uma vida inquieta enquanto seguiam os mares para todo, na [illegible]

Humanos se [illegible] e no fim das contas, encontraram terra — uma ilha estranha cheia de animais incomuns. Lá também encontraram um refugiado, um único sobrevivente com uma história terrível sobre seu barco ter sido capturado por um estranho povo caótico.

Agora, muito depois de seus entes queridos terem desistido deles, tomando-os por mortos, os navegadores retornaram à civilização, trazendo com eles seu refugiado. Sua história é apavorante, preocupante e maravilhosa. Continue lendo para saber como descobriram a verdade do povo dos oceanos e da sua história. Metais Desconhecidos. Leia a história inteira no verso.

CARRUAGENS SEM CAVALOS SÃO UMA AMEAÇA!

Carruagens sem cavalos são um perigo para nossa cidade e nosso estilo de vida. Esses dispositivos sem alma são feitos bem sem o bom senso de um cavalo e uma cocheira, que são treinados por anos de prática e licenciados para proteger seus passageiros. Estatísticas mostram que acidentes e atropelamentos são comuns em veículos motorizados. Não perca sua vida ou a de seus amados à *merci* de algo que tem a frieza do aço, quando tem vida. Defendo que é certo!

DENUNCIE CARRUAGENS SEM CAVALOS

Mensagem paga pela Sociedade dos Cocheiros. As palavras deste artigo não refletem a opinião dos editores e membros deste jornal.

COMPRAMOS METAIS!

Compraremos seus refugos de metal a preços competitivos! Pontualidade é problema!

Briggs & Sons
Metalúrgicos Licenciados,
Rameik do Purodor, 327, 4º O.L.

Aparições de Olhos de Ferro em alta!

Aparições de aparições do próprio Olhos de Ferro estão assombrando a cidade. Quando o Morte vence as ruas de Flendel, como saber que você está protegido? Impressas aqui dezesseis dicas comprovadas para manter o Olhos de Ferro longe de seu lar. Entre outras dicas, há proteções para fazê-lo passar direto por você enquanto estiver desmaiado e ofuscado se o pior acontecer e você encontrá-lo pessoalmente. Reportagem exclusiva no verso, quarta coluna. Não seja um dos poucos que ficaram sem proteção adequada! Gostinos e leitores...!

"Os Imortais Sem Rosto salvaram minha vida!"

Uma mulher sofreu uma experiência assustadora quando um incêndio irrompeu em seu prédio no Quinto Quarto, isto é, seus filhos foram salvos por uma figura sombria que ela jurou estar usando uma máscara de gás falsificada. Uma visão de um dos Imortais Sem Rosto? Ilusão? Simples fantasia? Você decide. História no verso, na quinta coluna.

Vote na PAIXÃO! Vote na LIBERDADE! Vote FELTRI!

Uma mensagem dos cidadãos de [illegible] para Feltri.

O AUTOMÓVEL É SUPERIOR AO CAVALO!

Um estudo justo e científico realizado recentemente pela Associação dos Interesses de Transporte mostra que a carruagem motorizada tem muitas vantagens frente aos cavalos e às diligências comuns. O automóvel é capaz de manter velocidades superiores apenas pelas locomotivas mais sofisticadas e junto se cansa de uma longa estrada. Não teremos mais que temer perder a cavalariça para problemas com saúde ou privações ao viajar para terras distantes! Não teremos mais que alimentar, abrigar ou aparar um animal de carga inapto! Não seja escravo de seu cocheiro!

TOME AS RÉDEAS DO PODER DO FUTURO HOJE!

Mensagem paga pela Associação de Transporte Automóvel do Longínquo Futuro, Filial de Ilhas Planas, não necessariamente pela sociedade deste mensageiro.

Explorando os Poços de Eltania

Meu querido editor, por seu intermédio, meus amados leitores, espero que seja saudável e encontre bem e de posse de um ouvido disposto, pois os eventos incríveis que transpiraram em minha recente experiência podem deixá-los incrédulos e chocados. Jurados senhores, em declaração das mais sérias, que todas as palavras que escrevo aqui são verdadeiras e fortuitas. Vai ouvir histórias para que os senhores possam saber sobre as Terras Brutas e as pessoas fascinantes que vivem lá, além das montanhas, além da lei e além da razão cultivada.

inesperadas do um trabalho sensacional não belo.

Mas, antes que eu me [illegible]

8

Wayne entrou a passos largos na delegacia de polícia do Quarto Oitante. Suas orelhas estavam quentes demais. Por que os tiras usavam chapéus tão desconfortáveis? Talvez por isso parecessem tão ranzinzas o tempo todo, caminhando pela cidade, importunando pessoas respeitáveis. Mesmo depois de poucas semanas em Elendel, Wayne sabia que era basicamente isso que os policiais faziam.

Chapéus ruins. Um chapéu ruim podia tornar um homem bem desagradável, essa era a verdade.

Ele irrompeu pelas portas duplas, abrindo-as com tudo. A sala em que irrompeu parecia uma grande gaiola. Uma cerca de madeira na frente mantinha as pessoas separadas dos tiras e havia mesas atrás dela para comer, descansar e conversar. Sua entrada fez com que alguns tiras de uniforme marrom se empertigassem, alguns levando a mão aos revólveres na cintura.

— Quem está no comando deste lugar? — berrou Wayne.

Os tiras, surpresos, o encararam; em seguida, ficaram em pé, alisando uniformes e colocando rapidamente os chapéus. Ele mesmo usava um daqueles uniformes. Tinha conseguido o seu numa delegacia lá no Sétimo Oitante, deixando uma camisa bem boa para substituí-lo, uma troca tão justa quanto qualquer um podia pedir. Afinal, a camisa era de *seda*.

— Senhor! — disse um dos tiras. — O senhor tem que falar com o capitão Brettin!

— E onde diabos ele está? — gritou Wayne.

Pegara o sotaque certo só de ouvir alguns tiras. As pessoas interpretavam mal a ideia de sotaque. Pensavam que era uma coisa que todos os *outros* tinham. Mas não era isso, de jeito nenhum. Cada pessoa tinha um sotaque individual, uma mistura de onde viveu, sua profissão, seus amigos.

As pessoas pensavam que Wayne imitava sotaques, mas não. Ele os roubava. Eram as únicas coisas que ainda podia roubar, considerando que se desviara para o caminho do bem e tal.

Vários tiras, ainda confusos com sua chegada, apontaram uma porta na lateral da sala. Outros o saudaram, como se fosse a única coisa que soubessem fazer. Wayne alisou seu falso bigode, grosso e com as pontas para baixo, e caminhou até a porta. Andava como se fosse simplesmente abrir a porta com tudo, mas fingiu hesitar e bateu.

Brettin estaria, mesmo que por muito pouco, acima dele na hierarquia. *Que coisa infeliz,* pensou Wayne. *Aqui estou eu, trabalhando há 25 anos como policial, e só tenho três estrelas.* Ele deveria ter sido promovido eras atrás.

Quando ergueu a mão para bater de novo na porta, ela se abriu, revelando o rosto magro de Brettin. Parecia aborrecido.

— Que algazarra e gritaria é essa… — Ficou paralisado quando viu Wayne. — Quem é você?

— Capitão Guffon Trenchant — disse Wayne. — Sétimo Oitante.

Os olhos de Brettin conferiram a insígnia de Wayne e voltaram ao seu rosto. Houve um momento de confusão, e Wayne percebeu o pânico nos olhos de Brettin. Estava tentando decidir se deveria se lembrar do capitão Guffon ou não. A cidade era um lugar grande, e, pelo que Wayne tinha ouvido, Brettin sempre confundia o nome das pessoas.

— Eu… claro, capitão — disse Brettin. — Já… hum, nos conhecemos?

Wayne soprou o bigode.

— Sentamos à mesma mesa no jantar do presidente na última primavera! — Ele estava bastante confiante em seu sotaque. Era uma mistura de sétimo filho de lorde e capataz de forja, com apenas um *toque* de capitão de canal. Ao falar, parecia ter metade da boca cheia de algodão e usar a voz de um cão raivoso.

Mas já fazia semanas que estava na cidade, ouvindo conversas em bares de diferentes oitantes, visitando linhas férreas, falando com as pessoas em parques. Tinha coletado uma boa quantidade de sotaques, acrescentando-os aos que já havia roubado. Mesmo quando vivia em Intempérie, fazia viagens à cidade para recolher sotaques. Encontrava os melhores ali.

— Eu… ah, claro — disse Brettin. — Sim, Trenchant, reconheço você agora. Já faz um tempo.

— Não importa — soltou Wayne. — Que história é essa de ter *prisioneiros* da gangue dos Desaparecidos? Pelo bom aço, homem! Tivemos que ficar sabendo pelos *jornais*!

— Temos jurisdição, já que o evento… — Brettin hesitou, olhando para a sala cheia de policiais intrigados, fingindo cuidadosamente não estarem ouvindo. — Entre.

Wayne encarou os homens que observavam. Nenhum deles o questionara. Aja como se fosse importante e estivesse furioso, e as pessoas vão simplesmente querer sair do seu caminho. Psicologia básica.

— Muito bem — disse ele.

Brettin fechou a porta, falando de forma rápida e autoritária.

— Eles foram capturados em nosso oitante e o crime aconteceu aqui. Temos toda a jurisdição. Mandei uma carta a todos vocês.

— Carta? Ferrugem e Ruína, cara! Sabe quantas cartas recebemos por dia?

— Bem, talvez devesse contratar alguém para lê-las — disse Brettin, impaciente. — Foi o que acabei fazendo aqui.

Wayne soprou o bigode.

— Bem, poderia ter enviado alguém para nos informar — disse ele, fazendo-se de idiota.

— Talvez da próxima vez — disse Brettin, parecendo satisfeito por ter vencido a discussão e desarmado um rival raivoso. — Estamos *bem* ocupados com esses prisioneiros.

— Muito bem — disse Wayne. — Quando vai enviá-los para nós?

— *O quê?* — perguntou Brettin.

— Nós temos precedência! Vocês têm a jurisdição do inquérito inicial, mas *nós* temos o direito à persecução. O primeiro roubo aconteceu em nosso oitante. — Wax escreveu isso para ele. De vez em quando, o camarada conseguia ser bastante útil.

— Você precisa nos enviar um pedido por escrito para isso!

— Enviamos uma carta — disse Wayne.

Brettin hesitou.

— Hoje, mais cedo — continuou Wayne. — Não recebeu?

— Hum… Nós recebemos muitas cartas.

— Pensei que tivesse dito que havia contratado alguém para lê-las.

— Mandei que ele buscasse uns bolinhos mais cedo, sabe…

— Ah. Muito bem, então. — Wayne hesitou. — Posso ficar com um deles?

— Dos bolinhos ou dos prisioneiros?

Wayne inclinou-se para mais perto.

— Olha só, Brettin, vamos derreter e forjar isso de uma vez. Nós dois sabemos que, se quiser, você pode reter os prisioneiros por meses até concluirmos a papelada de transferência de modo adequado. Mas não vamos ganhar nada com isso. Você vai arranjar um monte de briga, e nós vamos perder qualquer chance que tínhamos de pegar o resto desses camaradas. Precisamos nos mexer, *e rápido*.

— E? — perguntou Brettin, desconfiado.

— Quero interrogar alguns dos prisioneiros — disse Wayne. — O chefe me enviou especificamente para isso. Você me deixa entrar, me dá alguns minutos, e paramos todos os pedidos de transferência. Você pode manter a ação, e nós continuamos a caçada ao chefão.

Os dois se encararam. De acordo com Wax, manter a ação contra os Desaparecidos seria bom para a carreira, muito bom, mas o prêmio verdadeiro, o chefão da gangue, ainda estava foragido. Pegá-lo significaria a glória, promoções e talvez um convite para se juntar à nata da cidade. O falecido Lorde Peterus havia recebido tudo isso quando capturou o Estrangulador de Cobre.

Deixar que um policial rival interrogasse os prisioneiros seria arriscado, mas perder os prisioneiros por completo, como Brettin arriscava a fazer, era ainda mais perigoso.

— Quanto tempo? — perguntou Brettin.

— Quinze minutos com cada um — respondeu Wayne.

Os olhos de Brettin estreitaram-se levemente.

— Dez minutos com dois prisioneiros.

— Tudo bem — disse Wayne. — Vamos lá.

Levou mais tempo para arranjar as coisas do que deveria. Os policiais tendiam a fazer tudo devagar, exceto quando envolvia prédios em chamas ou assassinatos nas ruas — e eles só corriam para resolver essas duas situações se alguém rico estivesse envolvido. Por fim, montaram uma sala para ele e chamaram um dos bandidos.

Wayne o reconheceu. O camarada havia tentado atirar nele, então Wayne havia quebrado seu braço com um bastão de duelo. Tinha sido muito grosseiro tentar alvejá-lo daquele jeito. Quando um camarada mostrava um bastão de duelo, o outro também deveria puxar um bastão ou, ao menos, uma faca. Tentar atirar em Wayne foi como jogar um dado num jogo de cartas. No que o mundo estava se transformando?

— Ele disse alguma coisa até agora? — perguntou Wayne a Brettin e a vários de seus lacaios, em pé na porta e olhando para o bandido atarracado e de cabelo desgrenhado, com o braço enfiado numa tipoia suja.

— Não muito — respondeu Brettin. — Na verdade, nenhum deles entregou muita coisa. Eles parecem…

— Temerosos — disse um dos outros policiais. — Estão com medo de alguma coisa… ou, ao menos, estão com mais medo de falar do que de nós.

— Ora essa! — disse Wayne. — Vocês só precisam ser *firmes* com eles! Sem mimar!

— Nós não estávamos… — começou o policial, mas Brettin ergueu a mão para calá-lo. — Seu tempo está passando, capitão.

Wayne fungou e entrou devagar na sala. Era pequena, praticamente um armário, com apenas aquela porta. Brettin e os outros a deixaram aberta. O bandido estava sentado numa cadeira, com as mãos algemadas ligadas por correntes aos pés presos ao chão. Havia uma mesa entre eles.

O bandido o encarou, ressentido. Não reconheceu Wayne. Provavelmente era o chapéu.

— Então, meu filho — disse Wayne —, você está enrascado.

O bandido não respondeu.

— Posso tirar você dessa fácil. Nada de enforcamento, se você estiver disposto a ser esperto.

O bandido cuspiu nele.

Wayne inclinou-se para mais perto, com as mãos sobre a mesa.

— Escuta aqui — disse ele, bem baixinho, passando para o sotaque natural e fluido que os bandidos usavam. Uma xícara do sotaque dos trabalhadores dos canais para dar autenticidade, uma boa dose do sotaque de um barman para dar confiança, e o restante tirado do Sexto Oitante, lado norte, de onde a maioria dos bandidos parecia vir. — Isso é jeito de tratar um camarada que matou um tira e roubou o uniforme só pra te tirar daqui, meu chapa?

Os olhos do bandido se arregalaram.

— Não faça isso — disse Wayne, baixinho. — Você parece ansioso demais. Vai deixar os caras cabreiros. Que desgraça! Agora vai ter que cuspir em mim de novo.

O homem hesitou.

— Cuspa!

Ele cuspiu.

— Que Ruína! — gritou Wayne, voltando ao sotaque de policial. Ele esmurrou a mesa. — Se fizer isso de novo, garoto, eu arranco as suas orelhas.

O bandido olhou para ele.

— É pra cuspir de novo?

Ah, ótimo. Acertei em cheio o sotaque.

— É o caramba! — sibilou Wayne. — Vou arrancar as suas orelhas de verdade se fizer isso. — Ele se inclinou, falando baixo o bastante para que os outros não pudessem ouvir. — Os tiras dizem que você não falou. Muito bom. O chefão vai gostar de saber.

— Você vai me tirar daqui?

— O que acha? Não posso deixar você aqui para dar com a língua nos dentes. É tirar você daqui ou ver você apertando as mãos do Olhos de Ferro.

— Não vou falar — disse o homem, com urgência. — Não precisa me matar. Eu *não vou falar*.

— E os outros?

O homem hesitou.

— Acho que não vão falar também. Talvez Sindren. Ele é novo e tudo o mais.

Ótimo, pensou Wayne.

— Sindren. O loiro com a cicatriz?

— Não. Ele é o baixote com orelhão. — O bandido estreitou os olhos para Wayne. — Por que não reconheço você?

— Por que acha? — disse Wayne, afastando-se e retomando a voz de policial. — Agora, sem mais demora! Onde é sua base de operações? De onde vocês estão trabalhando? Quero *respostas*! — Ele se inclinou de novo para perto do bandido. — Não me reconhece porque sou valioso demais para ser visto por homens comuns. Eles poderiam me entregar. Trabalho com seu chefe. Tarson.

— Tarson? Ele não é chefe de nada. Ele só atira nas coisas.

Ótimo também.

— Eu quis dizer o chefe dele.

O bandido fez uma careta. Estava ficando cada vez mais desconfiado.

— Essa sua atitude vai levar você pra forca, meu chapa — disse Wayne, baixinho. — Quem recrutou você? Quero… falar com ele.

— Quem… Clamps faz *todo* o recrutamento. Você deveria saber disso. — Seus olhos se tornaram hostis.

Excelente, pensou Wayne.

— Pronto! — disse ele, virando-se para os policiais. — Este aqui não vai falar. Bandido boca fechada. — Ele saiu da sala para se juntar a Brettin e aos outros.

— Por que estava sussurrando tanto? — questionou Brettin. — Você disse que poderíamos ouvir.

— Eu disse que poderiam ouvir — confirmou Wayne —, mas não disse que eu diria alguma coisa que pudessem ouvir. Com esses tipos, você tem que falar baixo e de um jeito ameaçador. Alguns dos homens já deram nomes para vocês?

— Apelidos — disse Brettin, insatisfeito.

— Algum deles deu o nome Sindren?

Brettin olhou para seus homens. Eles negaram com a cabeça.

Excelente.

— Quero ver os outros. Vou escolher quem vou interrogar.

— Isso não fazia parte do acordo — disse Brettin.

— Eu ainda posso ir para casa e começar a preparar a papelada para a transferência…

Brettin ruminou aquelas palavras por um momento e, em seguida, levou Wayne até as celas. Foi fácil reconhecer Sindren. O homem de orelhas grandes parecia jovem; seus olhos se arregalaram quando viu os tiras olhando para sua cela.

— Ele — disse Wayne. — Vamos!

Agarraram-no e levaram-no para uma sala de interrogatório. Quando Sindren foi algemado e

acorrentado, Brettin e seus homens esperaram dentro da sala.

— Um pouco de espaço para respirar, por favor — disse Wayne, olhando feio para eles.

— Tudo bem — disse Brettin. — Mas chega de sussurros. Quero ouvir o que vai perguntar para ele. Ainda é *nosso* prisioneiro.

Wayne fuzilou-os com o olhar, e eles saíram arrastando os pés, mas deixaram a porta aberta. Brettin ficou do lado de fora, com os braços cruzados, olhando para Wayne com expectativa.

Tudo bem, pensou Wayne. Ele se virou para o preso e se inclinou para a frente.

— Olá, Sindren

O rapaz deu um pulo de verdade.

— Como o senhor…

— Clamps me mandou aqui — disse Wayne, baixinho, usando um tom de valentão de rua. — Estou arranjando um jeito de te tirar daqui. Preciso que você fique totalmente parado.

— Mas…

— Parado. Não se mova.

— Sem cochichos! — gritou Brettin. — Se você disser…

Wayne formou uma bolha de velocidade. Não duraria muito, já que não tinha conseguido ir atrás de muita curvaliga. Precisaria funcionar.

— Sou um alomântico — disse Wayne, ficando perfeitamente parado. — Acelerei o tempo pra gente. Se você se mexer, eles vão perceber o borrão e saber o que está acontecendo. Entendeu? *Não* mexa a cabeça para fazer que sim. Apenas diga.

— Hum… sim.

— Ótimo — disse Wayne. — Como eu disse, Clamps me enviou para te tirar daqui. Parece que o chefão está preocupado. Não quer que vocês falem nada.

— Eu não falo! — disse o jovem. Sua voz era quase um grasnado enquanto obviamente se esfalfava para não se mover.

— Tenho certeza de que não — disse Wayne, mudando sutilmente o sotaque para combinar com a região do jovem, interior do Sétimo. Ele jogou uma pitada de moleiro no sotaque, que percebera no dialeto do rapaz. Provavelmente de seu pai. — Se você falasse, Tarson teria que quebrar alguns ossos seus. Sabe como ele gosta disso, não é?

O rapaz ia mexer a cabeça, mas se segurou.

— Eu sei.

— Mas vamos tirar você dessa — garantiu Wayne. — Não se preocupe. — Mas não reconheço você. É novo?

— Sim.

— Clamps recrutou você?

— Faz duas semanas.

— Em que base você está trabalhando?

— Em que base? — perguntou o rapaz, franzindo a testa.

— Temos várias estações de operação — disse Wayne. — Mas é claro que você não sabe disso, não é? O chefão só mostra uma para os garotos novos, para o caso de serem pegos. Ele não ia querer que você levasse pessoas até nós por acidente, não é?

— Seria horrível — concordou Sindren. Ele olhou para a porta, mas se manteve parado. — Ele me pôs na velha fundição, em Longard. Pensei que éramos os únicos!

— Essa é a ideia — disse Wayne. — Não podemos deixar que um simples erro estrague nossa retribuição.

— Hum, é.

— Você não acredita em tudo isso, acredita? — perguntou Wayne. — Não tem problema. Também acho que o chefão fica um pouco doido com essas coisas.

— É — disse o jovem. — A maioria de nós só quer o dinheiro, sabe? Retribuição é legal, mas…

— Dinheiro é melhor.

— É. O chefão vive dizendo que as coisas vão melhorar quando ele estiver no comando e como a cidade o traiu e coisas assim. Mas a cidade trai todo mundo. A vida é assim. — O rapaz olhou de novo para os tira do lado de fora da porta.

— Não se preocupe — disse Wayne. — Eles acham que sou um tira.

— Como você fez isso? — perguntou o rapaz, baixinho.

— É só falar a língua deles, meu filho. É surpreendente como muita gente nunca percebe isso. Tem certeza de que nunca soube de nenhuma outra base? Preciso saber quais estão em perigo.

— Não — respondeu o jovem. — Eu só fui até a fundição. Fiquei lá durante boa parte do tempo, exceto quando a gente saía para as atividades.

— Posso te dar um conselho, filho? — perguntou Wayne.

— Por favor.

— Saia desse negócio de roubar as pessoas. Você não foi feito pra isso. Se sair, volte para os moinhos.

O garoto franziu a testa.

— É preciso ter um jeito especial para ser um bom criminoso — explicou Wayne. — Você não tem esse jeito. Veja bem, nesta conversa, eu o fiz confirmar o nome do cara que recrutou você e me dar a localização de sua base.

O rapaz ficou pálido.

— Mas…

— Não se preocupe — disse Wayne. — Estou do seu lado, lembra? Essa é sua sorte.

— Sim.

— Tudo bem — disse Wayne, abaixando a voz e ainda parado. — Não sei se consigo tirar você daqui à força. Aceite, garoto: você não vale tanto. Mas eu *posso* ajudar você. Quero que você fale com os policiais.

— *O quê?*

— Me dê até a noite — disse Wayne. — Vou voltar para a base e limpar o lugar. Assim que eu tiver feito isso, você pode dedurar para os tiras, dizer tudo que sabe. Não se preocupe, porque você não tem

informação suficiente para nos encrencar de verdade. Nossos planos de contingência vão nos proteger. Vou falar para o chefão que mandei você fazer isso, e assim vai ficar tudo bem pra você. Mas não fale com eles até prometerem te liberar em troca das informações. Consiga um advogado; peça um que atende por Arintol. Ele deve ser honesto. — Ao menos, foi isso que as pessoas nas ruas disseram a Wayne. — Faça os tiras prometerem sua liberdade na frente de Arintol. Então, diga a eles tudo que sabe. Assim que você sair, fuja da cidade. Alguns homens da gangue talvez não acreditem que mandei você falar, então pode ser perigoso para você. Vá para as Terras Brutas e comece a trabalhar como moleiro. Ninguém vai se importar com o seu passado. De qualquer forma, rapaz, fique fora do crime. Você só vai acabar matando alguém. Talvez você mesmo.

— Eu… — O rapaz parecia aliviado. — Obrigado.

Wayne deu uma piscadela.

— Agora, resista a tudo que eu perguntar e não me dê nenhuma informação. — Ele começou a tossir e desfez a bolha de velocidade.

— … que eu não possa ouvir — disse Brettin —, eu paro o interrogatório.

— Está bem! — gritou Wayne. — Garoto, me diga para quem você trabalha.

— Não vou falar nada, tira!

— Você vai falar ou eu arranco seus dedos do pé! — retrucou Wayne, gritando.

O garoto entrou na brincadeira, e Wayne deu aos policiais uns bons cinco minutos de discussão com o bandido antes de jogar as mãos para cima e sair da sala.

— Eu lhe disse — falou Brettin.

— Sim — disse Wayne, tentando parecer abatido. — Acho que você vai ter que continuar insistindo com eles.

— Não vai funcionar — comentou Brettin. — Vou morrer e ser enterrado antes de esses homens falarem.

— Não teríamos tanta sorte — disse Wayne.

— O que foi?

— Nada — respondeu Wayne, farejando o ar. — Acho que os bolinhos chegaram. Excelente! Ao menos essa viagem não terá sido uma perda de tempo.

9

— Então não sabemos ao certo o que aconteceu — disse Waxillium, sentando-se no chão ao lado da longa folha de papel coberta com suas pesquisas genealógicas. — As “Palavras de Fundação” incluem uma referência a mais dois metais e suas ligas, mas os antigos acreditavam em dezesseis metais, e a Lei dos Dezesseis é tão forte na natureza que não pode ser desconsiderada. Ou Harmonia mudou a maneira como a própria Alomancia funciona ou nunca realmente a entendemos.

— Hum — disse Marasi, ajoelhando-se no chão. — Eu não esperaria isso de você, Lorde Waxillium. Homem da lei eu esperava. Metalurgista, talvez. Mas filósofo?

— Existe uma ligação entre ser um homem da lei e um filósofo — disse Waxillium, sorrindo, indolente. — A manutenção da lei e a filosofia tratam de fazer perguntas. Fui atraído à lei por uma necessidade de encontrar respostas que ninguém mais conseguia dar, de capturar homens que todos consideravam inalcançáveis. A filosofia é semelhante. Perguntas, segredos, enigmas. A mente humana e a natureza do universo são as duas grandes charadas.

Ela meneou a cabeça, pensativa.

— E para você, o que a levou a estudar? — perguntou Waxillium. — Não se vê com frequência uma jovem de posses estudando direito.

— Minhas posses não são tão… significativas como podem parecer à primeira vista — disse ela. — Eu não seria nada sem o mecenato de meu tio.

— Ainda assim.

— Histórias — disse ela, com um sorriso melancólico. — Histórias do bem e do mal. A maioria das pessoas que conhecemos não é só boa nem só ruim.

Waxillium fez uma careta.

— Discordo. A maioria das pessoas parece basicamente boa.

— Bem, talvez de acordo com uma definição. Mas parece que qualquer lado, bom ou mau, deve ser buscado para ser significativo. As pessoas hoje em dia… Parecem que são boas, ou às vezes más, por *inércia*, não por escolha. Agem como seu entorno as prepara para agir. É como se… Bem, imagine um mundo onde tudo é iluminado por uma mesma luz modesta. Todos os lugares, por fora e por dentro, iluminados por uma luz uniforme que não pode ser alterada. Se, neste mundo, alguém produzisse uma luz que fosse muito mais brilhante, isso seria notável. Se alguém conseguisse criar um espaço que fosse mal iluminado, isso também seria notável. De certa forma, não importa quão forte era a iluminação inicial, pois a história funciona de qualquer jeito.

— O fato de a maioria das pessoas ser decente não torna sua decência menos valorosa para a sociedade.

— Sim, claro — disse ela, corando. — E não estou dizendo que desejo que todo mundo seja menos decente. Mas… as luzes mais brilhantes e os lugares mais obscuros me fascinam, Lorde Waxillium, especialmente quando estão drasticamente fora de lugar. Por que acontece de um homem ter crescido numa boa família, cercado de bons amigos, com um bom emprego e recursos satisfatórios, e começar a estrangular mulheres com fios de cobre e afundar seus corpos nos canais? E, ao contrário, por que acontece de a maioria dos homens se adaptar ao clima geral de sensibilidades complacentes que existe nas Terras Brutas e alguns outros, alguns indivíduos notáveis, decidirem levar civilização a eles? Uma centena de homens, convencida pela sociedade de que "todo mundo faz desse jeito", aceitará o mais cruel e horrível dos atos, mas um homem dirá não.

— Na verdade, não é tão heroico assim — disse Waxillium.

— Tenho certeza de que não é para você.

— Já ouviu a história do primeiro homem que prendi?

Ela enrubesceu.

— Eu… já. Sim, vamos dizer que já ouvi. Peret, o Sombrio. Estuprador e alomântico… Braço de Peltre, acredito eu. Você entrou na delegacia, olhou para o quadro de avisos, arrancou a foto dele e saiu. Voltou três dias depois, com ele sobre a sela do cavalo. De todos os homens no quadro de avisos, o senhor escolheu o mais difícil, o bandido mais perigoso da turma.

— Era o que oferecia a maior recompensa.

Marasi franziu a testa.

— Olhei para aquele quadro de avisos — disse Waxillium — e pensei comigo: "Bem, qualquer um desses camaradas provavelmente vai me matar. Então, é melhor escolher o que vale mais". Eu precisava do dinheiro. Em três dias, eu só havia comido somente um pedaço de carne seca e alguns feijões. Então, veio Taraco.

— Um dos grandes bandidos da nossa era.

— Com ele, achei que eu tinha uma chance de conseguir botas novas — disse Waxillium. Ele havia roubado um sapateiro poucos dias antes, e pensei que, se prendesse o homem, talvez conseguisse um novo par de botas.

— Pensei que o havia escolhido por ter atirado num vigilante em Faradana na semana anterior.

Waxillium negou com a cabeça.

— Só soube disso depois de tê-lo capturado.

— Ah. — Em seguida, ela sorriu, ansiosa. — E Harrisel Durão?

— Uma aposta com Wayne — disse Waxillium. — Você não parece decepcionada.

— Isso só torna as coisas mais reais, Lorde Waxillium — disse ela. Seus olhos ansiosos brilhavam de um jeito quase *predatório*. — Preciso anotar isso. — Ela fuçou a bolsa, puxando uma caderneta e um lápis.

— Então foi isso que motivou você? — perguntou Waxillium enquanto ela fazia as anotações. — O desejo de ser uma heroína, como nas histórias?

— Não, não — respondeu ela. — Eu só queria saber sobre elas.

— Tem certeza? Você poderia se tornar uma vigilante, ir para as Terras Brutas, viver as mesmas histórias. Não pense que não pode por ser mulher; a alta sociedade talvez faça você pensar dessa forma,

mas isso não importa além das montanhas. Lá, você não precisa usar vestidos rendados nem cheirar a flores. Pode ter alguns revólveres na cinta e fazer suas regras. Não se esqueça da nossa Guerreira Ascendente.

Ela se inclinou para a frente.

— Posso lhe confessar uma coisa, Lorde Waxillium?

— Apenas se for libidinoso, pessoal ou embaraçoso.

Ela sorriu.

— Eu *gosto* de vestidos rendados e de cheirar a flores. Eu *gosto* de viver na cidade, onde posso ter as conveniências modernas. Percebe que posso pedir comida terrisana a *qualquer hora* da noite e que trarão para mim?

— Incrível. — Realmente era. Ele não sabia que isso era possível.

— Por mais que eu goste de ler sobre as Terras Brutas e que possa gostar de visitá-las, acho que não gostaria de viver lá. Não me dou bem com terra, sujeira e falta geral de higiene pessoal. — Ela se inclinou. — E, para ser muito honesta, não tenho problema nenhum em deixar homens como o senhor carregarem revólveres e atirarem nas pessoas. Isso me torna uma traidora terrível do meu gênero?

— Acho que não. Mas você *é* muito boa atirando nas coisas.

— Ora, atirar em *coisas* tudo bem. Mas em pessoas? — Ela estremeceu. — Sei que a Guerreira Ascendente é um modelo para as mulheres realizadas. Temos aulas sobre isso na universidade, pelo amor de Preservação, e seu legado está escrito na lei, mas não quero pôr calças e ser ela. Às vezes, eu me sinto uma covarde por admitir isso.

— Tudo bem — disse ele. — Você precisa ser você mesma. Mas nada disso explica por que você está estudando direito.

— Ah, eu quero mudar a cidade — disse ela, ficando mais entusiasmada. — E sinto que perseguir cada criminoso e perfurá-lo com pedaços de metal que se movem em alta velocidade é uma maneira terrivelmente ineficaz de fazê-lo.

— Mas também pode ser divertido.

— Vou lhe mostrar uma coisa. — Ela fuçou a bolsa um pouco mais e tirou algumas folhas dobradas. — Eu estava falando sobre como as pessoas em geral agem em reação ao seu entorno. Você se lembra da nossa discussão sobre as Terras Brutas e sobre haver *mais* vigilantes por pessoa do que aqui? E, ainda assim, o crime prevalece. Esse é o resultado do ambiente. Veja.

Ela entregou algumas folhas a ele.

— Isso é um relatório — disse ela. — Eu mesma estou montando. É sobre a relação entre a natureza do crime e o ambiente. Há uma discussão sobre os principais fatores que reduziram a criminalidade em algumas partes da cidade. Contratar mais policiais, enforcar mais criminosos, esse tipo de coisa. São medidas de eficácia média.

— O que é isso no fim? — perguntou Waxillium.

— Revitalização — disse ela, com um grande sorriso. — Este é um caso em que um homem rico, Lorde Joshin, comprou vários quinhões de terra numa das áreas menos respeitáveis da cidade. Ele começou a revitalizar e limpar a terra. A criminalidade despencou. As pessoas não mudaram, apenas o ambiente. Agora, é uma área segura e respeitável da cidade. Chamamos isso de teoria das “janelas quebradas”. Se um homem vê uma janela quebrada num prédio, ele fica mais propenso a roubar ou

cometer outros crimes, pois imagina que ninguém se importa com o que acontece ali. Se todas as janelas forem consertadas, todas as ruas limpas, todos os prédios restaurados a criminalidade despenca. Da mesma forma que um dia quente pode deixar uma pessoa irritadiça, uma área em decadência pode transformar um homem comum num criminoso.

— Curioso — disse Waxillium.

— Claro que essa não é a única resposta. Sempre haverá pessoas que não reagem ao entorno. Como mencionei, elas me fascinam. De qualquer forma, sempre fui boa com números e cifras. Vejo padrões e me ponho a pensar. Limpar algumas ruas pode ser mais barato do que contratar mais policiais e pode realmente diminuir muito mais a criminalidade.

Waxillium olhou para os relatórios e depois de volta para Marasi. Ela estava afogueada pela empolgação. Havia alguma coisa cativante nela. Quanto tempo já estavam ali? Ele hesitou antes de checar o relógio de bolso.

— Ah — disse ela, olhando para o relógio. — Não deveríamos estar papeando desse jeito. Não com a pobre Steris nas mãos dos bandidos.

— Não podemos fazer muito mais até Wayne voltar — disse Waxillium. — Na verdade, ele já deveria estar de volta.

— Ele está — disse a voz de Wayne no corredor.

Marasi teve um sobressalto, soltando um gritinho.

Waxillium suspirou.

— Faz quanto tempo que você está aí fora?

A cabeça de Wayne apareceu no canto da porta, usando um chapéu de policial.

— Faz um tempinho. Parecia que vocês dois estavam tendo alguma conversa de gente inteligente. Não quis interferir.

— Foi esperto de sua parte. Sua estupidez pode ser contagiosa.

— Não me venha com palavras bonitas, filho. — Wayne entrou. Embora estivesse usando um chapéu de policial, usava o sobretudo e as calças de sempre, com os bastões de duelo na cintura.

— Conseguiu? — perguntou Waxillium, levantando-se e estendendo a mão para ajudar Marasi a se levantar.

— Consegui alguns bolinhos. — Wayne abriu um sorriso. — E os tiras sujos até pagaram por eles.

— Wayne?

— Sim?

— *Nós* somos tiras sujos.

— Não mais — disse ele com orgulho. — Somos cidadãos independentes com a mente orientada para a obrigação cívica. E comemos os bolinhos dos tiras sujos.

Marasi fez uma careta.

— Não parecem tão apetitosos quando descritos dessa forma.

— Ah, eles estão bons. — Wayne levou a mão ao bolso do sobretudo. — Aqui, trouxe uns para vocês. Ficaram um pouco esmagados no meu bolso.

— Não, obrigada — disse ela, empalidecendo.

Wayne deu uma risadinha e tirou um papel, que acenou para Waxillium.

— Localização do esconderijo dos Desaparecidos. Junto com o nome do recrutador.

— Sério? — perguntou Marasi, ansiosa, correndo para pegar o papel. — Como fez isso?

— Uísque e *magia* — disse Wayne.

— Em outras palavras — disse Waxillium, aproximando-se para ler o papel sobre o ombro de Marasi —, Wayne tagarelou bastante para conseguir. Bom trabalho.

— Precisamos nos mexer! — disse Marasi, com urgência. — Ir até lá, pegar Steris e…

— Não vão mais estar lá — interrompeu Waxillium, pegando o papel. — Não depois da captura de vários de seus membros. Wayne, você conseguiu pegar isso sem que os policiais ouvissem?

Ele pareceu ofendido.

— O que acha?

Wax assentiu com a cabeça, coçando o queixo.

— Deveríamos ir até lá logo. Chegar à cena antes que esfrie demais.

— Mas... — disse Marasi. — Os policiais…

— Vamos deixar uma pista anônima assim que tivermos visto o local — interrompeu Waxillium.

— Não vai ser necessário — acrescentou Wayne. — Acendi um pavio.

— Para quando?

— Cair da noite.

— Ótimo.

— Você pode mostrar sua gratidão com um pedaço grande e gordo de um metal raro e caro — disse Wayne.

— Na mesa — disse Waxillium, dobrando o papel e colocando-o no bolso do colete.

Wayne foi até a mesa, olhando o aparato montado.

— Não sei se quero tocar nessas coisas, meu chapa. Gosto muito de todos os meus dedos.

— Não vai explodir, Wayne — disse Wax, seco.

— Você disse isso quando…

— Aconteceu *uma* vez! — interrompeu Waxillium.

— Sabia que é chato pra caramba fazer os dedos crescerem de novo, Wax?

— Se for tão chato quanto você reclamando, então é realmente horrível.

— Só estou dizendo — disse Wayne, olhando a mesa até encontrar um frasco com flocos de curvaliga. Ele o pegou e se afastou, desconfiado. — As coisas com a aparência mais inocente têm uma tendência a explodir. Um sujeito precisa ter cuidado. — Ele sacudiu a garrafa. — Não tem muito.

— Não se faça de mimado — disse Waxillium. — É muito mais do que eu poderia conseguir para você em tão pouco tempo se estivéssemos nas Terras Brutas. Deixe o chapéu aí. Vamos olhar esta fundição.

— Podemos usar minha carruagem, se quiserem — disse Marasi. Nesse instante, Tillaume entrou, carregando um cesto numa das mãos e uma bandeja com chá na outra. Deixou o cesto ao lado da porta, pôs a bandeja na mesa e começou a servir o chá.

Waxillium olhou para Marasi.

— Você quer vir? Pensei que tinha dito que preferia deixar os tiros para homens como eu.

— Você disse que eles não estarão lá — retrucou ela. — Então, não haverá perigo de verdade.

— Eles ainda querem levar você — observou Wayne. — Tentaram pegá-la no jantar. Vai ser perigoso.

— Eles provavelmente atirarão em qualquer um de vocês sem piscar — disse ela. — Então, como será menos arriscado para vocês?

— Acho que não vai ser — admitiu Wayne.

Tillaume aproximou-se, levando uma xícara de chá a Waxillium numa pequena bandeja. Wayne a pegou com um sorrisinho, embora Tillaume tivesse tentado afastá-la.

— Que conveniente — disse Wayne, erguendo a xícara. — Wax, por que nunca levou um desses camaradas para me servir em Intempérie? — O mordomo fez uma cara feia para ele e voltou apressado à mesa para preparar outra xícara.

Waxillium encarou Marasi, refletindo. Havia algo que não estava enxergando, algo importante, algo sobre o que Wayne disse…

— Por que *eles* pegaram você? — perguntou Waxillium a Marasi. — Havia alvos melhores naquela festa. Mulheres mais próximas das linhagens que eles querem.

— Você disse que talvez ela fosse uma isca para nos despistar — disse Wayne, jogando um pouco de curvaliga no chá e tomando tudo num gole só.

— Sim — disse Waxillium, fitando-a nos olhos e vendo o brilho de algo ali. Ela se afastou. — Mas, se fosse o caso, eles levariam alguém que não fosse tão próxima da mesma linhagem, e não uma prima de Steris. — Ele crispou os lábios e entendeu subitamente. — Ah! Você é ilegítima! Meia-irmã de Steris, por parte de Lorde Harms, suponho eu.

Ela enrubesceu.

— Sim.

Wayne assobiou.

— Que belo espetáculo, Wax! Em geral, *eu* espero até o segundo encontro antes de chamar uma pessoa de bastarda. — Ele encarou Marasi. — Até o terceiro, se ela for bonita.

— Eu… — Waxillium sentiu uma explosão repentina de vergonha. — Claro. Eu não quis dizer…

— Não tem problema — disse ela.

Fazia sentido. Marasi e Lorde Harms tinham ficado desconfortáveis quando Steris falara sobre amantes e a cláusula específica sobre elas no contrato. Steris estava acostumada à infidelidade por parte de um lorde. E isso também explicava por que Harms estava pagando pela educação e dando moradia para a “prima” de Steris.

— Lady Marasi — disse Waxillium, tomando sua mão. — Talvez meus anos nas Terras Brutas tenham me afetado mais do que presumi. Houve um tempo em que eu *pensava* antes de falar. Perdoe-me.

— Eu sou o que sou, Lorde Waxillium — disse ela. — E estou acostumada com isso.

— Ainda assim, foi rude da minha parte.

— Não precisa se desculpar.

— Hã... — disse Wayne, pensativo. — Esse chá está envenenado.

Com isso, ele despencou no chão.

Marasi arfou, correndo imediatamente até ele. Waxillium virou-se, olhando Tillaume no instante em que o mordomo se afastou de suas supostas preparações de chá e ergueu uma pistola para Waxillium.

Não houve tempo para pensar. Waxillium queimou aço. Ele mantinha um pouco do metal em si quando pensava que poderia estar em perigo e *empurrou* o terceiro botão de seu colete. Sempre usava um botão feito de aço ali para restaurar suas reservas de metal ou usar como arma.

O botão se soltou do colete, voando pela sala e acertando Tillaume no peito assim que ele puxou o gatilho. O tiro foi desviado. Nem a bala nem a arma foi registrada como metal pelos sentidos alomânticos de Waxillium. Ou seja, eram de alumínio.

Tillaume cambaleou para o lado e soltou a arma, apoiando-se na estante numa tentativa de fuga. Deixou uma linha de sangue no chão antes de cair junto à porta.

Waxillium caiu de joelhos ao lado de Wayne. Marasi deu um pulo com o tiro e estava encarando o mordomo arfante.

— Wayne? — chamou Waxillium, erguendo a cabeça do amigo.

Wayne piscou várias vezes até abrir os olhos.

— Veneno. Eu *odeio* veneno. Pior do que perder um dedo, juro.

— Lorde Waxillium! — disse Marasi, alarmada.

— Wayne vai ficar bem — disse Waxillium, recostando-se. — Enquanto puder falar e tiver algumas reservas feruquêmicas, pode se recuperar de praticamente qualquer coisa.

— Não estou falando dele. O mordomo!

Waxillium ergueu os olhos, assustado, percebendo que o moribundo Tillaume estava mexendo na cesta que havia trazido. O homem tinha enfiado a mão ensanguentada nela e puxou alguma coisa.

— Wayne! — gritou Waxillium. — Bolha. *Agora!*

Tillaume caiu para trás. O cesto explodiu numa bola de fogo.

E parou.

— Ai, ferrugem! — exclamou Wayne, virando-se para olhar a explosão em curso. — Eu te avisei. Eu *disse* que as coisas estão sempre explodindo ao seu redor.

— Eu me recuso a assumir a responsabilidade por esta explosão.

— Ele é *seu* mordomo — disse Wayne, tossindo e ficando de joelhos. — Eca! Nem era um chá *bom*.

— Está aumentando! — disse Marasi, assustada, enquanto apontava para a explosão.

O estouro tinha destruído a cesta antes que Wayne conseguisse erguer a bolha. A onda quente estava se expandindo devagar, queimando o tapete, destruindo o batente da porta e as estantes. O próprio mordomo já havia sido engolfado.

— Desgraça — disse Wayne. — Essa é das grandes.

— Provavelmente pensada para parecer um acidente com meus equipamentos de metalurgia — disse Waxillium. — Queimar nossos corpos, encobrir o assassinato.

— Devemos pular pela janela?

— Será difícil ser mais rápido que a explosão — disse Waxillium, pensativo.

— Você conseguiria. É só *empurrar* com força.

— Contra o quê, Wayne? Não vejo nenhuma boa âncora naquela direção. Além disso, se eu nos lançar para trás com essa velocidade, vamos sair pela janela e nossos corpos serão feitos em pedacinhos.

— Cavalheiros — disse Marasi, com a voz cada vez mais frenética. — Está ficando *maior*.

— Wayne não consegue parar o tempo — disse Waxillium. — Só reduzir muito sua velocidade. E não pode mover a bolha depois de criá-la.

— Olhe — disse Wayne. — Exploda a parede. *Empurre* contra os pregos do caixilho da janela e estoure a parede. Então, vai poder nos lançar naquela direção sem que precisemos atravessar nada.

— Você escuta o que diz? — perguntou Waxillium, com as mãos na cintura enquanto observava o amigo. — *Tijolo* e *pedra*. Se eu *empurrar* com muita força, vou me jogar para trás na direção da explosão.

— Está *muito, muito* perto! — disse Marasi.

— É só você ficar mais pesado — disse Wayne.

— Pesado o bastante para não me mover enquanto uma *parede* inteira, bem construída, extremamente pesada, é arrancada de um prédio?

— Isso.

— O piso nunca aguentaria — disse Waxillium. — Ele se abriria e…

Ele parou de falar.

Os dois olharam para baixo.

Entrando em movimento, Waxillium agarrou Marasi, puxando-a com um grito. Ele ficou deitando, segurando-a com força acima de si.

A explosão ocupava a maior parte de seu campo de visão agora, tendo consumido uma grande parte da sala. Aumentava cada vez mais, brilhando com uma luz amarela furiosa, como uma massa borbulhante, inflando, expandindo-se num forno gigante.

— O que vamos… — disse Marasi.

— Aguente firme! — disse Waxillium.

Ele aumentou seu peso.

A Feruquemia não funcionava como a Alomancia. As duas categorias de poder não raro eram confundidas, mas eram diferentes de muitos jeitos. Na Alomancia, o poder vinha do próprio metal, e havia um limite de quanto se podia fazer de uma vez. Wayne não podia comprimir o tempo além de um certo limite, Waxillium podia *empurrar* com força apenas um pedaço de metal.

A Feruquemia funcionava como uma espécie de canibalismo, em que a pessoa consumia parte de si para usar posteriormente. Era possível ficar cinquenta por cento mais pesado por mais ou menos dez dias pesando metade do peso pelo mesmo tempo. Ou se podia ficar duas vezes mais pesado por metade daquele período. Ou quatro vezes mais pesado por um quarto do tempo.

Ou extremamente pesado por alguns momentos.

Waxillium extraiu o peso que havia armazenado nas mentes de metal ao longo de dias que passara com três quartos de seu peso comum. Ficou pesado como um rochedo, depois pesado como um prédio, depois ainda *mais pesado*. Todo aquele peso concentrado numa pequena porção de assoalho.

A madeira estalou, depois quebrou, explodindo para baixo. Waxillium caiu da bolha de velocidade de Wayne e atingiu o tempo real. Os instantes seguintes foram um borrão. Ele ouviu o som incrível da explosão lá em cima, que bateu contra ele como uma onda de força. Soltou sua mente de metal e *empurrou* contra os pregos no chão abaixo dele, tentando reduzir sua velocidade e a de Marasi.

Não teve tempo suficiente para fazê-lo bem e ambos bateram no chão do andar debaixo. Algo pesado aterrissou em cima deles, arrancando o ar dos pulmões de Waxillium. Houve um brilho ofuscante e um estouro de calor.

Em seguida, tudo ficou em silêncio.

Waxillium ficou caído, zonzo, os ouvidos tomados por um zumbido. Grunhiu e, em seguida, percebeu que Marasi estava agarrada a ele, tremendo. Ele a segurou por um momento, piscando. Ainda estavam em perigo? O que havia caído sobre eles?

Wayne, pensou ele. Tentou se mover, rolando o corpo e colocando Marasi ao seu lado. O chão embaixo deles havia se transformado em lascas, os pregos tinham sido achatados até virarem disquinhos. Parte de seu *empurrão* para baixo deve ter acontecido enquanto ainda pesava mais do que o normal.

Estavam cobertos de lascas de madeira e pó de gesso. O teto estava arruinado, e pedaços de madeira fumegante, partículas de cinzas e escombros ainda caíam. Não havia restado nada do buraco que ele havia aberto; o estouro consumira a fenda e o assoalho ao redor dele.

Encolhendo-se, ele moveu Wayne. O amigo havia caído em cima deles e bloqueado a força da explosão. Seu sobretudo estava esfarrapado, as costas estavam expostas, enegrecidas e queimadas, e o sangue escorria na parte lateral do seu corpo.

Marasi levou a mão à boca. Ainda estava tremendo, o cabelo castanho-escuro embaraçado, os olhos arregalados.

Não, pensou Waxillium, incerto sobre tentar virar o amigo de barriga para cima ou não. *Por favor, não.* Wayne havia usado uma porção de sua saúde para recuperar-se do veneno. E na noite anterior dissera que tinha o suficiente apenas para um ferimento a bala…

Ansioso, tocou o pescoço de Wayne. Havia um pulso fraco. Waxillium fechou os olhos e soltou um suspiro profundo. Enquanto ele observava, os ferimentos nas costas de Wayne começaram a se fechar. Era um processo lento. Um Criassangue ficava limitado pela rapidez com que queria que seu poder trabalhasse, e recuperar-se rapidamente exigia um gasto muito maior de saúde. Se Wayne não tinha muito, precisava trabalhar em ritmo lento.

Waxillium o deixou. Wayne devia estar sentindo uma grande dor, mas não havia nada que ele pudesse fazer. Então, tomou Marasi pelo braço. Ela ainda tremia.

— Está tudo bem — disse Waxillium, com a voz soando estranha e abafada aos seus ouvidos por conta do efeito da explosão. — Wayne está se curando. Você se feriu?

— Eu… — Ela parecia zonza. — Duas em cada três pessoas que sofrem um grande trauma são incapazes de identificar corretamente seus ferimentos, como resultado do estresse e dos mecanismos naturais de superação da dor.

— Me diga se dói — disse Waxillium, tateando tornozelos, pernas e braços em busca de ossos quebrados. Tocou cuidadosamente as laterais das costelas, embora fosse difícil senti-las pelo tecido grosso do vestido.

Lentamente, Marasi saiu do atordoamento. Em seguida, olhou para ele e o puxou para perto, enfiando

a cabeça no peito de Wax. Ele hesitou, mas a envolveu com os braços e a segurou até sua respiração se normalizar, obviamente tentando controlar as emoções.

Atrás deles, Wayne começou a tossir. Ele se virou e grunhiu, permanecendo deitado, deixando a cura continuar. Eles haviam caído num quarto de hóspedes. O prédio estava queimando, mas não muito. Provavelmente logo os policiais seriam chamados.

Ninguém veio correndo até aqui, pensou Waxillium. *Nenhum dos outros serviçais. Estariam todos bem?*

Ou faziam parte do plano? Sua mente ainda estava tentando encaixar as peças. Tillaume — um homem que, pelas suas informações, servira seu tio fielmente por décadas — tentou matá-lo. Três vezes.

Marasi afastou-se.

— Acho que eu… acho que já me recompus. Obrigada.

Ele fez que sim para ela, pegando o lenço e entregando-o para ela. Em seguida, ajoelhou-se ao lado de Wayne. As costas do homem estavam encrustadas de sangue e pele queimada, que, no entanto, já havia se soltado e se erguido enquanto a nova pele se formava logo abaixo.

— Está feio? — perguntou Wayne, com os olhos ainda fechados.

— Você vai superar.

— Estou falando do sobretudo.

— Ah. Bem, você vai precisar de um remendo *bem* grande dessa vez.

Wayne bufou e se sentou lentamente. Ele se contorceu várias vezes durante o processo e, por fim, abriu os olhos. Trilhas de lágrimas correram pelo rosto.

— Eu falei — comentou Wayne. — Coisas que parecem inocentes estão *sempre* explodindo ao seu redor, Wax.

— Dessa vez você salvou os dedos.

— Ótimo. Ainda posso te estrangular.

Waxillium abriu um sorriso, colocando a mão no braço do amigo.

— Obrigado.

Wayne assentiu com a cabeça.

— Desculpe por ter caído em cima de vocês.

— Vou perdoar, dadas as circunstâncias. — Waxillium olhou para Marasi. Ela estava sentada, abraçando o corpo, encurvada para a frente, com o rosto pálido. Ela viu que ele observava e abaixou os braços, como se estivesse se forçando a ser forte, e começou a se levantar.

— Está tudo bem — garantiu Waxillium. — Você pode precisar de mais um tempo.

— Vou ficar bem — disse ela, embora fosse difícil identificar as palavras, pois sua audição ainda estava abafada. — Eu só… não estou acostumada com pessoas tentando me matar.

— A gente nunca se acostuma — disse Wayne. — Acredite em mim. — Ele respirou fundo e tirou o que restara do sobretudo e da camisa. Em seguida, virou as costas queimadas para Waxillium. — Se importa?

— Acho que você vai querer ficar de costas, Marasi — disse Waxillium.

Ela franziu a testa, mas não afastou o olhar. Então, ele segurou a camada queimada no ombro de

Wayne e, com um puxão, arrancou a pele das costas. Ela saiu quase completa. Wayne grunhiu.

Uma nova pele havia se formado embaixo, rósea e fresca, mas não conseguiria concluir a cura até a camada velha, dura e queimada, ter sido removida. Waxillium a jogou de lado.

— Ai, *Lorde de Harmonia* — disse Marasi, levando a mão à boca. — Acho que vou ficar enjoada.

— Eu avisei — disse Waxillium.

— Pensei que estivesse se referindo às queimaduras. Não sabia que arrancaria as *costas inteiras*.

— Assim está muito melhor. — Wayne girou os braços, agora sem camisa. Ele era esbelto e musculoso e usava dois braceletes de ouro nos braços, que serviam como mentes de metal. As calças tinham sido chamuscadas, mas estavam quase intactas. Ele se abaixou, pegando um dos bastões de duelo em meio aos escombros. O outro ainda estava na cintura. — Agora eles me devem um chapéu *e* um sobretudo. Onde está o restante dos empregados da casa?

— Eu estava pensando nisso — respondeu Waxillium. — Vou fazer uma busca rápida e ver se alguém se machucou. Você sai com Marasi pelos fundos. Saia escondido pelos jardins e passe pelo portão. Encontro vocês lá.

— Escondido? — perguntou Marasi.

— Quem quer que tenha contratado aquele camarada para nos matar — disse Wayne — espera que a explosão tenha nos levado a encontrar o Olhos de Ferro.

— Exatamente — disse Waxillium. — Temos uma hora ou duas até a casa ser vasculhada e Tillaume ser identificado, se é que sobrou alguma coisa para identificar. Durante esse período, pensarão que estamos mortos.

— Isso nos dará um tempinho para pensar — disse Wayne. — Vamos. Temos que ser rápidos.

Ele levou Marasi pelas escadas dos fundos. Ela ainda parecia zonza.

Os ouvidos de Waxillium pareciam cheios de algodão. Ele suspeitava que os três haviam gritado durante a conversa. Wayne tinha razão. Não dá para se acostumar com pessoas tentando matar você.

Waxillium começou uma rápida busca pela casa, já reabastecendo suas mentes de metal. Ficou muito mais leve, com metade do peso habitual. Um pouco mais que isso tornava difícil andar normalmente, mesmo com o peso de roupas e armas o puxando para baixo. Mas tinha prática.

Durante sua busca, encontrou Limmi e a srta. Grimes inconscientes, mas vivas, na despensa. Com uma olhada pela janela, viu o cocheiro, Krent, em pé com as mãos na cabeça e olhando para o prédio em chamas com os olhos arregalados. Os outros empregados da casa — as camareiras, os garotos de recado, a cozinheira — não estavam em lugar algum.

Talvez estivessem perto o suficiente da explosão para terem sido atingidos, mas Waxillium não achava possível. Provavelmente, Tillaume, que era encarregado dos empregados, mandara todos que podia para fora, drogara os outros e os deixara em algum lugar seguro. Aquilo indicava seu desejo de garantir que ninguém se feriria. Bem, ninguém além de Waxillium e seus convidados.

Em duas viagens rápidas, Waxillium levou as mulheres inconscientes para o jardim dos fundos, tomando cuidado para não ser visto. Felizmente, logo seriam descobertas por Krent ou pelos policiais. Depois disso, pegou dois revólveres no armário do andar principal e uma camisa e um casaco na lavanderia para Wayne. Queria poder procurar sua velha arca, com as Sterrion, mas não havia tempo.

Ele saiu pela porta dos fundos e cruzou o jardim com passos leves. A cada passo, ele ficava mais chateado com o que havia acontecido. Era horrível alguém tentar matá-lo, e era pior quando o ataque

vinha de alguém que ele conhecia.

Parecia implausível que os bandidos tivessem sido capazes de contatar e subornar Tillaume tão rapidamente. Como saberiam que um velho mordomo seria facilmente influenciável? O cavalariço ou o jardineiro teriam sido uma escolha muito mais segura. Tinha algo mais acontecendo ali. Desde a chegada de Waxillium à cidade, Tillaume vinha tentando desencorajá-lo de se envolver nos assuntos policiais locais. Na noite anterior ao baile, ele tentou ostensivamente convencer Waxillium a deixar de lado o assunto dos roubos.

O mordomo estava trabalhando para quem quer que estivesse por trás disso tudo havia algum tempo. E isso significava que eles haviam vigiado Waxillium o tempo todo.

10

A carruagem fazia barulho ao rolar sobre as pedras do pavimento numa rota cuidadosamente tortuosa até o Quinto Oitante. De braços cruzados, Marasi olhou para a rua agitada. Cavalos e carruagens passavam e as pessoas avançavam pelas calçadas como as pequenas células sanguíneas que ela vira correrem por veias num microscópio na universidade. Ficaram engarrafados em esquinas e em partes onde as pedras do pavimento estavam sendo substituídas.

Lorde Waxillium e Wayne estavam sentados do outro lado da carruagem. Waxillium parecia distraído, perdido em pensamentos. Wayne cochilava, a cabeça tombada para trás, os olhos fechados. Havia encontrado um chapéu em algum lugar, uma boina fina, do tipo que os meninos que vendiam jornais gostavam de usar. Depois de fugir da mansão, eles viraram a esquina e cortaram caminho pelo Parque Dampmere. Do outro lado, Waxillium acenou para uma carruagem.

Quando entraram, Wayne estava pondo a boina, assobiando baixinho para si mesmo. Ela não tinha ideia de onde ele a havia conseguido. Agora, estava ressonando baixo. Depois de quase terem sido assassinados, depois de ter a pele das costas arrancadas, estava dormindo. Ainda conseguia sentir o cheiro pungente de tecido queimado e seus ouvidos apitavam.

Era isso que você queria, lembrou a si mesma. *Você insistiu para que Lorde Harms a levasse para conhecer Waxillium. Foi até a mansão hoje por vontade própria. Você se meteu nessa situação.*

Se ao menos tivesse se comportado melhor… Estava numa carruagem com o maior homem da lei que as Terras Brutas já conheceram, mas, em cada ocasião, ela se mostrava uma garota indefesa inclinada a explosões emocionais inúteis. Começou a soluçar, mas se repreendeu. Não. Nada de se aborrecer. Apenas pioraria as coisas.

Estavam acompanhando um dos grandes canais que dividiam as oito partes da cidade. Ela vira reproduções de páginas das “Palavras de Fundação” que incluíam desenhos e mapas de Elendel, embora o nome da cidade tivesse sido escolhido pelo Lorde Nascido da Bruma. Havia um grande parque circular no centro, onde as flores cresciam o ano todo e o ar era aquecido por uma fonte quente subterrânea. Os canais irradiavam dele, estendendo-se para o interior abundante, e o rio se dividia ao redor do parque. As ruas e os quarteirões tinham sido projetados de forma meticulosa, com grandes ruas, mais largas do que qualquer um teria acreditado ser necessário no passado. Agora, porém, pareciam quase insuficientes.

A carruagem estava se aproximando da ponte que dava no Campo do Renascimento e via-se o tapete de grama verde e de flores de Mare-me-Quer abertas numa inclinação gradual na colina. As estátuas do Último Imperador e da Guerreira Ascendente dominavam o topo, cobrindo seus túmulos. Havia um museu ali. Marasi esteve ali muitas vezes quando garota para olhar as relíquias do Mundo das Cinzas que fora salvo pelos Originadores, aqueles que foram criados no ventre da terra e renasceram para construir a sociedade.

A carruagem virou na longa via sombreada por árvores que circundava o Campo do Renascimento. Ali fora usado o pavimento de asfalto, em vez das pedras, para diminuir o ruído dos cascos com ferraduras e facilitar a passagem de automóveis ocasionais. Ainda eram raros, mas um de seus professores dizia que eles acabariam substituindo os cavalos.

Ela tentou se manter concentrada na tarefa. Havia mais coisas por trás dos Desaparecidos do que apenas sequestros e roubos. Como a carga dos trens sumira tão abruptamente, dando a eles o nome de Desaparecidos? E o que dizer das armas extremamente bem-feitas? E houve então aquele grande esforço para matar Waxillium, tanto com veneno como com aquela bomba.

— Lorde Waxillium?

— Sim?

— Como seu tio morreu?

— Acidente de carruagem — respondeu ele, parecendo pensativo. — Ele, a mulher e minha irmã estavam indo para os Campos Externos. Aconteceu semanas depois do meu primo, o herdeiro, sucumbir a uma doença. A viagem deveria ter servido para ajudar a aliviar a dor. Tio Ladrian queria visitar uma montanha específica para apreciar a paisagem, mas minha tia estava fraca demais para a trilha. Pegaram uma carruagem. No caminho, o cavalo saiu em disparada. As amarras romperam. A carruagem tombou no despenhadeiro.

— Sinto muito.

— Eu também — disse ele, baixinho. — Fazia anos que eu não via nenhum deles. Senti uma culpa estranha, como se meus sentimentos tivessem que estar mais esmigalhados por tê-los perdido.

— Acho que já tem gente esmigalhada demais nessa história — murmurou Wayne.

Waxillium lançou um olhar raivoso para ele, embora Wayne não tivesse visto, pois seus olhos estavam fechados e a boina lhe cobria o rosto.

Marasi chutou sua canela, fazendo com que ele gritasse. Em seguida, ela enrubesceu.

— Tenha respeito pelos mortos — disse ela.

Wayne esfregou a perna.

— Ela já começou a mandar em mim. Mulheres. — Ele pôs a boina de volta sobre o rosto e se acomodou.

— Lorde Waxillium — disse ela. — Você já cogitou se…

— Se alguém matou meu tio? — perguntou Waxillium. — Sou um vigilante. Reflito, mesmo que por um instante, sobre *todas* as mortes de que fico sabendo. Mas os relatórios que recebi não indicam nada suspeito. Uma das coisas que aprendi no início da carreira foi que, às vezes, acidentes simplesmente *acontecem*. Meu tio era um aventureiro. Sua juventude de apostas o levou a uma meia-idade na qual ele buscava emoções. Acabei considerando a tragédia um acidente.

— E agora?

— Agora já não sei se os relatórios que me enviaram estavam um pouco claros *demais*. Em retrospecto, tudo pode ter sido cuidadosamente pensado para não levantar minhas suspeitas. Além disso, Tillaume estava lá, embora ele tivesse permanecido no casarão no dia do acidente.

— Por que eles matariam seu tio? — perguntou Marasi. — Eles não deveriam temer que isso trouxesse você, um vigilante experiente, de volta à cidade? Retirar seu tio do caminho e ter Waxillium, o

Tiro da Alvorada, diante deles…

— Waxillium, o *Tiro da Alvorada*? — perguntou Wayne, entreabrindo um olho. Fungou baixinho e limpou o nariz com o lenço.

Ela corou.

— Desculpe. Mas é assim que os relatos o chamam.

— É assim que deveriam me chamar — disse Wayne. — Sou eu quem gosta de uma boa dose de uísque de manhãzinha. É *tiro* e queda.

— "Manhãzinha" para você é bem depois do meio-dia, Wayne — disse Waxillium. — Duvido que você já tenha visto a alvorada.

— Que injustiça. Vejo sempre quando fico acordado até muito tarde… — Ele deu um sorrisinho por baixo da boina. — Wax, estamos indo ver Ranette?

— *Não* — disse Waxillium. — O que faz você pensar isso?

— Bem, estamos na cidade. Ela está na cidade também… Veio para cá antes de você e tudo o mais. Nossa casa explodiu. Poderíamos ir vê-la, sabe? Ser bem amigável, essas coisas.

— Não — respondeu Waxillium. — Eu nem saberia onde encontrá-la. A cidade é enorme.

— Ela mora no Terceiro Oitante — disse Wayne, distraidamente. — Casa de tijolos vermelhos. Dois andares.

Waxillium olhou para Wayne com indiferença, o que Marasi achou curioso.

— Quem é essa pessoa?

— Ninguém — disse Waxillium. — Como você se sai com um revólver?

— Nada bem — admitiu ela. — O clube de tiro usa espingardas.

— Bem, uma espingarda não vai caber numa bolsa de mão — disse Waxillium, tirando uma pistola do coldre de ombro. Era pequena, com um cano fino. A arma inteira tinha o comprimento da mão dela.

Ela pegou a arma com hesitação.

— O truque para atirar com uma pistola é ficar firme — explicou Waxillium. — Use as duas mãos, encontre uma cobertura baixa, se puder, e apoie os braços nela. Não trema, leve o tempo que precisar e não deixe de mirar. É muito mais complicado acertar com uma pistola, mas em parte porque as pessoas tendem a ser mais impulsivas. A simples natureza da espingarda encoraja você a mirar enquanto o primeiro impulso de uma pessoa com uma pistola parece ser simplesmente apontar vagamente e puxar o gatilho.

— Sim — disse ela, erguendo a arma. Era pesada, apesar de pequena. — Oito em cada dez policiais erram ao atirar num criminoso a três metros de distância.

— Sério?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Bem — disse Waxillium —, acho que Wayne não precisa se sentir tão mal.

— Ei!

Waxillium olhou para ela.

— Uma vez, eu o vi atirando numa pessoa a três passos de distância. Ele acabou acertando o muro que estava *atrás* dele.

— Nem foi minha culpa — grunhiu Wayne. — Essas balas são umas vagabundas sorrateiras. Não deveriam ricochetear. O metal não ricocheteia, e isso é tão certo quanto titânio.

Ela verificou o pequeno revólver para garantir que estava travado e o enfiou na bolsa chamuscada.

O esconderijo dos Desaparecidos era um prédio de aparência inocente perto da doca de um canal. Tinha dois andares, telhado reto e amplo e várias chaminés. Pilhas de cinzas escuras e refugos de metal estavam reunidos em montes ao longo de uma parede do edifício, e as janelas pareciam não ter sido limpas desde a Ascensão Final.

— Lady Marasi, você ficaria terrivelmente ofendida se eu sugerisse que esperasse na carruagem enquanto fazemos o reconhecimento? — perguntou Waxillium, verificando a mira do seu revólver. — O local provavelmente está abandonado, mas eu não ficaria surpreso se encontrasse algumas armadilhas deixadas para trás.

— Não — respondeu ela, estremecendo. — Não me importaria. Acho que seria ótimo.

— Eu aceno quando tiver certeza de que o local está limpo — disse ele. Em seguida, ergueu a pistola e meneou a cabeça para Wayne. Eles saíram da carruagem, correndo meio agachados até a lateral do edifício. Eles não entrariam pela porta. Em vez disso, Wayne saltou, e Waxillium provavelmente *empurrou*, pois o homem magro subiu quase quatro metros e aterrissou no telhado. Waxillium foi atrás, saltando com mais elegância e aterrissando sem fazer barulho. Foram até um canto, onde Wayne se pendurou e chutou uma janela, entrando. Waxillium entrou atrás dele.

Marasi esperou por alguns tensos minutos. O cocheiro não tinha dito uma palavra sobre nada daquilo, embora ela o tenha ouvido murmurar “não é da minha conta” para si mesmo. Waxillium pagara o suficiente para que ele ficasse quieto.

Nenhum tiro ressoou. Por fim, Waxillium abriu a porta do prédio e acenou. Às pressas, ela saiu da carruagem e se aproximou.

— E aí? — perguntou ela.

— Dois fios ligados a explosivos e posicionados para que tropeçássemos — disse Waxillium. — Não conseguimos encontrar mais nada perigoso. Além do cheiro de Wayne.

— Esse é o cheiro de quem é *incrível* — gritou Wayne lá de dentro.

— Vamos — disse Waxillium, segurando a porta aberta para ela.

Ela entrou, mas depois parou, hesitante, ao lado da porta.

— Está vazio.

Ela esperava forjas e equipamentos, mas o espaço cavernoso estava vazio como uma sala de aula durante as férias. A luz entrava pelas janelas, embora fosse muito turva. A câmara cheirava a carvão e fogo, e havia áreas enegrecidas no chão.

— Os alojamentos eram lá em cima — disse Waxillium, apontando para o outro lado da fundição. — A câmara principal tem o dobro da altura em metade do prédio, mas na outra metade há um segundo andar. Parece que conseguiam abrigar cerca de cinquenta homens aqui dentro, homens que podiam agir como trabalhadores de uma fundição durante o dia para manter a fachada.

— Ahá! — disse Wayne em meio à escuridão no lado esquerdo da câmara. Ela ouviu um barulho e, em seguida, a luz inundou a sala enquanto ele empurrava uma porta enorme. Ela se abriu, criando um amplo acesso ao canal.

— Com que facilidade abriu essa porta? — perguntou Waxillium, correndo até lá. Marasi o seguiu.

— Sei lá — disse Wayne, dando de ombros. — Foi bem fácil.

Waxillium inspecionou a porta. Ela deslizava sobre rodas dentro de uma pequena canaleta cortada no chão. Ele esfregou os dedos na canaleta e os tirou, sentindo a graxa entre eles.

— Usavam essa porta com frequência — concluiu Marasi.

— Exatamente — disse Waxillium.

— E daí? — perguntou Wayne.

— Se estivessem fazendo coisas ilegais aqui, não estariam dispostos a abrir uma lateral inteira do prédio com frequência — disse Marasi.

— Talvez fizessem isso para manter o disfarce — disse Waxillium, levantando-se.

Marasi meneou a cabeça, pensativa.

— Ah! Alumínio!

Wayne puxou os bastões de duelo, girando.

— O quê? Onde? Quem está atirando?

Marasi sentiu o rosto corar.

— Desculpe. Eu quis dizer que deveríamos procurar gotas de alumínio no chão. Sabem, da produção ou forja das armas. Isso vai nos dizer se este lugar era *realmente* o esconderijo ou se a fonte de Wayne estava apenas lhe dando uma liga ruim.

— Ele era honesto — disse Wayne. — Tenho uma intuição para esse tipo de coisa. — Ele espirrou.

— Você acreditou que Lessie era realmente uma dançarina na primeira vez que a encontramos — disse Waxillium, erguendo-se.

— É diferente. Ela era mulher. São boas de mentira. O Deus Além as fez desse jeito.

— Eu não… sei como devo lidar com essa afirmação — disse Marasi.

— Com uma pitada de cobre — disse Waxillium. — E uma boa dose de ceticismo. Como com tudo que Wayne diz. — Ele estendeu o braço para ela.

Marasi franziu a testa, virando a palma da mão para cima. Ele soltou algo nela. Alguns pedacinhos de metal que pareciam ter sido raspados do chão, onde haviam resfriado. Eram prateados e leves e tinham uma sujeira preta nas laterais.

— Encontrei no chão — disse Waxillium. — Perto de uma das partes enegrecidas.

— Alumínio? — perguntou ela, ansiosa.

— É — disse ele. — Pelo menos, não consigo *empurrá-lo* com Alomancia, o que, com sua aparência, é indicação suficiente. — Ele a examinou. — Você tem uma boa mente para esse tipo de coisa.

Ela corou. *De novo. Ferrugem e Ruína!*, pensou ela. *Tenho que encontrar um jeito de lidar com isso.*

— São os desvios, Lorde Waxillium.

— Desvios?

— Números, padrões, movimentos. As pessoas parecem erráticas, mas, na verdade, seguem padrões. Encontre os desvios, isole o motivo por que se desviaram e com frequência descobrirá alguma coisa. Alumínio no chão. Isso é um desvio.

— E tem outros aqui?

— A porta — disse ela, meneando a cabeça para a lateral. — Aquelas janelas. Estão sujas demais. Se fosse para adivinhar, eu diria que isso foi feito com uma vela, queimando-a perto do vidro para escurecê-lo e garantir que ninguém pudesse espreitar aqui dentro.

— Talvez seja natural — comentou Waxillium. — Da fundição.

— Por que as janelas ficariam *fechadas* no calor da fundição? Aquelas janelas podem ser abertas facilmente, e abrem para fora, então não haveria fuligem nelas. Pelo menos, não tanta. Ou eles as deixaram fechadas enquanto trabalhavam para esconder o que faziam aqui dentro ou as escureceram intencionalmente.

— Isso é inteligente — disse Waxillium.

— Então, a pergunta é: o que eles estavam carregando para dentro e para fora do prédio por essa porta lateral tão grande? Algo importante para que a abrissem, mesmo depois de ter tanto trabalho com as janelas.

— Essa parte, ao menos, é fácil — comentou Waxillium. — Estavam roubando vagões de carga, então precisavam entrar com a carga.

— O que implica que eles a despachavam depois de roubá-la… — disse Marasi.

— O que nos dá uma pista — disse Waxillium, com um menear de cabeça. — Estão transportando as cargas pelos canais. Na verdade, os canais podem estar conectados à forma como conseguem retirar a carga dos vagões com tanta facilidade. — Ele foi a passos largos na direção da porta.

— Aonde você vai? — perguntou ela.

— Vou dar uma olhada lá fora — respondeu ele. — Chequem os alojamentos. Me contem se virem algum… desvio, como você diz. — Ele hesitou. — Deixe Wayne ir na frente. Talvez tenhamos deixado passar uma armadilha ou duas. Melhor ele explodir do que você.

— Ei! — disse Wayne.

— Digo isso com todo o carinho — disse Waxillium, saindo pela lateral aberta do edifício. Em seguida, inclinou-se para dentro novamente. — E talvez uma bomba exploda sua cara fora e nos poupe de ter que olhar para essa sua carranca. — Com isso, ele saiu.

Wayne sorriu.

— Caramba. É bom vê-lo agir como ele mesmo de novo.

— Então ele nem sempre é tão solene?

— Ah, Wax sempre foi solene — disse Wayne, limpando o nariz no lenço. — Mas, quando está bem, há um sorrisinho por baixo da solenidade. Vamos.

Ele a levou para a parte de trás do prédio. Havia uma pequena caixa ao lado da parede; os explosivos que haviam descoberto e desarmado, supôs ela. O teto era mais baixo ali. Wayne subiu a escadaria, gesticulando para ela aguardar.

Ela perambulou ali, procurando qualquer coisa que tivesse sido descartada, mas apenas conseguiu se sobressaltar algumas vezes quando pensou ter visto algo de soslaio. Aquela parte da câmara era muito escura.

Wayne não estava demorando demais? Ela ficou inquieta e finalmente decidiu subir as escadas.

Estava *escuro* lá dentro. Não era um breu, apenas escuro a ponto de ela pensar que deveria estar

vendo o que estava fazendo e o que não estava. Hesitou no meio da escada, mas então concluiu que era uma tola e avançou.

— Wayne? — chamou ela, nervosa, enquanto espreitava da escada. O andar de cima era iluminado por poucas janelas, escurecidas pela fuligem, apesar de ser uma área em que não haveria forja nem fundição, o que reforçava sua teoria. E seu nervosismo.

— Ele está morto, minha jovem — disse uma voz envelhecida e distinta, ressoando na escuridão. — Sinto muito por sua perda.

O coração de Marasi quase parou.

— Sim — continuou a voz —, ele era simplesmente belo demais, esperto demais e imensamente notável em todos os aspectos de sua existência para continuar vivendo. — Uma janela foi aberta, deixando a luz entrar e revelando o rosto de Wayne. — Temo que tenham sido necessários cem homens para derrubá-lo e que ele tenha matado todos, menos um. Suas últimas palavras foram: “Diga a Wax… que ele é um vagabundo… e que ainda me deve cinco notas”.

— Wayne — sibilou ela.

— Não consegui evitar, minha chapa — disse ele, voltando à sua voz, que era completamente diferente. — Me desculpe. Mas você não deveria ter subido. — Ele apontou para um canto com a cabeça, onde alguns tubos curtos estavam encostados na parede.

— Mais explosivos? — perguntou ela, sentindo-se fraca.

— É. Não vimos na primeira olhada. Estavam armados para explodir quando o trinco de uma arca ali no canto fosse aberto.

— Tinha alguma coisa *dentro* da arca?

— Tinha. Explosivos. Não está ouvindo?

Ela estreitou os olhos para ele.

— Não — disse ele, dando uma risadinha. — Não sei o que Wax espera encontrar neste lugar. Deixaram limpinho.

Pela luz que entrava pela janela aberta, ela conseguiu enxergar o quarto de teto baixo. Bem, era mais parecido com um sótão. Ela e Wayne conseguiam andar nele sem se curvar, mas ele quase tocava no teto. Waxillium teria que se abaixar.

O assoalho de tábuas era torto e havia pregos saindo de alguns pontos. Ela fantasiou sobre levantar uma tábua e encontrar um monte de pistas escondidas, mas, quando tateou o chão, percebeu que conseguia enxergar lá embaixo entre as tábuas do assoalho. Não havia espaço para esconder nada.

Wayne fuçou alguns armários embutidos na parede, verificando se havia explosivos. Em seguida, deu batidinhas para encontrar compartimentos ocultos. Marasi olhou ao redor, mas rapidamente decidiu que não havia nada para encontrar ali. A menos, talvez, os explosivos.

Explosivos.

— Wayne, que tipo de explosivos são aqueles?

— Hein? Ah! Do tipo comum. Eles chamam de dinamite, usados para abrir buracos nas pedras lá nas Terras Brutas. Fácil de conseguir, mesmo na cidade. Esses são os menores que já vi, mas basicamente é a mesma coisa.

— Ah. — Ela fechou a cara. — Estavam dentro de alguma coisa?

Ele hesitou e olhou de volta para a arca.

— Hum. — Ele estendeu a mão e ergueu uma coisa. — Não estavam *dentro de* nada, mas alguém usou isso para acionar o pavio e o detonador.

— O que é isso? — perguntou ela, aproximando-se rapidamente.

— Uma caixa de charuto — disse ele, deixando que ela visse. — Magistrados da Cidade. Marca cara, muito cara.

Ela examinou a caixa. A tampa era pintada de dourado e vermelho, com a marca escrita em letras grandes. Não havia restado nenhum charuto, embora *parecesse* haver alguns números rabiscados na parte de dentro da tampa a lápis. A sequência não fazia sentido para ela.

— Vamos mostrar a Wax — disse Wayne. — É o tipo de coisa de que ele gosta. Provavelmente vai levá-lo a alguma teoria grandiosa sobre como o chefão fuma charutos, e isso de alguma forma vai levá-lo a achar o cara no meio de uma multidão. Ele sempre faz esse tipo de coisa, desde que começamos a trabalhar juntos. — Wayne sorriu, pegando a caixa de charutos e voltando a fuçar os armários.

— Wayne — disse Marasi. — Como você acabou trabalhando com Wax?

— Não aparece nos seus relatos? — perguntou ele, batendo na lateral de um armário.

— Não. É considerado um assunto um pouco misterioso.

— Não falamos muito sobre isso — disse Wayne, com a voz abafada por ter enfiado a cabeça dentro de um armário. — Ele salvou minha vida.

Ela sorriu, sentando-se no chão e apoiando as costas contra a parede.

— Provavelmente é uma boa história.

— Não é o que você está pensando — disse ele, tirando a cabeça do armário. — Eu estava prestes a ser enforcado pelo vigilante de Dorest Distante.

— Erroneamente, suponho eu?

— Depende de sua definição dessa palavra — disse Wayne. — Atirei em um homem. Um inocente.

— Foi um acidente?

— Foi — respondeu Wayne. — Eu só queria roubá-lo. — Ele fez uma pausa, olhando para o armário e parecendo distante. Balançou a cabeça e engatinhou para dentro dele, empurrando com força e quebrando a parede ao fundo.

Não era o que ela esperava ouvir. Ela se acomodou, segurando as pernas.

— Você era um criminoso?

— Não muito habilidoso — disse Wayne, dentro do armário. — Sempre tive um problema para não levar comigo as coisas. Eu simplesmente as pego, sabe? E daí ficam lá, nos meus dedos. Bem, eu estava ficando bom nisso, e tinha alguns amigos… Eles me convenceram de que eu devia ir um pouco além. Tomar as rédeas do meu destino de verdade, disseram. Começar a pegar dinheiro, passar a roubar com armas, essas coisas. Então, eu tentei. E acabei matando um homem. Pai de três filhos.

Ele saiu do armário quebrado e ergueu alguma coisa. Eram cartões de algum tipo.

— Pistas? — perguntou ela, ansiosa.

— Fotos de mulheres nuas — disse ele, passando-as pelos dedos. — Antigas. Provavelmente estavam aqui antes de os bandidos comprarem este lugar. — Ele viu mais algumas e as jogou de volta no

buraco. — Ao menos vamos dar aos tiras algo divertido para encontrar. — Ele olhou para ela, parecendo… uma assombração, os olhos escondidos, o rosto iluminado de um lado pela janela aberta.

— E o que aconteceu? — perguntou ela, baixinho. — Com você. A menos que não queira contar.

Ele deu de ombros.

— Eu não sabia o que estava fazendo e entrei em pânico. Acho que talvez eu quisesse ser pego. Nunca quis atirar naquele camarada. Só quis a carteira dele, sabe? O velho Dedomorto me pegou fácil. Ele nem teve que me bater para arrancar uma confissão. — Wayne ficou em silêncio por um momento. — Chorei o tempo todo. Tinha dezesseis anos. Um garoto.

— Você sabia que era alomântico? — perguntou ela.

— Sabia. Foi meio que por isso que fui para as Terras Brutas, mas essa é uma outra história. Bem, é difícil fazer curvaliga. Bismuto e cádmio não são metais que você encontra na loja da esquina. Eu não sabia muito sobre Feruquemia ainda, embora meu pai fosse feruquemista, e eu tivesse uma ideia. Mas é preciso ouro para armazenar saúde. — Ele caminhou até ela, sentando-se ao seu lado. — Ainda não sei por que Wax me salvou. Eu devia ter sido enforcado, sabe? Matei um bom homem. Nem era rico. Era um guarda-livros. Trabalhava de graça para qualquer um que precisasse… lavrava testamentos, lia cartas. Toda semana, ele transcrevia cartas para os mineiros que não sabiam escrever, e assim eles conseguiam mandá-las para as famílias na cidade. Descobri um monte de coisas sobre ele no julgamento. Vi os filhos chorando. E a mulher… — Wayne enfiou a mão no bolso e desdobrou alguma coisa. Um pedaço de papel. — Uns meses atrás, recebi uma carta deles.

— Eles escrevem *cartas* para você?! — exclamou Marasi.

— Claro. Mando metade do que ganho para eles. Para alimentar as crianças, sabe? Imagino que faça sentido, considerando que matei o pai delas. Uma foi para a universidade. — Ele hesitou. — Eles ainda me odeiam. Escrevem cartas para eu saber que eles não me perdoaram, que nenhum dinheiro vai trazer de volta o pai deles. Eles têm razão. Mas eles aceitam o dinheiro, e isso já é alguma coisa.

— Wayne... — disse Marasi. — Sinto muito.

— É. Eu também. Mas alguns erros não se consertam sentindo muito. Não dá para consertar, não importa o que se faça. Armas e eu não nos damos bem desde então. Minha mão começa a tremer quando pego uma, fica sacudindo como um maldito peixe jogado nas docas. Não é a coisa mais engraçada? Como se minha mão pensasse por si.

O som de passos veio da escada e Waxillium entrou pouco tempo depois. Ergueu a sobrancelha para os dois sentados no chão.

— Não está vendo? Estamos tendo uma conversa franca aqui. Não entre batendo os pés e fazendo bagunça — disse Wayne.

— Eu nem sonharia com isso — respondeu Waxillium. — Falei com os mendigos da região. Os Desaparecidos *estavam* entrando no prédio e saindo com algo grande, usando um barco do canal. Fizeram isso em várias ocasiões, sempre à noite. Parece ter sido mais que apenas carga. Provavelmente algum tipo de maquinário, suspeito eu.

— Hum — disse Wayne.

— Hum mesmo — concordou Waxillium. — E você?

— Encontrei uma caixa — respondeu Wayne, estendendo a caixa de charutos. — Ah, e um pouco mais de dinamite. Caso você queira abrir um novo canal ou algo assim.

— Vamos levar — disse Waxillium. — Talvez seja útil. — Ele pegou a caixa de charutos.

— Tem algumas fotos de mulher pelada também — observou Wayne, apontando para o armário. — Mas estão tão apagadas que mal dá para ver as partes boas. — Ele hesitou. — As moças não estão usando armas, então provavelmente você não se interessaria mesmo.

Waxillium bufou.

— A caixa de charutos é de uma variedade cara — disse Marasi, levantando-se. — Dificilmente pertencia a um dos ladrões comuns, a não ser que tenham pegado de alguém. Mas, olhe, alguém escreveu alguns números do lado de dentro.

— Verdade — disse Waxillium. Estreitou os olhos e depois olhou para Wayne, que fez que sim com a cabeça.

— O que foi? — perguntou ela. — Você sabe de alguma coisa?

Waxillium jogou a caixa de volta para Wayne, que a enfiou no bolso do casaco. Era tão grande que despontava para fora.

— Já ouviu falar de Miles Dagouter?

— Claro — disse ela. — Miles Cem-vidas. É um vigilante das Terras Brutas.

— Isso — disse Waxillium, melancólico. — Vamos. Acho que é hora de fazermos uma viagem. Vou te contar algumas histórias no caminho.

11

Miles estava em pé ao lado dos trilhos e acendeu seu charuto. Soltou breves baforadas algumas vezes para mantê-lo aceso antes de soltar uma lenta nuvem de fumaça pungente.

— Eles foram vistos, chefe — disse Tarson conforme se aproximava. Seu braço estava numa tipoia; a maioria dos homens ainda estaria na cama depois de tomar um tiro como aquele, mas Tarson era um Braço de Peltre e tinha sangue koloss. Curava-se rapidamente.

— Onde? — perguntou Miles, abaixando os olhos e examinando o novo esconderijo. Além de Tarson, o único lá em cima com ele era Clamps, terceiro no comando.

— Estão na velha fundição — respondeu Tarson. Ainda estava usando o chapéu de Wayne. — Falaram com uns mendigos por lá.

— Devíamos ter jogado muitos deles no canal — rosnou Clamps, coçando a cicatriz no pescoço.

— Não vou começar a matar mendigos, Clamps — disse Miles em voz baixa. Usava dois revólveres de alumínio, que brilhavam à luz elétrica da grande câmara. — Você ficaria surpreso com a rapidez com que uma coisa dessas pode sair pela culatra; se a classe baixa da cidade se voltar contra nós, informações inconvenientes de *todos* os tipos vão encontrar um jeito de chegar aos policiais.

— É, com certeza — disse Clamps. — Claro. Mas, quer dizer, aqueles mendigos… eles viram coisas, chefe.

— Wax teria adivinhado de qualquer jeito — disse Miles. — É como um rato. Onde menos deseja encontrá-lo, lá vai estar ele. De alguma forma, isso o torna previsível. Suponho que as armadilhas com explosivos, à prova de erros como você prometeu que seriam, não serviram de nada.

Clamps cobriu a boca para tossir.

— É uma pena — disse Miles. Ergueu o isqueiro de prata, ainda na mão depois de acender o charuto, e o pôs de volta no bolso. Nele estava gravado o selo dos vigilantes de Madil Verdadeiro. Ver aquilo deixava os outros homens desconfortáveis. Miles o usava mesmo assim.

O espaço diante deles não tinha janela. Luzes elétricas grandes, ofuscantes, pendiam do teto, e os homens estavam montando os equipamentos de fundição e forja. Miles estava cético. Uma fundição no subterrâneo? Mas o Sr. Elegante havia prometido que seus dutos e ventiladores elétricos puxariam a fumaça para fora e fariam o ar circular. Era uma vantagem as fornalhas elétricas que usavam ali embaixo produzirem muito menos fumaça.

Aquele espaço era muito curioso. Um túnel grande com trilhos levava para dentro da escuridão no lado esquerdo da câmara. O início, dissera o Sr. Elegante, de uma linha ferroviária *subterrânea*. Como atravessaria os canais? Teria que correr por baixo deles, imaginou. Era uma imagem estranha.

Por ora, aquele túnel era apenas um teste. Ele avançava por uma curta distância até um prédio grande

de madeira, onde Miles podia alojar o restante de seus homens. Tinha mais uns trinta. No momento, estavam levando para lá caixas de suprimentos e o que havia restado de alumínio. Não era muito. Em uma tacada, Wax quase havia derrotado os Desaparecidos.

Miles baforou, pensativo. Como sempre, estava drenando sua mente de ouro, revigorando-se, renovando seu corpo. Nunca se sentia doente, nunca lhe faltava energia. Precisava dormir e também envelhecia, mas, tirando isso, era praticamente imortal. Enquanto tivesse ouro suficiente.

Mas esse era o problema, não era? A fumaça rodopiou na frente dele, girando em torno de si como as brumas.

— Chefe? — chamou Clamps. — O Sr. Elegante está esperando. Não vai se encontrar com ele?

Miles soprou a fumaça.

— Em um momento. — Elegante *não* era seu dono. — Como vai o recrutamento, Clamps?

— Está… Vou precisar de mais tempo. Um dia não é suficiente, ainda mais depois de abaterem metade dos nossos.

— Olhe o tom — disse Miles.

— Me desculpe.

— Wax ia acabar entrando no jogo — disse Miles, baixinho. — Ele muda as regras, e é verdade que perdemos muito mais homens do que eu gostaria. Mas, ao mesmo tempo, somos afortunados. Agora que Waxillium entrou, podemos nos antecipar a ele.

— Chefe — disse Tarson, aproximando-se —, há um boato entre os homens. Que você e Wax… que vocês armaram pra gente. — Ele se encolheu, como se esperasse uma reação violenta.

Miles baforou e conseguiu conter sua explosão de fúria inicial. Estava ficando bom naquilo. Um pouco.

— Por que diriam isso?

— Você já foi vigilante e tudo o mais…

— Ainda sou — interrompeu Miles. — O que estamos fazendo não é contra a lei. A *verdadeira* lei. Os ricos fazem os próprios códigos, nos forçam a viver como eles. Mas nossa lei é a lei da própria humanidade. Os homens que trabalham para mim serão dispensados de cumprir pena. Seu trabalho aqui limpa quaisquer... infrações prévias. Diga a eles que tenho orgulho deles, Clamps. Sei que passamos por algo traumático, mas sobrevivemos. Vamos enfrentar o amanhã com força maior.

— Vou dizer para eles, chefe — afirmou Clamps.

Miles encobriu uma careta. Não conseguia decidir se eram as palavras corretas ou não; ele não tinha talento para a pregação. Mas os homens precisavam da convicção dele, então ele mostraria convicção.

— Quinze anos — disse ele, suavemente.

— Chefe?

— Quinze anos eu passei nas Terras Brutas, tentando proteger os fracos. E sabe de uma coisa? Nunca melhorou. Todo o esforço não serviu de nada. Crianças ainda morrem, mulheres ainda sofrem abusos. Um homem não foi suficiente para mudar as coisas, não com a corrupção aqui, no coração da civilização. — Ele soltou mais uma baforada. — Se vamos mudar as coisas, precisamos mudá-las aqui primeiro.

E que Trell me ajude se eu estiver errado. Por que Trell fez homens como ele, se não para ver os erros corrigidos? As “Palavras de Fundação” até incluíam uma longa explicação sobre o trelagismo e

seus ensinamentos, provando que homens como Miles eram especiais.

Ele se virou e caminhou pelo passadiço, que pendia como uma sacada no lado norte da grande câmara. Tarson e Clamps ficaram para trás. Sabiam que ele preferia ficar sozinho quando enfrentava o Sr. Elegante.

Miles abriu a porta no fim do passadiço e entrou no gabinete do Sr. Elegante. Por que ele precisava de um gabinete ali, Miles não sabia; talvez estivesse de olho nas operações daquela nova base. O Sr. Elegante queria que tivessem trabalhado dali desde o início. Miles chateava-se por ter que finalmente aceitar a oferta — isso o colocava mais perto do jugo de seu apoiador.

Com roubos bons suficientes, não precisaremos mais dele, disse Miles a si mesmo. *Então, poderemos nos mudar para outro lugar.*

O Sr. Elegante era um homem de rosto redondo com barba cheia e grisalha. Estava sentado à mesa, bebericando uma xícara de chá e usando um terno de seda preta, extremamente refinado e caro, com um colete turquesa. Quando Miles entrou, estava lendo um jornal.

— Você sabe que não gosto do cheiro dessa coisa — disse o Sr. Elegante sem erguer os olhos.

Miles soltou a fumaça do charuto de qualquer forma.

O Sr. Elegante sorriu.

— Ouvi dizer que seu velho amigo *já* localizou sua antiga base operacional.

— Homens foram capturados — disse Miles. — Era apenas uma questão de tempo.

— Não são muito leais à sua causa.

Miles não tinha resposta para isso. Os dois sabiam que a maioria dos homens trabalhava por dinheiro e não por um propósito maior.

— Sabe por que eu gosto de você, Miles? — perguntou o Sr. Elegante.

Não me importo se gosta ou não, pensou Miles, mas segurou a língua.

— Você é cuidadoso — continuou o Sr. Elegante. — Tem uma meta, acredita nela, mas não deixa que isso turve sua visão. Na verdade, sua causa não é tão diferente da minha e de meus associados. Acho que é um objetivo valoroso e que você é um líder valoroso. — O Sr. Elegante virou uma página do jornal. — Os tiroteios durante o último roubo ameaçaram minar minha confiança nessa avaliação.

— Eu…

— Você perdeu a calma — disse o Sr. Elegante, com a voz cada vez mais fria. — E, portanto, perdeu o controle de seus homens. *Por isso* aquele desastre ocorreu. Não há outro motivo.

— Sim, há. Waxillium Ladrian.

— Devia estar pronto para ele.

— Ele não devia estar lá.

O Sr. Elegante deu mais um gole no chá.

— Pare com isso, Miles. Você estava usando uma máscara. Sabia que havia uma chance de vê-lo.

— Eu estava usando uma máscara porque sou um homem de certo renome — disse Miles, mantendo a calma com um tanto de esforço. — Wax não era o único que poderia ter me reconhecido.

— Um argumento válido, suponho. Por outro lado, vendo o jeito como você insiste em ser dramático, com cargas que desaparecem em vez de simplesmente serem roubadas, eu me pergunto por que evita ser

reconhecido.

— O drama serve a um objetivo — retrucou Miles. — Eu já disse a você. Enquanto a polícia fica perplexa, pensando em como roubamos a carga, ela continua a cometer erros.

— E o drama? — perguntou o Sr. Elegante, distraído, virando mais uma página do jornal sobre a mesa. — Os “Desaparecidos”, Miles?

Ele não disse nada. Ele havia explicado seus motivos antes, aqueles que revelou ao Sr. Elegante. Havia outros, claro. Precisava ser dramático, precisava capturar a atenção do público. Miles estava lá para mudar o mundo. Não poderia fazer isso se os outros pensassem neles como ladrões comuns. Mistério, poder, uma pitada de magia… isso podia operar milagres para sua causa.

— Não vai comentar — disse o Sr. Elegante. — Bem, sua justificativa se provou válida no passado, mas não quando o assunto é Waxillium. Vou admitir, Miles, que parte de mim se questiona. Existe algum ressentimento antigo entre vocês dois do qual eu devesse saber? Algo que, talvez, tenha feito você agir de forma negligente? — Os olhos do Sr. Elegante estavam frios como ferro. — Algo que tenha feito você tentar *provocá-lo* a atacar durante aquela festa? Para que pudesse lutar com ele?

Miles sustentou aquele olhar e, em seguida, inclinou-se, apoiando as mãos na mesa, dedos prendendo o charuto.

— Não tenho nenhum ressentimento de Waxillium Ladrian. É um dos homens mais admiráveis que este mundo já conheceu. Um homem mais admirável que você e eu e praticamente qualquer um nesta cidade.

— E isso deveria me confortar? Você está quase dizendo que não vai lutar com ele.

— Ah, eu vou lutar com ele. Matá-lo, se precisar. Wax escolheu o lado errado. Homens como ele e homens como eu têm uma escolha: servir ao povo ou servir aos ricos. Ele abandonou seu direito à proteção no momento em que voltou para esta cidade e começou a se misturar com eles.

— Curioso — disse o Sr. Elegante. — Eu também sou um *deles*, sabe?

— Trabalho com o que tenho. E, além disso, você tem… outras coisas a seu favor. Especialmente ter renunciado aos seus privilégios.

— Não aos privilégios — retrucou o Sr. Elegante. — Apenas ao título. E ainda acho que você pretendia provocar Waxillium. Por isso atirou em Peterus.

— Atirei em Peterus porque ele era um impostor — retrucou Miles. — Fingia buscar justiça, e todo mundo o elogiava por isso, mas, ao mesmo tempo, ele estava agradando à elite e aos corruptos. No fim, deixaram que ele fosse às suas festas, como um cachorrinho de estimação. Eu acabei com ele.

O Sr. Elegante meneou a cabeça devagar.

— Muito bem.

— Eu *vou* limpar esta cidade, Elegante. Mesmo se tiver de arrancar o coração apodrecido deste lugar com minhas unhas. Mas você vai ter que conseguir mais alumínio para mim.

— Estou agilizando tudo — disse o Sr. Elegante. Ele abriu uma gaveta e tirou uma folha de papel enrolado. Deixou-a diante de Miles.

Miles tirou o cordão e desenrolou o papel. Diagramas.

— O novo vagão “inviolável” de Tekiel?

O Sr. Elegante assentiu com a cabeça.

— Precisarei de tempo para… — Miles começou a falar.

— Já tenho gente trabalhando nisso há algum tempo. Seu trabalho não é o planejamento, Miles. Seu trabalho é a execução. Vou providenciar para que tenha os recursos de que precisa.

Miles examinou os diagramas. O Sr. Elegante era bem relacionado. Poderoso. Miles não conseguia evitar a sensação de que se embrenhara em algo que estava muito além de seu controle.

— Meus homens ainda estão mantendo a última refém — disse ele. — O que quer que façamos com ela?

— Isso será arranjado — disse o Sr. Elegante, tomando um gole do chá. — Se eu estivesse prestando mais atenção, teria retirado essa da lista. Waxillium não vai parar de procurá-la. Teria sido muito mais fácil se a explosão tivesse funcionado. Agora, precisamos pensar numa ação mais direta.

— Vou lidar com ele pessoalmente — disse Miles. — Hoje.

— Miles Dagouter é um Duplonato — explicou Waxillium, inclinando-se para a frente no vagão do trem. — Uma variedade especialmente perigosa de Duplonato.

— Ouro duplo — disse Wayne, com um menear de cabeça, reclinando-se no banco estofado diante de Waxillium. Lá fora, os subúrbios mais extremos de Elendel passavam num borrão.

Marasi estava sentada ao lado de Wayne.

— Pelo que li, alomânticos de ouro não são especialmente perigosos.

— Não — disse Waxillium. — Não são. Mas é a Composição que torna Miles tão poderoso. Se sua Alomancia e sua Feruquemia compartilham o mesmo metal, você pode acessar o poder desse metal com uma potência dez vezes maior. É complicado. Você armazena um atributo dentro do metal e o *queima* para liberar o poder. Isso é chamado de Composição. Segundo as lendas, foi assim que a Centelha ganhou imortalidade.

Marasi fez uma careta.

— Achei que as histórias sobre as extraordinárias habilidades de cura de Miles fossem exageros e que ele fosse apenas um Criassangue, como Wayne.

— Ah, ele é um Criassangue, sim — disse Wayne, girando um bastão de duelo e pegando-o de novo. — Exceto que a saúde *dele* nunca se esgota.

Waxillium assentiu com a cabeça, pensando em anos antes, quando conhecera Miles. O homem sempre o deixou desconfortável, mas era um vigilante excelente. Em grande parte do tempo.

Observando o olhar confuso de Marasi, Waxillium explicou.

— Normalmente, um feruquemista precisa ser econômico. Pode levar meses para encher as reservas de saúde ou peso. Tenho andado por aí com metade do meu peso desde que quebrei aquele assoalho, tentando recuperar um pouco do que gastei. Mal enchi uma fração do que perdi de minha mente de metal. Para Wayne é ainda mais difícil.

Wayne limpou o nariz.

— Vou ter que passar semanas me sentindo terrivelmente mal. Do contrário, não serei capaz de me curar. Já estou armazenando o máximo que posso, mas no fim do dia mal terei suficiente para me curar de um arranhão.

— Mas Miles… — disse Marasi.

— Ele tem uma capacidade de cura quase infinita — disse Waxillium. — O homem é praticamente imortal. Ouvi dizer que, uma vez, tomou um tiro de escopeta na cara à queima-roupa e saiu andando. Trabalhamos juntos nas Terras Brutas. Ele era o vigilante em Madil Verdadeiro. Miles, eu e Jon Dedomorto, de Dorest Distante, tivemos uma espécie de aliança durante os anos bons.

— Miles não gosta muito de mim — observou Wayne. — Bem… nenhum dos vigilantes gosta, na verdade.

— Miles fazia um bom trabalho — disse Waxillium. — Mas era crítico e duro. Nós nos respeitávamos, embora em grande parte do tempo a distância. Não diria que éramos amigos. Mas, nas Terras Brutas, qualquer um que defenda o que é certo é aliado.

— Esta é a primeira lei das Terras Brutas — disse Wayne. — Quanto mais solitário você estiver, mais precisará de um homem em quem possa confiar.

— Mesmo se seus métodos forem além do que você escolheria fazer — comentou Waxillium.

— Ele não parece o tipo que entraria numa vida de crimes — observou Marasi.

— Não — concordou Waxillium, baixinho. — Não parece. Mas eu estava quase certo de que era ele por trás da máscara no casamento, e a caixa de charutos que encontramos... São seus favoritos. Não posso ter certeza de que é ele, mas…

— Mas você acha que é.

Waxillium assentiu com a cabeça. *Que Harmonia nos ajude, mas eu acho.* Os vigilantes eram feitos de uma liga diferente. Havia um código a seguir. Nunca entregar os pontos, nunca se deixar tentar. Trabalhar com criminosos todos os dias podia mudar um homem. Fazê-lo ver as coisas do jeito que eles veem. Fazê-lo pensar como eles.

Todos sabiam que este trabalho podia deturpá-los se não houvesse cuidado. Eles não falavam disso e não cediam. Ou não deveriam ceder.

— Não fico surpreso — disse Wayne. — Já viu como ele falava das pessoas em Elendel, Wax? É um homem brutal.

— Sim — disse Waxillium, baixinho. — Eu esperava que ele se mantivesse concentrado em manter a ordem em sua cidade e deixasse seus demônios adormecidos.

O trem passou pelos subúrbios, seguindo para os Campos Externos, o amplo círculo de pomares, campos e pastos que alimentavam Elendel. A paisagem mudou dos blocos da cidade para trechos abertos de tons castanhos e verdes e os canais azuis brilhando enquanto cortavam a terra.

— Isso muda as coisas? — perguntou Marasi.

— Muda — respondeu Waxillium. — Significa que tudo isso é muito mais perigoso do que pensei.

— Que agradável.

Wayne deu um sorriso.

— Bem, queríamos que você tivesse a experiência completa. Sabe, pela ciência e tudo o mais.

— Na verdade — disse Waxillium —, estive pensando que seria melhor mandar você para algum lugar seguro.

— Você quer ser livrar de mim? — perguntou ela, arregalando os olhos para parecer triste, com a voz suavizada de um jeito lastimável para se mostrar traída. Ele ficou quase tentado a pensar que ela estava aprendendo aquilo com Wayne. — Pensei que eu estava sendo útil.

— E está — confirmou Waxillium. — Mas você também tem pouca experiência prática no que estamos fazendo.

— Uma mulher precisa ganhar experiência de algum jeito — disse ela, erguendo a cabeça. — Eu já sobrevivi a um sequestro e a uma tentativa de assassinato.

As portas do vagão de passageiros fizeram barulho quando eles viraram numa curva.

— Sim, Lady Marasi, mas a presença de um Duplonato do outro lado muda as coisas. Não acho que poderei derrotar Miles numa luta. Ele é engenhoso, poderoso e determinado. Preferiria que você estivesse em algum lugar seguro.

— Onde? — perguntou ela. — Qualquer uma de suas propriedades seria um lugar óbvio, bem como as de meu pai. Não posso me esconder no subterrâneo da cidade; tenho *muitas dúvidas* de que eu passaria despercebida por lá! Apresso-me a sugerir que o lugar mais seguro para mim é perto de você.

— Estranho — disse Wayne —, em geral, acho que os lugares mais seguros são *longe* de Wax. Já mencionei a probabilidade de explosões?

— Talvez devêssemos simplesmente procurar os policiais — disse Marasi. — Lorde Waxillium… esse tipo de investigação particular é tecnicamente ilegal… ao menos enquanto temos fatos importantes que os policiais não têm. Devemos levar o que sabemos às autoridades.

— Nem dê ideia para ele! — exclamou Wayne. — Eu estava começando a conseguir que ele parasse de dizer coisas assim!

— Tudo bem, Wayne — disse Waxillium, baixinho. — Fiz uma promessa. Disse a Lorde Harms que lhe devolveria Steris. E vou. Será assim e pronto.

— Então, vou ficar e ajudar — disse Marasi. — Será assim e pronto.

— Eu realmente poderia comer alguma coisa — acrescentou Wayne. — Serei gordo e pronto.

— Wayne… — disse Waxillium.

— Estou falando sério — disse Wayne. — Não comi nada desde aqueles bolinhos.

— Vamos comer alguma coisa em nossa parada — disse Waxillium. — Primeiro, gostaria de saber uma coisa de Lady Marasi.

— Sim?

— Bem, já que você vai permanecer conosco, gostaria de saber que tipo de alomântica você é.

Wayne se sentou direito com um sobressalto.

— Oi?

Marasi enrubesceu.

— Você carrega uma bolsinha com raspas de metal em sua bolsa de mão — disse Waxillium. — E sempre está ansiosa para manter a bolsa por perto. Sabe pouco sobre Feruquemia, mas parece compreender a Alomancia. Não ficou surpresa quando Wayne parou o tempo criando uma bolha ao nosso redor… Na verdade, chegou bem perto do limite da bolha, como se estivesse familiarizada com ela. E pertence a uma linhagem hereditária que está sendo caçada precisamente porque inclui um monte de alomânticos.

— Eu… — disse ela. — Bem, realmente não houve uma boa oportunidade… — Ela corou ainda mais furiosamente.

— Fico surpreso e um pouco decepcionado — disse Wayne.

— Bem — disse ela, rapidamente —, eu…

— Ah, não com você — comentou Wayne. — Com Wax. Eu esperava que ele tivesse percebido no primeiro encontro.

— Estou ficando lento com o passar da idade — disse Waxillium, seco.

— Não serei muito útil — disse ela, olhando para baixo. — Quando vi Wayne usando sua capacidade de Deslizante, comecei a ficar envergonhada. Vejam bem, sou uma Pulsadora.

Como ele suspeitava.

— Acho que pode ser muito útil.

— Na verdade, não — disse ela. — Acelerar o tempo… é incrível. Mas o que se pode fazer com ele reduzido, e apenas para mim mesma? É inútil em uma luta. Todo mundo se move com grande velocidade ao meu redor. Meu pai tem vergonha do poder. Ele me disse para não contar a ninguém, como minha ascendência.

— Tenho cada vez mais certeza de que seu pai é um idiota — disse Waxillium. — Você tem acesso a algo útil. Não, não vai servir em todas as situações, mas nenhuma ferramenta serve.

— Se você diz assim — disse ela.

Um mercador entrou no vagão vendendo biscoitos, e Wayne quase pulou da cadeira para pegar um. Waxillium recostou-se, olhando pela janela e pensando.

Miles. Não, não tinha certeza de que era ele. Quando Waxillium atirou no rosto do chefe dos Desaparecidos e o derrubou, achou que havia confundido a voz. Miles não cairia com um tiro.

A não ser que soubesse que precisava fingir para que Waxillium não o reconhecesse. Miles era engenhoso e faria algo assim.

É ele, pensou Waxillium. Ele sabia desde que ouviu a voz do chefe dos Desaparecidos. Só não queria admitir.

Aquilo complicava imensamente as coisas. E, estranhamente, Waxillium percebeu que se sentia arrasado. Tinha vinte anos de trabalho como vigilante, e aquela situação já se mostrava mais confusa do que qualquer uma que já houvesse investigado. Ele achava que as Terras Brutas o tinham fortalecido, mas havia também uma simplicidade lá, uma simplicidade com a qual ele havia se acostumado.

Agora, ele estava atacando, arma em riste, supondo que conseguiria lidar com um problema na escala de Elendel. Tinha achado que poderia derrubar uma equipe bem financiada, que reunia homens com armas feitas com algo tão caro que poderia muito bem ser ouro.

Talvez devêssemos procurar os policiais, Marasi tinha dito. Mas ele poderia?

Tateou o brinco no bolso. Sentiu que Harmonia queria que ele investigasse. Mas e se Harmonia fosse apenas uma impressão da mente de Waxillium? Chamavam isso de inclinação confirmatória. Ele sentia o que esperava sentir. Era o que seu cérebro lógico lhe dizia.

Queria poder sentir as brumas, pensou ele. *Faz semanas desde que consegui sair entre elas.* Sempre se sentia mais forte nas brumas. Sentia-se como se alguém estivesse observando quando estava entre elas.

Preciso continuar, disse a si mesmo. Tentara se abster, e isso tinha feito com que Lorde Peterus fosse alvejado. O método de Waxillium era simplesmente assumir o comando e fazer o que precisava ser feito. Era o jeito como um homem da lei aprendia a trabalhar lá nas Terras Brutas. *Não somos tão diferentes,*

Miles e eu, pensou ele. Talvez fosse isso que sempre o assustou naquele homem.

O trem reduziu a velocidade, parando na estação em que desceriam.

12

Wayne saiu da carruagem, seguindo Waxillium e Marasi. Olhou para o cocheiro, lançando uma moeda para ele.

— Precisamos que você espere um pouco, meu chapa. Acredito que não será um problema.

O cocheiro olhou para a moeda e ergueu uma sobrancelha.

— Problema nenhum, meu chapa.

— Que chapéu bacana — disse Wayne.

O cocheiro usava uma boina redonda de feltro, rígida e cônica, mas com o topo reto e uma pena enfiada nele.

— Todos nós usamos esse chapéu — disse ele. — É a marca das Carruagens do Gavil, entende?

— Hum. Quer trocar?

— O quê? Trocar chapéus?

— Isso — disse Wayne, jogando para ele a boina mole de tricô.

O homem a pegou.

— Não sei muito bem…

— Dou um biscoito de lambuja — disse Wayne, tirando-o do bolso.

— Hum… — O homem olhou para a moeda na mão, que era bem substancial. Tirou o chapéu e o jogou para Wayne. — Não precisa. Acho que… posso comprar outro.

— Muito legal de sua parte — comentou Wayne, dando uma mordida no biscoito enquanto caminhava tranquilamente atrás de Waxillium. Ele pôs o chapéu. Não era tão ruim assim.

Apressou-se para alcançar os dois, que haviam parado numa pequena colina. Wayne respirou fundo, sentindo a umidade do canal, os aromas de trigo nos campos e das flores aos seus pés. Então, espirrou. Odiava encher sua mente de metal enquanto fazia suas coisas. Preferia enchê-la em grandes partes. Isso o deixava muito mal, mas ao menos conseguia dormir bem e beber muito para passar o tempo.

Assim era pior. Encher a mente de metal o máximo que pudesse, armazenando saúde enquanto andava por aí, significava ficar doente. E rápido. Espirraria muito mais, a garganta ficaria dolorida e os olhos viveriam lacrimejando. Sentia-se cansado e zonzo também. Mas precisava daquela saúde, então aguentava.

Caminhou pela grama. Os Campos Externos eram um lugar estranho. As Terras Brutas eram secas e poeirentas. A cidade era densamente povoada e, em alguns lugares, imunda. Ali, as coisas eram simplesmente… bonitas.

Um pouco bonitas demais. Faziam os ombros dele coçarem. Era o tipo de lugar onde um homem trabalhava no campo durante o dia e, então, ia para casa e sentava no alpendre, bebendo limonada e acarinhando seu cachorro. Homens morriam de tédio em lugares como aquele.

Era estranho que, num local tão aberto, ele conseguisse se sentir ainda mais ansioso e confinado do que preso numa cela.

— O último roubo de carga aconteceu aqui — disse Waxillium, estendendo a mão para os trilhos, que faziam uma curva para a esquerda. Em seguida, moveu a mão pelo caminho, como se estivesse vendo algo que Wayne não via. Sempre fazia coisas assim.

Wayne bocejou e deu mais uma mordida no biscoito.

— Que foi isso, senhor? Que que foi isso, senhor? O que foi isso, senhor?

— Wayne, o que você está balbuciando aí? — Waxillium se virou, inspecionando o canal à direita. Era amplo e profundo ali, projetado para transportar as barcaças cheias de comida que iam para a cidade.

— Praticando minha imitação do vendedor de biscoitos — disse Wayne. — Ele tinha um sotaque ótimo. Devia ser de uma das novas cidades nos subúrbios de Elendel, bem ao lado das montanhas ao sul.

Waxillium olhou para ele.

— Esse chapéu está ridículo.

— Felizmente, posso trocar de chapéu — disse Wayne com o sotaque do vendedor de biscoitos —, enquanto o senhor está preso com essa cara aí.

— Vocês dois parecem irmãos — comentou Marasi, observando com curiosidade. — Já perceberam?

— Contanto que eu seja o irmão bonito — disse Wayne.

— Os trilhos curvam-se na direção do canal — disse Waxillium. — Os outros roubos também aconteceram perto de canais.

— Pelo que eu me lembre — observou Marasi —, a maioria das linhas férreas é paralela aos canais. Os canais vieram primeiro, e quando os trilhos foram montados, fez sentido seguir os caminhos estabelecidos.

— Certo — disse Waxillium. — Mas isso é especialmente marcante aqui. Veja como os trilhos ficam próximos do canal.

Seu sotaque está mudando, pensou Wayne. *Voltou à cidade há seis meses, e o novo sotaque já aparece. Está mais refinado em alguns momentos, menos formal em outros.* As pessoas percebiam como suas vozes eram como seres vivos? Se movemos uma planta de lugar, ela se altera e se adapta ao ambiente ao redor. Se movemos uma pessoa de lugar, o jeito como ela fala cresce, adapta-se, evolui.

— Então, você acha que esse maquinário que os Desaparecidos estão usando não pode ser movido com facilidade em terra? — perguntou Marasi. — Eles precisam embarcá-lo no canal e escolher um local próximo dos trilhos para montá-lo e transportar o fruto do roubo?

O sotaque dela…, pensou Wayne. *Ela usa uma entonação mais elevada ao falar com ele.* Estava tentando impressionar Wax. Ele enxergava? Provavelmente não. O homem sempre foi distraído com relação às mulheres. Mesmo com Lessie.

— Sim — disse Waxillium, descendo a colina. — A questão é: como essa coisa, seja lá o que for, esvaziou os vagões de carga de forma tão rápida e eficiente?

— Por que é tão estranho? — perguntou Wayne, seguindo-o. — Se eu fosse um Desaparecido, teria trazido um montão de homens, o que me faria terminar o trabalho mais rápido.

— Não é uma simples questão de mão de obra — respondeu Waxillium. — Os vagões estavam trancados, e alguns dos últimos tinham guardas. Quando os vagões chegavam ao destino, ainda estavam trancados, mas vazios. Além disso, muitos lingotes pesados de ferro foram roubados de um dos vagões. A porta do vagão não é tão grande… depois de certo ponto, mais homens não teriam ajudado. Não há maneira de descarregar centenas de lingotes em cinco minutos usando apenas mão de obra.

— Uma bolha de velocidade? — perguntou Marasi.

— Pode ter ajudado, mas não muito — disse Wax. — Haveria o mesmo problema em relação à porta, e não se pode colocar muitas pessoas numa bolha de velocidade. Vamos dizer que pudéssemos ter seis trabalhadores dentro dela, o que seria bem apertado. Eles teriam de mover os lingotes de ferro para a beirada da bolha de velocidade e, em seguida, derrubar a bolha e criar outra… e repetir o processo. Não se pode mover as bolhas depois que elas estão erguidas.

Waxillium balançou a cabeça, com as mãos nos quadris.

— O custo em curvaliga seria incrível. Uma pepita custa cerca de quinhentas notas. Wayne consegue comprimir cerca de dois minutos em quinze segundos externos. Para comprimir o tempo de cinco minutos do lado de fora, ganhando tempo suficiente dentro para mover todas aquelas barras de ferro, seria necessário gastar *dez mil* notas. As barras valeriam apenas uma fração desse investimento; por Harmonia, seria possível comprar o *trem* inteiro com esse dinheiro. Não acredito nisso. Estão fazendo de outra forma.

— Algum tipo de maquinário — disse Marasi.

Wax assentiu, descendo a colina e examinando o solo.

— Vamos ver se conseguimos encontrar algum rastro que eles possam ter deixado para trás. Talvez o maquinário tenha rodas que deixaram sulcos ou trilhas.

Wayne enfiou a mão nos bolsos e caminhou por ali, fingindo que também estava procurando, mas havia envolvido Waxillium nesta investigação porque ele era bom nesse tipo de coisa. Se houvesse gente envolvida, Wayne seria útil. Mas com flores e terra… nem tanto.

Depois de alguns minutos, ele estava entediado, então foi até onde Marasi estava examinando o solo. Ela olhou para ele.

— Tenho que dizer, Wayne… Esse chapéu *não* fica muito bem em você.

— Sim. Só quero continuar lembrando a Wax que ele me deve um novo.

— Por quê? Foi você quem deixou o homem levar seu antigo chapéu.

— Ele me convenceu a não lutar — grunhiu Wayne. Para ele, a conclusão parecia óbvia. — E daí ele *atirou* no cara que estava usando o chapéu, e o cara simplesmente foi embora!

— Ele não tinha como saber que o homem sobreviveria.

— Ele deveria ter pegado meu chapéu — disse Wayne.

Ela sorriu, parecendo se divertir.

A maioria das pessoas não entendia a importância dos chapéus, e Wayne não as culpava por isso. O valor do chapéu é incompreensível antes de você ter um chapéu bom, que dê sorte.

— Na verdade, foi melhor assim — continuou Wayne, baixinho, chutando o mato. — Mas não diga a

Wax.

— Por quê?

— Eu *precisava* perder aquele chapéu — admitiu Wayne. — Do contrário, ele teria ido pelos ares na explosão, entende? Foi uma sorte ele ter sido roubado. Poderia ter acabado igual ao meu sobretudo.

— Você é um indivíduo único, Wayne.

— Tecnicamente, todos somos — disse ele. Então, hesitou. — Exceto gêmeos. Eu acho. De qualquer forma, tem uma coisa que preciso perguntar a você. Mas é um pouco pessoal.

— Quão pessoal?

— Bem, você sabe, sobre você e tudo mais. O tipo pessoal de pessoal. Eu acho.

Ela olhou para ele, franzindo a testa, e em seguida corou. Parecia que ela fazia muito isso, o que não incomodava Wayne. Garotas ficavam bonitas um pouco mais coradas. — Você não está querendo dizer sobre mim… e você… digo…

— Ah, por Harmonia! — Wayne gargalhou. — Não é nada disso, minha chapa. Não se preocupe. Você é bem bonita, especialmente nos cobres, se entende o que eu quero dizer.

— Nos cobres?

— Claro. Palavra com muitas curvas, como você. Também tem um sotaque bonito e um balanço legal na área das nuvens.

— Devo ousar perguntar o que é isso?

— As coisas brancas e fofinhas que flutuam bem acima da terra frutífera onde as sementes são plantadas.

Ela enrubesceu ainda mais.

— Wayne! Essa deve ser a coisa mais rude que alguém já disse para mim.

— Eu me esforço para alcançar a excelência, minha chapa. Eu me esforço. Mas não se preocupe... Como eu disse, você é bem bonita, mas não tem força suficiente para mim. Gosto de mulheres que podem *arrancar* minha cara com um bom murro na fuça.

— Você gosta de mulheres que podem espancar você?

— Claro. É um fetiche. Bem, eu estava mesmo era falando de sua Alomancia. Veja, você e eu, nós temos poderes opostos. Eu aumento a velocidade do tempo, e você diminui. Então, o que aconteceria se *nós dois* usássemos nossos poderes ao mesmo tempo? Hein?

— Isso está documentado — comentou Marasi. — Eles se cancelam mutuamente. Nada acontece.

— Sério?

— Sério.

— Hum — disse ele, limpando o nariz com o lenço. — O nada mais caro que uma pessoa pode ter, considerando que nós dois teríamos que queimar metais raros.

— Não sei — disse ela, com um suspiro. — Meu poder é muito bom em não fazer nada sozinho. Não sei se eu realmente entendia quão patético é ser uma Pulsadora até ver o que você pode fazer.

— Ah, o seu poder não é tão ruim.

— Wayne, a qualquer momento que eu usar minha capacidade, *qualquer* momento, eu ficarei paralisada no lugar, parecendo uma idiota, enquanto todo mundo ao redor será capaz de se movimentar.

Você pode usar seu poder para ganhar tempo. Eu só posso usar o meu para perder tempo.

— Claro, mas, talvez, em algum momento, você queira que certo dia chegue mais rápido. Você queira muito, sabe? Então, você pode queimar cádmio e, puf, o dia chega!

— Na verdade… — Ela parecia envergonhada. — Na verdade, eu já fiz isso. Cádmio queima muito mais devagar que a curvaliga.

— Está vendo! Vantagens. Que tamanho suas bolhas alcançam?

— Posso fazer uma do tamanho de uma saleta.

— É *muito* maior que a minha — disse Wayne.

— Multiplique zero por mil, e você ainda terá zero.

Ele hesitou.

— É mesmo?

— É — disse ela. — É matemática básica.

— Pensei que estávamos falando de Alomancia. Quando o assunto passou para matemática?

Aquilo fez com que ela corasse também. Era de se esperar que uma garota corasse quando se falava com ela sobre as partes mais atraentes do próprio corpo, mas não quando se mencionava matemática. Era uma liga estranha, aquela ali.

Ela olhou para o lado, na direção de Waxillium. Ele estava agachado ao lado do canal.

— Já *ele*... — disse Wayne. — *Ele* gosta das inteligentes.

— Não tenho nenhuma intenção em relação a Lorde Ladrian — disse ela, rápido. Rápido demais.

— Que pena — disse Wayne. — Acho que ele gosta de você, minha chapa.

Talvez tenha sido um exagero. Wayne não sabia ao certo o que Wax pensava em relação a Marasi — contudo, o homem precisava tirar Lessie da cabeça. Lessie tinha sido uma grande garota. Maravilhosa e tudo o mais. Mas estava morta, e Wax ainda estava com aquele… olhar vazio. O mesmo que tinha exibido nas semanas seguintes à morte de Lessie. Mais suave agora, só que ainda estava lá. Um novo amor ajudaria muito. Wayne tinha certeza disso, então ficou muito feliz consigo mesmo quando Marasi começou a se mexer, por fim caminhando até onde Wax estava trabalhando. Ela tocou seu braço, e ele apontou para alguma coisa no chão ao lado do canal. Juntos, eles inspecionaram.

Wayne aproximou-se devagar.

— … perfeitamente retangular — dizia Marasi. — De algo mecânico.

O solo ali estava achatado como se algo pesado tivesse sido colocado em cima. Aparentemente, era o único tipo de vestígio na área, e não parecia ser o que Wax queria encontrar. Ele se ajoelhou ao lado, franzindo a testa, e apoiou a mão na terra, provavelmente para verificar quão compactada estava. Ele ergueu os olhos de novo para os trilhos.

— Não há pegadas suficientes — disse Wax, baixinho. — Não há como um objeto como esse ter sido carregado com a força de homens. Mesmo se houvesse uma bolha de velocidade.

— Acho que você tem razão — disse Marasi. — Se o roubo aconteceu bem ali, a máquina pode ter permanecido no canal e, ainda assim, alcançado os trilhos.

Waxillium levantou-se e limpou as mãos.

— Vamos voltar. Preciso de tempo para pensar.

* * *

Waxillium caminhou até o centro do vagão de passageiros, com as mãos molhadas após limpá-las no lavabo. O vagão rangia embaixo dele e os campos passavam lá fora.

Onde Miles estaria se escondendo? A mente de Waxillium girava. A cidade oferecia lugares demais para se esconder, e Miles não era um criminoso comum. Fora um vigilante. Os instintos normais de Waxillium não serviriam.

Ele vai reduzir a velocidade, Waxillium concluiu. *É cuidadoso. Perspicaz. Levou meses entre o roubo do alumínio e o seguinte.*

Miles havia perdido homens e recursos. Ele se esconderia por um tempo. Mas *onde*? Waxillium recostou-se na parede do corredor. O vagão de primeira classe era formado por compartimentos particulares. Podia ouvir baixinho as pessoas conversando na cabine ao lado. Crianças. Tinha sido necessária uma longa caminhada pelos seis vagões para encontrar um lavabo livre. Wayne e Marasi estavam num compartimento muitos vagões adiante.

Se Marasi estivesse certa sobre a função das mulheres sequestradas, um destino amargo as aguardava. Miles podia se dar ao luxo de recuar, de deixar as pistas esfriarem. Cada hora que passava tornava mais difícil encontrá-lo.

Não, pensou Waxillium. *Ele vai precisar de mais um roubo.* Um rápido, talvez sem nenhuma refém, para conseguir mais alumínio. Waxillium tinha analisado os relatórios originais dos roubos e conseguido fazer uma avaliação precisa da quantidade de alumínio que Tekiel estava contrabandeando. Teria sido mais ou menos o suficiente para equipar trinta ou quarenta homens, o que levaria Miles a realizar mais um roubo antes de se esconder; dessa forma, poderia usar o tempo parado para fazer mais armas e munição.

Isso dava a Waxillium mais uma oportunidade de pegá-lo. Se pudesse armar tudo direito. Ele…

O grito foi baixo, mas Waxillium havia treinado sua mente para que estivesse sempre atenta a essas coisas. Sempre alerta, especialmente quando estava ocupado, pensando. Imediatamente se lançou para o lado, o que salvou sua vida quando a bala passou pelo vidro da janela no fim do vagão.

Waxillium girou, puxando um revólver do coldre. Uma figura de preto estava em pé no vagão seguinte, olhando pela janela quebrada. Usava uma máscara de novo, com os olhos expostos, os pontos do tricô cobrindo o restante das feições, mas o corpo e a altura eram os mesmos, até o jeito de segurar a arma.

Idiota!, pensou Waxillium. Seus instintos *estavam* dispersos. Um criminoso comum teria se escondido. Mas não Miles. Fora um homem da lei, acostumado a caçar, e não a ser caçado.

E, se você causasse uma reviravolta em seus planos, ele iria atrás de você.

Neste episódio, eu escrevo sobre os dias que passei nos abomináveis Poços de Eltania, onde minhas ex-bolsas governam a terra e metais preciosos e desconhecidos podem ser descobertos. A história completa aparece. Com por certo verdade e escrito pelo próprio explorador!

tracias nos cofres dos barcos de Terrel.

Um mecanismo temperizador de sua marca cientificamente avançada garante que, uma vez fechado, o sagão só possa ser reaberto muito depois de ter chegado ao destino. Portanto, o Nada Quebra permite que até os cavalheiros mais preocupados se tranquilizem, na certeza de que seu cargo valioso viajará sem ser molestado ao longe das linhas da Beria de Elendel e além dessas terras.

De fato, esta é uma preocupação sem sentido, acertemente começaram a ancorar suspeitos à sua lista de pecados, e parece apenas uma questão de tempo até que cometam os terremotos.

Em vez de esperar pelas maquinações dolorosamente lentas de outros lordes pela defesa de vidas e bens contra esses ladrões por meio de procedimentos do Senado, a Casa Teikel mais uma vez se adiantou, com uma solução empenhosa que é uma ajuda viva na batalha contra esses vilões.

nista, que espera em cada fim a aparição fantasmagórica. Descobri outrora por si o conteúdo por que seu fantasma é silencioso demais, brilhante demais e do outro mundo demais para não ser uma força de além. Especialistas da universidade compararam desastres de trem para determinar a origem da aparição, e as listas de mortes dão um vislumbre de que os fantasmas podem desejar. Reportagem exclusiva encontrada apenas aqui! No verso.

outra sobrevivente com uma história terrível. Como seu horror ter sido especialmente por um estranho pressentimento.

Agora, muito depois de seus entes queridos terem desistido dela, tomando-os por mortos, os arrogantes deleitam-se à ilusão, tracando-lhe dia e noite infligindo. Sua história é aterrorizante, preocupante e muito triste. Gostaríamos de saber como descobriu a verdade do povo dos oceanos e de seus mínimos Metais Desconhecidos. Leia a história inteira no verso.

Lider de sindicato abandona solidariedade aos membros do Partido do Sindicato do Comércio

Em um surpreendente troca de linha partidária, o líder do Sindicato do Comércio, Elors Dumsel, anunciou sua intenção de deixar de lado qualquer objeção ao encerramento de negociações entre representantes do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e a Cooperativa das Casas Nobres em suas contratas disputas para chegar a um acordo. Rumores de uma série de reuniões secretas entre o líder do sindicato e cidadãos ricos cujos interesses estão alinhados com as casas permanecem sendo fontes de especulação, e todas as questões sobre o assunto são evitadas.

O anúncio foi recebido com ceticismo, quase violento por parte dos membros do Partido do Sindicato do Comércio entrevistados por este jornal. Um resistor no canteiro de obras do Edifício Espada de Prata, que disse se chamar Brill, comentou com este repórter que o sr. Dumsel deveria "manter a cabeça fora desses assuntos se soubesse o que é o que". Antes que pudesse explicar sua declaração, seu representante de sindicato local interveio e deu garantias de que o sorteio estava falando metaforicamente. No entanto, a disposição dos Rebitadores de Linha e Escavadores em decididamente contra o sr. Dumsel.

A decisão do líder do sindicato significa que o contrato, conforme escrito, manterá se agrupado restante do trimestre fiscal. Depois disso, revelação, as ações do estoque estavam sendo negociadas em alta, e mesmo as ações da Casa Teikel, que haviam sofrido quedas recentemente, começaram a mostrar atividade positiva.

ALIVIE-SE DE SUAS DORES!

Aqui Hiex, no número, abrimos nosso Salão de Alcançadores. Bastam de um aposento calmante, e possível escutar alívio para o estresse, a ansiedade e as preocupações, sinto de fa com o coração leve e cabeça tão chama. Venha aprimorar vidas contão para uma reportagem detalhada sobre o que acontece aqui. Uma massagem fixaxa, aromas adocicados e um abendulor de planta para aplicar uma "massagem erocera!". Gostando você tão bem por dentro quanto por fora. Leia a reportagem no verso, última coluna.

Feltri é um Tumultuador!

Correm rumores de que Alonn Feltri, há muito favorito para conquistar o 2º assento dos Trabalhadores dos Canais nas eleições de outubro, estava usando capacidades alquímicas para conseguir apoiadores. Em um escândalo que sacudiu a cidade entre suas fundações, uma antiga emanto-xemã público esperando a história completa, você lê no verso, terceira coluna.

Explorando os Poços de Eltania

Meu querido editor e, por ser intermédio, meus amados leitores, espero que esta missiva encontre seu e de posse de um ouvido disposto, pois os eventos incríveis que transpiraram em minha recente experiência podem deixá-los incrédulos e chocados. Juro aos senhores, em declaração dis mais sérias, que todas as palavras que escrevo aqui são verdadeiras e factuais. Vivi essas histórias para que os senhores possam saber sobre as Terras Brutas e as pessoas fascinantes que vivem lá, além das montanhas, além da lei e além da região cultivada.

Quando escrevi minha missiva anterior, eu tinha certeza de que seria fuzilado. Cingado. De fato, fui capturado e mandado preso pelos brutos lodos dos Poços de Eltania, e me disseram que eu seria executado pela manhã e que minha carne serviria de banquete. Tenho um fim horrendo e admitiei que me flagrei na mais fervorosa oração ao Sobrenatural naquela mesma noite! Se alguém precisava de proteção d'Aquele Que Vive, este alguém era eu!

Os senhores podem perceber pela minha escrita aqui, que escapei. Bem, isso em parte é verdade, mas não deixei o acontecimento dos lodos de pele azul. Na verdade, escrevo aos senhores de dentro da cela para onde me prenderam para ser executado naquela noite. Só que agora não é uma prisão, mas um grandioso palácio. Ao menos, assim os selvagens que me mantêm a considerem. Para mim, continua sendo meramente uma cabana com chão de terra. Dormir sob as estrelas seria aceitável, especialmente se eu pudesse ter o meu Dramal ao meu lado, mas minha busca a fim de localizar para onde ele foi levada precisará esperar um momento posterior.

Os lodos tentaram melhorar minhas acomodações. Trouxeram-me iguarias mortas para comer e acenderam um fogueira, um ritual do que me consideram digno de grande atenção. E me deram várias armas feitas por eles mestres. Como mencionei antes, essas armas são de feitura incrivelmente sofisticada. Aqueles que [illegible] incrível de um trabalho artesanal tão belo.

Mas estou me prolongando em coisas insignificantes. Por favor, perdoem-me, estamos mentalmente contínua a voltar pelos eventos dessa semana. De fato, acredito que não apenas fui poupado da morte, mas nomeado o rei desta tribo!

Todo o começo na madrugada de minha execução já mencionada. Depois de ser acordado de uma forma não muito gentil, eu me vi embaixo do sol forte, caminhando com dificuldade pelo chão vermelho e poeirento. Os brutos estavam amiláveis à [illegible], observando-me com olhos com formato de conta e pele de um azul escurecido, a cor de um cachecol azul fino, se tivesse sido queimado no fogo e coberto à poeira vermelha manchava os corpos, e muitos quase não usavam vestimentas.

Devo minha vida a Hunderwyn. Ah! Hunderwyn. Ahem, cada fio o dia em que o tirei da sua lago, encharcado e quase afogado. O fiel servo, embora sob o juramento de não projetar nem matar, provou seu valor como vassalo de verdade. Os lodos pareciam respeitá-lo, entendem, e lhe permitiram uma última aproximação para abraçar seu mestre, que logo teria assumido da maneira mais fúnebre.

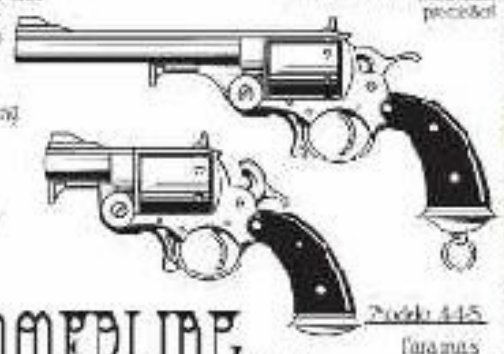
Depois desse abraço, o que meu Glint, meu leal revólver, foi passado às minhas mãos, que estavam presas às minhas costas. Perguntei-lhe como ele havia recuperado a arma tomada pelos lodos, e ele explicou que fez uso de uma de suas armas de metal para criar uma conexão com eles. É uma arte [illegible]

Contratam-se alomânticos

Todas as variedades. Tamanhos e Braços de Feltro para trabalho industrial ou proteção. Alomânticos temporais para manipulação do tempo. Abrunadores e Tumultuadores para entretenimento em jantares. Alguns fruxaemicas disponível, com dieta privada. Metalúrgicos Atlantos, Praça Carvalhoeira, 7º Ota. Você é um Nascido do Metal e deseja ganhar o que merece? Ligue e fale com Jamagem.

IMMERLING TRANSFORMA UM HOMEM COMUM EM UM LANÇAMODELAS

O pacificador Alessandro Alvo-Tado Immerling garante uma mira mais rápida e fácil quando você mais precisa! Esse é um dos motivos pelos quais vigilantes experientes elegeram a Immerling como sua arma.



ARMAS IMMERLING

Ed. '84

13

Waxillium não teve tempo de erguer a arma. Aumentou seu peso no mesmo instante e avivou o aço enquanto *empurrava* para a frente as portas entre os vagões. As janelas de vidro explodiram quando as portas empenaram e se soltaram do batente, bloqueando as três balas que Miles disparou em rápida sucessão.

O vagão se inclinou quando o trem começou a virar, e cabeças surgiram nas portas dos compartimentos, com olhos arregalados procurando a causa da barulheira. Miles novamente mirou Waxillium no fim do corredor. Crianças por perto choravam.

Não posso pôr as pessoas em risco, pensou Waxillium. *Preciso sair.*

Enquanto os tiros eram disparados, Waxillium jogou-se para a frente e uma bala ricocheteou perto de sua cabeça, espalhando faíscas. Não conseguiu senti-la por meio da Alomancia. Era alumínio.

Waxillium irrompeu no espaço entre vagões, onde o vento rugia e puxava sua roupa. Quando Miles disparou o sexto tiro, Waxillium *empurrou* os engates e se lançou para cima.

Ele subiu no topo dos vagões. O vento o empurrou para trás enquanto caía. Aterrissou com um baque surdo no teto de um vagão bem atrás, apoiando-se em um joelho e se equilibrando com a mão livre, o vento bagunçando seu cabelo e inflando seu casaco. Ergueu o revólver.

Miles estava ali. No trem.

Posso pará-lo agora. Terminar com isso.

O pensamento seguinte foi imediato. Como *poderia* parar Miles Cem-vidas?

Uma figura mascarada se ergueu entre os vagões do trem logo adiante, talvez a pouco mais de três metros de distância, segurando uma pistola de grosso calibre. Miles sempre tinha preferido poder de fogo a precisão. Certa vez tinha dito que preferia errar algumas vezes sabendo que, quando *acertasse*, a pessoa alvejada não se levantaria.

Waxillium soltou um palavrão e preencheu sua mente de metal, reduzindo seu peso a quase nada. Em seguida, rolou para a direita, para fora do teto na direção da lateral do vagão. Tiros foram disparados. Ele agarrou a borda de uma janela, apertando-se contra a lateral do vagão e enfiando um pé em uma fenda no metal ao longo da composição. Seu peso diminuído permitia que ele se segurasse ali facilmente, embora seu corpo mais leve fosse açoitado pelo vento.

Lá adiante, a locomotiva soltava cinzas e fumaça preta; atrás, os trilhos trovejavam. Waxillium ergueu o revólver com a mão direita e esperou enquanto se segurava na lateral do vagão com a outra mão e uma perna.

A cabeça mascarada de Miles logo apareceu entre os vagões. Waxillium disparou um tiro rápido, *empurrando* a bala para a frente com Alomancia para impulsioná-la mais ainda contra o vento uivante.

Acertou Miles na órbita do olho esquerdo, e a cabeça do homem foi jogada com tudo para trás, espalhando sangue na lateral do vagão atrás dele. Ele tombou, e Waxillium disparou de novo, acertando-o na testa.

O homem arrancou a máscara, revelando o rosto aquilino com cabelo preto e curto e sobrancelhas grossas. Era *ele*. Miles. Um vigilante, um homem que não devia fazer essas coisas. Um Duplonato Composto de incrível poder. Seu olho se formou novamente, e o ferimento na cabeça desapareceu num instante. O metal dourado brilhava nos braços. Suas mentes de metal eram estacas que usava cravadas na pele do antebraço, como parafusos. Era extremamente difícil tocar com um empurrão de aço metais que perfuravam a pele.

Ferrugem e Ruína! Mesmo um tiro no *olho* não tinha diminuído muito a velocidade de Miles. Waxillium avistou uma árvore que se aproximava e atirou. Em seguida, soltou-se do trem e ficou o mais leve que pôde. Pairou no vento e, quando a árvore passou com tudo, *empurrou* a bala alojada nela, lançando-se para o lado e entrando entre dois vagões. Agachou-se ali, arfando, com o coração palpitando, enquanto outra bala de Miles ricocheteava perto dele.

Como combater alguém que é praticamente imortal?

Circundando algumas colinas baixas, o trem fez uma nova curva. Fazendas verdejantes e pomares plácidos corriam a uma distância próxima. Waxillium agarrou a escada do vagão e subiu, espreitando com cuidado o teto dos vagões.

Miles estava avançando em sua direção a toda velocidade sobre o topo do vagão. Waxillium xingou, erguendo a arma quando Miles fez o mesmo. Ele disparou primeiro e conseguiu atingir Miles, que estava apenas a poucos passos de distância naquele momento.

Waxillium tinha mirado a arma na mão de Miles. A bala arrancou carne e osso, fazendo Miles soltar um palavrão e largar a arma, que bateu uma vez no teto do vagão e depois caiu na lateral, desaparecendo. Waxillium sorriu de satisfação. Miles rosnou e saltou contra Waxillium.

A cabeça de Waxillium bateu contra o metal atrás dele, e a dor causou um lampejo branco em sua visão. Ele grunhiu, zonzo. *Idiota!* A maioria dos homens nunca teria saltado daquele jeito; era muito provável que isso lançasse os dois do trem em movimento. Miles não se importaria.

Os dois estavam no espaço entre vagões, numa posição precária. Miles agarrou Waxillium pelo colete com as duas mãos, erguendo-o e batendo seu corpo contra o vagão de trás. Waxillium atirou por reflexo, atingindo a barriga de Miles à queima-roupa, mas as balas saíram pelas costas sem que ele sequer parasse de atacar. Ele puxou Waxillium para a frente e lhe desferiu um soco no rosto.

A dor se espalhou, e a visão de Waxillium ficou turva. Quase tombou e caiu nos trilhos logo abaixo, que passavam velozmente. Desesperado, tentou *empurrar-se* no ar. Miles estava pronto para isso e, assim que Waxillium começou a se erguer, enganchou o pé no primeiro degrau da escada e se segurou. Waxillium tombou, sentindo-se zonzo, mas não subiu aos ares. Ele *empurrou* mais forte, mas Miles manteve o pé ali, com olhos determinados.

— Pode arrancar os tendões do meu pé, Wax — gritou Miles sobre o ruído das rodas nos trilhos e o uivo do vento. — Eles vão se recompor imediatamente. Acho que seu corpo vai desistir antes do meu. *Empurre* com mais força. Vamos ver o que acontece.

Waxillium soltou, caindo no degrau entre os vagões. Tentou prender Miles numa chave de braço, mas o outro era mais jovem, mais rápido e melhor de briga. Miles esquivou-se, ainda segurando o colete de Waxillium e, em seguida, puxou-o. Waxillium tombou, sem equilíbrio, em cima de Miles, que desferiu um

soco no seu estômago.

Ele perdeu o fôlego. Miles o agarrou pelo ombro e o empurrou para a frente, movendo-o para socar de novo sua barriga.

Então, Waxillium aumentou seu peso dez vezes.

Miles cambaleou, puxando algo incrivelmente pesado de repente. Arregalou os olhos. Estava acostumado a lidar com Lançamoedas, que eram um dos tipos mais comuns de alomânticos, especialmente entre criminosos. Feruquemistas eram muito mais raros. Miles sabia que Waxillium era feruquemista, mas conhecer um poder e antecipá-lo eram coisas diferentes.

Ainda dolorido e sem fôlego por causa do murro, Waxillium empurrou o peito de Miles com o ombro, usando seu peso enorme para afastá-lo. O homem xingou e, em seguida, soltou Wax e saiu de perto, subindo rapidamente a escada de volta para o teto do vagão.

Wax parou de drenar sua mente de metal e *empurrou*, lançando-se para cima. Aterrissou sobre o outro vagão, encarando Miles sobre a pequena fenda. O vento brincava com suas roupas e os campos corriam dos dois lados. O trem sacudiu quando passou por um desvio, e o equilíbrio precário fez Waxillium bambear. Ele se abaixou sobre um joelho, apoiando a mão no telhado e aumentando o peso para se equilibrar. Miles ficou parado, obviamente indiferente ao balanço.

Waxillium conseguiu ouvir pessoas soltando gritos indistintos, provavelmente enquanto se moviam pelos vagões, tentando se afastar da luta. Com sorte, a perturbação atrairia a atenção de Wayne.

Miles levou a mão para a outra arma que trazia na cintura. Waxillium pegou sua outra arma também; a primeira, a melhor das duas, tinha caído durante a luta. Sua visão ainda estava turva, o coração acelerado, mas ele conseguiu apontar a arma quase no mesmo instante que Miles. Os dois dispararam.

Uma bala atingiu Wax de raspão, cortando seu casaco e tirando sangue. O tiro de Wax acertou uma rótula de Miles, fazendo-o tombar e desviando o tiro seguinte para longe. Wax mirou com cuidado e acertou a mão de Miles, de novo estourando carne e ossos. O corpo de Miles imediatamente começou a se recuperar, ossos se remontando, tendões se estendendo como borracha, a pele espalhando-se como gelo sobre um lago. Mas a arma caiu.

Miles estendeu a mão para pegá-la, mas Wax abaixou casualmente o revólver e atirou na arma, lançando-a para trás e derrubando-a do teto instável do trem.

— Desgraça! — xingou Miles. — Você sabe quanto valem essas coisas?

Ainda com um joelho apoiado no teto, Wax tinha a arma erguida ao lado da cabeça, o vento soprando para longe a fumaça do cano.

Miles levantou-se novamente.

— Sabe, Wax — gritou ele —, eu costumava me perguntar se um dia teria que enfrentá-lo. Uma parte de mim sempre pensou que sua brandura levaria a isso… que você deixaria escapar alguém que não deveria. Imaginei se teria uma chance de caçá-lo por isso.

Waxillium não respondeu. Sustentou o olhar, com o rosto impassível. Por dentro, estava sentindo dor, tentando recuperar o fôlego depois das pancadas que havia tomado. Ergueu a mão até o flanco, pressionando o ferimento. Por uma bênção, não era tão ruim, mas ainda umedecera os dedos com sangue. O trem chacoalhou, e ele rapidamente abaixou a mão para apoiá-la no teto de novo.

— O que corrompeu você, Miles? — gritou Waxillium. — A fascinação da riqueza?

— Você sabe muito bem que não é por dinheiro.

— Você precisa de ouro — berrou Waxillium. — Não negue. Sempre precisou dele para sua Composição constante.

Miles não respondeu.

— O que houve? — gritou Waxillium. — Você era um vigilante, Miles. E dos bons.

— Eu era um cão, Wax. Um cão de caça domesticado por falsas promessas e ordens sérias. — Miles recuou alguns passos e, em seguida, correu adiante, saltando a fenda entre eles.

Waxillium se levantou, desconfiado, e recuou.

— Não diga que nunca sentiu isso — berrou Miles, rosnando. — Você trabalhava *todos os dias* para consertar o mundo, Wax. Tentava acabar com a dor, a violência, os roubos. Nunca funcionou. Quanto mais homens você derruba, mais problemas aparecem.

— Essa é a vida de um vigilante — disse Waxillium. — Se você desistiu, ótimo. Mas não precisava se juntar ao outro lado.

— Eu já *estava* do outro lado — retrucou Miles. — De onde vêm os criminosos? Foi o comerciante vizinho que começou a causar tumultos e cometer assassinatos? Foram os garotos que cresceram perto da cidade, trabalhando na fazenda da família? Não. Foram os mineradores, enviados para fora da cidade para explorar as profundezas e encontrar a última mina de riqueza… e depois abandoná-la, assim que se esgotava. Foram os caçadores de fortuna. Foram os tolos ricos da cidade atrás de aventura.

— Não me importa quem foi — disse Waxillium, ainda recuando. Estava no penúltimo vagão. O espaço para fugir estava acabando. — Servi à lei.

— Também servi — retrucou Miles. — Mas agora sirvo a algo melhor. À essência da lei, mas misturada com justiça verdadeira. Uma liga, Wax. As melhores partes das duas coisas. Faço algo melhor do que caçar a sujeira que me enviam da cidade. Não pode me dizer que nunca notou. E quanto a Pars, o Homem-morto, sua “grande caça” dos últimos cinco anos? Eu me lembro de você caçando o cara, de suas noites sem dormir, da ansiedade. O sangue na terra, no meio de Intempérie, quando ele deixou o cadáver da filha do velho Burlow para você. De onde *ele* tinha vindo?

Waxillium não respondeu. Pars era um assassino fugido da cidade, um açougueiro que tinha sido pego matando mendigos. Ele partira para as Terras Brutas, onde voltou a trabalhar para saciar sua obsessão medonha.

— Eles não o pararam — cuspiu Miles, avançando. — Eles não mandaram você ajudar. Eles não ligam para as Terras Brutas. Ninguém liga para as Terras Brutas. Eles mal parecem nos notar, exceto como um lugar onde jogar seu lixo.

— Por isso você os rouba — gritou Wax —, sequestra suas filhas, assassina quem fica no seu caminho?

Miles deu outro passo adiante.

— Faço o que precisa ser feito, Wax. Este não é o código dos vigilantes? Não deixei de ser um, ninguém deixa de ser vigilante. É uma coisa que se infiltra na pessoa. Você faz o que ninguém mais fará. Defende os oprimidos, melhora as coisas, impede os criminosos. Bem, só decidi lidar com uma marca mais poderosa de criminosos.

Waxillium balançou a cabeça.

— Você se deixou transformar num monstro, Miles.

— Você diz isso — retrucou Miles, o vento batendo no cabelo curto —, mas seus olhos, Wax… eles

mostram a verdade. Eu posso ver. Você *entende* o que estou dizendo. Você sentiu também. Você *sabe* que estou certo.

— Não vou me juntar a você.

— Não estou pedindo — disse Miles, com a voz mais suave. — Você sempre foi o bom cão, Wax. Se seu mestre bate, você apenas gane e imagina como pode melhor servir. Não acho que trabalharíamos bem juntos. Não nesse caso.

Miles avançou.

Waxillium jogou todo o seu peso na mente de metal e saltou para trás, deixando o vento distanciá-lo uns bons seis metros. Aumentou o peso e aterrissou no último vagão. O trem se aproximava dos subúrbios; a flora dos Campos Externos definhava.

— Vá em frente, fuja! — gritou Miles. — Vou voltar e pegar a pequena Lady Harms, a bastarda. E Wayne. Faz tempo que quero uma desculpa para meter uma bala na cabeça daquele homem. — Ele se virou e começou a andar na direção contrária.

Waxillium xingou, avançando. Miles virou de volta, abrindo um sorriso frio. Ele se abaixou, pegando uma faca de lâmina longa guardada atrás da bota. Era de alumínio; ele não carregava nenhuma peça de metal que reagisse à Alomancia.

Preciso jogá-lo para fora do trem, pensou Wax. Não conseguiria derrotar Miles ali, não de uma vez por todas. Precisava de um ambiente mais controlado. E precisava de tempo para planejar.

Quando se aproximou, Wax ergueu a arma e tentou arrancar a faca da mão de Miles, mas o outro girou a faca e cravou-a no próprio antebraço esquerdo, atravessando a carne para que ela saísse do outro lado. Ele nem sequer reagiu à dor. Circulavam histórias pelas Terras Brutas de que, depois de sofrer centenas de ferimentos que deveriam tê-lo matado, Miles tinha ficado completamente indiferente à dor.

Miles estendeu as mãos, pronto para agarrar Waxillium, mas ele também poderia arrancar aquela faca em um instante. Waxillium tirou sua própria faca e a estendeu na mão esquerda. Os dois se circundaram por um momento; o peso aumentado de Wax o ajudava a ficar no teto sacolejante do vagão. Ainda não dava muito equilíbrio, e o suor pingava pela testa, soprado de lado pelo vento.

Alguns tolos enfiavam a cabeça nas janelas dos vagões distantes, tentando assistir à ação. Infelizmente, nenhum desses tolos era Wayne. Wax deu uma finta para a frente com um passo rápido, mas Miles não mordeu a isca. Wax lutava bem com facas, mas Miles era conhecido como um dos melhores. Porém, se Wax pudesse rolar os dois para fora do trem…

A esta velocidade, isso vai acabar comigo, mas não com ele, pensou. *A não ser que eu consiga algo para* empurrar *embaixo de mim. Ferrugem! Vai ser difícil.*

Tinha apenas uma chance: encerrar rapidamente a luta.

Miles tentou agarrá-lo. Wax tomou fôlego e avançou, o que Miles pareceu achar surpreendente, embora tenha conseguido agarrar o braço de Wax. Com a outra mão, Miles arrancou a faca do próprio braço, preparando-se para apunhalar Wax. Em desespero, Wax aumentou seu peso e bateu com o ombro no peito de Miles.

Infelizmente, Miles antecipou esse movimento. Ele se jogou sobre o teto, rolando, e chutou as pernas de Wax.

Em um piscar de olhos, Wax estava rolando no ar na direção do cascalho e das pedras ao lado dos trilhos. Uma parte primordial dele sabia o que fazer. Ele *empurrou* a faca que estava em sua mão,

soltando-a e enterrando-a no chão bem abaixo dele, o que o jogou no ar enquanto ele diminuía seu peso. O vento o pegou. Ele girava e perdeu todo o senso de direção.

Bateu e rolou sobre um monte, chocando-se contra algo duro. Parou de se mover, mas sua visão continuava incerta. O céu parecia girar.

Então, tudo começou a parar. A visão voltou aos poucos ao normal. Estava sozinho no meio do mato. O trem avançava, baforando pelos trilhos.

Ele grunhiu e ficou de bruços. *Um homem da minha idade não deveria fazer esse tipo de coisa*, pensou, levantando-se a duras penas. Não sentia a idade até poucos anos antes, mas já havia passado dos quarenta, o que, nas Terras Brutas, era a idade de um ancião.

Encarou o trem que se afastava, sentindo o ombro doer. A questão era que Miles havia dito uma coisa que estava certa.

Ninguém deixa de ser vigilante.

Wax cerrou os dentes e correu adiante. Pegou a arma que havia derrubado quando caiu, encontrando-a com facilidade com sua Alomancia, e depois saltou sem parar de correr e aterrissou nos trilhos.

Empurrou, lançando-se no ar. Chegou a uma boa altura e pegou impulso nos trilhos atrás dele, indo adiante. Um *empurrão* cuidadoso para baixo e outro contínuo para trás. O vento rugia ao lado, as roupas remexiam e barulhavam, o sangue vazava do ferimento no flanco.

Havia uma emoção naquilo, no voo de um Lançamoedas. Era uma liberdade que nenhum outro alomântico conhecia. Quando ele dominava o ar, sentia a mesma empolgação que teve anos antes, quando partiu para arriscar a vida nas Terras Brutas. Desejava que estivesse usando seu casaco de bruma e que houvesse brumas ao redor. Tudo parecia funcionar melhor nas brumas. Diziam que elas protegiam os justos.

Ele alcançou o trem em instantes e descreveu um arco poderoso sobre ele. Uma figura pequena estava caminhando sobre os vagões, avançando na direção de Wayne e Marasi.

Wax *empurrou* para baixo para não aterrissar com muita força, mas aumentando seu peso ao mesmo tempo, batendo no teto do trem e afundando-o. Ele se levantou e abriu o tambor do revólver, como se fosse carregá-lo. Os cartuchos e as balas inteiras giraram no ar.

Miles virou-se. Wax lançou um cartucho contra ele.

Parecendo surpreso, Miles agarrou-o no ar.

— Adeus — disse Wax, e soltou o *empurrão* mais forte que pôde no cartucho.

Os olhos de Miles arregalaram-se. Sua mão bateu com tudo contra o peito, e o *empurrão* no cartucho foi transferido para ele, lançando-o no ar. O trem fez uma curva quando Miles subiu pelos ares, fazendo-o cair no chão rochoso adiante.

Wax se sentou e depois se deitou, encarando o céu. Respirou profundamente, dolorido, e apertou o ferimento do flanco. Esperou até a parada seguinte antes de descer ao vagão.

— Tivemos ordens, milorde — disse o maquinista. — Mesmo havendo um tiroteio nos vagões de passageiros. Não podemos parar *por nada*. Os Desaparecidos nos roubam quando paramos.

— Ainda bem — disse Waxillium, pegando, agradecido, um copo d’água oferecido por um jovem num colete de aprendiz de maquinista. — Se parassem, eu provavelmente teria morrido.

Ele estava numa saleta na estação, que, por tradição, era de propriedade de um membro menor da

casa dona das terras próximas. O lorde estava fora, mas o mordomo imediatamente mandou chamar o cirurgião local.

Waxillium tirou casaco, colete e camisa e estava segurando uma atadura na lateral do corpo. Não sabia se tinha tempo para esperar aquele cirurgião. Miles levaria cerca de uma hora para chegar àquela estação. Felizmente, não era um feruquemista de aço, capaz de aumentar sua velocidade.

Uma hora, provavelmente, mas era mais prudente se planejar para o pior. Se Miles encontrasse um cavalo, chegaria antes. E Waxillium não tinha certeza de como exatamente a Composição de Miles afetava sua resistência. Talvez ele conseguisse correr distâncias mais longas do que o normal.

— Estamos quase libertando os passageiros, milorde — disse outro aprendiz, entrando na saleta. — Aquelas trancas não deviam ser tão difíceis de abrir!

Waxillium tomou a água. Miles havia planejado bem a armadilha. Wayne e Marasi tinham sido confinados no vagão, junto com todos os outros que por acaso estavam lá, por pedaços de metal enfiados nos mecanismos de travamento das portas externas. Miles tinha esperado até Waxillium sair de seu compartimento, prendendo os outros ali antes de caçá-lo.

Ao menos, tiveram um tanto de sorte, pois Miles não os matou. Entretanto, fazia sentido ele não ter matado ninguém. Teria sido arriscado entrar e tentar matar Wayne, que tinha poder de cura, correndo o risco de atrair Waxillium de volta e ter que enfrentar um de cada lado. Miles era cuidadoso demais para isso. Waxillium era o alvo real e era melhor que os outros ficassem presos até o objetivo principal ser alcançado.

— Vocês precisam partir com o trem — disse Waxillium ao maquinista. Era um homem parrudo com barba castanho-escura e um quepe. — Os Desaparecidos podem roubá-los. Precisamos levar o trem até o coração da cidade. Sem demora.

— Mas o senhor está ferido, milorde!

— Vou ficar bem — disse Waxillium. Nas Terras Brutas, ele com frequência tinha precisado suportar um ferimento por dias ou semanas antes de encontrar um cirurgião para cuidar dele.

— Nós…

A porta foi aberta com tudo, e Marasi entrou aos tropeços. Seu vestido azul estava chamuscado pela explosão na mansão, mas ela o envergava bem, apesar das dobras de renda embaixo da camada externa cintilante. Faltava um botão na barra do colete azul que envolvia o corpete, provavelmente arrancado na queda. Ele não havia notado isso antes.

Ela levou as mãos à boca ao ver a atadura ensanguentada e depois ficou vermelha como um pimentão ao vê-lo sem camisa. Por um momento, Wax sentiu orgulho; embora tivesse um tanto de fios grisalhos na cabeça, ainda tinha os músculos esbeltos de um homem muito mais novo.

— Ah, *por Harmonia*! — disse ela. — Você está bem? Isso é sangue seu? E eu deveria estar aqui? Posso sair. Provavelmente eu deveria sair, não é? Tem certeza de que está bem?

— Ele vai sobreviver — disse Wayne, espreitando por trás dela. — O que você fez, Wax? Tropeçou no caminho até o lavabo?

— Miles me encontrou — respondeu Waxillium, retirando a atadura. Parecia que o ferimento já não estava sangrando tanto. Pegou outra atadura com um dos aprendizes e a preparou para usá-la.

— Ele está morto? — perguntou Marasi.

— Eu o matei mais algumas vezes — respondeu Waxillium. — E foi tão eficaz quanto tudo que todo

mundo já tentou.

— Você precisa tirar as mentes de metal dele — disse Wayne. — É o único jeito.

— Ele mantém trinta mentes de metal diferentes, todas perfurando a pele, todas com poder de cura suficiente para ressuscitá-lo de praticamente qualquer ferimento.

Um Braço de Peltre ou mesmo um Criassangue menor, como Wayne, poderia ser morto com um tiro direto na cabeça, mas Miles conseguia se curar tão rápido que nem isso era capaz de assassiná-lo. Diziam que ele mantinha seu poder de cura acionado o tempo todo. Pelo que Waxillium sabia sobre Composição, era muito perigoso interromper esse processo.

— Parece um desafio! — disse Wayne.

Marasi ficou à porta por mais um momento. Em seguida, tomou uma decisão e entrou de uma vez.

— Deixe-me ver o ferimento — disse ela, ajoelhando-se ao lado do banco de Waxillium.

Ele franziu a testa, mas parou de aplicar a atadura e deixou que ela tirasse o tecido. Ela analisou o ferimento.

— A senhorita sabe alguma coisa sobre cirurgias, milady? — questionou o maquinista, inquieto. Parecia um pouco ansioso com a presença dela na sala.

— Eu frequento a universidade — disse ela.

Ah, isso mesmo, pensou Waxillium.

— E daí? — perguntou Wayne.

Marasi tocou o ferimento.

— As regras da universidade, estabelecidas pelo próprio Harmonia, ditam uma educação ampla.

— É, eu sei que eles precisam aceitar garotas — disse Wayne.

Marasi parou por um instante.

— Hum… não nesse sentido, Wayne.

— Os alunos devem aprender um pouco de tudo antes de poderem escolher uma especialidade — disse Waxillium.

— Isso inclui primeiros-socorros e um pouco de cirurgia — disse Marasi. — Bem como cursos completos de anatomia.

Wayne fez uma careta.

— Espere aí. Anatomia? Quer dizer, *todas* as partes da anatomia?

Marasi enrubesceu.

— Sim.

— Então…

— Então, todos queriam ver minhas reações nas aulas — disse ela, ainda corada. — E eu agradeço se não nos demorarmos nesse assunto no momento, Wayne. Esse ferimento precisa de pontos, Waxillium.

— Consegue fazer isso?

— Hum… nunca trabalhei em ninguém *vivo* antes…

— Eu passei *meses* treinando luta com os bastões de duelo em bonecos antes de espancar uma pessoa de verdade. É quase a mesma coisa.

— Vou ficar bem, Marasi — disse Waxillium.

— Tantas cicatrizes — comentou ela, baixinho, como se não tivesse percebido o que ele falou. Estava encarando o peito e os flancos de Wax, e parecia estar contando os velhos ferimentos à bala.

— São sete — disse ele, baixinho, como resposta, substituindo a atadura e prendendo-a com firmeza.

— Você foi alvejado *sete* vezes? — perguntou ela.

— Muitos tiros não são letais, se você souber como cuidar dos ferimentos — disse Waxillium. — Eles não…

— Ah, não... — disse ela, levando a mão aos lábios. — Eu quis dizer que só existem registros de cinco ferimentos à bala. Preciso saber dos outros dois em algum momento.

— Certo — disse ele, fazendo uma careta e levantando-se. Ele apontou para a camisa.

— Ah, me desculpe — disse ela. — Isso não soou muito bem, não é? Realmente estou impressionada que você tenha sido alvejado tantas vezes. Mesmo.

— Tomar tiros não é tão impressionante assim — observou Wayne. — Não é preciso muita habilidade para levar um tiro. *Evitar* as balas é que é complicado.

Waxillium bufou, enfiando a mão numa manga da camisa.

Marasi levantou-se.

— Vou me virar para que você possa se vestir — disse ela, fazendo menção de se virar.

— Vai se virar? — disse Waxillium, sem rodeios.

— Hum… sim.

— Para que eu possa me vestir?

— Um pouco bobo, eu acho.

— Um pouco — disse ele, sorrindo e vestindo a outra manga. Começou a abotoar a camisa. Wayne parecia estar se divertindo tanto que achava difícil ficar parado.

— Está bem — disse ela, erguendo as mãos ao lado do rosto. — Eu *sei* que fico um pouco afogueada às vezes. Não estou acostumada com coisas explodindo, com gente sendo alvejada e amigos sangrando sem camisa quando entro em algum lugar! Tudo é muito novo para mim.

— Tudo bem — disse Waxillium, pousando a mão no ombro de Marasi. — Há coisas muito piores do que ser genuína, Marasi. Além disso, Wayne não era muito melhor que você quando tudo isso era novidade para ele. Ora, ele costumava ficar tão nervoso que começava a…

— Ei! — disse Wayne. — Não precisa trazer *isso* à tona.

— O quê? — perguntou Marasi, abaixando as mãos.

— *NADA!* — retrucou Wayne. — Vamos, temos que ir, certo? Se o Sr. Miles Matador ainda estiver vivo, vai querer nos dar um tiro, certo? E por mais que Wax seja bom em levar tiros, pois, veja, ele tem muita prática nisso, acho melhor evitar mais desses por hoje.

— Ele tem razão — disse Waxillium, vestindo o colete e os coldres de ombro. Ele fez uma careta por causa da dor.

— Tem certeza de que está bem? — perguntou Marasi.

— Ele está ótimo — disse Wayne, segurando a porta aberta para os dois. — *Eu* quase estourei minhas costas enferrujadas hoje, se é que se lembra, e não ouvi nem uma pitada da compaixão que você

está demonstrando para com ele.

— É diferente — comentou Marasi, passando por ele.

— Como? Por quê? Porque posso me curar?

— Não — disse ela —, porque, mesmo depois de conhecê-lo por tão pouco tempo, tenho certeza de que, num nível ou outro, você merece se ralar de vez em quando.

— Ai! — disse Wayne. — Pegou pesado.

— Mas não é verdade? — disse Waxillium, vestindo o casaco. Parecia bem esfarrapado.

— Eu não disse que não é, disse? — retrucou Wayne e espirrou. — Vamos logo, preguiçoso. Caramba! O homem toma um tiro e acha que pode passar a tarde toda à toa. Vamos embora!

Waxillium passou por ele. Forçou um sorriso, embora estivesse começando a se sentir esfarrapado como o casaco. Não havia muito tempo. Miles havia tirado a máscara, mas obviamente esperava ter matado Waxillium. Agora, sabendo que fora descoberto, aquilo faria dele um homem ainda mais perigoso.

Se Miles e seu pessoal planejavam roubar mais alumínio, seria em breve. Naquela noite, provavelmente, se houvesse um carregamento chegando. Waxillium esperava um em breve; havia lido algo no jornal sobre a Casa Tekiel se vangloriando de seus novos vagões de carga blindados.

— Então, o que faremos quando chegarmos à cidade? — perguntou Wayne, baixinho, durante a volta ao vagão. — Vamos precisar de algum lugar seguro para planejar, certo?

Waxillium suspirou, sabendo o que Wayne estava insinuando.

— É provável que você esteja certo.

Wayne sorriu.

— Sabe — disse Waxillium —, não sei se eu diria que qualquer lugar próximo de Ranette é seguro. Especialmente se você estiver lá.

— Em geral, é melhor do que ser explodido — retrucou Wayne, feliz.

14

Waxillium bateu na porta da casa. A área ao redor era uma vizinhança típica de Elendel, com nogueiras cheias e verdejantes enfileiradas de cada lado da rua de paralelepípedos. Mesmo depois de sete meses na cidade, as árvores ainda o deixavam admirado. Nas Terras Brutas, árvores grandes assim eram raras. E ali estava uma rua inteira cheia delas, em grande parte ignoradas pelos habitantes.

Ele, Wayne e Marasi estavam no alpendre da casa estreita com fachada de tijolos. Antes de Waxillium abaixar a mão, a porta foi aberta. Uma mulher magra, de pernas compridas, apareceu. Seu cabelo preto estava preso num rabo de cavalo até a altura do ombro, e ela usava calças marrons e um casaco longo de couro no estilo das Terras Brutas sobre uma camisa branca de renda. Ela deu uma olhada para Waxillium e Wayne e fechou a porta, batendo-a com tudo, sem dizer uma palavra.

Waxillium olhou para Wayne, e os dois deram um passo para o lado. Marasi olhou para eles, confusa, até Waxillium tomá-la pelo braço e puxá-la para perto.

A porta foi aberta com tudo outra vez, e a mulher enfiou uma escopeta pela entrada. Ela olhou para os dois nos cantos e, em seguida, estreitou os olhos.

— Vou contar até dez — disse ela. — Um.

— Ora, Ranette... — Waxillium começou a falar.

— Dois, três, quatro, cinco — disse ela, em rápida sucessão.

— Temos mesmo que…

— Seis, sete, oito. — Ela levantou a arma, mirando para eles.

— Tudo bem, então… — disse Waxillium, apressando-se pelos degraus, com Wayne atrás dele, segurando a boina do cocheiro na cabeça.

— Ela não atiraria em nós de verdade, atiraria? — perguntou Marasi, em voz baixa.

— Nove!

Eles chegaram à calçada com as árvores imensas. A porta foi batida de novo, fechando-se atrás deles.

Waxillium respirou fundo, virando-se e olhando para a casa. Wayne recostou-se contra o tronco de uma das árvores, sorrindo.

— Até que correu bem — disse Waxillium.

— É — concordou Wayne.

— *Bem?* — questionou Marasi.

— Nenhum de nós tomou um tiro — respondeu Waxillium. — Com Ranette, nunca se pode ter certeza. Especialmente se Wayne estiver por perto.

— Ora, isso é bem injusto — disse Wayne. — Ela só atirou em mim três vezes.

— Está se esquecendo de Callingfale.

— Aquilo foi no pé — retrucou Wayne. — Quase não conta.

Marasi apertou os lábios, examinando a casa.

— Vocês têm uns amigos curiosos.

— Curiosa? Que nada, ela só está nervosa. — Wayne sorriu. — É o seu jeito de mostrar afeição.

— Atirando nas pessoas?

— Ignore Wayne — disse Waxillium. — Talvez Ranette seja brusca, mas raramente atira em alguém que não seja ele.

Marasi meneou a cabeça.

— Então, devemos ir embora?

— Espere um momento — disse Waxillium. Ao seu lado, Wayne começou a assobiar e, em seguida, olhou para o relógio de bolso.

A porta foi aberta com tudo de novo, e Ranette apareceu, apoiando a escopeta sobre o ombro.

— Vocês não foram embora! — gritou ela.

— Preciso de sua ajuda — respondeu Waxillium.

— E eu preciso que *você* enfie a cabeça num balde de água e conte lentamente até mil!

— Vidas estão em jogo, Ranette — berrou Waxillium. — Vidas inocentes.

Ranette ergueu a arma, mirando.

— Não se preocupe — disse Wayne a Marasi. — A essa distância, um tiro de escopeta provavelmente não será letal. Mas mantenha os olhos fechados.

— Você não está ajudando, Wayne — disse Waxillium, com calma. Tinha certeza de que Ranette não atiraria. Bem, quase certeza. Talvez.

— Ah, você quer que eu ajude? — perguntou Wayne. — Tudo bem. Ainda tem aquela arma de alumínio que te dei?

— Enfiada no cós da minha calça — disse Waxillium. — Sem balas.

— Ei, Ranette! — gritou Wayne. — Consegui uma arma bacana para você!

Ela hesitou.

— Espere — disse Waxillium —, eu queria a…

— Não seja um bebezão — disse-lhe Wayne. — Ranette, é um revólver feito inteiramente de alumínio!

Ela abaixou a escopeta.

— Sério?

— Pegue o revólver — sussurrou Wayne para Waxillium.

Waxillium suspirou, pondo a mão embaixo do casaco. Ele ergueu o revólver, atraindo a atenção de alguns transeuntes. Vários deles deram meia-volta e fugiram em outra direção.

Ranette avançou. Era uma Atraidora e conseguia reconhecer a maioria dos metais apenas queimando ferro.

— Muito bem — disse ela. — Devia ter *mencionado* que tinha trazido um suborno. Talvez isso seja suficiente para me fazer perdoá-lo! — Ela caminhou até a calçada, com a escopeta pendurada no ombro.

— Sabia que com este revólver poderíamos comprar uma casa *cheia* de armas? — sibilou Waxillium. — Acho que *eu* deveria atirar em você por isso.

— Os caminhos de Wayne são misteriosos e incompreensíveis — disse o próprio Wayne. — O que ele concede, ele também pode tirar. Que isso seja escrito e ponderado.

— Vou ponderar minha mão na sua cara. — Waxillium colocou um sorriso no rosto enquanto Ranette se aproximava deles. Em seguida, entregou o revólver com hesitação.

Ela o examinou com olhos de especialista.

— É leve — disse ela. — Sem marca do fabricante estampada no cano nem no cabo. Onde conseguiram?

— Com os Desaparecidos — respondeu Waxillium.

— Com quem?

Waxillium suspirou. *Ah, é verdade*.

— Como a senhora não sabe quem são os Desaparecidos? — soltou Marasi. — Eles vêm estampando todos os jornais da cidade nos últimos dois meses. Todo mundo está falando deles.

— As pessoas são estúpidas — disse Ranette, abrindo o revólver e examinando as câmaras. — Acho que são irritantes… e essas são as de que gosto. Tinha balas de alumínio também?

Waxillium concordou com a cabeça.

— Não temos mais balas. Apenas algumas balas de espingarda.

— Como funcionavam? — perguntou ela. — Mais fortes que chumbo, mas muito mais leves. Poder de parada menos imediato, obviamente, mas ainda se partiriam com o choque. Mortais, se atingirem o lugar certo. E isso imaginando que a resistência do vento não reduza muito a velocidade das balas antes de chegarem ao alvo. O alcance efetivo seria bem menor. E elas seriam altamente abrasivas para o cano.

— Não atirei com ela — disse Waxillium. Ele encarou Wayne, que estava sorrindo. — Estávamos… hum, guardando para você. E tenho certeza de que as balas são de uma liga muito mais pesada que o revólver em si, embora eu ainda não tenha tido uma chance de testá-las. São mais leves que balas de chumbo, mas não chegam nem perto da leveza que o alumínio puro teria. O percentual ainda é alto, mas a liga deve resolver a maior parte desses problemas de alguma forma.

Ranette grunhiu. Ela sacudiu a arma distraidamente na direção de Marasi.

— Quem é esse bibelô?

— Uma amiga — disse Waxillium. — Ranette, tem gente atrás de nós. Gente perigosa. Podemos entrar?

Ela enfiou o revólver no cinto.

— Tudo bem. Mas se Wayne tocar em alguma coisa, *qualquer* coisa, vou estourar seus dedos.

Marasi manteve-se quieta enquanto eram levados para dentro da casa. Não gostava que se referissem a ela como um “bibelô”, mas *gostava* de não tomar tiros, e assim essa escolha lhe pareceu prudente.

Sabia ficar em silêncio. Havia sido treinada por mais de duas décadas.

Ranette fechou a porta e se afastou. As trancas, surpreendentemente, fecharam-se *sozinhas*, girando

suas peças com estalos. Havia quase uma dúzia delas, e o movimento repentino fez Marasi ter um sobressalto. *O que é isso, pelo Nome Mortal do Sobrevivente?*

Ranette deixou a escopeta num cesto ao lado da porta. Parecia que a mantinha ali como pessoas comuns manteriam guarda-chuvas na entrada de casa. Em seguida, passou por eles no corredor estreito. Fez um aceno, e algum tipo de alavanca ao lado da porta interior balançou. A porta se abriu enquanto ela avançava.

Ranette era alomântica. Claro. Por isso ela tinha sido capaz de reconhecer o alumínio. Quando chegaram à porta, Marasi examinou o dispositivo que a abriu. Havia uma alavanca que podia ser puxada, que, por sua vez, movia um mecanismo com corda, polia e alavanca do outro lado.

Há um de cada lado, percebeu Marasi quando passaram pela entrada. *Ela consegue abrir as portas sem precisar levantar a mão.* Parecia uma extravagância. Por outro lado, quem era Marasi para criticar o uso de Alomancia por outra pessoa? Certamente seria útil se a pessoa costumasse andar com as mãos ocupadas.

A sala de estar havia sido convertida numa oficina. Havia bancadas de trabalho grandes nos quatro lados e pregos batidos nas paredes para sustentar uma variedade impressionante de ferramentas. Marasi não reconhecia nenhuma das máquinas que apinhavam aquelas mesas, mas havia muitas prensas e engrenagens. Um número perturbador de fios elétricos serpenteava pelo chão.

Marasi caminhou com muito cuidado. A eletricidade não podia ser perigosa quando estava nos fios, podia? Tinha ouvido histórias sobre pessoas sendo queimadas, como se atingidas por raios, por chegarem perto demais de dispositivos elétricos. E as pessoas falavam sobre usar energia elétrica para tudo: substituir os cavalos, fazer moinhos que moíam grãos sozinhos, mover elevadores. Perturbador. Bem, ela manteria distância.

A porta se fechou como numa reação à Alomancia de Ranette. Precisou *puxar* uma alavanca, ou seja, era uma Atraidora, não uma Lançamoedas como Waxillium. Wayne já estava fuçando as coisas nas mesas, ignorando completamente a ameaça aos seus dedos.

Waxillium examinou a sala, com seus fios, janelas cobertas por venezianas e ferramentas.

— Este lugar responde às suas expectativas?

— O quê? — perguntou Ranette. — A cidade? É uma vergonha. Não me sinto segura aqui como lá nas Terras Brutas.

— Ainda não consigo acreditar que você nos abandonou — disse Wayne, parecendo magoado.

— Vocês não tinham eletricidade — disse Ranette, sentando-se à mesa numa cadeira com rodinhas. Acenou com a mão, num gesto indolente, e uma ferramenta longa e fina saiu de um nicho na parede e voou em sua direção. Ela a agarrou, abaixou a cabeça e começou a mexer na arma que Waxillium lhe havia dado. Pelo que Marasi compreendia, não eram necessários gestos para *empurrar* ou *puxar*, mas muitos os usavam mesmo assim.

Ranette ignorou completamente os visitantes enquanto trabalhava, *puxando* mais algumas ferramentas sem olhar para cima, fazendo com que elas cruzassem a sala até ela. Uma quase bateu no ombro de Marasi.

Era incomum ver a Alomancia sendo usada de forma tão casual, e Marasi não sabia o que pensar. Por um lado, era fascinante. Por outro, humilhante. Como seria ter um poder que fosse *útil*? Lorde Harms insistia que Marasi escondesse sua capacidade, chamando-a de inadequada. Ela notava o que ele estava fazendo. Não se envergonhava tanto por ter uma filha alomântica quanto por ter uma ilegítima. Não podia

permitir que Marasi parecesse um partido melhor que Steris

Pensamentos amargos, disse a si mesma, deixando-os de lado intencionalmente. A amargura podia consumir uma mulher, e era melhor mantê-la distante.

— Fizeram um bom trabalho com esta arma — disse Ranette, embora soasse ressentida. Ela pôs óculos com lentes de aumento e estava examinando o cano do revólver enquanto o iluminava com uma pequena luz elétrica. — Querem que eu descubra quem a fabricou, certo?

Waxillium virou-se para examinar uma fileira de armas parcialmente montadas numa das mesas.

— Na verdade — disse ele —, viemos aqui porque precisamos de algum lugar seguro para pensar por algumas horas.

— Sua mansão não é segura?

— Meu mordomo tentou me envenenar, atirou em mim e, em seguida, detonou um explosivo no meu escritório.

— Hum. — Ela inclinou a pistola algumas vezes. — Precisa selecionar melhor essas pessoas, Wax.

— Vou seguir esse conselho. — Ele pegou uma pistola e examinou o cano. — Vou precisar de uma nova Sterrion.

— Nem ferrando — disse Ranette. — O que tem de errado com as suas?

— Dei para o mordomo — disse Waxillium. — E provavelmente ele as jogou nos canais.

— E as Ambersairs? Fiz uma dessas para você, não fiz?

— Fez. Perdi lutando com Miles Dagouter hoje.

Isso fez Ranette parar. Ela abaixou a arma de alumínio e virou a cadeira.

— *Como?*

Waxillium apertou os lábios até formarem uma linha.

— Nós estamos nos escondendo dele.

— *Por que* Miles Cem-vidas está tentando matar vocês? — perguntou Ranette enfaticamente.

Wayne se aproximou.

— Ele está tentando tomar a cidade ou algo assim, meu anjo. Por algum motivo, acha que a melhor maneira de fazê-lo é roubando as pessoas e explodindo mansões.

— Não me chame de “meu anjo”.

— Claro, docinho.

Marasi observou em silêncio, curiosa. Wayne parecia gostar de provocar aquela mulher. Na verdade, embora ele tentasse agir de um jeito relaxado, olhava para ela o tempo todo e se posicionava cada vez mais perto da cadeira da mulher.

— Que seja — disse Ranette, voltando ao trabalho. — Na verdade, não estou nem aí. Mas você não vai levar uma Sterrion nova.

— Ninguém faz armas tão certeiras como as suas, Ranette.

Ela não respondeu. Olhou com raiva para Wayne, que já estava recostado sobre o ombro da mulher e olhando a arma.

Waxillium sorriu e voltou para as armas não terminadas na mesa. Marasi juntou-se a ele, indecisa

sobre o que fazer.

Não tinham ido até ali para planejar seu próximo passo? Nem Waxillium, nem Wayne pareciam ansiosos para tanto.

— Existe algo entre eles? — sussurrou Marasi, meneando a cabeça na direção de Wayne e Ranette. — Ela parece um pouco uma amante rejeitada.

— Bem que Wayne gostaria — sussurrou Waxillium. — Ranette não está interessada nele dessa forma. Nem sei se ela se interessa por *algum* homem dessa forma. Mas isso não impede que ele continue tentando. — Ele balançou a cabeça. — Fico quase tentado a pensar que tudo isso, vir a Elendel para investigar os Desaparecidos, me procurar, serviu para me persuadir a trazê-lo até a casa de Ranette. Ele sabia que ela não o deixaria entrar a menos que estivesse comigo e estivéssemos fazendo algo importante.

— Vocês são uma dupla bizarra, sabia?

— Nós tentamos.

— Qual será nosso próximo passo?

— Estou tentando decidir. Por ora, se ficarmos por tempo suficiente, talvez ela me dê um novo revólver.

— Ou isso ou ela vai atirar em você por irritá-la.

— Que nada. Pelo que eu me lembre, nunca atirou em ninguém depois de deixar a pessoa entrar. Nem mesmo em Wayne. — Ele hesitou. — Provavelmente deixaria você ficar aqui, se quiser. Ficaria segura. Aposto que mantém um rodízio de Nuvens de Cobre num dos prédios próximos, cobrindo a área. Ranette *odeia* que as pessoas sintam sua Alomancia. Duvido que mais de meia dúzia de pessoas em Elendel saibam que ela vive aqui. Só Harmonia sabe como Wayne a encontrou.

— Prefiro não ficar. Por favor, seja lá o que estiver fazendo, quero ajudar.

Ele pegou algo na mesa, uma caixinha com balas.

— Não consigo entendê-la, Marasi Colms.

— Você resolveu alguns dos crimes mais perturbadores que as Terras Brutas já conheceram, Lorde Waxillium. Duvido que eu seja tão misteriosa assim.

— Seu pai tem muito dinheiro — disse Waxillium. — Pelo que sei a respeito dele, tenho certeza de que lhe daria conforto financeiro pelo resto de sua vida. Em vez disso, você frequenta a universidade, tendo escolhido um dos programas de estudo mais difíceis.

— Você abandonou uma posição de considerável conforto para viver longe da conveniência e da modernidade.

— Sim.

Ela escolheu uma das balas na caixa, erguendo-a e olhando para ela. Não conseguia ver nada de diferente.

— Já se sentiu inútil, Lorde Waxillium?

— Já.

— É difícil imaginar isso em alguém tão talentoso como você.

— Às vezes, talento e percepção podem trabalhar de forma independente.

— Verdade. Bem, milorde, passei *a maior parte* da minha vida ouvindo as pessoas dizerem, educadamente, que sou inútil. Inútil para meu pai, por causa do meu nascimento, inútil como alomântica, inútil para Steris, por ser uma vergonha. Às vezes, o talento pode abrandar a percepção. Ou assim espero.

Ele assentiu.

— Tenho uma coisa que você pode fazer. Mas vai ser perigoso.

Ela soltou a bala dentro da caixinha.

— Ser útil em um único instante de chamas e barulho vale muito mais do que uma vida inteira sem fazer nada.

Ele encarou seus olhos, avaliando sua sinceridade.

— Você tem um plano? — perguntou ela.

— Não há muito tempo para um plano. É mais uma intuição com certos anteparos. — Ele ergueu a caixa de balas, falando mais alto. — Ranette, o que é isso?

— Balas matabrumas.

— Matabrumas? — perguntou Marasi.

— É um termo antigo — disse Waxillium. — Para uma pessoa comum treinada para combater alomânticos.

— Estou trabalhando em munições para serem usadas contra cada tipo básico de alomântico — disse Ranette, indiferente. Ela desparafusou o cabo da pistola e começou a desmontá-la. — Aquelas são balas para Lançamoedas. Pontas de cerâmica. Quando *empurram*, arrancam a parte de metal ao fundo, mas a cerâmica continua voando direto para atingi-los. Pode ser melhor que balas de alumínio, pois essas os alomânticos não conseguem sentir, então procuram proteção em vez de confiar nos *empurrões*. Eles vão sentir e achar que podem afastar as balas de cerâmica, até estarem no chão, sangrando.

Wayne assobiou baixinho.

— Por Ruína, Ranette! — disse Waxillium. — Nunca fiquei tão feliz por estarmos do mesmo lado. — Ele hesitou. — Ou, pelo menos, por você estar em seu próprio lado e não acontecer de entrarmos em conflito com tanta frequência.

— O que vai fazer com elas? — perguntou Marasi.

— Fazer? — perguntou Ranette.

— Vai vendê-las? — questionou Marasi. — Patentear a ideia e licenciá-las?

— Se eu fizer isso, *todo mundo* vai ter balas de cerâmica! — Ranette balançou a cabeça, parecendo enjoada. — Metade das pessoas na cidade viria até aqui me incomodar.

— Balas contra Atraidores? — perguntou Waxillium, erguendo outra caixa.

— É semelhante — disse Ranette —, mas com cerâmica nas laterais. — Não é tão eficaz, ao menos a longo alcance. A maioria dos Atraidores se protege puxando as balas para atingir uma placa blindada no peito. Essas balas explodem quando o alomântico as puxa, e ele é atingido pelos estilhaços de cerâmica no estouro. Deve funcionar a três metros mais ou menos, mas talvez não seja letal. Sugiro que se mire na cabeça. Estou tentando aumentar o alcance.

— Balas contra Olhos de Estanho?

— Fazem mais barulho quando disparadas — explicou Ranette. — E quando atingem o alvo. Dê

alguns tiros ao redor deles, e seus sentidos aguçados vão fazê-los se encolher no chão, tampando os ouvidos. Muito boas se quiser capturar um vivo, embora, em primeiro lugar, seja um problema encontrar um Olho de Estanho.

— E balas contra Braços de Peltre — disse Waxillium, examinando a última caixa.

— Nada de muito especial aí — disse Ranette. — Balas maiores, mais pólvora, pontas ocas amplas e metal liso para ter muito poder de parada. Um Braço de Peltre pode continuar vivo depois de ser alvejado algumas vezes, então é melhor derrubá-los e mantê-los caídos por tempo suficiente para o corpo perceber que deviam estar morrendo, e não lutando. Claro que a melhor maneira de derrubar um é simplesmente atirar na cabeça.

Um Braço de Peltre não seria como Miles, capaz de se curar imediatamente. Eles têm grande resistência, mas os ferimentos acabam os matando.

— Hum — disse Waxillium, erguendo uma das longas balas. — Nenhuma dessas balas é de um calibre padrão. — Precisará de uma bela arma para dispará-las.

Ranette não respondeu.

— É um ótimo trabalho, Ranette — disse Waxillium. — Mesmo para você. Estou impressionado.

Marasi achava que a mulher rude fosse ignorar o elogio, mas Ranette sorriu, embora obviamente tentasse esconder sua satisfação. Ela enterrou a cabeça no que fazia e nem se deu ao trabalho de afastar Wayne com seu olhar raivoso.

— Então, quem são as pessoas que você disse que estão em perigo?

— Reféns — disse Waxillium. — Mulheres, inclusive a prima de Marasi. Alguém pretende usá-las para criar uma raça de novos alomânticos.

— E Miles está envolvido *nisso*?

— Está. — A voz de Waxillium era solene. Preocupada.

Ranette hesitou, ainda curvada sobre o revólver desmontado.

— Terceiro nicho acima — disse ela, por fim. — Lá no fundão.

Waxillium foi até lá e enfiou a mão no fundo do nicho. Puxou um revólver fino, prateado, cujo cabo misturava ônix e marfim em faixas onduladas, separado por linhas de prata. Tinha um cano longo. O material prateado era tão bem polido que praticamente brilhava à luz elétrica uniforme.

— Não é uma Sterrion — disse Ranette. — É melhor.

— Oito câmaras — disse Waxillium, erguendo uma sobrancelha enquanto girava o tambor do revólver.

— Isso é aço de Invarian — disse Ranette. — Mais forte, mais leve. Consegui raspar a espessura entre as câmaras, aumentando o número sem que ficasse grande demais. Vê a alavanca atrás, embaixo do cão?

Ele assentiu.

— Segure-o para baixo e gire o tambor.

Ele o fez, e o tambor travou em uma câmara determinada.

— Ela salta aquela câmara e a que vem em seguida se você atirar normalmente — disse Ranette. — Você só consegue disparar as balas que estão nessas câmaras se levantar a alavanca.

— Balas para matabrumas — disse Waxillium.

— Sim. Use seis balas normais, duas especiais. Atire quando precisar delas. Você está queimando aço?

— Agora, estou.

— As linhas de metal no cabo.

— Estou vendo.

— Empurre a da esquerda.

Algo clicou dentro da arma. Waxillium soltou um assobio baixo.

— O que foi? — perguntou Wayne.

— Trava alomântica — respondeu Waxillium. — É preciso ser um Lançamoedas ou um Atraidor para travar e destravar.

— O acionador é incorporado ao cabo — disse Ranette. — De fora, não dá para ver que ele está aí. Com isso, você nunca vai ter medo de que alguém dispare sua arma contra você.

— Ranette — disse Waxillium, parecendo impressionado. — Isso é *genial*.

— Eu a chamo de Vindicação — disse ela. — Em homenagem à Guerreira Ascendente. — Então, ela hesitou. — Pode levá-la emprestada. *Se* você trouxer para mim um relatório de teste de campo.

Waxillium sorriu.

— Aliás, esse é um trabalho de Nouxil — disse Ranette, apontando para a mesa.

— A arma de alumínio? — perguntou Waxillium.

Ranette assentiu.

— Pensei que pudesse ser dele pelo formato do cano, e os mecanismos internos confirmaram minha suspeita.

— Quem é ele? — perguntou Wayne, inclinando-se ainda mais.

Ranette pôs a mão na testa de Wayne e o empurrou para trás.

— Um armeiro. Desapareceu há cerca de um ano. Estávamos nos correspondendo. Ninguém teve notícias dele. — Ela tirou um pedaço de metal de dentro do cabo da arma. — Alguém aqui fala Alto Imperial?

Waxillium negou com a cabeça.

— Me dá dor de cabeça — disse Wayne.

— Consigo ler um pouco — disse Marasi, pegando a peça quadrada de metal. Havia vários caracteres riscados no metal. — Indo era onde precisando estava — pronunciou ela, formando as palavras nada familiares. A língua sublime era usada para antigos documentos, datados da época da Origem, e, ocasionalmente, para cerimônias governamentais. — É um pedido de ajuda.

— Bem, sabemos como Miles conseguiu suas armas — disse Waxillium, pegando a peça para examiná-la.

— Wax — disse Ranette —, Miles sempre teve uma escuridão nele, eu sei. Mas isso? Tem *certeza*?

— Absoluta. — Ele ergueu Vindicação ao lado da cabeça. — Fiquei cara a cara com ele, Ranette. Ele me ofereceu uma retórica sobre salvar a cidade enquanto tentava me matar.

— Isso será inútil contra ele — disse Ranette, meneando a cabeça para Vindicação. — Venho tentando imaginar uma arma contra Criassangues. Não terminei. Está pela metade.

— Essa está ótima — comentou Waxillium, com a voz neutra. — Vou precisar de toda vantagem que conseguir. — Seus olhos eram firmes, como aço polido.

— Ouvi rumores de que você havia se aposentado — disse Ranette.

— Era verdade.

— O que aconteceu?

Ele deslizou Vindicação para dentro de seu coldre de ombro.

— Tenho um dever — disse ele em voz baixa. — Miles era um vigilante. Quando um dos seus se estraga, você o derruba pessoalmente. Não pode confiar em ajuda contratada. Wayne, preciso de manifestos de embarque. Pode conseguir alguns nos escritórios da ferrovia?

— Claro. Consigo em uma hora.

— Ótimo. Ainda está com aquela dinamite?

— Com certeza. Aqui no bolso do meu casaco.

— Você é maluco — disse Waxillium, sem perder um segundo. — Mas você trouxe os detonadores de pressão?

— Aham.

— Tente evitar explodir as coisas por acidente — disse Waxillium. — Mas segure essa dinamite. Marasi, preciso que você compre algumas redes de pesca. Das fortes.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Ranette — começou Waxillium —, eu…

— Não faço parte de sua pequena tropa de soldados, Wax — disse Ranette. — Me deixe fora dessa.

— Tudo que eu ia fazer era pedir uma sala emprestada e um pouco de papel — disse Waxillium. — Preciso pôr isso no papel.

— Tudo bem — disse ela. — Desde que você não conte a ninguém. Mas, Wax… você acha *mesmo* que pode pegar Miles? O homem é imortal. Precisaria de um pequeno exército para impedi-lo.

— Ótimo — disse Waxillium. — Porque pretendo usar um.

15

— Wax é escorregadio — disse Miles, caminhando ao lado do Sr. Elegante pelo túnel escuro que ligava os alojamentos à sala de forja do novo esconderijo. — Viveu tanto exatamente por ter aprendido a evitar ser assassinado por pessoas que são mais fortes e espertas que ele.

— Você não deveria ter se revelado — disse o Sr. Elegante, com seriedade.

— Eu não atiraria em Wax sem ele me ver, Elegante — disse Miles. — Ele merece mais respeito que isso. — As palavras o corroeram por dentro quando ele as disse. Não havia mencionado o primeiro tiro que dera em Wax, pelas costas. Nem o tecido da máscara empurrado para dentro de sua carne pela bala de Wax, dificultando a recuperação do olho. Precisara arrancá-lo.

O Sr. Elegante bufou.

— E dizem que as Terras Brutas são o lugar aonde a honra vai para ser assassinada.

— É o lugar aonde a honra vai para ser enforcada e esfolada até restar um pouquinho de vida e depois picada e abandonada num deserto. Se sobreviver a algo assim, será mais forte que o inferno. Certamente mais forte do que qualquer coisa que pode ser encontrada nas festas em Elendel.

— Isso vindo de um homem que prontamente foi matar um amigo? — perguntou o Sr. Elegante. O tom ainda era de desconfiança. Ele achava que Miles havia deixado Wax escapar intencionalmente.

Não havia entendido nada. A questão não era mais os roubos. Os caminhos escolhidos por Wax e Miles haviam se cruzado. O futuro só existiria se um dos dois caísse.

Ou Wax ou Miles morreria. Isso resolveria a questão. Justiça das Terras Brutas. As Terras Brutas não eram um lugar simples, mas *eram* um lugar de soluções simples.

— Wax *não* é meu amigo — disse Miles, com sinceridade. — Nunca fomos amigos, não mais do que dois reis rivais poderiam ser. Respeitamos um ao outro, tínhamos tarefas semelhantes e trabalhamos juntos. E para por aí. Eu vou pará-lo, Elegante.

Eles chegaram à sala de forja e subiram as escadas até o mezanino que corria ao fundo da grande câmara. Caminharam até o fim e pararam ao lado da porta do elevador.

— Você está se transformando rapidamente num peso, vigilante — disse o Sr. Elegante. — O Grupo *não* gosta de você, embora eu continue a afirmar sua eficácia. Não me dê motivos para me arrepender. Muitos colegas meus estão convencidos de que você se voltará contra nós.

Miles não sabia se iria se voltar contra eles ou não. Não havia decidido. Basicamente queria apenas uma coisa: vingança. Todos os melhores motivos se resumiam a uma emoção única e vigorosa.

Vingança por trabalhar quinze anos nas Terras Brutas sem conseguir nada. Se Elendel queimasse, talvez, para variar, as Terras Brutas vissem alguma justiça. E talvez Miles pudesse ver um governo

montado ali, em Elendel, que não fosse corrupto. No entanto, uma parte dele reconhecia que vê-los caindo — os lordes que governavam, os policiais que exploravam, os senadores que eram tão grandiloquentes, mas nada de útil faziam para o povo — seria o mais satisfatório.

O Grupo era parte do *establishment*. Por outro lado, ele também queria uma revolução. Talvez não se voltasse contra eles. Talvez.

— Não gosto de estar aqui, Elegante — disse Miles, meneando a cabeça para a câmara onde os Desaparecidos haviam sido instalados. — É perto demais do centro das coisas. Meus homens vão ser vistos indo e vindo.

— Vocês se mudarão logo — disse o Sr. Elegante. — O Grupo está comprando uma estação de trem. Você ainda está comprometido com o trabalho de hoje?

— Estou. Precisamos de mais recursos.

— Meus colegas questionam isso — comentou o Sr. Elegante. — Não sabem por que corremos tanto risco para dar alumínio aos seus homens, se foi apenas para perderem tudo numa única luta sem matar nenhum dos alomânticos que enfrentaram vocês.

É importante, pensou Miles, *porque eu pretendia usar esse alumínio para financiar minhas operações*. Agora ele estava praticamente falido, como quando começou. *Wax, seu desgraçado. Que você caia direto na Tumba do Olhos de Ferro, maldito.*

— Seus colegas questionam o que fiz por eles? — perguntou Miles, empertigando-se. — Cinco das mulheres que queriam estão com você, todas sem uma gota de desconfiança em relação a você e ao Grupo. Se quiser que isso continue, meus homens precisam estar *adequadamente* equipados. Um único Tumultuador poderia colocar o grupo inteiro em conflito um contra o outro.

O Sr. Elegante o encarou. O velho magro não usava bengala, e suas costas eram bem retas. Não era fraco, apesar de sua idade e sua óbvia afeição por uma vida abastada. A porta do elevador se abriu. Dois jovens usando ternos pretos e camisas brancas saíram.

— O Grupo concordou com o trabalho de hoje à noite — disse o Sr. Elegante. — Depois disso, vocês vão desaparecer por seis meses e se concentrar no recrutamento. Vamos preparar outra lista de alvos para vocês nos trazerem. Quando voltarem à atividade, discutiremos se a extravagância de serem os “Desaparecidos” é necessária.

— O teatro impede que os policiais…

— Discutiremos quando chegar a *hora*. Wax vai tentar interferir hoje à noite?

— Estou contando com isso — disse Miles. — Se tentarmos nos esconder, ele vai acabar descobrindo onde estamos. Mas não vai chegar a tanto… Ele vai descobrir aonde vamos atacar e estará lá para tentar nos impedir.

— Você vai matá-lo hoje à noite, então — confirmou o Sr. Elegante, apontando para os dois homens. — A mulher que você pegou ontem vai permanecer aqui; use-a como isca se precisar. Não queremos movê-la enquanto ele está atrás dela. Quanto a esses dois, eles vão ajudá-lo a garantir que tudo corra bem.

Wax cerrou os dentes.

— Não preciso de ajuda para…

— Você *vai* levá-los — disse o Sr. Elegante, com frieza. — Você mostrou que não é digno de confiança quando o assunto é Waxillium. Isso não está aberto à discussão.

— Tudo bem.

O Sr. Elegante se aproximou, empurrando o peito de Miles com a ponta do dedo e falando suavemente.

— O Grupo está ansioso, Miles. Nossos recursos financeiros estão muito limitados no momento. Você pode roubar o trem, mas não se incomode em trazer reféns. Ficaremos com metade do alumínio que roubarem hoje à noite para financiar várias operações que não dizem respeito a vocês. Podem ficar com o restante das armas.

— Seus dois homens já combateram alomânticos?

— Estão entre nossos melhores — disse o Sr. Elegante. — Acredito que você os achará mais que capazes.

Miles e o Sr. Elegante sabiam o que aquilo significava. Sim, os dois homens lutariam com Wax, mas também ficariam de olho em Miles. *Excelente.* Mais interferência.

— Vou sair da cidade — disse o Sr. Elegante. — Wax está se aproximando demais. Se você sobreviver a esta noite, envie alguém para me atualizar. — Ele disse a última parte com um laivo de sorriso.

Idiota insuportável, pensou Miles quando o Sr. Elegante entrava no elevador, onde um quarteto de guarda-costas o esperava. Partiria no trem que sempre pegava; provavelmente voltaria no mesmo também. Não tinha percebido que Miles os vinha rastreando.

O Sr. Elegante partiu, deixando Miles com os dois homens de terno preto. Bem, ele encontraria alguma utilidade para eles.

Voltou à câmara principal, seguido por suas novas babás. Os Desaparecidos restantes, mais ou menos trinta, estavam se aprontando para o serviço daquela noite. A Máquina havia sido levada à câmara por meio de uma plataforma, que subia até a superfície como um grande elevador industrial, uma maravilha elétrica majestosa.

O mundo está mudando, pensou Miles, recostando-se no parapeito. *Primeiro, as ferrovias; agora, a eletricidade. Quanto tempo demorará até os homens conquistarem os céus, como as* "Palavras de Fundação" *disseram ser possível?* Talvez chegasse o dia em que cada homem conheceria a liberdade que era reservada apenas aos Lançamoedas.

Mudanças não assustavam Miles. Mudanças eram uma oportunidade, uma chance de se transformar em algo que não se era. Nenhum adivinho se importava com mudanças.

Adivinho. Em geral, ele ignorava esse lado de si. Sua feruquemia era o que o mantinha vivo, e, nos últimos dias, nem isso ele vinha percebendo, exceto pela leve sensação de *energia* extra a cada passo que dava. Nunca tinha dores de cabeça, nunca se sentia cansado, nunca tinha músculos doloridos nem lidava com resfriados ou dor.

Sem mais nem menos, ele saltou sobre o parapeito, aterrissando seis metros abaixo. Por um breve momento, conheceu aquela sensação de liberdade. Então, atingiu o chão. Uma de suas pernas quase quebrou; ele reconheceu o leve estalo. Mas as fraturas ósseas se curavam com a mesma rapidez com que aconteciam, e assim os ossos nunca se partiam totalmente, as fissuras se abrindo de um lado, mas se fechando do outro.

Estava agachado e se reergueu. As babás de preto caíram ao lado dele, um soltando um pedaço de metal e reduzindo a velocidade um instante antes de atingir o chão. Um Lançamoedas. Bem, seria útil. O

outro o surpreendeu, aterrissando suavemente, mas sem soltar nenhum metal. Aquele homem era um Atraidor; ele havia *puxado* as vigas de metal no teto para amenizar a queda.

Miles andou pelo espaço a passos largos, inspecionando os Desaparecidos enquanto preparavam seus equipamentos. Cada pedaço de alumínio que lhes restava tinha sido usado para criar armas e balas. Usariam desde o início dessa vez. Na luta no jantar de casamento, tinham levado alguns instantes para trocarem de armas. Agora, sabiam o que esperar. Eram menos, mas estavam muito mais bem preparados.

Ele meneou a cabeça para Clamps, que supervisionava os outros. O homem cheio de cicatrizes assentiu em silêncio. Era leal, mas havia se juntado a ele mais pela emoção dos roubos que por qualquer objetivo. De todos eles, apenas Tarson — estimado e brutal — tinha algo que lembrava a verdadeira lealdade.

Clamps afirmava ser dedicado, embora Miles soubesse que não era bem assim. Bem, Clamps não fora o primeiro a atirar no último embate. Apesar de todas as declarações de Miles sobre seu desejo de mudar as coisas, seu temperamento, não sua mente, acabara tomando as rédeas.

Não devia ter agido assim. Era um homem criado para ter mão firme e mente mais firme ainda. Feito por Trell, inspirado pelo Sobrevivente, e ainda assim fraco. Miles questionava-se com frequência. Era essa a marca da falta de dedicação? Nunca teria feito nada na vida sem se questionar.

Ele se virou, examinando seus homens do jeito que eram. Ladrões, assassinos e brigões. Respirou fundo e, em seguida, queimou ouro.

O ouro era considerado um dos menores metais alomânticos. Muito menos útil que sua liga, que era, por sua vez, muito menos útil que os maiores metais de batalha. Na maioria dos casos, ser um Brumoso de ouro era um pouco melhor que ser um Brumoso de alumínio — um poder tão inútil que havia se tornado sinônimo de alguém que não fazia nada.

O ouro não era completamente inútil. Mas quase. Ao queimá-lo, Miles se dividia. A mudança era visível apenas para seus sentidos, mas, por um momento, ele virava duas pessoas, duas versões de si mesmo. Uma era o homem que ele havia sido. O vigilante furioso, ficando mais amargo a cada dia. Usava um sobretudo branco sobre a roupa amarrotada, com óculos de lentes escuras para proteger os olhos do sol inclemente. Cabelo preto curto e penteado para trás. Sem chapéu, sempre odiou chapéus.

A outra versão era o homem que ele se tornara. Vestido com as roupas de um operário da cidade — camisa abotoada com punhos gastos e suspensórios sobre calças sujas. Caminhava desengonçado. Quando isso começou?

Conseguia ver pelos dois pares de olhos, pensar com as duas mentes. Era duas pessoas ao mesmo tempo, e uma odiava a outra. O vigilante era intolerante, nervoso e frustrado. Odiava qualquer coisa que rompesse a estrita ordem da lei e determinava punições duras sem perdão. Tinha ódio especial por pessoas que costumavam seguir a ordem e viravam as costas para ela.

O ladrão, o Desaparecido, odiava que o vigilante deixasse outros ditarem as regras que ele deveria seguir. Na verdade, não havia nada de sagrado na lei. Era arbitrária, criada por homens poderosos para ajudá-los a manter o poder. O criminoso sabia que, secretamente, lá no fundo, era essa a compreensão do vigilante. Era severo com criminosos porque se sentia muito impotente; a cada dia, a vida piorava para as pessoas boas, as pessoas que tentavam, e as leis pouco faziam para ajudá-las. Era como um homem preocupado em espantar mosquitos enquanto ignorava o rasgo em sua perna, uma artéria aberta e os jorros latejantes de sangue no chão.

Miles arfou e extinguiu seu ouro. Sentiu-se exausto de repente e recostou-se na parede. Seus dois

supervisores o observaram com expressões impassíveis.

— Vão — disse-lhes Miles, acenando com a mão fraca. — Inspecionem meus homens. Usem sua Alomancia para checar se algum deles deixou algum metal no corpo por acidente. Eu os quero limpos.

Os homens se olharam e não fizeram menção de lhe obedecer.

— Vão — disse Miles, com mais firmeza. — Já que estão aqui, devem ser úteis.

Depois de mais um momento de hesitação, os dois homens saíram para cumprir a ordem. Miles ficou ainda mais abatido, voltando à parede, respirando fundo.

Por que faço isso comigo mesmo?

Havia uma especulação considerável sobre o que um Brumoso de ouro realmente via quando queimava seu metal. Uma versão anterior de si mesmo, com certeza. Era a pessoa que ele realmente fora? Ou era uma pessoa que ele poderia ter se tornado, se tivesse escolhido outro caminho nas bifurcações de sua vida? Essa possibilidade sempre soou para ele como uma firme recordação do mítico metal perdido, o atium.

De qualquer forma, ele gostava de pensar que queimar ouro às vezes o ajudava — que, cada vez que o fazia, o metal o permitia tomar o melhor do que ele havia sido e misturá-lo ao melhor do que ele poderia ser. Ou seja, uma liga de si mesmo.

Perturbava-o o quanto as duas pessoas que ele havia se tornado se odiavam. Quase conseguia sentir esse ódio como o calor de um forno, irradiando do carvão e da pedra.

Ele se reergueu. Alguns dos homens o encaravam, mas ele não se importou. Não era como os chefes do crime que ele com frequência prendia nas Terras Brutas. Eles precisavam parecer fortes na frente de seus homens para não serem mortos por alguém que quisesse tomar o poder.

Ninguém podia assassinar Miles, e seus homens sabiam disso. Uma vez, atirou na própria cabeça na frente deles para provar isso.

Ele foi até uma pilha de arcas e caixas, algumas cheias de coisas que o Sr. Elegante havia ordenado que roubassem da mansão de Wax, objetos que esperava que os ajudasse a combater — ou talvez incriminar — o antigo vigilante. Por algum motivo, o Sr. Elegante resistira a matar Wax no início.

Miles as deixou e caminhou até o fundo, onde suas arcas haviam sido depositadas depois da evacuação apressada do antigo esconderijo. Escolheu algumas e, então, abriu uma. Seu sobretudo branco estava lá dentro. Ele o tirou, sacudiu-o e depois pegou calças robustas das Terras Brutas e uma camisa que combinava. Ele enfiou os óculos de lentes escuras no bolso e foi se trocar.

Estava preocupado em se esconder, temendo ser reconhecido e marcado como um fora da lei. Bem, ele havia se tornado um fora da lei. Se aquele era o caminho que havia escolhido, ao menos poderia trilhá-lo com orgulho.

Deixarei que me vejam pelo que sou.

Ele não mudaria seu rumo. Era tarde demais para trocar de alvo quando o gatilho já tinha sido apertado. Mas não era tarde demais para aprumar o corpo.

Waxillium encarou a parede da sala de estar de Ranette. Um lado estava apinhado de mobília, que ela havia tirado do caminho para abrir um espaço mais útil entre a oficina e o quarto. A outra metade da sala estava cheia de caixas com vários tipos de munição, pedaços de metal e canos fundidos para a montagem de armas. Havia poeira para todo lado. Aquilo era a cara dela. Wax tinha pedido a ela algo em que

apoiar seu bloco de papel, esperando que ela tivesse um cavalete. Distraída, Ranette entregou a ele alguns pregos e apontou um martelo. Assim, ele simplesmente pendurou o bloco na parede, incomodado ao enfiar pregos na madeira de boa qualidade.

Ele se aproximou, usando um lápis para rabiscar uma observação para si mesmo num canto. A pilha de manifestos de embarque que Wayne havia trazido estava ao seu lado. Aparentemente, Wayne havia deixado uma arma que tomara emprestada de Ranette em troca dos manifestos, considerando uma troca justa; era provável que nem lhe tivesse ocorrido que um grupo de maquinistas ficaria completamente atônito ao descobrir que os manifestos haviam desaparecido e uma pistola estava em seu lugar.

Miles vai atacar na Curva de Carlo, pensou Wax, batendo no papel.

Tinha sido fácil localizar um carregamento de alumínio. A Casa Tekiel, cansada de ser roubada, estava fazendo um grande estardalhaço sobre seu novo vagão produzido no estilo de um cofre. Wax conseguia entender seus motivos; os Tekiel eram mais conhecidos como banqueiros, e seus negócios dependiam de segurança e de garantias de proteção à propriedade privada. Os roubos haviam se tornado um grande embaraço para eles. Pretendiam se recuperar de uma forma visível.

Era quase um desafio a Miles e seus Desaparecidos. Wax fez outra anotação no papel: o carregamento dos Tekiel seguiria uma rota direta até Doxonar. Ele tinha mapeado o trajeto, anotando os locais onde os trilhos se aproximavam de um dos canais.

Não conseguirei ver aonde estaremos indo, pensou Wax, fazendo outra anotação. *Preciso saber exatamente qual é a distância entre a Curva de Carlo e a parada anterior…*

Não havia muito tempo para se preparar. Ele mexeu no brinco com a mão esquerda, correndo o dedão pela lateral lisa enquanto pensava.

A porta se abriu. Wax não ergueu os olhos, mas o som dos passos foi suficiente para revelar que era Marasi. Sapatos macios. Ranette e Wayne usavam botas.

Marasi pigarreou.

— Redes? — perguntou Wax, escrevendo distraidamente o número 35,17 no papel.

— Finalmente, encontrei algumas — disse ela, aproximando-se dele e olhando as anotações. — Consegue entender?

— A maior parte. Tirando os desenhos de Wayne.

— Parece… ser você nos desenhos. Feios e nada lisonjeiros.

— Essa é a parte que não entendo — comentou Waxillium. — Todo mundo sabe que sou irreparavelmente bonito. — Sorriu para si mesmo. Essa era uma das frases de Lessie. Irreparavelmente bonito. Ela sempre afirmava que ele ficaria melhor com uma bela cicatriz no rosto, seguindo a moda das Terras Brutas.

Marasi também sorriu, embora seus olhos estivessem nas anotações e nos rabiscos.

— O trem fantasma? — perguntou ela, apontando para o desenho de um trem passando pelos trilhos, ao lado de um diagrama de como provavelmente o trem tinha sido feito.

— Sim — disse ele. — A maioria dos ataques aconteceu em noites com brumas, pelo visto para facilitar a ocultação do fato de que o trem fantasma é apenas uma fachada falsa com um grande holofote presa a uma plataforma móvel sobre trilhos.

— Tem certeza?

— Alguma — disse Waxillium. — Estão usando os canais para atacar e precisam de algum tipo de distração para manter os olhos longe de sua aproximação por trás, na surdina.

Pensativa, ela crispou os lábios.

— Wayne está lá fora? — perguntou Waxillium.

— Sim, incomodando Ranette. Eu… sinceramente saí da sala porque temi que ela atirasse nele.

Waxillium sorriu.

— Comprei um jornal — comentou ela. — Os policiais encontraram o esconderijo antigo.

— Já? — perguntou Waxillium. — Wayne disse que tínhamos tempo até escurecer.

— Já escureceu.

— É? Caramba. — Waxillium verificou o relógio. Tinham menos tempo do que ele pensara. — Não deveria estar nos jornais. A polícia encontrou o esconderijo mais cedo.

Marasi meneou a cabeça na direção de seus esboços.

— Isso indica que você sabe onde os Desaparecidos vão atacar. Não quero bater em metal frágil, Lorde Waxillium, mas realmente deveríamos informar esse fato à polícia.

— Eu *acho* que sei onde o ataque acontecerá. Se informarmos aos policiais, eles vão abarrotar a área e espantar Miles.

— Wax — disse ela, aproximando-se —, compreendo esse espírito independente; é parte do que faz você ser o que é. Mas não estamos nas Terras Brutas. Não precisa fazer tudo sozinho.

— Não pretendo. Vou envolver os policiais depois, prometo. Mas Miles não é um criminoso comum. Ele sabe o que os policiais vão tentar e estará preparado. Isso precisa ser feito no momento certo, do jeito certo. — Waxillium apontou para suas anotações na parede. — Eu conheço Miles. Sei como ele pensa. É parecido comigo.

Quase parecido *demais*.

— Isso quer dizer que ele pode antever seus atos também.

— Sem dúvida, ele vai. Mas vou antecipá-lo mais ainda.

No momento em que sacara a arma e revidara os tiros dos Desaparecidos, Waxillium começara a trilhar aquele caminho. E, quando cravava os dentes, não largava o osso.

— Você tem razão quanto a mim — disse ele.

— Eu? Eu não disse nada sobre você, Lorde Waxillium.

— Mas está pensando — retrucou ele. — Que sou arrogante por querer fazer isso do meu jeito, por não entregar o caso para os policiais. Que sou imprudente por não procurar ajuda. Tem razão.

— Não estou pensando coisas tão ruins assim — disse ela.

— Não são ruins — disse ele. — Eu *sou* arrogante e imprudente. *Estou* agindo como se ainda estivesse nas Terras Brutas. Mas também tenho razão. — Ele ergueu a mão, desenhando um pequeno quadrado no papel e, em seguida, uma flecha ligando-o à delegacia.

— Escrevi uma carta que Ranette enviará aos policiais — continuou. — Ela detalha tudo o que descobri e meus palpites sobre o que Miles fará, caso eu não consiga pegá-lo. Não farei nada hoje à noite até estarmos bem longe da ferrovia e de qualquer passageiro. Os Desaparecidos não vão levar reféns hoje à noite. Vão tentar agir o mais rápido e silenciosamente possível. Mas ainda assim vai ser perigoso.

Talvez pessoas morram, pessoas inocentes. Estou dando meu melhor para impedir que se machuquem e acredito com convicção que tenho mais chance contra Miles do que teriam os policiais. Sei que você está estudando para ser advogada e juíza e que seu treinamento preconiza que você deve ir às autoridades. Considerando meus planos e minhas promessas, vai se refrear e me ajudar em vez disso?

— Vou.

Por Harmonia, pensou ele. *Ela confia em mim*. Demais, provavelmente. Ele ergueu a mão, desenhando um quadrado ao redor de uma caixa de notas.

— Esta é sua parte.

— Não vou estar no vagão com você? — Seu tom era de preocupação.

— Não — respondeu Waxillium. — Você e Wayne vão acompanhar do alto da colina.

— Você vai estar sozinho.

— Vou.

Ela ficou em silêncio.

— Você sabia o que eu estava pensando sobre você. O que *você* está pensando sobre *mim*, Lorde Waxillium?

Ele sorriu.

— Para o jogo funcionar do mesmo jeito, não posso te dizer quais são meus pensamentos. Precisa adivinhá-los.

— Está pensando em como sou jovem — disse ela. — E você teme que eu me envolva e me machuque.

— Não é difícil adivinhar isso. Até então, eu te dei o quê… três oportunidades de abandonar este caminho e buscar segurança?

— *Também* está pensando que está feliz por eu insistir em ficar, porque serei útil — disse ela. — A vida o ensinou a usar os recursos que tiver.

— Melhor — disse ele.

— Acha que sou esperta, como já declarou, mas também teme por eu ficar enrubescida com muita facilidade e que isso seja usado contra você.

— Os relatos que você leu falam de Paclo, o Poeirento?

— Claro. Foi um de seus parceiros antes de conhecer Wayne.

— Era um bom amigo — disse Waxillium. — Um homem da lei firme. Mas *nunca* conheci um homem que se assustasse com mais facilidade. Uma porta fechada com suavidade podia fazê-lo gritar.

Ela fechou a cara.

— Parece que os relatos não falam disso — comentou Waxillium.

— Eles o descrevem como muito valente.

— Ele *era* valente, Lady Marasi. Veja, muitas pessoas acham que se assustar é sinônimo de covardia. Sim, um tiro podia fazer Paclo pular. Então, ele corria para ver o que havia causado o tiro. Uma vez, eu o vi lutar contra seis homens com armas apontadas para ele, e ele nem sequer suou. — Ele se virou para ela. — Você é inexperiente. Como eu fui, no passado. Como todo homem foi. A medida de uma pessoa não é o quanto ela viveu. Não é a facilidade com que pula ao ouvir um barulho nem a rapidez com que

mostra suas emoções. É como ela faz uso do que a vida lhe mostrou.

Ela enrubesceu ainda mais.

— Acho que você gosta de dar sermões.

— Vem com o distintivo de homem da lei.

— Você não… usa mais seu distintivo.

— Um homem pode tirar o distintivo, Lady Marasi, mas nunca deixa de usá-lo.

Ele fitou os olhos da moça. Ela ergueu aqueles olhos profundos, reflexivos, como a água de uma fonte inesperada nas Terras Brutas. Ele se fortaleceu. Ele seria ruim para ela. Muito ruim. Pensara o mesmo quando conhecera Lessie e estava certo.

— Há outra coisa que penso sobre você — disse ela, com suavidade. — Consegue adivinhar?

Claro que sim.

Com relutância, ele desviou o olhar e encarou o bloco de papel.

— Sim. Você está pensando que eu deveria convencer Ranette a emprestar uma espingarda para você. Concordo. Embora eu ache que seria inteligente da sua parte treinar com um revólver, prefiro que você tenha uma arma que use bem. Talvez possamos encontrar uma espingarda em que sirvam aquelas balas de alumínio que Wayne pegou.

— Ah. Claro.

Waxillium fingiu não perceber o embaraço dela.

— Acho que vou dar uma olhada em Wayne e Ranette — disse Marasi.

— Boa ideia. Espero que ela não tenha descoberto que ele pegou uma de suas armas para trocar pelos manifestos.

Marasi saiu, caminhando depressa para a porta.

— Lady Marasi? — chamou Waxillium.

Ela hesitou à porta, virando-se, esperançosa.

— Fez um bom trabalho ao ler minhas reações — disse ele, meneando a cabeça em respeito. — Não são muitos que podem fazê-lo. Não sou conhecido por ser aberto com minhas emoções.

— Tive aulas de técnicas avançadas de interrogatório — disse ela. — E… bem, eu li seu perfil psicológico.

— Eu tenho um perfil psicológico?

— Temo que sim. O doutor Murnbru o escreveu depois de sua visita a Intempérie.

— Aquele rato do Murnbru era um *psicólogo*? — disse Waxillium, genuinamente perplexo. — Eu tinha certeza de que era um jogador trapaceiro, passando pela cidade à procura de vítimas para enganar.

— Hum, é. Isso está no perfil. Você tem tendência a pensar que qualquer um que use muito vermelho é viciado em jogo.

— Tenho?

Ela confirmou com a cabeça.

— Desgraça — disse ele. *Vou precisar ler essa coisa.*

Ela saiu e fechou a porta. Ele voltou ao plano, erguendo a mão e encaixando o brinco na orelha.

Devia usá-lo durante as orações ou quando fazia algo de muita importância.

Imaginou que, naquela noite, faria muito das duas coisas.

Descubra os fatos por si e entenda por que eles fascinam e atormentam demais, brilhante demais e do outro mundo demais para não ser uma farsa do além. Especialistas da universidade compararam dessores de trem para determinar a origem da aparição, e as listas de mortos dão um estarrecimento do quanto fantasmas podem devorar. Reportagem exclusiva encontrada apenas aqui! No verso.

sido capturado por um estranho poder cósmico.

Agora, muito depois de seus entes queridos terem desistido deles, tornando-se por muitos, os navegadores retomaram a civilização, trazendo com eles um relógio. Sua história é aparentemente, preocupante e maravilhosa. Continue lendo para saber como descobrimos avançado do seus dos navegadores antigos. Mesmo Desconhecidos: Leia a história inteira no verso.

palavra-chave obrigatória: ofertas especiais exclusivas e atendimento diferenciado!

COMPRAMOS METAIS!

Comprovamos seus relógios de metais preciosos consertáveis! Pureza não é problema!

Briggs & Sons
Relógios Lucrados,
Alameda do Pudim 3287, 8º OL.

minha vida."

Uma mulher sobrevivente da experiência assustadora quando um incêndio irrompeu em seu prédio no Quinto Quarto. Ela e seus filhos foram salvos por uma figura sombria que ela jurou estar usando o traje de um falsário sarido. Uma visão de um dos famosos San Rosini Hundred? Simples fantasia? Você decide. História no verso, na quinta coluna.

distantes! Não haverá mais que alimento: ou limpar um animal de carga inerte! Não seja escravo de seu cavalo!

TOME AS RÉDEAS DO PODER DO FUTURO HOJE!

Mensagem da Delegacia do Transporte Aéreo do Conglomerado Interestelar de Bem-Estar e Conveniência pelo sindicato de seus membros.

Explorando os Poços de Eltania

Meu querido editor e, por seu intermédio, meus amados leitores, espero que seu mistério os encontre bem e de posse de um ouvido disposto, pois os eventos incríveis que transpuseram em minha recente experiência podem deixá-los incrédulos e chocados. Janeanssenhores, em declaração das mais sérias, que todas as palavras que escrevo aqui são verdadeiras e factuais. Vivi essas histórias para que os senhores possam saber sobre as Terras Brutas e as pessoas fantasmagóricas que vivem lá, além das montanhas, além da lei e além da radio cultivada.

Quando escrevi minha missiva anterior, eu tinha certeza de que meu fim havia chegado. De fato, fui capturado e mantido preso pelos brutos loiros dos Poços de Eltania e me disseram que estava encantado pela mulher que minha tribo sacrificaria de bonanza. Tenho um fim horrendo e admirável que me flagrei na mais fervorosa oração ao Sol-Invernal naquela mesma noite! Se alguém precisava de proteção d'Aquele Que Vivem, este alguém era eu!

Os senhores podem perceber, pela minha escrita aqui, que escapei... Bem, isso em parte é verdade, mas não deixei o acampamento dos loiros de pele azul. Na verdade, escrevo aos senhores de dentro da cabana onde me prenderam para ser executado naquela noite. Só que agora não é uma prisão, mas um grandioso palácio! Ao menos, assim os selvagens que me mantêm o consideram. Para mim, continua sendo meramente uma cabana com chão de terra. Dormir sob as estrelas seria preferível, especialmente se eu pudesse ter sorte. Dormiu ao relento, mas minha busca a fim de localizar para onde eu fui levada precisou esperar um momento posterior.

Os loiros tentaram melhorar minhas acomodações. Trouxeram-me animais mortos para comer e acenderam uma fogueira, um sinal de que me consideram digna de grande atenção. E me deram cor as armas feitas por eles mesmos. Como mencionei antes, essas armas são de feitura incrivelmente sofisticada. Pensei que criaturas como essas fossem incapazes de um trabalho criativo tão belo.

Mas estou me prolongando em coisas insignificantes. Por favor, perdoem-me, ainda menos continua a mudar pelos eventos desta semana. De fato, acredito que não apenas fui poupada da morte, mas morreu de o sol-costa tribo!

Tudo começou naquela noite de minha execução já mencionada. Depois de ser amarrada diante da fogueira não muito grande, eu me vi cercada do sol forte, caminhando com dificuldade pelo chão vermelho e pedregoso. Os brutos estavam em bem silêncio, observando com olhos cor-de-rosa, a pele de um azul escurecido, a cor de um cachecol azul-fino, se nesse sido queimado no fogo a vontade. A poeira vermelha manchava os corpos, e muitos quase não usavam vestimentas.

Devo minha vida a Handaeryn. Fiel Handaeryn. Abençoado seja! Ele disse que o tirei daquele lugar, enchiacado e quase afogado. O fiel tartaruga, embora sob o juramento de não prejudicar nem matar, provou seu valor uma centena de vezes. Os loiros pareciam respeita-lo, entendem, e lhe permitiram uma última aproximação para abraçar seu mestre que logo seria assassinado da maneira mais lúgubre.

Depois desse abraço, vi que meu Glias, meu leal revólver, foi passado às minhas mãos, que estavam presas às minhas costas. Perguntei-lhe como ele havia recuperado a arma tomada pelos loiros, e ele explicou que fez uso de uma de suas mentes de metal para criar uma conexão com eles. É uma arte avançada que eu não, inexplicável e desconhecida, e deseja que eu não escreva muito sobre isso, pois considera o seu poder sagrado.

Bem, eu estava armada, mas cinco passos. Não chegaria a tempo, os loiros o arrastariam para longe, embora não pareçessem ter percebido o que ele havia feito. Nunca tive motivos para dar graças às minhas botas de couro que eu havia recebido em troca daquele handaeryn capturado, tantas semanas atrás, mas naquela noite, elas provaram ser minha salvação.

Quando eu corrigir aos senhores sobre esse ato, peço que não elevem demais sua consideração por mim. Na verdade, foi mais o acaso que a habilidade que se mostrou meu amigo naquele dia. Consegui me retirar até alcançar um pouco as amarras para que pudesse mover uma das mãos embaixo da outra. Girei a arma nos dedos e consegui pousá-la na palma de mão, o cano apontado para cima, paralelo ao braço. No último momento, antes do meu encontro com o chefe da tribo, inclinei a cabeça para a frente e apertei o gatilho.

Preservação prevaleceu, e, embora eu tenha sentido a bala rasgar a pele de trás de minha cabeça, ela também arrebentou as amarras. Um movimento rápido de mãos me liberou, e, apesar de exausta, eu ainda tinha munição dentro do tambor. Quando o forçaram do meus sentidos, cravei a arma e atirei entre os olhos do escravo. Obviamente, do horror, mas mesmo eles poderia cair com uma bala no lugar certo.

O próximo tiro foi contra o maior de seus líderes. Eu esperava que isso me garantisse a admiração deles, mas, assim que os tinha feito parar, não fez com que me libertassem. A Gilar estava carregada com apenas três balas quando eu a peguei. Olhei para Handaeryn, e ele balançou a cabeça, sério. Não tinha munição para recarregá-la.

Eu tinha apenas uma bala e um vilarejo inteiro cheio de monstros. Não mentirei, direi que estava confiante em minhas chances! Contudo, eu tentaria um aspecto curioso dos loiros. Vejam, desde seu chegada, insistiram que qualquer um poderia se juntar a eles, qualquer homem que considerasse digno poderia ser transformado em loiros, diziam eles. De fato, vários de seus guerreiros mais brutais e poderosos alegavam ter sido levados de volta no passado. Isso é obviamente falso, mas existe algo em sua mentalidade que faz com que pensem assim.

E assim, com uma única bala, decidi provar que eu era digna de me juntar a eles. Concluí que apenas um teste que demonstrasse as maiores capacidades poderia ter tal prova, e então atirei e...

—Continua na primeira coluna!—

Cavalheiros eruditos de todos os ofícios concordam: apenas as luzes elétricas servem!

NÃO FIQUE NO ESCURO!

Lucrados em nosso galpão de Edge Wooding, como é de costume, para encontrar. Praça da Alfaia, 4094, 1º OL.

16

Wayne capengou pela estação de trem, apoiando-se numa bengala marrom, caminhando com um passo lento e intencionalmente hesitante. Havia uma multidão ali, empurrando-se e admirando o trem logo adiante. Um grupo avançou para o lado e quase o derrubou.

Todos estavam na ponta dos pés, o que impedia que Wayne, com as costas curvadas pela idade, visse o motivo da confusão.

— Ninguém pensa numa pobre velhota — grunhiu Wayne. Um tom áspero, nasal e mais agudo que sua voz normal, misturado com um belo sotaque do distrito margothiano. O distrito não existia mais, ao menos não da mesma forma; tinha sido consumido pelo bairro comercial de seu oitante, e os habitantes tinham se mudado. Um sotaque moribundo para uma mulher moribunda. — Nenhum respeito. Um disfarce. Puro e simples.

Alguns jovens na multidão à frente olharam para ele, vendo seu casaco antigo, que ia até os tornozelos, o rosto franzido pela idade, os cabelos prateados embaixo da boina de feltro.

— Me desculpe, senhora — disse um deles finalmente, abrindo caminho para ele.

Ora, esse é um bom rapaz, pensou Wayne, dando tapinhas no braço dele e cambaleando adiante. Uma a uma, as pessoas abriram caminho para ele. Às vezes, precisava fingir um pequeno acesso de tosse que soasse contagioso. Wayne tinha tomado cuidado para não parecer uma mendiga, o que chamaria a atenção dos policiais, que talvez pensassem que ele estava procurando vítimas para bater carteira.

Não, ele não era uma mendiga. Era Abrigain, uma velha que tinha ido ver o que era aquela confusão. Abrigain não era rica nem pobre. Frugal, com um casaco meticulosamente remendado, um chapéu favorito que fora moda tempos atrás. Óculos grossos como os músculos de um estivador. Alguns meninos muito jovens a deixaram passar, e Abrigain lhes deu um docinho e tapinhas na cabeça. Bons garotos. Lembravam seus netos.

Wayne acabou chegando à frente. Lá estava o Nada-Quebra em todo o seu esplendor. Era um vagão construído como uma fortaleza, com blindagem de aço, cantos arredondados brilhantes e uma porta gigante na lateral. Parecia a porta de um cofre enorme, com uma fechadura giratória no lado de fora.

A porta estava aberta, e a câmara lá dentro, quase vazia. Uma grande caixa de carga, feita de aço, havia sido *soldada* ao chão no centro do vagão. Na verdade, ele conseguia enxergar, pela porta da composição, que a carga em si parecia ter sido fechada com solda em todos os lados.

— Minha nossa! — disse Wayne. — É *impressionante*.

Um guarda estava por perto, usando a insígnia de um oficial da força de segurança particular da Casa Tekiel. Sorria, estufando o peito com orgulho.

— Ele marca o nascimento de uma nova era — disse ele. — O fim da bandidagem e dos roubos a

ferrovias.

— Nossa, é impressionante, meu jovem — disse Wayne. — Mas com certeza você está exagerando. Já vi vagões antes, já até andei em um, maldito seja aquele dia. Meu neto, Charetel, quis me levar com ele para conhecer sua noiva em Covingtar, e era o único jeito de chegar, embora eu achasse que andar numa carruagem de cavalos *sempre* tinha funcionado muito bem para mim. Progresso, disse ele. Progresso é ficar presa numa caixa, então, sem poder ver o sol e aproveitar a viagem. De qualquer jeito, o vagão era como esse. Só não era tão brilhoso.

— Garanto para a senhora que este é *totalmente* intransponível — disse o guarda. — Vai mudar tudo. Está vendo aquela porta?

— É uma porta de cofre — disse Wayne. — Eu posso ver. Mas cofres podem ser arrombados, meu jovem.

— Este não — insistiu ele. — Os bandidos não vão conseguir abrir porque essa porta não pode ser aberta… nem por eles nem por nós. Assim que a porta é fechada, ela aciona um mecanismo ligado a um relógio no lado de dentro. As portas não podem ser abertas por doze horas, independentemente de a pessoa saber ou não o código.

— Explosivos — disse Wayne. — Bandidos sempre estão explodindo as coisas. *Todo mundo* sabe disso.

— Esse aço tem quinze centímetros de espessura — explicou o guarda. — A quantidade de dinamite necessária para explodi-lo provavelmente destruiria o conteúdo do carro.

— Mas um alomântico conseguiria entrar — disse Wayne.

— Como? Poderiam *empurrar* o metal o quanto quisessem; é tão pesado que os jogaria para trás. E mesmo se alguém, de algum jeito, *entrar*, teremos oito guardas viajando dentro do vagão.

— Uau! — disse Wayne, deslizando no sotaque. — É mesmo impressionante. Que armas os guardas usam?

— Um quarteto completo de… — O homem parou de falar, olhando para Wayne com mais atenção. — De… — Estreitou os olhos, desconfiado.

— Ah, estou perdendo meu chá! — exclamou Wayne. Em seguida, virou-se e começou a capengar de volta pela multidão.

— Parem aquela mulher! — disse o guarda.

Wayne parou de fingir e se empertigou, empurrando as pessoas com mais fervor, olhando para trás. O guarda estava se esforçando para abrir caminho, perseguindo-o.

— Pare! — gritou o guarda. — Pare, que desgraça!

Wayne ergueu o bastão e puxou o gatilho. Sua mão começou a tremer como sempre fazia quando tentava usar uma arma de fogo, mas tinha apenas balas de festim nela, então tudo bem. O estalo do tiro fez a multidão entrar em pânico, as pessoas abaixando-se numa onda como o vento soprando num campo de trigo.

Wayne saiu correndo entre as figuras prostradas, saltando sobre algumas delas e chegando ao fim da multidão. O guarda ergueu a arma; Wayne virou a esquina do prédio da estação. Então, parou o tempo.

Tirou o casaco e a blusa, revelando um terno elegante: paletó preto, camisa branca, gravata vermelha. Wax dissera que aquilo era “propositalmente sem imaginação”, fosse lá o que isso significasse. Retirou os itens que, colocados por dentro da blusa, formavam o busto da senhora: uma pequena sacola, um

chapéu dobrável e um pano úmido. Desdobrou o chapéu e enfiou a blusa dentro dele antes de tirar a peruca e enfiar o chapéu na cabeça.

Arrancou a capa externa da bengala, tornando-a preta. Jogou a peruca de lado e escondeu a bolsa perto da parede. Por fim, removeu a maquiagem com o pano úmido, jogou-o fora e derrubou a bolha de velocidade.

Cambaleou no canto do prédio, agindo como se tivesse sido empurrado, e xingou, arrumando o chapéu e erguendo a bengala, que sacudiu com raiva.

O guarda parou, bufando ao seu lado.

— Está tudo bem, milorde?

— Não! — ralhou Wayne, enchendo a voz com toda a arrogância aristocrática que conseguiu reunir. O sotaque dos Caminhos de Madion, a área mais rica do Primeiro Oitante, onde a Casa Tekiel era dona de muitos terrenos. — Que tipo de rufião era aquele, capitão?! A partida deveria ser conduzida com segurança e cuidado!

O guarda ficou paralisado, e Wayne podia ver a mente do homem trabalhando a todo vapor. Esperava um nobre aleatório, mas aquela pessoa parecia um membro da Casa Tekiel, seu empregador.

— Desculpe, milorde! — disse o guarda. — Mas eu o expulsei.

— Quem era ele? — perguntou Wayne, caminhando até a peruca. — Ele jogou isso longe quando passou por mim.

— Estava vestido como uma senhorinha — falou o guarda, coçando a cabeça. — Fazendo perguntas sobre o Nada-Quebra.

— Que desgraça, rapaz. Deve ter sido um dos Desaparecidos!

O guarda ficou pálido.

— O senhor sabe qual será a vergonha de nossa casa se algo acontecer nesta viagem? — perguntou Wayne, aproximando-se, sacudindo a bengala. — Nossa reputação está em jogo. Nossas *cabeças* estão por um fio, capitão. Quantos guardas o senhor tem?

— Três dúzias, milorde, e…

— Não é suficiente! Não é suficiente mesmo! Mande buscar mais.

— Eu…

— Não! — disse Wayne. — Eu farei isso. Vários dos meus guardas estão aqui. Vou mandar um buscar outra divisão. Seus homens estão vigiando a área para evitar mais *criaturas* como aquela?

— Bem, ainda não dei essa ordem, milorde. Pensei em tentar pegá-lo eu mesmo, sabe, e…

— O senhor abandonou seu posto? — gritou Wayne, erguendo a mão à lateral da cabeça, balançando a bengala. — Você deixou que ele *atraísse você para longe*? Idiota! Volte para lá, homem! Vá! Alerte os outros. Ah, pelo Sobrevivente no céu! Se isso der errado, estamos mortos. Mortos!

O capitão da guarda saiu aos tropeços e correu para o trem, de onde as pessoas se afastavam em pânico. Wayne recostou-se na parede, verificou o relógio de bolso e esperou por um bom momento em que tivesse espaço suficiente para erguer uma bolha de velocidade. Tinha razoável certeza de que ninguém estava olhando.

Tirou o chapéu. Livrou-se da bengala e virou o jaquetão do avesso, transformando-o num casaco marrom e amarelo como o dos guardas. Tirou o nariz falso e pegou um barrete de pano na bolsa que havia

deixado ao lado da parede.

Pôs o barrete no lugar do chapéu de cavalheiro. Sempre ter o chapéu certo. Isso era fundamental. Ele prendeu uma pistola sobre o casaco depois de deixar as calças caírem, revelando o resto do uniforme de soldado. Em seguida, desfez a bolha e correu pela estação, voltando para os trilhos. Encontrou o capitão organizando seus homens, gritando ordens. Havia alguns nobres irritados, brigando uns com os outros por perto.

A carga não estava sendo tirada do vagão. Isso era ótimo. Wayne tinha achado que eles simplesmente desistiriam daquela viagem, com toda a bagunça causada, mas Wax discordava. Disse que os Tekiel fizeram tanto alarde sobre o Nada-Quebra que um problema ou dois não os impediriam.

Tolos, pensou Wayne, balançando a cabeça. Farnsward não concordava com essa decisão. Trabalhava na guarda particular da Casa Tekiel fazia dez anos, embora tivesse servido nos Campos Externos na maior parte do tempo, com seu lorde, que tinha uma doença crônica. Vira muitas coisas no seu tempo e aprendera que *havia* motivos para assumir riscos. Salvar uma vida, vencer uma batalha, proteger o nome da casa. Mas assumir um risco apenas porque disseram que assumiriam? Estupidez.

Ele correu até o capitão com quem havia falado antes e fez uma saudação.

— Senhor — disse ele —, sou Farnsward Dubs… Lorde Evenstrom Tekiel pediu para que eu me apresentasse ao senhor. — Um sotaque dos Campos Externos com um traço de aristocracia, que captara em seu longo convívio com nobres.

O homem parecia exausto.

— Muito bem. Acho que vamos precisar de todos os homens.

— Desculpe, senhor — disse Wayne, aproximando-se. — Lorde Evenstrom às vezes fica irritadiço. Sei como é; não é a primeira vez que ele me envia para ajudar alguém que não precisa de ajuda. Bren e eu ficaremos fora do caminho.

— Bren?

— Ora, ele estava bem atrás de mim... — disse Wayne, virando-se, confuso.

Wax apareceu, saindo da estação num uniforme semelhante ao de Wayne. Tinha uma pança falsa de certo tamanho, escondendo alguns materiais específicos para a noite.

— Lá está ele — disse Wayne. — Desajeitado e embotado, senhor. O pai deixou essa posição para ele, mas, com ele, o senhor pode bater aço contra pedra a noite toda que não sairá nenhuma faísca, se entende o que eu quero dizer.

— Bem, fique aqui — disse o capitão. — Guarde este posto. Não deixe ninguém se aproximar do vagão, não importa a aparência da pessoa. — Ele saiu correndo até o grupo de nobres.

— E aí, Wax? — disse Wayne, inclinando o chapéu para o outro. — Pronto para ser engolido?

Waxillium olhou para trás na direção do prédio da estação. Civis ainda estavam indo embora. O chão estava cheio de chapéus e lenços.

— Precisa garantir que eles partam com o trem, Wayne. Não importa o que aconteça, o trem *precisa* seguir viagem.

— Pensei que tinha dito que seria embaraçoso demais não o inaugurar.

— Na primeira parte, sim. Não sei ao certo quanto à próxima parte. Só faça acontecer, Wayne.

— Claro, meu chapa. — Wayne verificou o relógio. — Ela está atrasada…

Uma série repentina de estalos cortou o ar. Tiros. Embora Wayne esperasse por eles, ainda lhe causaram um sobressalto. Os guardas ao redor gritaram, berraram, procurando a fonte dos tiros. Waxillium caiu, urrando, com sangue espirrando do ombro. Wayne o pegou enquanto outro guarda avistava brilhos vindo de cima de um prédio.

Os guardas abriram fogo enquanto Wayne arrastava Waxillium para fora do perigo. Ele olhou ao redor e, em seguida, agindo freneticamente, empurrou Waxillium pela porta aberta do vagão. Vários dos guardas olharam para ele, mas ninguém disse nada. Os olhos de Waxillium encaravam o ar, vazios. Os outros guardas provavelmente já tinham perdido camaradas para bandidos ou em escaramuças entre casas e sabiam que, no calor da luta, é preciso deixar os feridos em segurança, não importava onde.

Os disparos vindos do alto do prédio cessaram, mas começaram de novo num telhado nas proximidades. Algumas balas soltaram faíscas do alto de uma viga. *Um pouco perto demais, Marasi*, pensou Wayne, incomodado. Por que toda mulher que conhecia tentava atirar nele? Só porque ele conseguia se curar. Era como beber a cerveja de um homem só porque ele pode pedir mais.

Wayne pôs um olhar preocupado no rosto.

— Estão vindo para roubar a carga! — gritou ele. Em seguida, agarrou a porta do grande vagão, chutou a alavanca de contrabalanceamento para o lado e correu-a adiante. Fechou a porta do Nada-Quebra com Wax dentro do vagão, antes que alguém pensasse em pará-lo.

O tiroteio cessou. Ao lado, os guardas encolhidos atrás de uma proteção olharam para Wayne com expressões horrorizadas. A porta do trem fez um clique, trancando-se.

— Ferrugem e Ruína, cara! — disse um dos guardas. — O que você fez?

— Tranquei a carga! — disse Wayne. — Vejam, isso fez com que parassem.

— Era para ter soldados lá dentro! — disse o capitão, correndo até ele.

— Eles estavam tentando roubar a carga antes que nós trancássemos — disse Wayne. — Você viu o que estavam fazendo. — Ele olhou para a porta. — Não podem levar a carga agora. Vencemos!

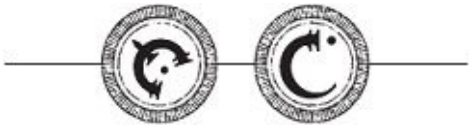
O capitão parecia preocupado. Olhou para os nobres, que se levantavam do chão. Wayne prendeu a respiração quando eles se aproximaram do capitão, exigindo explicações, mas este repetiu as mesmas palavras de Wayne.

— Mas nós os paramos — explicou o capitão, sabendo que ele, e não Wayne, levaria a culpa se fosse decidido que haviam agido mal. — Eles pararam o ataque. Nós vencemos!

Wayne afastou-se, relaxando contra um pilar, enquanto os guardas eram enviados para tentar descobrir quem havia atirado. Voltaram com um número grande de cartuchos de balas de espingarda colocados estrategicamente no chão em vários lugares, enquanto a maioria dos tiros tinha sido de festim. Vários garotos pedintes haviam recebido dinheiro para atirar balas de festim no ar e depois plantar histórias de homens chegando em carruagens com cavalos e fugindo às pressas.

Em menos de uma hora, o trem estava a caminho, e todos da Casa Tekiel pareciam convencidos de que haviam impedido um grande roubo dos Desaparecidos. Houve até mesmo rumores sobre uma condecoração para Wayne, embora ele tivesse desviado a glória para o capitão e escapado antes que alguém pudesse começar a perguntar *qual* lorde o contratara como guarda-costas.

17



Waxillium partiu sozinho no vagão de carga frio, o ombro umedecido pelo sangue falso, ouvindo as rodas baterem sobre os trilhos embaixo dele. Uma lâmpada que ele havia prendido com um gancho perto de um canto do teto balançava. Também havia prendido o emaranhado de redes no teto, encaixadas e fixadas por ganchos especiais colados com fita industrial. Tinha sido ótimo tirar tudo aquilo que estivera enrolado nas pernas e dentro da barriga falsa. O uniforme de guarda, agora largo demais para ele, estava empilhado num canto, e, no lugar, ele vestiu calças sociais e um casaco preto leve.

Sentou-se no chão, apoiado numa lateral do contêiner de carga, com as pernas estendidas. Segurava Vindicação, girando o tambor distraidamente e batendo na trava para travá-lo nas câmaras especiais. Tinha duas balas de cada tipo contra matabrumas no bolso e havia carregado uma para Lançamoedas e uma para Braços-de-Peltre nas câmaras especiais.

Ainda estava usando seu brinco.

Você queria que eu fizesse isso, pensou ele, dirigindo-se a Harmonia. Uma acusação contava como uma oração? *Bem, aqui estou eu. Espero um pouco de ajuda, se isso for aceitável para seu plano imortal*.

A caixa de carga estava ao lado dele. Conseguia ver por que a Casa Tekiel tinha tanto orgulho do trabalho que havia feito; seria ridiculamente difícil para os ladrões roubarem o cofre soldado. Tirá-lo do vagão exigiria horas cortando-o com um maçarico ou uma grande serra elétrica. Junto com a porta inteligente e a suposta existência de guardas, isso tornaria o roubo complicadíssimo, talvez impossível.

Sim, os Tekiel foram espertos. O problema era que estavam pensando no problema de maneira equivocada.

Waxillium puxou um pacote de seu casaco. A dinamite e o detonador que Wayne havia encontrado. Deixou o pacote ao lado dele, no chão, e olhou para o relógio de bolso. *Mais ou menos agora…*

O trem começou a diminuir a velocidade.

— Isso — disse Wayne, olhando pelos binóculos agachado no alto de uma encosta. — Ele tinha razão. Quer ver?

Marasi pegou o binóculo, nervosa. Os dois tinham chegado ali depois de um galope apressado para fora da cidade. Ela se sentia nua usando as calças de Ranette. *Totalmente* inadequado. Todos os homens por quem passassem olhariam suas pernas.

Talvez isso impeça que os Desaparecidos atirem, pensou, fazendo uma careta. *Vão ficar distraídos demais*. Ela levou o binóculo até os olhos. Ela e Wayne estavam no topo de uma colina na rota da ferrovia, fora da cidade. Era quase meia-noite quando o trem finalmente se aproximou.

Agora estava reduzindo a velocidade, e os freios causavam um chiado agudo e lançavam faíscas na

noite. Diante do trem, uma aparição fantasmagórica se aproximava na direção oposta, uma luz brilhante e cintilante na frente. Ela estremeceu. O trem fantasma.

— Wax vai ficar feliz — disse Wayne.

— Com o quê? — perguntou ela. — Com o fantasma?

— Não. Com as brumas.

Ela ficou surpresa, percebendo que as brumas se formavam no ar. Não era como uma neblina normal; não vinha do oceano. Crescia no ar, brotando como gelo num pedaço frio de metal. Ela se arrepiou quando as brumas começaram a envolvê-los, dando às lâmpadas dos postes lá embaixo um aspecto fantasmagórico.

Ela se concentrou no trem que se aproximava. Como tinha sido alertada sobre o que procurar e por causa de seu ângulo, conseguiu ver facilmente a verdade. *Era* uma isca. Uma fachada de locomotiva feita de madeira e acionada à mão.

— Como fazem a luz funcionar? — perguntou ela.

— Sei lá. Magia?

Ela bufou, tentando dar uma boa olhada no que estava por trás da estrutura.

— Deve ser algum tipo de bateria química. Eu li sobre isso… mas, Ferrugem e Ruína, é uma luz *poderosa*. Duvido que possa funcionar por muito tempo.

Quando o trem verdadeiro parou, alguns homens saltaram de suas laterais. A Casa Tekiel enviara guardas no trem, o que fez Marasi sorrir. Talvez o roubo não acontecesse.

A fachada do trem fantasma caiu.

— Ai, *desgraça* — disse Wayne.

— O que está…

Ela foi interrompida por uma série de tiros altos, incrivelmente rápidos, e saltou para trás por reflexo, agachando-se para se esquivar, embora nenhuma arma estivesse apontada para eles. Wayne puxou o binóculo, erguendo-o.

Marasi não conseguia enxergar o que acontecia através da escuridão e das brumas. E ficou feliz com isso. Os tiros continuaram, e ela ouviu homens gritando.

— Metralhadora rotatória — disse Wayne, baixinho. — Caramba, esse pessoal *não* está de brincadeira.

— Tenho que ajudar — disse Marasi, pegando a espingarda que Ranette lhe dera e que trazia pendurada no ombro. Era um modelo estranho, mas a mulher jurara que seria mais precisa do que qualquer coisa que Marasi já usara até então. Ela ergueu a espingarda. Se pudesse atingir os Desaparecidos…

Wayne pegou o cano da espingarda, abaixando-o com gentileza. A arma rotatória parou, e a noite silenciou.

— Não há nada que possa fazer, minha chapa, e não queremos chamar a atenção daquela maldita metralhadora. Além disso, acha mesmo que vai conseguir atingir um deles daqui?

— Atingi o alvo máximo a quinhentos passos.

— À noite? — perguntou Wayne. — Nas brumas?

Marasi ficou em silêncio. Em seguida, estendeu a mão e gesticulou com impaciência para o binóculo. Wayne o entregou, e ela observou seis homens saírem de trás do trem fantasma. Caminharam pelas laterais do trem verdadeiro com as armas prontas e vigilantes.

— Uma distração? — perguntou Wayne, observando.

— Lorde Waxillium acha que sim. Ele disse para… — Ele se calou.

Disse para observar o canal.

Ela se virou, repassando o canal com o binóculo. Algo grande e escuro estava flutuando nele. Coberto pelas brumas, parecia algum tipo de monstro gigantesco, um leviatã nadando em silêncio. Ele chegou ao meio do trem e parou. Uma perna escura, sombria, ergueu-se da massa preta. *Pelo Sobrevivente*, pensou ela, sentindo um calafrio. *Está vivo.*

Mas não… a perna era dura demais. Moveu-se para cima, girou para fora e desceu. Quando a coisa parou, a perna se prendeu na margem do canal. *Para estabilização,* percebeu Marasi. *É o que causou a depressão na terra que vimos mais cedo.*

Assim que a coisa… a máquina… se estabilizou, alguns homens foram pela escuridão até o vagão-cofre. Trabalharam por alguns momentos. Então, um grande braço saiu da massa escura no canal. Balançou sobre os trilhos, desceu, pegou o vagão-cofre inteiro e o *ergueu*.

Marasi se assustou. O vagão foi suspenso apenas um ou dois metros, mas foi suficiente. A máquina era um guindaste.

Os Desaparecidos que haviam desprendido os engates ajudaram a empurrar o vagão pela estreita faixa de terra na direção do canal. A massa preta tinha de ser uma barcaça. Marasi fez alguns cálculos rápidos na cabeça: para levantar um vagão como aquele, a barcaça precisava ser muito pesada e ter lastro considerável do outro lado.

Ela ergueu o binóculo e ficou feliz ao conseguir divisar outro braço de guindaste estendendo-se na outra direção e segurando uma espécie de peso. A barcaça afundou um pouco nas águas quando o vagão-cofre foi erguido, mas não tanto quanto Marasi havia imaginado. Provavelmente tinha sido projetada para se apoiar de alguma forma no fundo do canal, talvez houvesse uma parte extensível embaixo da barcaça. Isso, além do braço estabilizante, poderia ser suficiente.

— M-m-minha nossa… — sussurrou Wayne. — É realmente impressionante.

A máquina depositou o vagão inteiro sobre a barcaça e ergueu outra coisa. Algo grande e retangular. Ela já imaginava o que esperar. Uma réplica.

Marasi observou enquanto o vagão duplicado era abaixado até os trilhos. As conexões entre os vagões tornavam tudo *muito* capcioso, pois podiam arruinar o plano inteiro; se abaixassem o vagão do jeito errado, quebrariam um engate, e, quando o trem avançasse, metade dele ficaria nos trilhos. Isso tornaria mais óbvio o que havia acontecido. Os Desaparecidos em solo guiavam o processo.

Vários dos outros Desaparecidos estavam disparando pelas janelas de um vagão de passageiros um pouco adiante, provavelmente para impedir que as pessoas olhassem para fora. Contudo, considerando a curva que os trilhos faziam ao redor de uma colina cheia de árvores, seria muito difícil para qualquer um lá dentro ter uma boa visão do que estava acontecendo. A luz do trem fantasma desaparecera poucos momentos antes, e ela sabia que a locomotiva estava retrocedendo pelo trilho. Onde eles a escondiam? Talvez fosse colocada em outra barcaça depois de estar fora de visão, já bem à frente?

Os Desparecidos que estavam trabalhando perto da barcaça correram para subir de volta no veículo,

que estava se afastando para o centro do largo canal, onde ficava praticamente invisível na noite brumosa. Movia-se como uma sombra.

— Wayne! — disse ela, erguendo-se aos tropeços. — Precisamos ir.

Ele suspirou, levantando-se.

— Claro, claro.

— Waxillium está *naquele vagão*!

— Certo. Já percebeu como é ele quem quase sempre viaja no conforto, enquanto eu preciso fazer coisas como galopar ou andar o tempo todo? Não é muito justo.

Ela pendurou o rifle no ombro, descendo depressa a colina.

— Sabe, quando li seus relatórios, não imaginei que você reclamasse tanto.

— Ora, isso não é justo. Quero que saiba que me orgulho de minha postura alegre e otimista.

Ela parou, olhando para ele e erguendo uma sobrancelha.

— Orgulha-se disso?

Ele levou a mão ao peito, adotando um tom que soava quase sacerdotal.

— Sim, mas o orgulho é ruim, sabe? Faz tempo que estou tentando ser mais humilde. Rápido, rápido. Vamos perdê-los. Quer que Wax fique encurralado e sozinho? Por favor, mulher!

Ela balançou a cabeça, virou-se e continuou descendo a encosta na direção de onde haviam prendido seus cavalos.

Miles levantou-se com as mãos para trás, na frente da Máquina, enquanto ela deslizava silenciosamente pelo canal. Parte guindaste, parte barcaça, aquilo não era exatamente o que ele havia imaginado quando explicou o plano ao Sr. Elegante, mas era próximo.

Tinha orgulho do que fizera: não apenas se tornara ladrão, mas alguém que mexia com a imaginação das pessoas. O Sr. Elegante podia dizer o que quisesse sobre teatralidade, mas funcionava. Os policiais não tinham ideia de como ele estava realizando os roubos.

— Eles pegaram todos os seis guardas dos Tekiel, chefe — disse Tarson, aproximando-se dele. O braço já não estava na tipoia. Os prodígios de peltre curavam-se com rapidez; não com a velocidade de Miles, mas ainda era notável. Claro que os prodígios de peltre também podiam correr até a morte sem notar que seu corpo estava exausto. Era uma arte perigosa, que consumia os homens tão rapidamente quanto alomânticos consumiam metal.— Os maquinistas também. Eles pegaram mais alguns guardas no último vagão de passageiros tentando espiar como estávamos roubando a carga. Atiramos neles. Acho que isso significa que estamos a salvo.

— Ainda não — disse Miles, baixinho, encarando a escuridão diante dele enquanto singravam as brumas, movendo-se sobre dois lentos propulsores de giro embaixo da barcaça. — Waxillium sabe como fazemos os roubos.

Tarson hesitou.

— Hum… tem certeza?

— Sim — disse Miles, distraído. — Ele está dentro do vagão.

— O quê?! — Tarson virou-se, olhando para o grande vagão que estava no meio da barcaça. Miles conseguia ouvir os membros da equipe cobrindo-o com uma lona para escondê-lo quando se

aproximassem da cidade. Pareceria uma barcaça comum, os braços e o lastro escondidos sob outras lonas, trazendo um carregamento de pedra de uma das pedreiras de fora de Elendel. Miles tinha até mesmo um manifesto de embarque e uma autorização de atracação, além de algumas lonas que realmente escondiam pilhas de pedras cortadas com cuidado.

— Não sei que método ele usou — disse Miles. — Mas ele está aí dentro. Wax pensa como um vigilante. Essa é a melhor maneira de encontrar um esconderijo: ficar com a carga que será roubada, mesmo que não se saiba precisamente como será o roubo. — Ele parou. — Não. Ele deve ter imaginado como fazemos isso. Esse é o risco de ser bom como ele é. Ser bom como eu era. Você começa a pensar como um criminoso.

Na verdade, melhor que um criminoso.

De certa forma, era até surpreendente que não houvesse mais vigilantes mudando de lado e passando para o crime. Se uma pessoa vê algo sendo feito de forma errada com frequência, naturalmente vai querer vê-la por fim sendo feita corretamente. Miles havia começado a planejar esses roubos dez anos antes, quando percebeu que a segurança das ferrovias se concentrava nos vagões. No início, fora apenas um pensamento. Era outra coisa da qual se orgulhava. Havia roubado e o fizera bem. Muito bem. E as pessoas… Ele andava pela cidade, ouvia. Falavam com admiração dos Desaparecidos.

Nunca o tratavam assim nas Terras Brutas. Lá, eles o odiavam, embora ele os protegesse. Agora, eles o amavam, embora ele os roubasse. Não dava para entender as pessoas, mas era bom não ser odiado. Temido, sim, mas não odiado.

— Então, o que vamos fazer? — perguntou Tarson.

— Nada — respondeu Miles. — Wax provavelmente não sabe que eu sei que ele está lá. Isso nos dá uma vantagem.

— Mas…

— Não podemos abrir o vagão aqui — interrompeu Miles. — Esse é o cerne da questão. Precisaremos chegar ao esconderijo. — Ele fez uma pausa. — Embora pudéssemos simplesmente jogar o vagão inteiro no canal. É fundo o bastante para ele afundar por inteiro. Imagino se Wax tem um plano para abrir a porta se algo assim acontecer.

— Não acho que o Sr. Elegante gostaria que afundássemos o vagão, chefe — disse Tarson. — Não depois do que ele deve ter gastado para fazer aquela réplica.

— Sim. Infelizmente, o canal tem apenas quatro metros e meio de profundidade. Se jogássemos o vagão, não daria tempo de tirá-lo antes de o casco de outra embarcação colidir com ele, revelando o que fizemos. É uma pena.

A morte de Waxillium quase valeria a perda da carga. O Sr. Elegante não havia percebido o quanto o homem era perigoso. Ah, ele *fingia* que sim. Mas, se tivesse realmente percebido como Waxillium é perigoso, como é *eficiente*… bem, ele nunca teria permitido esse roubo. Teria impedido todas as operações e saído da cidade. E Miles teria concordado com isso, exceto por uma coisa.

Isso teria significado que não haveria confronto.

Eles seguiram pelo canal, carregando o vagão, sua carga e seu ocupante, quase como se Wax fosse um lorde em sua grande carruagem. Sua fortaleza quase impenetrável o protegia dos dez ou doze homens na barcaça que o teriam matado com alegria.

Os dois inspetores do Sr. Elegante — que chamavam a si mesmos de Empurrão e Puxão — juntaram-

se a Miles na frente da barcaça, mas ele não dirigiu a palavra aos dois. Juntos, avançaram por Elendel. As luzes da rua formavam linhas de fogo nas brumas, de um branco brilhante, correndo ao longo do canal. Outras luzes cintilavam no alto, as janelas dos prédios cobertas pelas brumas.

Alguns de seus homens estavam murmurando ali perto. As brumas eram consideradas um sinal de mau agouro pela maioria, embora ao menos duas das principais religiões as aceitassem como manifestações do divino. Miles nunca soube direito o que pensar sobre elas. Deixavam a Alomancia mais forte, ou assim alguns alegavam, mas suas capacidades já eram tão fortes quanto poderiam ser.

A Igreja do Sobrevivente ensinava que as brumas pertenciam a ele, a Kelsier, o Lorde das Brumas. Ele aparecia nas noites em que as brumas estavam espessas e dava sua bênção aos independentes, fossem eles ladrões, eruditos, anarquistas ou um fazendeiro que vivia da própria terra. Qualquer um que sobrevivesse sozinho, ou que pensasse por si, era alguém que seguia o Sobrevivente, soubesse ele ou não.

Essa é outra coisa de que o establishment *atual zomba*, pensou Miles. Muitos deles alegavam pertencer à Igreja do Sobrevivente, mas desencorajavam seus funcionários a pensarem por si. Miles balançou a cabeça. Bem, ele não seguia mais o Sobrevivente. Encontrara algo melhor, algo que parecia mais verdadeiro.

Eles passaram pelo círculo externo do Quarto e do Quinto Oitantes. Dois edifícios gigantescos tinham sido erguidos um diante do outro às margens do canal. Os topos desapareciam nas brumas. A Torre Tekiel ficava de um lado; o Espinha de Ferro, do outro.

A doca de expedição do Espinha de Ferro ficava ao lado de seu próprio braço do canal. Eles rumaram a barcaça para dentro dele, deslizando até parar, e, em seguida, usaram o guindaste fixo da doca para erguer o vagão escondido. Afinal, aquilo devia ser uma grande pilha de pedras. Lentamente, eles o elevaram, moveram e pousaram suavemente sobre a plataforma.

Miles saltou da barcaça e caminhou pela plataforma, acompanhado por Empurrão e Puxão. O restante dos homens o rodeou, parecendo muito satisfeitos; alguns estavam brincando com outros sobre o bônus que receberiam pelo roubo.

Clamps parecia perturbado e coçava as cicatrizes no pescoço. Era um sobrevivencialista, e suas cicatrizes eram uma marca de devoção. Tarson apenas abriu a boca cinzenta num bocejo largo e estalou os dedos.

A plataforma inteira sacudiu e começou a se mover, descendo um andar até a câmara de fundição. Assim que passaram, as portas acima se fecharam. A plataforma balançou de leve quando parou. Miles olhou de lado para o túnel longo que o Sr. Elegante dizia que, um dia, levaria trens subterrâneos à cidade. Parecia oco, vazio, sem vida.

— Enganchem as correntes — disse Miles, pulando para fora da plataforma. — Prendam o vagão no lugar.

— Não podemos simplesmente esperar? — perguntou Tarson, franzindo a testa. — A tranca vai se abrir em doze horas, certo?

— Em doze horas planejo estar longe daqui — disse Miles. — Wax e seu pessoal estão perto demais. Vamos abrir esse vagão, lidar com o que estiver aí dentro, pegar o alumínio e dar o fora. Vamos trabalhar. Arranquem a porta.

Os homens correram para obedecer, amarrando o vagão à parede com um número imenso de braçadeiras e correntes. Outro conjunto de correntes foi enganchado na porta do Nada-Quebra; essas

correntes foram enroladas no mesmo mecanismo elétrico de elevação que erguia e abaixava a plataforma. A plataforma sacudiu mais uma vez quando foi desengatada, e os motores foram conectados às correntes.

Miles foi até o armário de armas, selecionando duas pistolas de alumínio idênticas àquelas em seus coldres. Ficou perturbado ao perceber que havia apenas uma outra no armário. Tinham perdido uma fortuna em armas. Bem, ele só teria que providenciar para que Waxillium pagasse devidamente por isso. Miles andou a passos largos pela sala, as correntes estalavam no chão, os homens grunhiam. O ar cheirava ao coque usado nas fornalhas inativas.

— Armas a postos! — ordenou Miles. — Fiquem prontos para atirar no momento em que abrirmos essa coisa.

Os Desaparecidos se olharam, confusos, mas sacaram as armas. Havia cerca de doze homens ali, com alguns outros na reserva. Só para garantir. Nunca se devia pôr todas as balas na mesma arma quando Waxillium estivesse por perto.

— Mas, chefe, os relatos dizem que o trem saiu sem nenhum guarda dentro do vagão! — interpelou um dos Desaparecidos.

Miles inclinou a arma.

— Se você encontrar um prédio sem ratos, filho, pode ter certeza que algo mais perigoso os espantou.

— Você acha que ele está aí dentro? — perguntou Empurrão, num tom quase monótono, aproximando-se de Miles. Obviamente, ele não ouvira a conversa sobre Wax na barcaça.

Miles assentiu em silêncio.

— E você o trouxe até aqui.

Miles assentiu de novo.

O rosto de Empurrão ficou sombrio.

— Devia ter nos dito.

— Entregaram vocês a mim para me ajudar a lidar com ele — disse Miles. — Eu só queria que vocês, rapazes, tivessem essa chance. — Ele se virou. — Liguem o motor!

Um dos homens puxou a alavanca, e as correntes se estenderam. Gemeram, puxando a porta. O vagão rangeu, mas foi mantido no lugar pelas outras correntes atrás dele.

— Fiquem a postos! — gritou Miles. — Quando a porta se abrir, atirem em qualquer coisa que *tremer* dentro do vagão. Usem *apenas* alumínio e não economizem munição. Podemos recolher as balas mais tarde e refundir.

A porta do vagão entortou no batente, o metal gemeu. Miles e seus homens moveram-se para as laterais, longe do caminho das correntes. Três correram rapidamente para preparar a arma giratória, mas Miles acenou para pararem. Não tinham balas de alumínio para ela, então dispará-la poderia ser um desastre contra um Lançamoedas preparado.

Miles voltou a atenção para o vagão-cofre. Prendeu a respiração e sentiu o corpo ficar mais quente enquanto drenava poder da mente de metal. Não precisava respirar. Seu corpo se renovava a cada momento. Pararia suas batidas cardíacas se pudesse. Eram um aborrecimento quando estava tentando mirar.

Mesmo sem respirar, ele nunca tinha sido capaz de atirar tão bem quanto Wax. Claro que ninguém era capaz. O homem parecia ter uma capacidade inata para armas de fogo. Miles o vira acertar tiros que ele

teria jurado serem impossíveis. Parecia quase uma pena matar um homem desses. Seria como queimar uma pintura única, uma obra-prima.

Mas era o que precisava ser feito. Miles estendeu o braço, mirando. A porta continuou a entortar, e os elos das várias correntes começaram a se deformar. Mas havia correntes suficientes, e o motor era tão potente que as dobradiças da porta aos poucos se rompiam. Pedaços de metal se soltaram, parafusos estalaram e voaram pelo ar. Um bateu no rosto de Miles, rasgando a pele, mas o corte se regenerou imediatamente. Sem dor. Lembrava-se apenas vagamente da sensação de dor.

Em seguida, a porta soltou seu rangido final de morte, libertando-se e voando pela câmara. Caiu no chão e deslizou, soltando faíscas, enquanto o homem que estava na alavanca rapidamente desligava o motor. A porta parou entre os Desaparecidos, que miraram nervosamente para o interior escuro do vagão.

Vamos, Wax, pensou Miles. *Jogue suas cartas. Você veio até mim. Até meu covil, até minha toca. Você é meu agora.*

Pobre tolo. Wax nunca conseguia se segurar quando uma mulher estava em perigo.

Foi quando Miles percebeu o fio. Fino, quase invisível, que ia da porta caída até dentro do vagão. Deve ter sido amarrado à porta com muita folga. Quando arrancaram a porta, o fio não rompeu, mas ficou esticado. O que…

Miles olhou de novo para a porta caída. Fita. Dinamite.

Ah, que desgraça.

Alguém dentro do vagão, escondido atrás da caixa de alumínio, esticou o fio com um puxão repentino.

18

Lá fora, a câmara inteira balançou. Dentro, o vagão sacudiu, embora tivesse parecido que alguém fora gentil o bastante para prendê-lo no lugar, impedindo que Waxillium fosse chacoalhado demais. Ele segurou firme a corda que havia prendido nas paredes do vagão e manteve a cabeça baixa e Vindicação erguida, ao lado da orelha.

Assim que a onda explosiva passou, ele se jogou por cima da caixa e saiu agachado para a câmara. A fumaça rodopiava no ar; pedaços de pedra e aço estavam espalhados pelo chão. A maioria das luzes havia sido apagada pela explosão, e as que restaram balançavam loucamente, pintando a câmara com sombras desconcertantes.

Waxillium observou a devastação e fez uma contagem rápida. Ao menos quatro homens derrubados. Provavelmente teria atingido mais detonando a dinamite antes, mas temeu ferir inocentes. Precisou de um momento para olhar ao redor e garantir que Steris ou outros reféns não estavam por perto.

Waxillium *empurrou* um pedaço de metal, lançando-se para cima e para trás antes que os Desaparecidos pudessem mirar nele. Ele mirou Vindicação enquanto voava, acertando um homem que estava se levantando e sacudindo a cabeça. Aterrissou no topo do vagão e atirou mais duas vezes com precisão, matando mais dois Desaparecidos.

Uma figura desgrenhada se ergueu na lateral do salão, e Waxillium atirou antes de reconhecer Miles. O lado esquerdo do sobretudo e da camisa estavam em farrapos, mas ele já se recuperara e levantava sua arma.

Caramba, pensou Waxillium, agachando-se atrás do vagão. Esperava se ver em um esconderijo mais tradicional, com corredores estreitos e cantos escondidos, não naquele espaço aberto que parecia um curral feito de pedra. Seria difícil não ficar encurralado ali dentro.

Olhou pela lateral do vagão e foi recebido por uma saraivada de tiros vindos de quatro ou cinco lugares diferentes. Recuou, recarregando rapidamente Vindicação com balas comuns. Já estava cercado. Aquilo *não* estava indo bem.

Outra luz do salão piscou e se apagou. Focos de incêndio iniciados pela explosão iluminavam o salão com um brilho vermelho ancestral. Waxillium agachou-se, com Vindicação em punho. Nem se incomodou em criar uma bolha de aço; todos estavam disparando balas de alumínio.

Tinha apenas duas opções: ficar encurralado e ser morto quando eles rodeassem o vagão ou arriscar tomar um tiro quando saísse dali. E assim seria. Ele chutou para cima um pedaço de metal e o *empurrou* diante de si. O metal atraiu tiros enquanto ele saltava, *empurrando* atrás de si para erguer-se no ar. Ele se virou de lado, atirando enquanto voava, fazendo-o mais para forçar os inimigos a manter a cabeça abaixada, mas conseguiu acertar um antes de chegar ao chão e deslizar para a sombra de algumas caixas caídas.

Ele se endireitou e recarregou a arma com rapidez. Sentiu dor na lateral do corpo e viu que sangrava pela atadura. O vagão tinha sido preso ao fundo do salão. Ele avançara para a esquerda e terminara num canto ao fundo do salão, onde havia caixas empilhadas. Um pouco à frente dele, a parede se abria para algum tipo de túnel. Talvez ele pudesse correr para lá.

Ele saiu por um dos lados das caixas e acertou um dos Desaparecidos em cheio na testa. Em seguida, rolou para se esconder atrás de uma pilha maior de caixas.

Alguém estava se esgueirando à esquerda das caixas; ele conseguia ouvir os passos esmagando pedacinhos de escombros causados pela explosão. Waxillium ergueu a arma, deu um passo para o lado e atirou.

O homem de terno preto ergueu a mão com tranquilidade. Rastreando a bala com as linhas azuis de um alomântico, Waxillium conseguiu vê-la voar para trás e atingir a parede atrás dele. *Excelente. Um Lançamoedas*, pensou. Ele rolou o tambor de Vindicação, travando-o no lugar. Infelizmente, tiros de outros Desaparecidos forçaram-no a recuar antes que pudesse disparar a bala especial.

Aquele Lançamoedas estava próximo, e Waxillium precisava se mover logo. Agarrou alguns lenços com pesos que trazia nos bolsos e os jogou com *empurrões* para atrair os tiros e, em seguida, saiu pelo lado direito das caixas. Tinha que se manter em movimento. Era…

Ele se viu cara a cara com alguém que havia circundado a caixa para chegar até ele pela lateral. O homem magro tinha a pele cinzenta e usava o chapéu de Wayne.

Tarson, assim o chamaram no outro combate.

Seus olhos arregalaram-se, surpresos, e o homem desferiu um soco, sem se importar com o revólver que segurava. O homem tinha sangue koloss, talvez fosse um Braço de Peltre também, considerando como se recuperou facilmente dos tiros que levou. Homens como ele com frequência pensavam em socos primeiro e, depois, em armas.

Waxillium mal conseguiu recuar a tempo e sentiu o soco raspar a ponta do nariz e acertar uma das caixas, esmagando-a. Ele ergueu Vindicação, mas Tarson, movendo-se com rapidez sobrenatural, deu um tapa na arma, arrancando-a da mão de Wax. Sim, certamente era um Braço de Peltre. Homens com sangue koloss eram fortes, mas não tão ágeis.

Por reflexo, Waxillium *empurrou-se* para trás, pois enfrentar aquele homem mano a mano seria suicídio. Isso…

O telhado explodiu.

Bem, não o telhado todo. Apenas a parte acima de Waxillium, por onde o vagão parecia ter sido abaixado em alguma plataforma mecânica. Waxillium desviou quando pedaços de metal caíram e *empurrou* alguns para longe. Tiros irromperam lá de cima, e o Braço de Peltre desviou para trás quando algumas balas atingiram as caixas próximas.

Uma figura caiu lá de cima, usando um sobretudo e segurando um par de bastões de duelo. Wayne aterrissou com tudo ao lado de Waxillium, grunhindo de dor, e o brilho distinto de uma bolha de velocidade surgiu ao redor deles.

— Ai! — disse Wayne, rolando e esticando a perna, deixando-a curar-se da fratura.

— Você não precisava descer tão rápido — comentou Waxillium.

— Ah, é? Olhe para cima, cabeção.

Waxillium olhou para cima. Enquanto ele estivera lutando com o Braço de Peltre, o Lançamoedas de

terno preto tinha avançado. O homem estava aterrissando lentamente sobre as caixas, com um revólver na mão. Um sopro de fumaça se formou enquanto a bala saía devagar do cano. Apontada para a cabeça de Waxillium.

Waxillium estremeceu e deu um passo deliberado para o lado.

— Obrigado. E… “cabeção”?

— Estou tentando melhorar meus insultos — disse Wayne, levantando-se. — Gosta do sobretudo novo?

— *Por isso* você demorou tanto? Por favor, diga que você não foi fazer compras enquanto eu estava lutando pela minha vida.

— Tive que derrubar três desgraçados que estavam vigiando a entrada lá em cima — disse Wayne, girando os bastões de duelo. — Um deles tinha esta bela vestimenta sobre sua pessoa. — Ele hesitou. — Me atrasei um pouco porque estava tentando imaginar uma maneira de derrubá-lo sem estragar o sobretudo.

— Ótimo.

— Fiz Marasi atirar no pé dele — disse Wayne, com um sorrisinho. — Está pronto para ir em frente? Vou tentar pegar de jeito nosso amigo com sangue koloss ali.

— Cuidado — alertou Waxillium. — Ele é um Braço de Peltre.

— Que encanto. Você sempre me apresenta as pessoas mais adoráveis, Wax. Marasi vai nos cobrir lá de cima, mantendo os atiradores encurralados. Consegue lidar com o Lançamoedas?

— Se eu não conseguir, é hora de me aposentar.

— Ah... É assim que estão chamando “tomar tiro” hoje em dia? Vou me lembrar disso. Pronto?

— Vamos.

Wayne desfez a bolha de velocidade e rolou para a frente, surpreendendo o Braço de Peltre quando deu a volta nas caixas. A bala do Lançamoedas atingiu o chão. Waxillium saltou para pegar Vindicação, que havia caído em cima de uma caixa próxima quando fora arrancada de sua mão.

O Lançamoedas se moveu por reflexo, pulando e *empurrando* a arma. Ranette podia ser muitas coisas, mas rica não era, por isso Vindicação não era feita de alumínio. O *empurrão* do Lançamoedas lançou a arma na direção da cabeça de Waxillium. Ele xingou, desviando-se, e deixou a arma passar por ele. Tinha outras armas, claro, mas elas estavam carregadas apenas com balas comuns.

Imaginando que o Lançamoedas estava tentando bater a arma contra a parede para quebrá-la, Waxillium a *empurrou* para cima com toda a sua força, fazendo a arma subir pelo buraco no teto.

Waxillium seguiu-a, soltando uma bala e lançando-se atrás de sua arma. O Lançamoedas tentou atirar nele, mas um tiro bem dado por Marasi, que estava usando balas de alumínio, quase o acertou na cabeça e fez com que ele recuasse.

Waxillium passou por uma onda de brumas que entravam pela câmara como uma cachoeira. Ele irrompeu no céu noturno e brumoso e agarrou Vindicação no ar. *Empurrou-se* de lado, usando um poste de iluminação como apoio, quando as balas zuniram atrás dele, deixando traços nas brumas.

Ele bateu no prédio ao lado e agarrou-se, mas algo escuro se alçou no ar acima da câmara. O Lançamoedas. Outro homem usando roupas pretas o acompanhava, também algum tipo de alomântico, embora a trajetória de seu voo parecesse mais com a de um Atraidor.

Excelente. Waxillium apontou a arma para baixo e atirou uma bala comum no chão. Em seguida, *empurrou* para baixo enquanto diminuía seu peso e se erguia ainda mais no ar. Os outros dois o seguiram em saltos graciosos, e Waxillium girou o tambor de Vindicação, travando-o na câmara especial.

Adeus, pensou ele, atirando na cabeça do Lançamoedas.

Por puro acaso, o homem *empurrou-se* para o lado naquele momento. Não foi uma esquiva deliberada, apenas sorte. A bala rasgou as brumas, inútil, e passou pelo homem, que ergueu sua arma e deu alguns disparos, um deles pegando de raspão a lateral do braço de Waxillium.

Waxillium xingou quando seu sangue espirrou na noite escura e se *empurrou* para o lado, movendo-se erraticamente e evitando os disparos. *Idiota!*, pensou, furioso. *Não importa o quanto suas balas sejam boas se você não mirar com cuidado.*

Concentrou-se em não ser alcançado pelos dois, saltando para a frente e para trás na lateral do enorme Espinha de Ferro. O Lançamoedas movia-se em belos saltos atrás dele enquanto o Atraidor era mais direto e se *puxava* para a estrutura de aço do prédio em movimentos bruscos. Saltava para longe e depois se *puxava* para cima e de volta para o prédio, como uma versão estranha e inversa de rapel.

Os dois economizavam as balas, esperando pelo momento de dar um tiro certeiro. Waxillium fazia o mesmo, mas por um motivo diferente: não sabia se atirar neles adiantaria alguma coisa. Precisava carregar outra bala matabrumas. E, se possível, separar os dois alomânticos para poder lidar com um deles por vez.

Continuou subindo pelo edifício, *empurrando* o aço embaixo da pedra nos parapeitos onde aterrissava. Logo encontrou o mesmo problema que teve na primeira vez que escalou aquele prédio. Ele ficava mais estreito no topo, e, ao subir, Waxillium conseguia apenas se afastar, não se aproximar da estrutura. Dessa vez, não tinha suas escopetas. Tinha entregado a Tillaume.

Tinha aquela bala matabrumas, aquela feita para atingir um Braço de Peltre com mais força. Ele hesitou. Deveria guardá-la para o homem lá embaixo?

Não. Se morresse agora, não teria chance de enfrentar o homem lá embaixo. Waxillium estendeu a mão, puxando o gatilho e empurrando-se para trás. A bala não era tão forte quanto as que usava na escopeta, mas, leve como estava, empurrou-o para trás na direção do prédio.

O Lançamoedas passou por ele no ar, parecendo surpreso. O homem ergueu a arma, mas Waxillium atirou primeiro. Uma bala comum, mas o Lançamoedas foi forçado a *empurrá*-la para afastar o projétil. Waxillium *empurrou* ao mesmo tempo, e isso o lançou para o prédio. O Lançamoedas infeliz foi arremessado a céu aberto para longe da torre.

Ótimo, pensou Waxillium. A quase cem metros de altura, ele agarrou a fachada. Atirou para baixo, na direção do Atraidor, mas o homem estava *puxando* com cuidado. A bala de Waxillium traçou um arco e atingiu a placa no peito do Atraidor.

Waxillium hesitou por um instante e, em seguida, soltou a parede, equilibrando-se enquanto puxava o outro revólver do segundo coldre de ombro.

Ele o esvaziou, disparando seis tiros em sucessão rápida. O Atraidor virou-se, inclinando o peito na direção de Waxillium, e faíscas voaram enquanto as balas atingiam a placa peitoral. A sorte não estava ao lado de Waxillium; às vezes, era possível matar um Atraidor daquela forma, quando uma das balas ricocheteava na direção do rosto ou a placa peitoral se soltava. Não nessa noite.

Soltando um palavrão, Waxillium se lançou no ar e, em queda, passou pelo homem. O Atraidor saltou no ar atrás dele. Eles despencaram através das brumas.

Waxillium deu um tiro para baixo a fim de reduzir a velocidade pouco antes de atingir o chão. Precisava acertar um tiro no Atraidor no ângulo certo para…

Um segundo tiro estalou no ar, e o Atraidor gritou. Waxillium virou-se, erguendo a arma, mas o Atraidor caiu de cara no chão, já sangrando.

Marasi apareceu num arbusto perto dele.

— Ai! Parece que isso doeu. — Ela se encolheu, parecendo preocupada com o homem que acabara de acertar com um tiro de alumínio de sua espingarda.

— Doer é meio que a ideia, Marasi.

— Alvos não gritam.

— Tecnicamente, ele era um alvo também. *E agradeço muito a Wayne por ter pegado as balas erradas depois do jantar de casamento.* — Ele hesitou. O que estava esquecendo?

O Lançamoedas.

Waxillium xingou, soltando a pistola comum, que já estava vazia, e agarrando Marasi. Ele saltou pela abertura quando uma rajada de tiros veio das brumas, quase os acertando. Waxillium desceu com ela pela câmara, aterrissando suavemente.

A cena na câmara inferior estava caótica. Homens em frangalhos no chão, alguns mortos pela explosão, outros derrubados pelos tiros de Waxillium. Um grupo grande de Desaparecidos estava reunido perto do túnel à esquerda, atirando em Wayne, que estava em plena forma, queimando sua curvaliga como um louco. Ele aparecia, atraía tiros e, em seguida, desaparecia num borrão para reaparecer bem ao lado de onde estava. Gritava uns insultos quando as balas o erravam e se movia de novo.

Os atiradores tentavam adivinhar onde ele reapareceria, mas era em vão, pois Wayne conseguia reduzir o tempo, ver onde as balas acertariam e andar até um lugar onde elas não o atingiriam. Era preciso muita sorte e habilidade para acertar um Deslizante que percebesse sua presença.

Por mais impressionante que fosse, era uma tática de distração. Com tantos homens atirando nele, Wayne não podia arriscar uma aproximação. Tinha que esperar por um momento entre a criação das bolhas de velocidade, e, se estivesse perto demais dos homens, havia uma boa chance de conseguirem mirar e atingi-lo nos segundos em que ele estivesse exposto. Quanto mais tempo passasse, melhor os homens que atiravam nele perceberiam suas pausas. Se continuasse assim por muito tempo, seria atingido.

Waxillium analisou a cena e estendeu a mão para Marasi.

— Dinamite.

Ela entregou um estojo para ele.

— Encontre uma cobertura. Tente acertar aquele Lançamoedas quando ele descer atrás de nós. — Waxillium entrou correndo no salão, atirando sem olhar para o grupo de homens. Eles gritaram, esquivando-se para buscar cobertura. Waxillium alcançou Wayne no instante em que ele ergueu uma bolha de velocidade.

— Obrigado — disse Wayne. Trilhas de suor corriam pelas laterais do seu rosto, embora ele estivesse sorrindo.

— E o Braço de Peltre? — perguntou Waxillium.

— Lutamos até uma trégua — respondeu Wayne. — O desgraçado é *rápido*.

Waxillium concordou com a cabeça. Queimadores de peltre sempre causavam problemas para Wayne; ele podia se recuperar muito mais rápido, mas os poderes de um Braço de Peltre deixavam a pessoa rápida e forte. Numa luta mano a mano, Wayne ficava em desvantagem.

— Ele ainda está com meu chapéu da sorte — observou Wayne, meneando a cabeça para onde o homem de pele cinzenta estava, atrás do grupo de Desaparecidos, incentivando-os. — Aquele último grupo veio daquele túnel. Acho que tem mais homens lá embaixo. Não sei por que Miles não os trouxe para cá.

— Armas demais atirando num galpão deste tamanho. Muito arriscado para seus homens — disse Waxillium, olhando ao redor. — Ele quer ter reservas para tentar nos deixar exaustos. Aliás, onde está Miles?

— Tentando me flanquear — disse Wayne. — Acho que está escondido ao lado do vagão.

Wayne e ele estavam no centro da câmara; o vagão estava atrás deles, à esquerda, as caixas e caixotes e o túnel à direita.

Waxillium poderia chegar ao vagão com facilidade.

— Ótimo — disse ele. — Nosso primeiro plano para lidar com Miles ainda está de pé.

— Acho que não vai funcionar.

— É por isso que temos um segundo plano. Mas vamos esperar que esse funcione. Não gostaria de pôr Marasi ainda mais em perigo. — Waxillium ergueu a dinamite. Não tinha pavio. Era feita para ser explodida por um detonador. — Você pega aqueles homens. Eu pego Miles. Está pronto?

— Tô.

Waxillium jogou a dinamite, e Wayne derrubou a bolha de velocidade pouco antes de o explosivo atingir a borda. Qualquer objeto, especialmente os pequenos, que saísse de uma bolha de velocidade se desviava levemente de um jeito imprevisível. Por isso, disparar tiros dentro de uma delas era praticamente inútil.

Os Desaparecidos olharam de seus esconderijos. A dinamite caiu na direção deles. Waxillium ergueu Vindicação e disparou a última bala do tambor na dinamite.

A explosão sacudiu a sala, o som alto o bastante para deixar os ouvidos de Waxillium apitando. Ele se virou, ignorando o barulho, e viu Miles saindo detrás do vagão. Waxillium pegou um punhado de cartuchos e correu para o vagão-cofre, entrando rapidamente para ter cobertura enquanto recarregava a arma.

Uma figura escureceu a entrada um momento depois.

— Olá, Wax — disse Miles. Ele entrou no vagão-cofre.

— Olá, Miles. — Respirando fundo, Waxillium *empurrou* os ganchos de metal acima, que ele havia afixado ali para segurar as redes. Eles se soltaram, deixando cair as redes sobre Miles.

Enquanto Miles se remexia, surpreso, Waxillium *empurrou* os fechos presos às redes, arremessando-os para fora pelo buraco onde ficava a porta. O movimento puxou as redes, o que fez Miles perder o equilíbrio.

Ele caiu no chão do vagão e bateu a cabeça contra a caixa que continha a carga de alumínio. Isso provavelmente nem o deixou zonzo, mas a queda desajeitada *fez* com que ele soltasse a arma. Waxillium saltou para a frente, pegando a pistola e puxando-a para fora das redes. Em seguida, levantou-se, ofegante.

Miles debatia-se nas redes. Apesar de seus poderes incríveis de cura, ele não era mais forte que nenhum homem comum. O truque não era ma-tá-lo, apenas para incapacitá-lo. Waxillium avançou e teve a chance de aplicar uma atadura no braço. Não estava mal, mas sangrava mais do que gostaria.

Miles olhou para ele, acalmando-se. Em seguida, pôs a mão no bolso, tirou um estojo de charuto e puxou um bastão fino e pequeno de dinamite.

Waxillium ficou paralisado. Teve um lampejo horrível, percebendo o que aconteceria, seguido de uma onda de terror.

Ai, desgraça! Ele se jogou além de Miles, para fora do vagão. O salto desajeitado fez com que girasse no ar. Em um vislumbre, viu Miles arrancando a tampa detonadora da dinamite. O homem foi envolvido por uma explosão brilhante e poderosa, que lançou Waxillium para a frente como uma folha ao vento. Ele bateu com tudo no chão e perdeu a visão e a percepção por um instante. Voltou a si, ensanguentado, zonzo, rolando até parar. A cabeça zumbia. Não conseguia se mexer ou mesmo pensar, o coração palpitava no peito.

Uma figura estava em pé no vagão. A visão de Waxillium estava borrada demais para identificar qualquer coisa, mas ele sabia que era Miles. As roupas estavam rasgadas, grande parte havia sido arrancada do corpo, mas ele estava inteiro. Havia estourado a dinamite *na própria mão* para se libertar das redes.

Ferrugem e Ruína…, pensou Waxillium, tossindo. Quão ferido estava? Ele rolou de barriga para cima, entorpecido, o que não era um bom sinal.

— Existe alguma dúvida de que fui escolhido para algo grandioso? — berrou Miles. Waxillium mal conseguia ouvi-lo; seus ouvidos ficaram quase inúteis depois da explosão. — Por que mais eu teria este poder, Waxillium? Por que mais *nós* seríamos o que somos? E, ainda assim, deixamos outros governarem. Deixamos que baguncem nosso mundo enquanto não fazemos nada além de perseguir ladrõezinhos. — Miles saiu do vagão e andou a passos largos, de peito nu, as calças pendendo em farrapos. — Estou cansado de fazer o que a cidade me diz. Eu devia estar ajudando as pessoas, não entrando em lutas sem sentido, como prescrito pelos corruptos e os insensíveis.

Ele chegou a Waxillium, inclinando-se.

— Não consegue ver? Não consegue ver o trabalho importante que poderíamos estar fazendo? Não consegue ver que nós fomos *feitos* para isso, talvez até para governar? É quase como… como se nós, com os poderes que temos, fôssemos divinos. — Ele parecia estar quase implorando para Waxillium concordar, lhe dar razão.

Waxillium apenas tossiu.

— Ah — disse Miles, erguendo-se. Ele fechou a mão. — Acha que não sei que a única maneira de me conter é me amarrar? Descobri que uma pequena explosão pode servir muito bem a um homem. Guardo dinamite nos estojos de charuto. Pouca gente descobre. Você devia ter interrogado os criminosos que peguei lá nas Terras Brutas. Alguns deles tentaram me capturar com cordas.

— Eu… — Waxillium tossiu. Sua voz parecia estranha aos ouvidos. — Não poderia falar com nenhum dos criminosos que você pegou. Você matou todos, Miles.

— É mesmo — concordou Miles. Ele pegou Waxillium pelo ombro, fazendo com que ficasse em pé. — Vejo que você afastou minha arma quando saltou para fora do trem. Maravilha. — Ele socou Waxillium na barriga, fazendo com que soltasse um grunhido. Em seguida, Miles o deixou cair no chão e foi até uma arma que estava por perto.

Zonzo, mas sabendo que precisava se esconder, Waxillium cambaleou até se recompor. *Empurrou* contra uma parte da máquina e se lançou pela câmara até aterrissar ao lado das caixas, que haviam sido espalhadas na explosão, mas ainda ofereciam guarida.

Tossindo e sangrando, ele rastejou para trás delas e despencou.

Wayne girou entre dois Desaparecidos. Ele golpeou com os bastões de duelo, atingindo as costas de um dos homens. Foi recompensado com um estalo satisfatório. O homem caiu.

Wayne deu um sorriso, derrubando a bolha de velocidade. O outro homem, que havia ficado preso nela com ele, girou, tentando mirar em Wayne, mas, enquanto estava veloz, colocara-se sem querer no caminho de vários de seus camaradas que estavam atirando.

O Desaparecido caiu em meio a uma saraivada de balas. Wayne saltou para trás, erguendo outra bolha ao redor dele e de um Desaparecido, que pareceu confuso.

Tudo lá fora avançava devagar, as balas pararam no ar, os gritos desapareceram, suas ondas de som se espalhando quando atingiam a bolha de velocidade. Aquilo tudo causava efeitos estranhos ao som. Wayne girou e arrancou a arma das mãos do Desaparecido atrás dele. Então, avançou e acertou a ponta do bastão no pescoço do homem. Surpreso, o homem gorgolejou; Wayne o atingiu ao lado da cabeça, derrubando-o.

Ele recuou, ofegante, girando um dos bastões. Sua curvaliga estava acabando, então engoliu outro pedacinho. O último. Mais preocupantes eram suas mentes de metal, que estavam quase totalmente vazias. *De novo.* Odiava lutar daquele jeito. Um único tiro podia acabar com ele. Era tão frágil quanto… bem, todo mundo. Isso era perturbador.

Ele se aproximou do perímetro de sua bolha de velocidade, desejando que ela se movesse com ele. Aquele Braço de Peltre ainda estava usando seu chapéu da sorte; o homem havia se esgueirado para trás de uma proteção quando Wax jogara a dinamite e tinha acabado de reaparecer. Não parecia ter se ferido muito; alguns arranhões no rosto, o tipo de coisa que um Braço de Peltre podia ignorar. Isso não era bom, mas ao menos o chapéu estava bem.

O homem tinha começado a avançar na direção de Wayne, movendo-se com extrema lentidão, ainda assim mais rápido que os outros Desaparecidos. Era frustrante, mas Wayne sabia que precisava ficar longe do homem. Nunca havia derrubado um Braço de Peltre sem muita saúde armazenada. Era melhor continuar pulando, mantendo o homem confuso até Marasi ou Wax conseguirem dar uns tiros nele.

Wayne virou-se e examinou a área próxima, escolhendo onde deveria ficar quando derrubasse a bolha. Com tantas balas sendo disparadas, ele não queria…

Aquele era *Wax*?

Wayne assustou-se, percebendo apenas neste momento a forma ensanguentada de Waxillium arrastando-se pela sala, como num empurrão de aço. Wax estava seguindo na direção de um monte de caixas no fundo do salão, à esquerda de Wayne. Seu terno estava rasgado e queimado. Outra explosão? Wayne pensara ter ouvido alguma coisa, mas saltar de uma bolha de velocidade para outra pode realmente fazer um estrago na percepção dos sons.

Wax precisava dele. Era hora de terminar aquela luta, então. Wayne derrubou a bolha e correu. Contou até dois, ergueu outra bolha e desviou para a direita. Derrubou-a e continuou correndo, ouvindo as balas zunirem pelo ar onde ele estivera. Para os olhos daqueles que tentavam acompanhá-lo, ele era um borrão que aparecia imediatamente à direita de onde estava. Fez aquilo de novo, desviando para outra

direção, e derrubou a bolha.

Estava quase lá. Outra bolha e…

Algo atingiu seu braço. Sentiu o sangue antes da dor, por mais estranho que fosse. Xingou, cambaleando, e ergueu uma bolha de imediato.

Agarrou o braço. O sangue quente corria entre os dedos, e, em pânico, ele drenou a última gota de cura de sua mente de metal. Não foi suficiente para cicatrizar o ferimento de bala; na verdade, mal reduziu o sangramento. Ele se virou, percebendo outra bala prestes a atingir a bolha de velocidade. Saltou para o lado antes que ela tocasse o perímetro, zunisse no ar por um instante e atingisse o outro lado da bolha, perdendo velocidade e sendo desviada de um jeito errático na direção do teto.

Desgraça, pensou Wayne, amarrando uma atadura improvisada no braço ferido. *Alguém tem uma mira muito boa.* Ele olhou ao redor e viu o Lançamoedas ajoelhado ao lado da parede, segurando uma espingarda familiar e mirando em Wayne. A espingarda era aquela que Ranette dera a Marasi. *Bem, isso está se complicando mais rápido que uma queima de curvaliga.*

Ele teve um momento de hesitação. Wax estava caído. Mas Marasi… o que havia acontecido com ela? Wayne não conseguia vê-la em lugar nenhum, embora o Lançamoedas estivesse escondido ao lado de alguma máquina e usasse a arma da moça. Isso dizia muito.

Wax iria querer que ele fosse ajudar a garota.

Cerrando os dentes, Wayne virou-se e correu na direção do Lançamoedas.

Waxillium gemeu, esticou-se apesar da dor e puxou a pequena pistola de dois tiros que trazia no coldre de tornozelo. Tinha perdido Vindicação na explosão (Ranette o mataria por isso) e deixado a outra arma na superfície quando agarrou Marasi. Estava reduzido àquela arma.

Sem sucesso, tentou engatilhar a pequena pistola com a mão trêmula. Nem ousou tatear o corpo para examinar a extensão de seus ferimentos. A perna e o braço estavam esfolados.

A bruma continuava a descer pelo buraco lá em cima e quase havia coberto aquele lado do galpão. Em desespero, Waxillium percebeu que sua pistola de dois tiros havia sido danificada na explosão e que o cão não engatilhava mais. Não que ela fosse ser útil contra Miles.

Ele gemeu de novo, deitando a cabeça no chão.

Pensei que eu tivesse pedido um pouco de ajuda.

Uma voz o respondeu, distinta e inesperada.

E foi o que você recebeu, creio.

Waxillium se assustou.

Bem… então posso receber mais um pouco? Hum, por favor?

Preciso ter cuidado ao favorecer alguém, respondeu a voz dentro de sua mente. *Isso atrapalha o equilíbrio.*

Você é Deus. Favorecer não é meio que o objetivo?

Não, retrucou a voz. *O objetivo é a harmonia, criar um caminho para o máximo possível de pessoas fazerem suas escolhas.*

Waxillium ficou olhando para as brumas rodopiantes. O estouro o havia deixado mais zonzo do que ele pensava.

Você é divino, perguntou-lhe a voz, *como Miles alega de que os alomânticos são?*

Eu…, pensou Waxillium. *Se eu fosse, duvido que sentiria tanta dor.*

Então, o que você é?

Essa é uma conversa muito bizarra, pensou Waxillium em resposta.

Sim.

Como pode ver coisas como as que têm sido feitas pelos Desaparecidos e não fazer nada para ajudar?, perguntou Waxillium.

Eu fiz *algo para ajudar. Mandei você.*

Waxillium exalou, soprando as brumas diante dele. O que Miles dissera o incomodou. *Por que mais seríamos o que somos?*

Waxillium cerrou os dentes e se esforçou para se levantar. Sentia-se melhor nas brumas. Os ferimentos não pareciam tão ruins. A dor não parecia tão aguda. Mas ainda estava desarmado. Ainda encurralado. Ainda…

De repente, reconheceu a caixa diante dele. Era sua arca. Aquela que ele levara consigo quando partiu para as Terras Brutas vinte anos antes. Aquela surrada e envelhecida que trouxera de volta consigo para a cidade.

Aquela que ele havia enchido de armas naquela noite meses antes. Havia uma franja de um casaco de bruma pendendo para fora.

De nada, sussurrou a voz.

Marasi escondeu-se nas sombras atrás do vagão quebrado, ansiosa, com o coração aos pulos. O Lançamoedas tinha ido atrás dela depois do que ela fizera ao seu amigo. Com sua Alomancia, ele era capaz de vê-la para onde quer que ela corresse, apesar da escuridão e das brumas, então ela enfiou o rifle atrás de algumas caixas e se escondeu em outro lugar.

Parecia covardia, mas tinha funcionado. Ele havia atirado algumas vezes nas caixas e, em seguida, dado a volta, mas encontrara apenas a arma, parecendo perplexo. Obviamente esperava encontrá-la sangrando e morta.

Em vez disso, ela estava simplesmente desarmada. Tinha que conseguir uma arma, precisava fazer *alguma coisa*. Wayne tinha sido alvejado; atraiu o Lançamoedas, mas estava perdendo sangue quando ela o viu.

O galpão estava um caos, e isso a deixava desorientada. Wayne lhe dissera que os estojos de dinamite que tinham eram relativamente pequenos, mas detoná-los em espaços fechados ainda causava um ruído enorme e doloroso. Os tiros eram quase iguais; o ar cheirava a fumaça, e, quando os disparos não estavam soando, ela quase conseguia ouvir os homens gemendo, xingando e morrendo.

Além da luta no jantar de casamento, ela nunca tinha estado em qualquer tipo de batalha. Naquele momento, não sabia o que fazer e perdera até a noção de direção. O espaço estava escuro, iluminado apenas por chamas tremeluzentes, e as brumas formavam aparições ao redor.

Alguns dos Desaparecidos estavam encolhidos, juntos, vigiando a boca do túnel com o homem de sangue koloss. Ela mal conseguia divisá-los quando espreitava de seu esconderijo. Eles mantinham as armas erguidas. Ela não podia ir naquela direção.

Uma figura surgiu na escuridão perto dela, andando a passos largos, e Marasi mal segurou seu susto.

Reconheceu Miles Cem-vidas pela descrição: rosto estreito, cabelo escuro curto. Estava de peito nu, expondo um tórax poderoso. As calças estavam em frangalhos. Estava contando as balas de um revólver, e era o único na sala que não estava rastejando ou encolhido. Suas pernas chutavam as brumas, que agora cobriam o chão.

Parou ao lado dos Desaparecidos na boca do túnel e disse algo que ela não conseguiu ouvir. Eles se afastaram, recuando pela passagem. Miles não os seguiu. Em vez disso, atravessou a sala, aproximando-se de Marasi. Ela prendeu a respiração, esperando que ele passasse perto o bastante de seu esconderijo para…

Houve um farfalhar de pano, e o Lançamoedas pousou ao lado de Miles. Miles parou, levantando uma sobrancelha.

— Puxão está morto — disse o Lançamoedas. Marasi conseguia ouvi-lo com dificuldade, mas percebeu que sua voz estava tensa e raivosa. — Eu estava tentando acabar com o pequeno. Ele me faz caçá-lo o tempo todo pelo galpão.

— Acredito que já disse — disse Miles, com a voz alta e encorpada — que Wayne e Waxillium são como ratos. Caçá-los é inútil. Precisa atrai-los para você.

Marasi inclinou-se para a frente, respirando bem leve, mantendo o máximo de silêncio que conseguia. Miles estava perto. Mais alguns passos…

Miles fechou o revólver com um estalo.

— Waxillium rastejou para algum lugar. Eu o perdi, mas ele está ferido e desarmado. — Em seguida, Miles se virou e apontou o revólver diretamente para o esconderijo de Marasi. — Chame-o, por favor, Lady Marasi.

Ela ficou paralisada, sentindo uma pontada aguda de horror. O rosto de Miles estava calmo. Frio. Sem emoção. Ele a mataria sem pensar duas vezes.

— Chame-o — disse Miles, com mais firmeza. — Grite.

Ela abriu a boca, mas não saiu nada. Só conseguia encarar aquela arma. Seu treinamento na universidade lhe dizia para fazer o que lhe ordenavam e correr no momento em que o agressor se virasse. Mas ela não conseguia se mover.

As sombras cobertas de brumas num canto da sala começaram a se mexer. Ela tirou os olhos de Miles. Algo escuro moveu-se nas brumas. Um homem, erguendo-se.

As brumas pareciam se afastar. Waxillium estava lá, em pé, usando um casaco grande como um sobretudo, cortado em tiras abaixo da cintura. Um par de revólveres brilhava nos coldres da cintura, e ele tinha uma escopeta pousada em cada ombro. O rosto estava ensanguentado, mas ele sorria.

Sem dizer uma palavra, ele abaixou as escopetas e disparou contra o flanco de Miles.

19

Atirar em Miles era inútil, claro. O homem podia sobreviver a uma explosão de dinamite à queima-roupa, então também conseguia levar alguns tiros de escopeta.

Mas os tiros fizeram com que o Lançamoedas se *empurrasse* para longe, alarmado, e deixaram Miles salpicado de metal. Wax aumentou seu peso e *empurrou*, embora achasse difícil conseguir uma ancoragem nos estilhaços. Era difícil afetar com Alomancia qualquer metal que perfurasse o corpo de uma pessoa ou tocasse seu sangue.

Felizmente, o corpo de Miles o obrigava, pela cura em si, a livrar-se dos estilhaços. No instante em que os metais caíram, o *empurrão* de Wax encontrou apoio e arremessou Miles pelo galpão até bater na parede.

O Lançamoedas aterrissou do outro lado do galpão. Waxillium avançou, com o casaco de bruma revoando. Caramba, era bom usar aquele casaco de novo. Ele deslizou até parar ao lado de Marasi, buscando cobertura ao lado do vagão.

— Quase peguei ele — disse Marasi.

— Waxillium! — berrou Miles, a voz ecoando no galpão. — Tudo que você faz é se esquivar. Bem, saiba *de uma coisa*: meus homens foram matar a mulher que você veio salvar. Se quiser vê-la viva, entregue-se para mim. Nós…

A voz dele foi interrompida estranhamente. Wax franziu a testa quando algo se moveu atrás de Marasi. Ela deu um salto, e Wax apontou uma escopeta, mas, no fim das contas, era Wayne.

— Ei — disse ele, bufando. — Bela arma.

— Obrigado — disse Wax, encaixando-a no ombro e observando a bolha de velocidade ao redor dos três. Era o que havia parado a voz de Miles. — Seu braço?

Wayne olhou para a atadura ensanguentada ao redor do braço esquerdo.

— Não está bom. Estou sem cura e perdi um pouco de sangue. Estou vagaroso, Wax. Vagaroso demais. Você também parece bem espancado.

— Eu vou sobreviver. — A perna de Wax estava latejando, e o rosto, arranhado e machucado, mas ele se sentia surpreendentemente bem. Sempre se sentia assim nas brumas.

— As coisas que ele está dizendo... — interveio Marasi. — Acha que está dizendo a verdade?

— Talvez esteja, Wax — disse Wayne, com urgência. — Os camaradas que estavam a postos na frente do túnel desapareceram alguns tremores antes. Parecia que tinham alguma coisa importante para fazer.

— Miles *realmente* falou algo para eles — acrescentou Marasi.

— Desgraça — disse Wax, olhando pela lateral do vagão. Miles poderia estar blefando… por outro lado, talvez não estivesse. Não era um risco que Wax poderia assumir. — Aquele Lançamoedas vai dificultar as coisas. Precisamos derrubá-lo.

— O que aconteceu com a arma chique de Ranette? — perguntou Wayne.

— Não sei direito — disse Wax, com uma careta.

— Uau! Ela vai arrancar suas tripas, meu chapa.

— Vou pôr a culpa em você — disse Wax, ainda observando o Lançamoedas. — Ele é bom. Perigoso. Nunca vamos pegar Miles, a menos que aquele alomântico esteja morto.

— Mas você tem aquelas balas especiais — observou Marasi.

— Uma — disse Wax, deslizando uma escopeta no coldre dentro do casaco. Ele puxou a outra bala contra Lançamoedas. — Não acho que um revólver comum vai dispará-la. Eu…

Ele parou de falar ao olhar para Marasi. Ela estava erguendo uma sobrancelha para ele.

— Tudo bem — disse Wax. — Vocês dois conseguem manter Miles ocupado?

— Sem problema — respondeu Wayne.

— Então, vamos — disse Wax, respirando fundo. — Uma última tentativa.

Wayne fitou seus olhos e assentiu com a cabeça. Wax viu a tensão no rosto do amigo. Os dois estavam esfolados e ensanguentados, com pouco metal e mentes de metal drenadas.

Mas não era a primeira vez. E era assim que conseguiam brilhar ainda mais.

Quando a bolha de velocidade foi desfeita, Wax saiu de trás do vagão. Ele jogou a bala no ar diante dele e *empurrou* com um golpe de força. O Lançamoedas ergueu a mão com sua confiança casual, *empurrando*-a de volta a Wax.

O estojo e o projétil se libertaram e giraram na direção de Wax, que os desviou com facilidade, mas a ponta de cerâmica continuou em sua trajetória e acertou o Lançamoedas bem no olho.

Bendita seja, Ranette, pensou Wax, saltando e *empurrando* as moedas que estavam no bolso de um Desaparecido caído. Esse movimento o levou para dentro do túnel. Havia trilhos no chão, como se fosse feito para um trem.

Wax franziu a testa, perplexo, mas *empurrou*-os, lançando-se sem pensar para dentro da escuridão até chegar a uns degraus que levavam para cima. O teto ali era de madeira; um tipo de estrutura havia sido construído sobre o túnel. Ele avançou pelos degraus, que levavam para uma construção de madeira, talvez uma caserna ou um dormitório.

Wax sorriu; a dor dos ferimentos recuava ainda mais ao passo que ele ficava mais enérgico. Ouviu passos no chão de madeira no topo da escadaria. Estavam prontos para ele. Era uma armadilha, é claro.

Descobriu que não se importava. Tirou as duas escopetas, *empurrou* os pregos dos degraus e se lançou para o alto pela escadaria. Passou pelo primeiro andar e continuou na direção do segundo, pois preferia verificar lá em cima primeiro, depois embaixo. Se Steris estivesse sendo mantida ali, provavelmente estaria na parte de cima.

Agora, sim, estamos queimando metal, pensou Wax, avivando o metal, aumentando a energia. Ele jogou o ombro contra a porta no topo das escadas, irrompendo num corredor. Pés bateram nos degraus enquanto homens subiam atrás dele e outros saíram dos aposentos próximos, totalmente armados, sem usar nada de metal.

Wax sorriu, erguendo as escopetas. *Tudo bem. Vamos em frente.*

Wax *empurrou* com força os pregos nas tábuas do assoalho sob os homens, que erguiam armas de alumínio para ele. As tábuas se soltaram dos pregos, fazendo o chão tremer e atrapalhando a mira dos Desaparecidos. Ele se esquivou à direita, rolando do corredor para dentro de um cômodo. Levantou-se e girou, erguendo as duas escopetas na direção da porta.

Os Desaparecidos que subiram as escadas ficaram reunidos no corredor, diante da porta, e os braços de Wax recuaram quando começou a disparar as escopetas gêmeas. Ele *empurrou*, jogando os homens para trás e lançando-se pela janela. Aquele edifício era mais um antigo barracão de armazém, e não havia vidros nas janelas, apenas venezianas.

Wax estava ao ar livre. Havia um poste na rua escura, um pouco à esquerda. Ele o *empurrou* ao mesmo tempo que reduzia seu peso a quase nada. O *empurrão* o levou de volta contra a parte externa do prédio, onde ele aterrissou e meio que correu, meio que saltou em paralelo ao chão.

Chegando ao cômodo seguinte, *empurrou* outro poste de luz e atravessou a janela, espalhando madeira ao redor. Aterrissou e se virou na direção da parede entre ele e o aposento que acabara de deixar para trás.

Enfiou as escopetas nos coldres e pegou os revólveres, cruzando os braços para puxá-los. Eram as Sterrions feitas por Ranette, que estavam entre as melhores armas que já tivera. Ergueu-as e aumentou o peso. Em seguida, *empurrou* com força os pregos da parede diante dele.

A madeira barata explodiu, e a parede se desintegrou numa chuva de farpas e tábuas. Os pregos se tornaram tão mortais quanto balas quando voaram na direção dos homens no cômodo ao lado. Wax disparou, derrubando qualquer um que os pregos houvessem errado, numa tempestade de estilhaços, aço e chumbo.

Um clique à esquerda. Wax virou quando a maçaneta girou. Não esperou para ver quem estava atrás. Ele *empurrou* a maçaneta, arrancando-a de sua estrutura e fazendo-a atravessar a porta, acertando o Desaparecido que tentava entrar. A porta se soltou com força, e o infeliz atravessou o corredor e a parede. Como não havia cômodos do outro lado, ele foi arremessado na noite brumosa.

Wax pôs as Sterrions nos coldres, com os canos fumegantes, as câmaras vazias. Puxou as escopetas, rolou para o corredor e manteve-se agachado. Ergueu uma escopeta em cada direção. Alguns Desaparecidos perdidos subiram os degraus à direita dele; outro grupo estava erguendo as armas à esquerda.

Ele *empurrou* as duas alavancas de metal nas laterais das escopetas, engatilhando-as com Alomancia. Os cartuchos gastos caíram, e Waxillium disparou as escopetas enquanto *empurrava*, mandando balas, estilhaços e cartuchos gastos contra os Desaparecidos em ambos os lados.

O chão ao lado de Waxillium explodiu.

Ele xingou, lançando-se para a esquerda, quando uma saraivada de tiros vindos de baixo arremessou pedaços de madeira pelos ares. Estavam ficando espertos, disparando nele a partir do andar inferior. Ele se virou e correu, disparando contra o assoalho; as brumas se esgueiravam pelas paredes quebradas.

Devia haver outra dúzia de Desaparecidos lá embaixo. Muitos para acertar sem conseguir enxergá-los. Uma bala acertou de raspão sua coxa. Ele virou e se esquivou, saltando sobre os corpos caídos e partindo em disparada pelo corredor. Balas o perseguiram, arrebentando o chão. Os homens gritavam lá embaixo enquanto disparavam tudo que tinham.

Ele chegou à porta no fim do corredor. Estava trancada. Uma boa dose de peso aumentado, algum

impulso e um golpe usando o ombro resolveram o problema. Ele atravessou a porta e se viu num pequeno cômodo sem janelas e sem nenhuma outra porta.

Um homem pequeno e careca estava encolhido em um canto. Uma mulher com cabelo dourado e usando um vestido de baile amarrotado estava sentada num banco no fundo do cômodo, com os olhos vermelhos, o rosto emaciado. Steris. Pareceu extremamente embasbacada quando Wax passou pela porta quebrada com as faixas do casaco de bruma revoando ao redor dele. Ele *empurrou* alguns dos pregos no chão do corredor, fazendo as tábulas ali ondularem e atraindo a maior parte dos tiros.

— Lorde *Waxillium*? — disse Steris, chocada.

— Uma boa parte dele — respondeu, com uma expressão de dor. — Talvez tenha deixado um dedo do pé ou dois naquele corredor. — Ele olhou para o homem no canto. — Quem é você?

— Nouxil.

— O armeiro — disse Wax, jogando uma escopeta para ele.

— Não sou muito bom no tiro — disse o homem, parecendo aterrorizado. Algumas balas estouraram pelo chão entre eles. Os Desaparecidos perceberam que tinham sido enganados. Sabiam o que ele estava procurando.

— Não importa se você é bom de tiro — disse Wax, erguendo a mão vazia para o fundo da parede e estourando-a com um *empurrão* de peso aumentado. — Importa se você sabe nadar ou não.

— Como? Claro que sim. Mas por quê…

— Aguente firme — disse Wax quando mais tiros irromperam ao redor dele. Ele *empurrou* a escopeta nas mãos do armeiro, lançando-o pela abertura num arco de uns nove metros na direção do canal.

Wax girou, agarrando Steris enquanto ela se levantava.

— E as outras garotas? — perguntou.

— Não vi outras sequestradas — disse ela. — Os Desaparecidos insinuaram que foram levadas para outro lugar.

Ferrugem! pensou ele. Bem, até teve sorte ao encontrar Steris. Ele *empurrou* de leve os pregos no chão, propelindo a si e a Steris na direção do teto. Quando se aproximaram, ele se aproveitou do fato de que não importa o quanto um objeto é pesado quando o assunto é cair. Todos os objetos caíam à mesma velocidade. Isso significava que aumentar seu peso muitas vezes não afetaria sua movimentação.

Erguendo a escopeta, deu tiros concentrados na mesma região do teto. Em seguida, *empurrou* as balas, mas seu peso aumentado significava que o *empurrão* não o moveria muito, da mesma forma que um *empurrão* o afetava imensamente quando ele estava mais leve.

O resultado foi que ele continuou a subir com Steris, mas seu *empurrão* abriu um buraco no teto. Ele se fez incrivelmente leve e *empurrou* os pregos abaixo com mais força. Ele e Steris subiram pelo buraco que ele havia aberto, erguendo-se a doze ou quinze metros no ar. Ele girou no céu noturno, as franjas do casaco de bruma esvoaçando ao redor, com a escopeta bem presa num braço, e Steris no outro. As balas vindas debaixo rasgavam as brumas que rodavam ao redor deles.

Steris suspirou, agarrando-se a ele. Wax extraiu todo o peso que lhe restava, drenando completamente suas mentes de metal. Eram centenas e mais centenas de horas de reserva de peso, deixando-o pesado o suficiente para esmagar as pedras do calçamento se ele tentasse andar sobre elas. Do jeito estranho como a Feruquemia agia, ele não ficava mais denso, e as balas ainda o feririam com facilidade se o atingissem,

mas, com esse incrível aumento de peso, sua capacidade de *empurrar* crescia de forma inacreditável.

Usou esse peso para *empurrar* para baixo com toda a força que tinha. Havia inúmeras linhas de metal direcionadas para baixo. Pregos. Maçanetas. Armas. Utensílios pessoais.

O prédio tremeu, ondulou e *desmoronou* quando cada prego em sua estrutura foi empurrado para baixo como se impulsionado por uma arma giratória. Houve um barulho enorme. O prédio tombou para dentro do túnel sobre o qual havia sido construído.

O peso aumentado de Waxillium desapareceu em um instante, as mentes de metal drenadas de uma só vez. Wax deixou que a gravidade o levasse, e ele caiu pelas brumas, mantendo Steris agarrada a ele. Aterrissaram no meio dos escombros, na parte final do túnel. Madeira quebrada e fragmentos de mobília estavam espalhados no chão.

Três Desaparecidos estavam na boca do túnel, boquiabertos. Wax ergueu a escopeta, engatilhou-a com Alomancia e disparou contra eles. Eram os únicos que ainda estavam em pé. Todos os outros haviam sido esmagados dentro do túnel.

Um pequeno fogo tremulava num canto, onde uma lamparina havia caído. Sob sua luz, ele verificou Steris. As brumas se moviam ao redor deles, enchendo o túnel.

— Ai, pelo *Sobrevivente das Brumas*! — murmurou Steris, com as bochechas afogueadas, os olhos arregalados, os lábios entreabertos enquanto ela o segurava. Não parecia aterrorizada, mas sim excitada.

Você é uma mulher bizarra, Steris, pensou Wax.

— Você entende que não seguiu sua verdadeira vocação, Waxillium? — gritou uma voz de dentro do túnel escuro. Era Miles. — Você é um exército de um homem só. Você é um *desperdício* na vida que escolheu.

— Pegue isso — disse Wax suavemente para Steris, entregando a escopeta para ela. Ele a engatilhou. Restava uma bala. — Segure firme. Quero que corra até a delegacia. Fica na Décima Quinta com a Ruman. Se um dos Desaparecidos for atrás de você, atire com a escopeta.

— Mas…

— Não espero que você o acerte — disse Wax. — Ficarei atento ao som de um tiro.

Ela tentou responder, mas Wax se agachou para pôr seu centro de massa sob ela e depois *empurrou* cuidadosamente a escopeta, usando-a para elevá-la para fora do fosso. Ela aterrissou desajeitadamente, mas em segurança, e hesitou apenas um momento antes de correr para dentro das brumas.

Wax caminhou junto à parede, evitando ser iluminado por trás pelo fogo. Puxou uma Sterrion que estava em seu coldre e pegou algumas balas. Recarregou enquanto se agachava.

— Waxillium? — Miles chamou do fundo do túnel. — Se tiver acabado de brincar, talvez queira vir resolver as coisas.

Wax esgueirou-se até a boca do túnel e entrou. As brumas tinham enchido o lugar, dificultando a visão, o que também valeria para Miles. Ele avançou com cautela até enxergar a luz da grande oficina no fim, onde focos de incêndio ainda queimavam.

Àquela luz, ele conseguia identificar vagamente uma figura em pé, no túnel, apontando uma arma para a cabeça de uma mulher esguia. Marasi.

Waxillium ficou paralisado, seu pulso acelerou. Mas, não, aquilo era parte do plano. Estava perfeito. Exceto que…

— Sei que você está aí dentro — disse a voz de Miles. Outra figura se mexeu, jogando algumas tochas improvisadas na escuridão.

Com uma sensação congelante de horror, Waxillium percebeu que não era Miles quem estava segurando Marasi. Ele estava longe demais. O homem que segurava Marasi era aquele que chamavam de Tarson, o Braço de Peltre com sangue koloss.

Com o rosto iluminado pela luz tremeluzente da tocha, Marasi parecia apavorada. Os dedos de Waxillium pareciam melados no cabo do revólver. O Braço de Peltre foi cuidadoso ao manter Marasi entre ele e o lado do túnel onde estava Waxillium, com a arma atrás da cabeça da garota. Ele era atarracado e forte, mas não muito alto. Tinha vinte e poucos anos; como todos os de sangue koloss, ele continuava a crescer pelo resto da vida.

De qualquer forma, naquele momento, Waxillium não poderia colocá-lo sob sua mira. *Por Harmonia!*, pensou ele. *Está acontecendo de novo.*

Algo farfalhou na escuridão perto dele. Ele teve um sobressalto e quase atirou, mas reconheceu os traços do rosto de Wayne.

— Sinto muito por isso — sussurrou Wayne. — Quando ela foi pega, pensei que fosse Miles. E por isso eu…

— Está tudo bem — disse Waxillium, baixinho.

— O que faremos? — perguntou Wayne.

— Não sei.

— Você sempre sabe

Waxillium ficou em silêncio.

— Consigo ouvir vocês sussurrando! — gritou Miles. Ele caminhou para a frente e jogou outra tocha.

Só mais alguns passos, pensou Waxillium.

Miles parou onde estava, olhando as brumas que se esgueiravam com certa desconfiança. Marasi choramingou. Em seguida, ela tentou se debater, como havia feito no jantar de casamento.

— Nada disso — disse Tarson, segurando-a com cuidado. Ele disparou um tiro bem na frente do rosto dela e levou a arma para trás da cabeça da garota. Ela ficou estática.

Waxillium ergueu o revólver.

Não posso fazer isso. Não posso ver outra morrer. Não pelas minhas mãos.

— Tudo bem — gritou Miles. — Você quer me testar, Wax? Vou contar até três. Quando eu chegar ao três, Tarson vai atirar sem nenhum aviso. Um.

Ele vai atirar, percebeu Waxillium, sentindo-se impotente, culpado, sobrepujado. *Ele realmente vai atirar.* Miles não precisava de uma refém. Se ameaçá-la não levasse Waxillium até ele, então ele não se importaria em mantê-la viva.

— Dois.

Sangue nas paredes de tijolos. Um rosto sorridente.

— Wax? — sussurrou Wayne, parecendo agoniado.

Ah, Harmonia, se alguma vez eu precisei de você…

As brumas enrolaram-se em suas pernas.

— Tr…

— Wayne! — gritou Waxillium, levantando-se.

A bolha de velocidade se ergueu. Tarson atiraria em alguns momentos. Miles estava atrás dele, apontando com raiva. O fogo da tocha parecia congelado. Era como observar uma explosão acontecendo devagar. Waxillium ergueu a Sterrion e percebeu que seu braço estava incrivelmente firme.

Também estava firme no dia em que atirou em Lessie.

Ele tinha atirado nela com essa mesma arma

Suando, tentando banir essas imagens da cabeça, buscou um ponto livre para atirar em Tarson. Não havia. Ele poderia atingir Tarson, mas não num lugar que faria com que ele caísse de imediato. E, se Waxillium não acertasse no lugar certo, o homem atiraria em Marasi por reflexo.

Um tiro na cabeça era a melhor maneira de derrubar um Braço de Peltre. Porém, Waxillium não conseguia *enxergar* a cabeça. Podia atirar na arma? O rosto de Marasi estava no caminho. E nos joelhos? Ele poderia atingir um joelho. Não. Um Braço de Peltre ignoraria a maioria dos tiros; se o dano não fosse letal, ele ficaria em pé e atiraria.

Tinha que ser na cabeça.

Waxillium prendeu a respiração. *Esta é a arma mais precisa que já usei*, pensou ele. *Não posso ficar aqui, paralisado. Preciso agir.*

Preciso fazer alguma coisa.

O suor pingava de seu queixo. Ergueu a mão com um movimento rápido e apontou a Sterrion para o lado, fora da mira de Marasi ou Tarson. Wax disparou.

A bala saiu da bolha em um instante e atingiu o tempo mais lento. Ela se desviou, como as balas sempre faziam quando disparadas dentro de uma bolha de velocidade. Ele observou a bala partir, seguindo sua nova trajetória. Movia-se para a frente com lentidão, girando enquanto cortava o ar.

Wax tinha mirado com cuidado, esperando vários segundos excruciantes. Em seguida, avivou o aço.

— Derrube a bolha ao meu comando — sussurrou ele.

Wayne assentiu com a cabeça.

— *Agora*.

Wax disparou e *empurrou*.

A bolha de velocidade foi desfeita.

— … ês! — gritou Miles.

Uma pequena chuva de faíscas explodiu no ar quando a segunda bala de Wax, impulsionada a uma velocidade incrível pelo empurrão de aço, bateu na outra no meio do caminho e a desviou para o lado, colocando-a atrás de Marasi, na cabeça de Tarson.

E o Braço de Peltre caiu de imediato, a arma batendo no chão, os olhos opacos voltados para cima. Miles ficou boquiaberto. Marasi piscou e, em seguida, virou-se, levando os braços ao peito.

— Ai, que droga! — disse Wayne. — Tinha que *acertá-lo* na cabeça? Ele estava usando meu chapéu da sorte.

Miles recuperou-se e ergueu o revólver na direção de Wax, mas este se virou e atirou primeiro, acertando a mão de Miles e derrubando sua arma no chão. Wax atirou no revólver, mandando-o para o

fundo do galpão.

— Pare de fazer *isso!* — berrou Miles. — Seu desgra…

Wax deu um tiro na boca do homem, fazendo-o cambalear para trás e perder pedaços de dentes. Miles ainda usava os restos esfarrapados das calças.

— Alguém devia ter feito isso eras atrás — murmurou Wayne.

— Não vai durar — disse Wax, disparando no rosto de Miles de novo para tentar mantê-lo desorientado. — É hora de você partir, Wayne. O plano de segurança ainda se mantém.

— Tem certeza de que pegou todos, meu chapa?

— Tarson foi o último. — *É melhor eu não estar errado…*

— Pegue meu chapéu, se tiver oportunidade — disse Wayne, afastando-se enquanto Wax atirava novamente no rosto de Miles. Esse tiro mal o afetou, e o homem seminu avançou. Na direção de Marasi. Miles estava desarmado, mas seus olhos eram assassinos.

Wax correu, jogando a arma vazia em Miles e pegando um punhado de balas. Ele as *empurrou* na direção do antigo homem da lei. Uma cortou seu braço, outra se enterrou na barriga e saiu do outro lado, mas nenhuma se alojou de forma que Wax pudesse *empurrá*-la para jogar Miles para trás.

Wax chegou a Miles um instante antes de o oponente alcançar Marasi. Os dois caíram embolados no chão, em meio às brumas que rolavam por ali.

Wax agarrou Miles pelo ombro e começou a socá-lo. *Só… mantê-lo… ocupado…*

Miles mostrou um lampejo de diversão em meio ao aborrecimento. Ele tomou alguns murros. O punho de Wax começou a se ferir no processo. Wax poderia esmurrá-lo até seus dedos quebrarem e sua mão estar reduzida a um frangalho ensanguentado, mas Miles não ficaria pior do que estava.

— Eu sabia que você avançaria contra a garota — disse Wax, mantendo a atenção de Miles. — Você tem uma fala grandiloquente sobre justiça, mas, no fim das contas, é só um ladrãozinho.

Miles bufou e chutou Wax para longe. A dor se avivou no peito de Wax quando foi lançado para trás na parte enlameada do túnel. A água fria se espalhou ao redor dele, encharcando seu casaco de bruma.

Miles levantou-se, limpando um pouco de sangue de um ferimento já curado no lábio.

— Sabe o que é realmente triste, Wax? Eu entendo você. Eu me sentia como você. Pensava como você. Mas sempre havia aquela insatisfação distante, ruidosa por dentro. Como uma tempestade no horizonte.

Wax ficou em pé e desferiu um murro na altura dos rins de Miles, o que não causou nem um grunhido. Miles agarrou-o pelo braço, torcendo-o, fazendo com que seu ombro queimasse de dor. Wax arquejou, e Miles chutou a parte de trás de seu joelho e o derrubou novamente.

Quando Wax tentou rolar, Miles o pegou pelo colarinho da camisa e o levantou. Em seguida, desferiu um soco no rosto. Marasi assustou-se, embora tenha recebido ordens para ficar para trás. Ela já tinha feito sua parte.

O soco jogou Wax no chão, e ele sentiu gosto de sangue. Ferrugem e Ruína… seria uma sorte se sua mandíbula já não estivesse quebrada. Também sentiu que havia rompido algo no ombro.

Os ferimentos de repente pareceram pesar sobre ele. Não sabia se foram as brumas, alguma ação de Harmonia ou a simples adrenalina o que o ajudara a ignorá-los por um tempo. Mas ele não estava curado. Seu flanco gritava onde havia sido alvejado, e a perna e o braço queimavam e doíam pela explosão.

Havia tomado tiros de raspão na coxa e no braço. E agora o espancamento de Miles.

Aquilo o derrubou, e ele gemeu, encolhido, lutando para ao menos se manter consciente. Miles o levantou de novo, e Wax conseguiu acertar um golpe desesperado. De nada adiantou. Era muito, muito difícil enfrentar um homem que nem sequer se esquivava quando você o acertava.

Outro murro mandou Wax de volta ao chão, deixando-o com a cabeça zonza, os olhos vendo estrelas e lampejos de luz.

Miles agachou-se, falando no ouvido dele.

— A questão, Waxillium, é que eu sei que você sente o mesmo. Uma parte sua sabe que você está sendo usado, que ninguém se importa com os oprimidos. Você é apenas uma marionete. Pessoas são assassinadas todos os dias nesta cidade. Ao menos uma por dia. Sabia disso?

— Eu… — *Continue fazendo-o falar.* Ele rolou de costas, dolorido, fitando os olhos de Miles.

— Pessoas assassinadas todos os dias — repetiu Miles —, e o que foi que tirou você de sua "aposentadoria"? Um velho cão de guarda metido a aristocrata alvejado na cabeça. Você já parou para pensar em todas as outras pessoas que estão sendo mortas nas ruas? Os mendigos, as putas, os órfãos? Mortos pela falta de comida ou porque estavam no lugar errado ou porque tentaram algo estúpido.

— Você está tentando invocar para si o mandato do Sobrevivente — sussurrou Wax. — Mas não vai funcionar, Miles. Não estamos no Império Final. Um homem rico não pode matar um pobre apenas porque quer. Já somos melhores que isso.

— Ah! — disse Miles. — Eles fingem e mentem para se fazer de bonzinhos.

— Não — retrucou Waxillium. — Eles têm boas intenções e fazem as leis que impedem o pior… mas essas leis ainda não bastam. Não é a mesma coisa.

Miles chutou-o no flanco para mantê-lo no chão.

— Não me importo com o mandato do Sobrevivente. Encontrei algo melhor. Que não importa para você. Você é apenas uma espada, uma ferramenta que vai aonde apontam. Você fica arrasado por não poder impedir as coisas que sabe que deveria impedir. Não fica?

Eles se olharam. E, surpreendentemente, apesar da agonia, Waxillium se flagrou concordando com a cabeça. Honestamente. Ele ficava arrasado. E por isso o que havia acontecido a Miles o aterrorizava.

— Bem, alguém precisa fazer algo sobre isso — disse Miles.

Por Harmonia, pensou Waxillium. *Se Miles tivesse nascido no passado, nos dias anteriores aos nossos, ele teria sido um herói.*

— Vou começar a ajudá-los, Miles — comentou Waxillium. — Eu prometo para você.

Miles balançou a cabeça.

— Você não vai viver para tanto, Wax. Sinto muito.

De novo, ele o chutou. E de novo. E de novo.

Waxillium enrodilhou-se, com as mãos diante do rosto. Não podia lutar. Só tinha que aguentar. Mas a dor era cada vez maior. Era *terrível*.

— Pare! — disse a voz de Marasi. — Pare com isso, seu monstro!

Os chutes pararam. Waxillium a sentiu do seu lado, ajoelhando-se, pondo as mãos nos seus ombros.

Mulher tola. Deveria ter ficado para trás. Despercebida. Esse era o plano.

Miles estalou os dedos alto.

— Acho que eu deveria entregar você ao Elegante, garota. Você está na lista dele e pode substituir aquela que Waxillium libertou. Provavelmente vou ter que buscá-la outra vez.

— Por que homens tacanhos precisam destruir aquilo que sabem que é melhor e maior que eles? — disse Marasi, raivosa.

— Melhor do que eu? — perguntou Miles. — Isso daí? Ele não é tão bom, menina.

— O maior dos homens pode ser derrubado pelas coisas mais simples. Uma simples bala pode acabar com a vida do mais poderoso, mais capaz, mais seguro dos homens.

— Não comigo — retrucou Miles. — Balas não são nada para mim.

— Não — concordou ela. — Você vai ser derrubado por algo ainda mais simples.

— Pelo quê? — perguntou ele, divertido, a voz ficando mais próxima.

— Por mim — respondeu Marasi.

Miles gargalhou.

— Eu quero ver…

Ele parou de falar.

Waxillium entreabriu os olhos, encarando o túnel sobre o qual o prédio despencara. A luz inundava aquele fosso por cima, ficando mais clara a uma velocidade notável.

— Quem você trouxe? — perguntou Miles, nada impressionado. — Não vão chegar rápido o bastante. — Ele fez uma pausa. Waxillium virou a cabeça para o outro lado e viu o horror repentino no rosto de Miles. Ele finalmente tinha notado uma fronteira tremulante, uma pequena diferença no ar, como a distorção causada pelo calor que emana de uma rua quente.

Uma bolha de velocidade.

Miles virou-se para Marasi. Em seguida, correu para o limite da bolha, para longe da luz, tentando escapar.

A luz no túnel ficou mais brilhante, e borrões moveram-se por ali tão rápido que era impossível distinguir o que os causava.

Marasi derrubou a bolha. A luz do sol de um dia pleno descia pelo fosso distante, enchendo o túnel. À direita de onde a bolha fora formada, havia uma força de mais de cem policiais uniformizados. Wayne estava à frente deles, sorrindo, usando um uniforme de policial e um bigode falso.

— Peguem ele, rapazes! — disse, apontando.

Eles se moveram com cassetetes, sem nem sacarem as armas. Miles berrou, tentando se esquivar dos primeiros homens, esmurrando aqueles que punham as mãos nele. Não tinha rapidez suficiente e havia muitos deles. Em minutos, eles o seguraram no chão e prenderam seus braços com cordas.

Waxillium sentou-se com cuidado, um olho fechado pelo inchaço, o lábio sangrando, o flanco dolorido. Marasi ajoelhou-se ao lado dele, ansiosa.

— Você não deveria ter enfrentado Miles — disse Waxillium, sentindo gosto de sangue. — Se ele acabasse com você, teria sido o fim.

— Ora, fique quieto — disse ela. — Você não é o único que pode assumir riscos.

O plano de segurança que Waxillium havia criado era simples, mesmo que difícil. Começou com a

eliminação de todos os lacaios de Miles. Qualquer um, se vivo, poderia ter percebido o que significava a bolha de velocidade e atirado em Waxillium e em Marasi de fora. Não haveria nada que pudessem fazer para impedi-lo.

Mas, se os lacaios fossem tirados do jogo, e se Miles pudesse ser distraído por tempo suficiente enquanto a bolha fosse mantida em pé, Wayne conseguiria reunir uma força grande para cercar Miles enquanto ele estivesse indefeso. Ele nunca deixaria isso acontecer se suspeitasse de algo. Exceto dentro da bolha de velocidade.

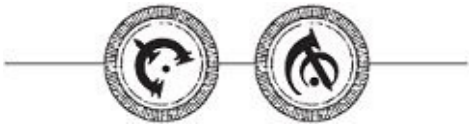
— Não! — gritou Miles. — Tirem as mãos de mim! Eu desafio sua opressão!

— Você é um tolo — disse Waxillium para ele, cuspindo sangue para o lado. — Você se permitiu ficar isolado e ser distraído, Miles. Esqueceu a primeira regra das Terras Brutas.

Miles gritou, e um dos policiais prendeu uma mordaça sobre sua boca e a amarrou com força.

— Quanto mais solitário você estiver — disse Waxillium, baixinho —, mais importante é ter alguém em quem possa confiar.

20



— O chefe de polícia decidiu não denunciar seu associado por fingir ser um agente da lei — disse Reddi.

Waxillium limpou o lábio com um lenço, sentado diante do policial na delegacia mais próxima do covil dos Desaparecidos. Sentia-se um lixo, com costelas quebradas e metade do corpo enrolado em ataduras. As cicatrizes daquela noite ficariam com ele.

— O chefe de polícia deveria ficar *feliz* pela ajuda do Lorde Waxillium — disse Marasi, com a voz firme. — Na verdade, ele deveria ter implorado pela ajuda do Lorde Waxillium desde o início. — Estava sentada ao lado dele no banco, toda protetora.

— Ele parece *mesmo* feliz — disse Reddi. Naquele momento em que Waxillium prestou mais atenção, percebeu como o policial não parava de olhar na direção de Brettin, o chefe de polícia, que estava do outro lado da sala. Os olhos de Reddi estreitaram-se levemente, com as pontas dos lábios apontadas para baixo. Ele estava perplexo com a reação calma de seu superior frente aos eventos.

Waxillium estava exausto demais para se importar com essa estranheza. Na verdade, era ótimo ver algo acontecendo em seu favor.

Reddi foi chamado por um dos outros policiais e saiu. Marasi pousou a mão no braço bom de Waxillium. Ele quase conseguia *sentir* a preocupação da moça no jeito que ela hesitava, no jeito que sua testa se franzia.

— Você foi bem — disse Waxillium. — Miles foi sua presa, Lady Marasi.

— Não fui eu quem teve de ser espancada.

— Ferimentos se curam — disse Waxillium —, mesmo num cavalo velho como eu. Vê-lo me atacar e não fazer nada… aposto que foi excruciante. Não sei se eu conseguiria aguentar se estivesse no seu lugar.

— Você conseguiria. Você é assim. É o homem que pensei que fosse, dos pés à cabeça, e, de alguma forma, ainda mais *real*. — Ela olhou para ele, com os olhos arregalados e lábios apertados. Como se quisesse dizer mais. Ele conseguiu ler as intenções naqueles olhos.

— Isso não vai funcionar, Lady Marasi — disse ele, com suavidade. — Fico grato por sua ajuda. Muito grato. Mas aquilo que você deseja que aconteça entre nós não é viável. Sinto muito.

Ela corou, como já era esperado.

— Claro. Eu não estava insinuando nada assim. — Ela forçou uma risada. — Por que você pensaria que… digo, é uma idiotice!

— Peço desculpas, então — disse ele. Embora, é claro, os dois soubessem o que a conversa havia significado. Ele sentiu um grande arrependimento. *Se eu fosse dez anos mais jovem…*

Não era pela idade. Era pelo que aqueles anos tinham feito com ele. Quando uma pessoa assiste à

mulher amada morrer por seu próprio tiro, quando vê um velho colega e um vigilante respeitado abraçar o mal, isso mexe com ela. Estilhaça por dentro. E *esses* ferimentos não se curam com a facilidade das feridas físicas.

Aquela mulher era jovem, cheia de vida, e não merecia alguém que era basicamente um monte de cicatrizes envolto numa pele ressecada pelo sol.

Por fim, o chefe de polícia Brettin aproximou-se deles. Tinha as costas eretas como antes, o chapéu de policial embaixo do braço.

— Lorde Waxillium — disse ele, com a voz monocórdia.

— Chefe de polícia.

— Por seus esforços, solicitei que o Senado lhe dê uma competência policial para agir dentro da cidade.

Waxillium piscou várias vezes, surpreso.

— Se não sabe o que significa — continuou Brettin —, isso lhe dará poderes de investigação e prisão, como se fosse um membro da força policial, algo suficiente para autorizar ações como as da noite passada.

— Isso é… muita consideração de sua parte — disse Waxillium.

— É uma das únicas maneiras de perdoar suas ações sem acabar com a reputação da delegacia. Coloquei uma data anterior na solicitação, e, se tivermos sorte, ninguém perceberá que estava trabalhando sozinho. Também não gostaria que o senhor sentisse que *precisa* trabalhar sozinho. Esta cidade pode ganhar com sua competência.

— Com todo o respeito, senhor — disse Waxillium —, essa é uma grande mudança em relação à sua posição anterior.

— Tive uma chance para mudar de opinião — comentou Brettin. — O senhor deve saber que logo vou me aposentar. Um novo chefe de polícia será nomeado para o meu lugar, mas vai ser instado a aceitar o mandato do Senado com relação ao senhor, caso esse pedido seja aceito.

— Eu… — Waxillium não sabia como responder. — Obrigado.

— É pelo bem da cidade. Claro que, se o senhor abusar desse privilégio, sem dúvida será revogado. — Brettin fez um aceno de cabeça desajeitado e se retirou.

Waxillium coçou o queixo, observando o homem. Algo decididamente estranho estava acontecendo ali. Era quase uma pessoa diferente. Wayne passou por ele, inclinando o chapéu da sorte, que estava ensanguentado de um lado, e sorriu quando se aproximou de Waxillium e Marasi.

— Aqui — disse Wayne, entregando algo às escondidas a Waxillium. Estava enrolado num lenço e era inesperadamente pesado. — Consegui outra daquelas armas.

Waxillium suspirou.

— Não se preocupe — disse Wayne. — Troquei por um cachecol realmente bonito.

— E onde conseguiu o cachecol?

— Com um dos camaradas que você alvejou — respondeu Wayne. — Então, não foi roubo. Ele não vai precisar dele, no fim das contas. — Wayne parecia bem orgulhoso de si.

Waxillium enfiou a arma no coldre vazio. O outro coldre carregava Vindicação. Marasi tinha vasculhado o esconderijo depois que Miles foi preso e recuperado a arma para ele. O que foi ótimo.

Teria sido triste sobreviver àquela noite apenas para ser morto por Ranette.

— Então — disse Marasi —, você trocou o cachecol de um defunto pela arma de outro defunto. Mas… a arma em si pertencia a alguém morto, então, pela mesma lógica…

— Nem tente — disse Waxillium. — A lógica não funciona com Wayne.

— Comprei uma proteção contra isso com um vidente itinerante — explicou Wayne. — Posso somar dois mais dois e entrar numa confusão.

— Eu… não tenho resposta para isso — disse Marasi.

— Tecnicamente isso *é* uma resposta — disse Wayne.

— Parece que pescaram aquele armeiro do canal, Wax. Ele está vivo. Não está muito feliz, mas está vivo.

— Alguém descobriu alguma coisa sobre as outras mulheres que foram sequestradas? — perguntou Waxillium.

Wayne olhou para Marasi, que negou com a cabeça.

— Nada. Talvez Miles saiba onde elas estão.

Se ele falar, Waxillium pensou. Miles havia deixado de sentir dor muito tempo antes. Waxillium não sabia direito como alguém procederia ao interrogá-lo.

Ele sentiu que, não tendo resgatado as outras mulheres, tinha falhado imensamente. Tinha jurado trazer Steris de volta, e trouxe, mas um mal maior havia sido feito.

Suspirou quando a porta do gabinete do capitão foi aberta, e Steris saiu de lá. Dois policiais seniores haviam tomado seu depoimento depois de ouvirem Waxillium e Wayne. Os dois policiais acenaram para Marasi, e ela foi até a sala, olhando para Waxillium lá atrás. Ele lhe disse para ser franca e direta e não esconder nada do que ele e Wayne haviam feito, mas, se pudesse, deveria omitir o papel de Ranette naqueles atos.

Wayne se juntou a alguns policiais, que estavam comendo seus sanduíches matutinos. Olharam-no com desconfiança, mas, por experiência, Waxillium sabia que logo estariam gargalhando com Wayne e o chamariam para se sentar. *Será que ele compreende o que faz?*, perguntou-se Waxillium enquanto Wayne começava a explicar como tinha sido a luta para os policiais. *Ou ele simplesmente faz isso por instinto?*

Waxillium observou-o por um momento antes de perceber que Steris se aproximara dele. Sentou-se na cadeira bem diante dele, mantendo a boa postura. Tinha arrumado o cabelo e, embora o vestido estivesse amarrotado depois do dia passado em cativeiro, parecia relativamente recomposta.

— Lorde Waxillium — disse ela. — Acho necessário lhe oferecer minha gratidão.

— Espero que essa necessidade não seja muito onerosa — disse Waxillium, com um grunhido.

— Apenas por se seguir… por ser exigida… depois de um cativeiro oneroso. O senhor precisa saber que não fui tocada de maneira indecente por meus captores. Permaneço pura.

— Ferrugem e Ruína, Steris! Fico feliz, mas eu não precisava saber disso.

— Precisava — disse ela, com o rosto impassível. — Supondo que o senhor ainda queira proceder com nossas núpcias.

— De qualquer forma, não importaria. Além disso, pensei que não estivéssemos nessa fase ainda. Nem mesmo anunciamos que estamos nos encontrando.

— Sim, embora eu acredite que possamos alterar nosso cronograma anterior. Veja, espera-se que um

resgate dramático como o que o senhor realizou crie uma efusão das minhas emoções. O que antes poderia ter sido um escândalo será visto como algo romântico. É plausível anunciar nosso noivado na próxima semana, e ele será aceito na alta sociedade sem preocupações ou comentários.

— Isso é bom, eu acho.

— Sim. Posso proceder com nosso contrato, então?

— Não se importa que eu tenha voltado às minhas maneiras brutas do passado?

— Prefiro pensar que eu estaria *morta* se não tivesse feito isso — disse Steris. — Não posso reclamar.

— Pretendo continuar — alertou Waxillium. — Não todos os dias. Não farei patrulhas nem nada disso. Mas recebi uma competência e uma oferta para me envolver nos assuntos policiais da cidade. Planejo assumir casos ocasionais que precisem de atenção extra.

— Todo cavalheiro precisa de um passatempo — disse ela, sem sobressaltos. — E, considerando os vícios de alguns homens que conheci, isso não seria problemático. — Ela se inclinou para a frente. — Em suma, milorde, vejo o senhor pelo que é. Nós dois já passamos do ponto de nossas vidas em que esperar uma mudança do outro seria realista. Vou aceitar o senhor, se o senhor me aceitar. Também tenho minhas falhas, como meus três pretendentes anteriores me explicaram, longamente, por escrito.

— Eu não sabia.

— Não é uma questão que mereça sua atenção — disse ela. — Embora eu ache que o senhor percebeu que não cheguei a esta união em potencial sem um tanto de desespero… sem querer ofendê-lo.

— Entendo.

Steris hesitou; em seguida, um pouco de sua frieza pareceu desaparecer. Um tanto de seu controle, de sua vontade grave, se enfraqueceu. De repente, pareceu cansada. Exausta. Então, por trás da máscara, ele viu algo que talvez fosse afeição por ele. Ela juntou as mãos diante do corpo.

— Não sou… boa com pessoas, Lorde Waxillium. Eu sei disso. No entanto, preciso enfatizar que o senhor tem minha gratidão pelo que fez. Digo isso do fundo de tudo que sou. Obrigada.

Ele encarou seus olhos e meneou a cabeça.

— Então? — disse ela, assumindo seu tom mais comercial. — Avançaremos com nosso compromisso?

Ele hesitou. Não havia motivo para não o fazer, mas uma parte dele descobriu que se achava um covarde. Das duas ofertas que recebera naquele dia, uma velada, a outra explícita, *essa* era a que ele estava contemplando?

Olhou para a sala onde Marasi estava relatando seu envolvimento naquela bagunça. Ela *era* fascinante. Linda, inteligente, motivada. Seguindo toda a lógica e razão, ele deveria ter se apaixonado completamente por ela.

Na verdade, ela o lembrava muito Lessie. Talvez fosse esse o problema.

— Avançaremos — disse ele, voltando-se para Steris.

EPÍLOGO

Marasi assistiu à execução de Miles.

Daius, o promotor sênior, aconselhou-a a não ir. Ele nunca assistia às execuções.

Ela ficou sentada numa sacada externa, sozinha, observando Miles subir os degraus até a plataforma de execução. Estava posicionada acima da área de execução.

Estreitou os olhos, lembrando-se de Miles naquele galpão subterrâneo, em meio às brumas e à escuridão, apontando uma arma para seu esconderijo. Naqueles dois dias, Marasi teve uma arma apontada para sua cabeça em três ocasiões, mas a única vez que realmente acreditou que morreria foi quando viu a expressão nos olhos de Miles. A cruel ausência de emoção, a superioridade.

Ela estremeceu. Havia passado menos de um dia e meio entre o ataque dos Desaparecidos no jantar de casamento e a captura de Miles. Ainda assim, ela sentiu que, durante aquele período, havia envelhecido duas décadas. Era como uma forma de Alomancia temporal, uma bolha de velocidade apenas ao redor dela. O mundo estava diferente agora. Ela quase fora assassinada, ela assassinou pela primeira vez, ela se apaixonou e foi rejeitada. E havia ajudado a condenar à morte um antigo herói das Terras Brutas.

Miles olhou com desprezo para os policiais que o amarraram ao poste. Tinha mantido a mesma expressão em grande parte do julgamento — o primeiro que Marasi ajudou a conduzir como advogada, embora Daius fosse o chefe do caso. O julgamento foi rápido, apesar da alta exposição e dos altos riscos. Miles não negou seus crimes.

Parecia que se enxergava como um imortal. Mesmo ali, em pé, sem suas mentes de metal, que haviam sido removidas, e com uma dúzia de espingardas engatilhadas e apontadas para ele, não parecia acreditar que morreria. A mente humana era muito boa em se enganar, em manter distante o desespero da inevitabilidade. Ela conhecia aquela expressão nos olhos de Miles. Todo homem a tinha quando jovem. E todo homem acabava vendo que era uma mentira.

As espingardas subiram aos ombros. Talvez nesse momento Miles finalmente reconhecesse aquela mentira. As armas dispararam. Marasi percebeu que estava satisfeita, e isso a perturbou imensamente.

Waxillium embarcou no trem em Portosseco. A perna ainda doía; ele caminhava com a ajuda de uma bengala e usava uma atadura ao redor do peito para sustentar as costelas quebradas. Uma semana não tinha sido suficiente para curá-lo do que havia enfrentado. Provavelmente não deveria ter saído da cama.

Mancou pelo corredor do luxuoso vagão da primeira classe, passando pelos compartimentos privativos belamente equipados. Contou até a terceira cabine enquanto o trem se punha em movimento. Entrou, deixando a porta aberta, e se sentou em uma das cadeiras estofadas à janela. Era afixada ao chão, diante de uma pequena mesa com um pé longo e único. Era curvado e fino, como o pescoço de uma

mulher.

Pouco tempo depois, ouviu passos no corredor. Eles hesitaram na entrada.

Waxillium observou a paisagem passando do lado de fora.

— Olá, tio — disse ele, virando-se para olhar para o homem à porta.

Lorde Edwarn Ladrian entrou no compartimento, apoiando-se numa bengala de marfim de baleia e usando roupas finas.

— Como me encontrou? — perguntou ele, sentando-se na outra cadeira.

— Por alguns dos Desaparecidos que interrogamos — disse Waxillium. — Eles descreveram um homem que Miles chamava de “Sr. Elegante”. Acho que ninguém mais o reconheceu pela descrição. Pelo que entendo, o senhor viveu como um ermitão durante a década anterior à sua “morte”. Exceto por suas cartas aos jornais sobre questões políticas, é claro.

Isso não respondia exatamente à pergunta. Waxillium tinha descoberto que aquele trem e aquela cabine correspondiam aos números escritos na caixa de charutos de Miles, aquela que Wayne havia encontrado. Rotas ferroviárias. Todas as outras pessoas achavam que eram números dos trens que os Desaparecidos estavam planejando atacar, mas Waxillium vira um padrão diferente. Miles estava rastreando os movimentos do Sr. Elegante.

— Interessante — disse Lorde Edwarn.

Pegou um lenço que trazia no bolso e limpou os dedos quando um garçom entrou, trazendo uma bandeja de comida e deixando-a na mesa diante dele. Outro serviu vinho. Ele acenou para esperarem do lado de fora.

— Onde está Telsin? — perguntou Waxillium.

— Sua irmã está a salvo.

Waxillium fechou os olhos e lutou contra uma onda de emoções. Achava que a irmã havia morrido no acidente que supostamente tirara a vida do tio, mas tinha lidado com suas emoções. Fazia anos que não via Telsin.

Por que, então, a descoberta de que estava viva era tão poderosamente significativa para ele? Não conseguia definir *quais* emoções estava sentindo.

Forçou-se a abrir os olhos. Lorde Edwarn o observava, segurando uma taça de vinho branco cristalino entre os dedos.

— Você suspeitava — disse Edwarn. — Desde o início, você suspeitava de que eu não estava morto. Foi por isso que reconheceu a descrição que aqueles rufiões conseguiram dar, qualquer que tenha sido. Mudei o estilo das roupas, o corte de cabelo e até raspei a barba.

— Não deveria ter enviado seu mordomo para me matar — disse Waxillium. — Era um empregado da família de longa data e estava disposto demais a me matar para ter sido contratado pelos Desaparecidos pouco tempo antes. Ou seja, ele estava trabalhando para outra pessoa e já por algum tempo. A resposta mais simples era que ele ainda estava trabalhando para a pessoa a quem servia havia anos.

— Ah. É claro que você não devia saber que ele causou a explosão.

— Eu não deveria ter sobrevivido, você quer dizer?

Lorde Ladrian deu de ombros.

— Por quê? — perguntou Waxillium, inclinando-se para a frente. — Por que me trazer de volta só para me matar? Por que não procurar outra pessoa para assumir o título da casa?

— Hinston assumiria — disse Lorde Ladrian, passando manteiga num pãozinho. — Sua doença foi… uma infelicidade. Os planos já estavam em andamento. Não tive tempo para buscar outras opções. Além disso, eu esperava, obviamente sem motivo, que você tivesse superado sua noção infantil de moralidade. Esperava que você fosse um recurso para mim.

Ferrugem e Ruína, eu odeio este homem!, pensou Waxillium enquanto lembranças de infância retornavam. Tinha ido para as Terras Brutas, em parte, para escapar daquela voz condescendente.

— Eu vim para saber das outras quatro mulheres sequestradas — disse Waxillium.

Lorde Ladrian tomou um gole de vinho.

— Acha que vou entregá-las assim, sem mais nem menos?

— Acho. Do contrário, vou expor você.

— Vá em frente! — Lorde Ladrian pareceu se divertir. — Algumas pessoas vão acreditar em você. Outros vão pensar que é louco. Nenhuma reação vai atrapalhar a mim ou aos meus colegas.

— Porque você já foi derrotado — retrucou Waxillium.

Lorde Ladrian quase engasgou com o pãozinho. Ele gargalhou, levando-o à mesa.

— É isso que você acha?

— Os Desaparecidos acabaram — alegou Waxillium. — Miles está sendo executado neste momento, e eu sei que você o financiava. Confiscamos as mercadorias que vocês roubaram, então não ganharam nada aí. Obviamente, vocês não tinham muito no que diz respeito a recursos. Do contrário, não precisariam de Miles e de seu bando para os roubos.

— Eu garanto a você, Waxillium, que estamos *bastante* bem. Obrigado. E você não vai encontrar provas de que eu ou meus associados tivemos qualquer coisa a ver com os roubos. Alugamos o espaço para Miles, mas como poderíamos saber o que ele estava aprontando? Por Harmonia! Ele era um vigilante respeitado.

— Você levou as mulheres.

— Não há provas. Apenas especulação de sua parte. Alguns dos Desaparecidos vão jurar até a morte que Miles estuprou e matou as mulheres. Sei, com certeza, que um deles sobreviveu. Embora eu *ainda* esteja curioso para saber como você me encontrou aqui, neste trem em particular.

Waxillium não respondeu àquela pergunta.

— Sei que você está arruinado — disse ele. — Diga o que disser, posso ver que está arruinado. Entregue as mulheres e minha irmã. Vou recomendar aos juízes que mostrem complacência. Sim, você financiou um grupo de ladrões num investimento de alto risco, mas disse explicitamente a eles para não machucarem ninguém, e não foi você quem apertou o gatilho e matou Peterus. Desconfio de que vai escapar da execução.

— Você supõe tantas coisas, Waxillium — disse Lorde Ladrian. Ele enfiou a mão no bolso do casaco e tirou um jornal dobrado e uma caderneta de anotações fina, com capa de couro preto. Ele os pôs sobre a mesa, o jornal por cima. — Financiar um grupo de ladrões num investimento de alto risco? Você acha *mesmo* que se trata disso?

— E de sequestrar mulheres — respondeu Waxillium. — Provavelmente como um meio de extorquir

suas famílias.

Essa última parte era mentira. Waxillium não tinha acreditado, nem por um momento, que se tratava de extorsão. Seu tio estava planejando algo, e, considerando as linhagens familiares daquelas mulheres, Waxillium suspeitava de que Marasi estava certa. Era uma questão de Alomancia.

Ele nutria uma esperança de que o tio não estivesse envolvido na… procriação direta. A simples ideia o deixava desconfortável. Talvez Ladrian estivesse simplesmente vendendo as mulheres para outras pessoas.

Ter esperança nisso… que absurdo.

Ladrian bateu com o dedo no jornal. A manchete era sobre uma notícia que estava correndo pela cidade. A Casa Tekiel estava à beira do colapso. Sua reputação tinha sido muito desgastada depois do roubo da última semana, embora a carga tivesse sido recuperada. Isso, misturado a outros sérios problemas financeiros…

Outros sérios problemas financeiros.

Waxillium examinou o jornal. O principal negócio da Casa Tekiel era segurança. Seguros. *Ferrugem e Ruína!*, pensou ele, fazendo a ligação.

— Uma série de ataques direcionados — disse Ladrian, inclinando-se, parecendo satisfeito consigo mesmo. — A Casa Tekiel está condenada. Eles devem pagamentos por prejuízos vultuosos demais. Esses ataques e os sinistros a pagar devastaram a casa e sua integridade financeira. Os acionistas estavam vendendo suas ações por trocados. Você alegou que minhas finanças estavam ruins, mas só porque elas têm sido direcionadas a uma tarefa específica. Já parou para pensar em por que sua casa está falida?

— Você levou tudo — disse Waxillium. — Você desviou as finanças da casa para… alguma coisa. Algum lugar.

— Acabamos de conquistar o controle de uma das instituições financeiras mais poderosas da cidade — disse Ladrian. — Os materiais roubados estão sendo devolvidos, então, ainda que tenhamos que assumir as dívidas de Tekiel por comprá-los, os sinistros pelas mercadorias perdidas serão anulados. Eu *sempre* esperei que Miles fosse capturado. Esse plano não funcionaria de outra forma.

Waxillium fechou os olhos, sentindo medo. *Estive caçando galinhas o tempo todo*, percebeu. *Enquanto alguém roubava os cavalos.* Aquilo não tinha a ver com roubos ou mesmo com sequestros.

Tinha a ver com uma fraude de seguros.

— Precisávamos apenas de um desaparecimento *temporário* das mercadorias — disse Edwarn. — E tudo funcionou à perfeição. Obrigado.

As balas atravessaram o corpo de Miles. Marasi assistiu, prendendo a respiração e forçando-se a não desviar o olhar. Era hora de parar de ser uma criança.

Ele foi alvejado de novo. Os olhos de Marasi continuaram abertos, os nervos fortalecidos. Ela conseguiu assistir com horror quando os ferimentos começaram a se curar, o que deveria ser impossível. Eles o revistaram com cuidado à procura de mentes de metal. Ainda assim, os buracos de bala se fechavam, e o sorriso do homem se alargava, os olhos selvagens.

— Seus idiotas! — gritou Miles para o esquadrão de execução. — Um dia, os homens de dourado e vermelho, portadores do metal final, *virão* até vocês. E vocês *serão* governados por eles.

Atiraram de novo. Mais balas perfuraram Miles. Os ferimentos fecharam-se de novo, mas não até o

fim. Ele não tinha cura suficiente armazenada em qualquer que fosse a última mente de metal que havia escondido. Marasi flagrou-se estremecendo quando uma quarta saraivada atingiu o corpo do homem, fazendo-o convulsionar.

— Adorai — disse Miles, a voz falhando, a boca vazando sangue. — Adorai Trell e esperai…

A quinta saraivada de balas o acertou, e, dessa vez, nenhum dos ferimentos se curou. O corpo de Miles amoleceu nas amarras, os olhos abertos e sem vida, encarando o chão diante dele.

Os policiais pareciam extremamente perturbados. Um deles correu até lá para verificar a pulsação de Miles. Marasi sentiu um arrepio. Até o fim, Miles não parecia ter aceitado a morte.

Mas agora ele *estava* morto. Um Criassangue como ele podia se curar repetidamente, mas, se parasse de se curar, se deixassem os ferimentos o consumirem, morreria como qualquer outra pessoa. Apenas para garantir, o policial mais próximo ergueu uma pistola e acertou Miles três vezes na lateral da cabeça. Isso foi tão abominável que Marasi precisou desviar o olhar.

Havia acabado. Miles Cem-vidas estava morto.

No entanto, ao se afastar, viu uma figura observando a cena das sombras lá embaixo, ignorada pelos policiais. Ele se afastou, usando uma túnica preta que revoava, e passou pelo portão que levava até o beco.

— Não se trata apenas dos seguros — disse Waxillium, fitando os olhos de Edwarn. — Você levou as mulheres.

Edwarn Ladrian não disse uma palavra.

— Vou parar você, tio — disse Waxillium, baixinho. — Não sei o que está fazendo com essas mulheres, mas *vou* encontrar uma maneira de pará-lo.

— Ah, por favor, Waxillium — disse Edwarn. — Seu senso de justiça já era cansativo quando você era um jovenzinho. Sua herança deveria ter sido suficiente para que você agisse melhor nesse quesito.

— Minha herança?

— Você pertence a uma linhagem nobre — disse Ladrian. — Remonta diretamente ao próprio Conselheiro dos Deuses. É um Duplonato e um alomântico poderoso. Foi com muito pesar que ordenei sua morte, e só fiz isso sob pressão de meus colegas. Desconfiava, e até esperava, que você sobrevivesse. Este mundo precisa de você. De nós.

— Está parecendo Miles — comentou Waxillium, surpreso.

— Não — disse Ladrian. — Ele se parecia *comigo*. — Ele enfiou o lenço na gola da camisa e começou a jantar. — Mas você não está pronto. Vou providenciar para que receba as informações adequadas. Por ora, você pode se retirar para pensar sobre o que eu lhe disse.

— Acho que não — disse Waxillium, enfiando a mão no casaco para pegar um revólver.

Ladrian ergueu os olhos com uma expressão piedosa. Waxillium ouviu gatilhos sendo acionados e olhou para o lado, onde vários jovens usando ternos pretos estavam reunidos no corredor. Nenhum deles usava metal no corpo.

— Tenho quase vinte alomânticos dentro deste trem, Waxillium — disse Edwarn, com a voz fria. — E você está ferido, mal consegue andar. Não tem uma centelha de prova contra mim. Tem certeza de que essa é uma luta que você deseja iniciar?

Waxillium hesitou. Em seguida, grunhiu e, com um gesto, varreu a refeição da mesa do tio. Pratos e

comida voaram para o chão com estrondo quando Waxillium se curvou para a frente, enfurecido.

— Um dia, vou matar você, tio.

Edwarn recostou-se, tranquilo.

— Levem-no para o fundo do trem. Joguem-no para fora. Tenha um bom dia, Waxillium.

Waxillium tentou alcançar o tio, mas os homens se adiantaram, agarraram-no e puxaram-no para fora. Seu flanco e sua perna queimaram de dor. Edwarn tinha razão numa coisa: aquele não era um dia para lutar.

Mas esse dia *chegaria*.

Waxillium deixou-se arrastar pelo corredor. Os homens abriram a última porta no fim do trem e o jogaram para fora na direção dos trilhos. Ele usou a Alomancia, como eles não duvidavam que faria, e aterrissou, vendo o trem se afastar.

Marasi irrompeu no beco ao lado do prédio da delegacia. Ela sentia algo incômodo dentro dela, uma curiosidade poderosa que não conseguia descrever. *Precisava* descobrir quem era aquela figura.

Teve um vislumbre da barra de uma túnica preta desaparecendo na esquina. Correu atrás dela, segurando a bolsa com firmeza e pegando o pequeno revólver que Waxillium lhe dera.

O que estou fazendo?, uma parte de sua mente lhe dizia. *Correndo num beco sozinha?* Não era uma coisa especialmente sensata a fazer. Ela simplesmente *sentia* que devia fazê-lo.

Correu uma curta distância. Havia perdido a pessoa? Parou numa interseção, onde um beco ainda menor cruzava com o primeiro. Sua curiosidade era quase insuportável.

Em pé, na boca do beco menor, esperando por ela, estava um homem alto de túnica preta.

Ela se assustou, recuando. O homem media mais de um metro e oitenta, e a túnica envolvente lhe conferia uma aparência sinistra. Ele ergueu as mãos pálidas e tirou o capuz, expondo a cabeça raspada e um rosto tatuado ao redor dos olhos formando um padrão intrincado.

Enterrado naqueles olhos estava o que parecia ser um par de estacas grossas de trilhos ferroviários. Uma das órbitas estava deformada, como se tivesse sido esmagada, coberta por cicatrizes de longa data e ossos altos sob a pele, desfigurando as tatuagens.

Marasi conhecia aquela criatura da mitologia, mas vê-la a deixou fria, aterrorizada.

— Olhos de Ferro — sussurrou ela.

— Perdoe-me por atraí-la assim — disse o Olhos de Ferro. Tinha uma voz baixa e rouca.

— Assim? — perguntou ela, a voz saindo quase como um guincho.

— Com Alomancia emocional. Às vezes, *puxo* forte demais. Nunca fui bom nessas coisas como era o Brisa. Fique calma, menina. Não vou machucá-la.

Ela sentiu uma calma instantânea, embora isso parecesse terrivelmente estranho e fizesse com que ela se sentisse ainda pior. Calma, mas enjoada. Ninguém deveria ficar calmo ao falar com a Morte em pessoa.

— Seu amigo descobriu algo muito perigoso — disse o Olhos de Ferro.

— E o senhor deseja que ele pare?

— Parar? — o Olhos de Ferro devolveu a pergunta. — De jeito nenhum. Quero que ele esteja informado. Harmonia tem ideias particulares sobre como as coisas devem ser feitas. Nem sempre

concordo com ele. Estranhamente, suas crenças exigem que ele permita isso. Aqui. — O Olhos de Ferro enfiou a mão em sua capa, tirando um livrinho. — Há informações neste livro. Guarde com cuidado. Pode lê-lo, se quiser, mas entregue a Lorde Waxillium em meu nome.

Ela pegou o livro.

— Perdão — disse ela, tentando lutar contra o entorpecimento que ele criara dentro dela. Estava mesmo falando com uma figura mitológica? Estava ficando louca? Mal conseguia pensar. — Mas por que o senhor mesmo não entrega?

O Olhos de Ferro respondeu com um sorriso de lábios apertados, observando-a através da ponta daquelas estacas prateadas.

— Tenho a sensação de que ele tentaria atirar em mim. Aquele lá não gosta de perguntas não respondidas, mas ele faz o trabalho do meu irmão, e isso é algo que me sinto inclinado a incentivar. Tenha um bom dia, Lady Marasi Colms.

O Olhos de Ferro virou-se, fazendo a túnica farfalhar, e entrou no beco. Pôs o capuz enquanto caminhava e se ergueu nos ares, impulsionado por sua Alomancia, sobre o topo dos prédios próximos, desaparecendo.

Marasi apertou o livro contra o peito. Em seguida, enfiou-o na bolsa, trêmula.

Waxillium aterrissou na estação de trem, pousando com o máximo de suavidade depois de seu voo alomântico pelos trilhos. Aterrissar ainda fazia sua perna doer.

Wayne estava sentado na plataforma, com os pés sobre um barril, fumando cachimbo. Ainda usava uma tipoia. Não conseguia se curar rapidamente, pois não tinha saúde armazenada. Tentar armazenar um pouco agora só tornaria o processo de cura ainda mais lento, e depois se curaria mais rapidamente drenando a mente de metal, terminando sem nenhum ganho real.

Wayne estava lendo um pequeno romance que havia tirado do bolso de alguém na viagem de trem até os Campos Externos. Deixara uma bala de alumínio no lugar, que facilmente valia cem vezes o preço do livro. Ironicamente, a pessoa que a encontrasse provavelmente a jogaria fora, sem perceber seu valor.

Vou precisar falar com ele sobre isso de novo, pensou Waxillium, aproximando-se da plataforma. *Mas não hoje*. Naquele dia, eles tinham outras preocupações.

Waxillium juntou-se ao amigo, mas continuou olhando para o sul. Na direção da cidade e de seu tio.

— É um livro muito bom — disse Wayne, virando uma página. — Devia tentar ler. É sobre coelhos. Eles falam. É a coisa mais incrível.

Waxillium não respondeu.

— Então, era seu tio? — perguntou Wayne.

— Era.

— Nossa. Então, te devo cinco.

— A aposta era de vinte.

— É, mas você me deve quinze.

— Devo?

— Claro, pela aposta de que você acabaria me ajudando contra os Desaparecidos.

Waxillium franziu a testa, olhando para o amigo.

— Não me lembro dessa aposta.

— Você não estava lá quando fizemos.

— Eu não estava lá?

— Não.

— Wayne, você não pode fazer apostas com as pessoas quando elas não estão lá.

— Eu posso — disse Wayne, enfiando o livro no bolso e levantando-se. — Posso se elas *deveriam* estar lá. E você deveria, Wax.

— Eu… — Como responder? — Eu vou estar. A partir de agora.

Wayne assentiu com a cabeça, juntando-se a ele e olhando para Elendel. A cidade se erguia a distância, com os dois arranha-céus concorrentes de um lado da cidade e outros menores crescendo como cristais do centro da metrópole em expansão.

— Sabe de uma coisa? — disse Wayne. — Sempre imaginei como seria chegar aqui e encontrar a civilização e tudo o mais. Eu não tinha percebido.

— Percebido o quê? — perguntou Waxillium.

— Que *essa* é a parte bruta do mundo — respondeu Wayne. — Que as coisas eram fáceis para nós além das montanhas.

Waxillium se flagrou concordando com a cabeça.

— Às vezes, você consegue ser muito sábio, Wayne.

— É por causa do meu pensamento, meu chapa — disse Wayne, dando batidinhas na cabeça e aumentando seu sotaque. — É o que faço com meu cérebro. Ao menos, às vezes.

— E no restante do tempo?

— No restante do tempo, não faço muito essa coisa de pensar, porque, se eu fizer, voltarei correndo para onde as coisas são simples. Entende?

— Entendo. E nós temos que ficar, Wayne. Tenho trabalho a fazer aqui.

— Então, vamos fazer — disse Wayne. — Como sempre.

Wax assentiu, enfiando a mão na manga da camisa e tirando um livrinho preto.

— O que é isso? — perguntou Wayne, pegando-o, curioso.

— A caderneta de bolso do meu tio — respondeu Waxillium. — Cheia de compromissos anotados e observações.

Wayne assobiou baixinho.

— Como você pegou? Dando um encontrão de ombro?

— Varrendo a mesa com um braço — explicou Waxillium.

— Legal. Fico feliz em saber que te ensinei *algo* útil em nossos anos juntos. Pelo que você trocou?

— Por uma ameaça — disse Waxillium, olhando na direção de Elendel. — E por uma promessa.

Ele iria até o fim. Era o código de honra das Terras Brutas. Quando um dos seus se estraga, era seu trabalho limpar toda a bagunça..

ARS ARCANUM

SOBRE AS TRÊS ARTES METÁLICAS

Em Scadrial, existem três manifestações principais de investidura. Localmente, elas são chamadas de artes metálicas, embora haja outros nomes para elas.

A Alomancia é a mais comum das três. É uma arte de fim positivo, de acordo com minha terminologia, ou seja, o praticante retira poder de uma fonte externa. Então, o corpo usa esse poder de várias formas. O efeito do poder não é escolhido pelo praticante, mas, em vez disso, é gravado em sua Teia-Espiritual. A chave para extrair esse poder vem na forma de diversos tipos de metais, exigindo composições específicas. Embora o metal seja consumido no processo, o poder em si não vem de fato do metal. O metal é um catalisador, pode-se dizer, que inicia uma investidura e a mantém em marcha.

Na verdade, não é muito diferente das investiduras baseadas em formas que se encontra em Sel, onde formatos específicos são as chaves — aqui, no entanto, as interações são mais limitadas. Ainda assim, não se pode negar o poder da Alomancia. Ela é instintiva e intuitiva para o praticante, sem exigir uma grande quantidade de estudo e exatidão, como fazem as investiduras de Sel baseadas em formas.

A Alomancia é brutal, crua e poderosa. É acessada por dezesseis metais-base, embora dois outros, chamados localmente de Metais Divinos, possam ser usados para formar outro conjunto de dezesseis ligas cada um. No entanto, como esses Metais Divinos não estão mais disponíveis, os outros metais não são amplamente usados.

A Feruquemia ainda é amplamente conhecida e usada nesse momento em Scadrial. De fato, talvez seja possível dizer que é mais presente hoje em dia do que foi em muitas eras no passado, quando estava confinada à distante Terris ou escondida pelos Guardadores.

A Feruquemia é uma arte de fim neutro, ou seja, não se ganha nem se perde nesse poder. Essa arte também exige metais como ponto focal, mas, em vez de ser consumido, o metal funciona como um meio de armazenar capacidades dentro do praticante. Investe-se naquele metal num dia e retira-se poder dele em outro dia. É uma arte diversificada, com algumas sondagens no Físico, algumas no Cognitivo e até mesmo algumas no Espiritual. Esses últimos poderes estão sob extensa experimentação pela comunidade terrisana e não são divulgados a estrangeiros.

Deve-se observar que a reprodução entre feruquemistas e a população geral diluiu o poder em alguns aspectos. Atualmente, é comum as pessoas nascerem com acesso a apenas uma das dezesseis capacidades feruquêmicas. Levanta-se a hipótese de que, se alguém pudesse fazer mentes de metal a partir das ligas com os Metais Divinos, outras capacidades poderiam ser descobertas.

A Hemalurgia é bastante desconhecida no mundo moderno de Scadrial. Seus segredos foram mantidos por aqueles que sobreviveram ao renascimento do mundo, e os únicos praticantes conhecidos agora são os kandra, que, na maior parte das vezes, servem a Harmonia.

A Hemalurgia é uma arte de fim negativo, pois um tanto do poder se perde na sua prática. Embora muitos através da história a tenham demonizado como uma arte maligna, nenhuma das investiduras é realmente maligna. Em sua essência, a hemalurgia lida com capacidades — ou atributos — retiradas de uma pessoa e concedidas a outras. Seu foco principal são elementos do reino Espiritual, o que atrai muito

do meu interesse. Se uma das três artes é de grande interesse para a Cosmere, é esta. Acredito que existem grandes possibilidades para seu uso.

TABELA DE REFERÊNCIA RÁPIDA DE METAIS

METAL	PODER ALOMÂNTICO	PODER FERUQUÊMICO
Ferro	Puxa *fontes de metais próximas*	*Armazena peso físico*
Aço	Empurra *fontes de metais próximas*	*Armazena velocidade física*
Estanho	*Amplia sentidos*	*Armazena sentidos*
Peltre	*Amplia habilidades físicas*	*Armazena força física*
Zinco	*Tumultua (inflama) emoções*	*Armazena velocidade mental*
Latão	*Abranda (atenua) emoções*	*Armazena calor*
Cobre	*Esconde pulsos alomânticos*	*Armazena memórias*
Bronze	*Permite ouvir pulsos alomânticos*	*Armazena prontidão*
Cádmio	*Reduz a velocidade do tempo*	*Armazena fôlego*
Curvaliga	*Aumenta a velocidade do tempo*	*Armazena energia*
Ouro	*Revela o eu passado*	*Armazena saúde*
Electrum	*Revela o eu futuro*	*Armazena determinação*
Cromo	*Esvazia as reservas alomânticas do alvo*	*Armazena sorte*
Nicrosil	*Fortalece o consumo alomântico do alvo*	*Armazena investidura*
Alumínio	*Esvazia as reservas alomânticas internas*	*Armazena identidade espiritual*
Duralumínio	*Fortalece o próximo metal queimado*	*Armazena conexão espiritual*

AÇO: *Brumosos Lançamoedas* queimam aço e podem *empurrar* fontes de metais próximas. Os *empurrões* precisam ser para longe do centro de gravidade do Lançamoedas. *Ferumosos Corredores de Aço* podem armazenar velocidade física numa mente de metal de aço, tornando-os mais lentos enquanto armazenam, e drená-la mais tarde para aumentar sua velocidade.

ALUMÍNIO: um Nascido da Bruma que queima alumínio instantaneamente metaboliza todos os seus metais sem nenhum efeito, esvaziando suas reservas alomânticas. Brumosos que queimam alumínio são chamados de *Mosquitos de Alumínio*, pela ineficácia de sua capacidade. *Ferumosos Verdadeiros* podem armazenar sua noção espiritual de identidade numa mente de metal de alumínio. Essa é uma arte raramente comentada fora das comunidades terrisanas e, mesmo entre elas, ainda não é bem compreendida. O alumínio e algumas de suas ligas são inertes alomanticamente; não podem ser *empurrados* ou *puxados* e podem ser usados para proteger um indivíduo de Alomancia emocional.

BRONZE: *Brumosos Buscadores* queimam bronze para "ouvir" os pulsos emitidos por outros alomânticos que estejam queimando metais. Diferentes metais produzem diferentes pulsos. *Ferumosos Sentinelas* podem armazenar prontidão numa mente de metal de bronze, o que os deixa sonolentos enquanto armazenam. Podem drenar a mente de metal mais tarde para reduzir a sonolência ou aumentar sua percepção.

CÁDMIO: *Brumosos Pulsadores* queimam cádmio para alterar a passagem do tempo numa bolha ao redor de si, fazendo com que ele avance mais devagar dentro da bolha. Isso faz com que os eventos fora da bolha ocorram a uma velocidade estonteante do ponto de vista do Pulsador. *Ferumosos Ofegantes* podem armazenar fôlego dentro de uma mente de metal de cádmio; durante a armazenagem, precisam hiperventilar para seus corpos conseguirem ar suficiente. O fôlego pode ser recuperado mais tarde, eliminando ou reduzindo a necessidade de respirar pelos pulmões enquanto drenam suas mentes de metal. Também podem oxigenar muito seu sangue.

COBRE: *Brumosos Nuvens de Cobre*, também conhecidos como Esfumaçadores, queimam cobre para criar uma nuvem invisível ao redor de si, impedindo que os alomânticos próximos sejam detectados por um Buscador e protegendo indivíduos próximos dos efeitos da Alomancia emocional. *Ferumosos Arquivistas* podem armazenar lembranças numa mente de metal (mente de cobre); a lembrança desaparece da cabeça enquanto estiver em armazenagem e pode ser recuperada com perfeição mais tarde.

CROMO: *Brumosos Sugadores* que queimam cromo enquanto tocam em outro alomântico limpam as reservas desse alomântico. *Ferumosos Fiandeiros* podem armazenar sorte numa mente de metal de cromo, deixando-os sem sorte durante a armazenagem, e drená-la mais tarde para aumentá-la.

CURVALIGA: *Brumosos Deslizantes* queimam curvaliga para comprimir o tempo numa bolha ao redor de si, fazendo com que ele avance mais rapidamente dentro da bolha. Isso faz com que os eventos fora da bolha aconteçam lentamente do ponto de vista do Deslizante. *Ferumosos Absorvedores* podem armazenar nutrientes e calorias numa mente de metal de curvaliga; podem comer grandes quantidades de comida durante a armazenagem sem se sentirem cheios ou ganhar peso e não precisar comer ao drenar a mente de metal. Uma mente de metal de curvaliga pode ser usada para regular ingestão de fluidos da mesma maneira.

DURALUMÍNIO: um Nascido da Bruma que queima duralumínio instantaneamente queima quaisquer

outros metais que estejam sendo usados no momento, liberando uma enorme explosão de poder. Brumosos que queimam duralumínio são chamados de *Mosquitos de Duralumínio*, pela ineficácia de sua capacidade. *Ferumosos Conectores* podem armazenar conexão espiritual numa mente de metal de duralumínio, reduzindo sua consciência do próximo e a capacidade de amizade durante a armazenagem, e drená-la mais tarde para estabelecer relacionamentos de confiança rapidamente com outras pessoas.

ELECTRUM: *Brumosos Oráculos* queimam electrum para ter uma visão de possíveis futuros. Em geral, o efeito é limitado a apenas poucos segundos. *Ferumosos Pináculos* podem armazenar determinação numa mente de metal de electrum, entrando num estado depressivo durante a armazenagem, e drená-la mais tarde para entrar numa fase maníaca.

ESTANHO: *Brumosos Olhos de Estanho* queimam estanho para aumentar a sensibilidade dos seus cinco sentidos. Todos são fortalecidos ao mesmo tempo. *Ferumosos Sussurradores de Vento* podem armazenar a sensibilidade de um dos cinco sentidos numa mente de metal de estanho; deve ser usada uma mente de metal de estanho diferente para cada sentido. Enquanto o ferumoso armazena, a sensibilidade daquele sentido fica reduzida, e, quando a mente de metal é drenada, esse sentido se fortalece.

FERRO: *Brumosos Atraidores* que queimam ferro podem *puxar* fontes de metais próximas. Os *puxões* devem ser direcionados para o centro de gravidade do Atraidor. *Ferumosos Depuradores* podem armazenar peso físico numa mente de metal de ferro, reduzindo seu peso efetivo enquanto armazenam ativamente, e podem drená-la mais tarde para aumentar seu peso efetivo.

LATÃO: *Brumosos Abrandadores* queimam latão para abrandar (atenuar) as emoções de indivíduos próximos. Esse efeito pode ser direcionado a um único indivíduo ou a vários, e o Abrandador pode se concentrar em emoções específicas. *Ferumosos Almaquente* podem armazenar calor numa mente de metal de latão, resfriando-se enquanto armazenam. Eles podem drenar a mente de metal mais tarde para se aquecer.

NICROSIL: *Brumosos Nicroestouro* que queimam nicrosil enquanto tocam em outro alomântico instantaneamente exaurem quaisquer metais que estejam sendo queimados por aquele alomântico, liberando uma explosão enorme (e talvez inesperada) do poder daqueles metais. *Ferumosos Portadores de Alma* podem armazenar investidura numa mente de metal de nicrosil. Esse é um poder que poucos conhecem; de fato, tenho certeza de que o povo terrisano não sabe realmente o que está fazendo quando usa esse poder.

OURO: *Brumosos Adivinhos* queimam ouro para ter uma visão do próprio passado ou de quem seriam se tivessem feito escolhas diferentes. *Ferumosos Criassangue* podem armazenar saúde numa mente de metal de ouro, reduzindo sua saúde enquanto armazenam, e drená-la mais tarde para se curar rapidamente ou além das capacidades normais do corpo.

PELTRE: *Brumosos Braços de Peltre*, também conhecidos como Brutamontes, queimam peltre para aumentar força física, velocidade e resistência, também fortalecendo a capacidade de cura do corpo. *Ferumosos Brutos* podem armazenar força física numa mente de metal de peltre, reduzindo sua força enquanto armazenam, e drená-la mais tarde para aumentar sua força.

ZINCO: *Brumosos Tumultuadores* queimam zinco para tumultuar (inflamar) as emoções de indivíduos próximos. Esse efeito pode ser direcionado a um único indivíduo ou a vários, e o Tumultuador pode se concentrar em emoções específicas. *Ferumosos Faiscadores* podem armazenar velocidade mental numa mente de metal de zinco, embotando sua capacidade de pensar e raciocinar enquanto armazenam, e drená-la mais tarde para pensar e raciocinar mais rapidamente.

1ª edição	Novembro de 2017
papel de miolo	Pólen Soft 70g/m^2
papel de capa	Cartão Supremo 250g/m^2
tipografia	Minion Pro
gráfica	

BRANDON SANDERSON

cresceu em Lincoln, Nebraska. Atualmente mora em Utah com a esposa e os filhos e dá aula de escrita criativa na Brigham Young University. Além de ter concluído a série "A Roda do Tempo", de Robert Jordan, ele inovou a literatura fantástica ao criar a Cosmere, a galáxia onde se passam muitos de seus livros – entre eles, a série "Mistborn", no planeta Scadrial. Em 2013, Sanderson ganhou o Hugo Awards por "The Emperor's Soul", um conto passado em Sel, o mesmo planeta de *Elantris*, seu aclamado primeiro livro – também publicado pela editora LeYa.

www.brandonsanderson.com

Brandon Sanderson retorna à magia do planeta Scadrial numa nova série "Mistborn"

Trezentos anos se passaram e Scadrial se modernizou: ferrovias foram construídas, a eletricidade chegou e as brumas agora passeiam por uma nova paisagem, coberta por arranha-céus de aço.

Nesse novo cenário, Kelsier, Vin, Fantasma, Erisa e todos os outros personagens de "Mistborn – Nascidos da Bruma" se tornaram lendas, mitos e até mesmo objetos de veneração. Embora a ciência e a tecnologia tenham atingido novos patamares, a Alomancia e a Feruquemia ainda são ferramentas cruciais nesse mundo – sobretudo para aqueles que desejam estabelecer ordem e justiça.

Em *A liga da lei*, Sanderson surpreenderá os leitores ao apresentar um novo Scadrial. Acompanharemos a história de Waxillium, lorde da Casa Ladrian, ex-vigilante das Terras Brutas, uma região sem lei. Um homem dividido entre seu dever com a justiça e a segurança de sua família.

"Com elementos de Sherlock Holmes e de X-Men, esta emocionante aventura é repleta de fugas, tiroteios e desafios espirituosos"
– *Publishers Weekly*

"As ideias inovadoras de Sanderson tanto na pesquisa quanto na aplicação das magias são muito intrigantes e originais."
– *Kirkus Reviews*

LeYa
leya.com.br
9 788544 105457
ISBN 978-85-441-0545-7

omelete.com.br

Índice

CAPA PÁGINA
PÁGINA DE TÍTULO
PÁGINA DIREITOS AUTORAIS
SUMÁRIO
PRÓLOGO
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
EPÍLOGO
ARS ARCANUM